

JP DELANEY



QUEM ERA ELA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JP DELANEY

QUEM
ERA ELA

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © 2017 by JP Delaney

Essa edição foi publicada mediante acordo com Ballantine Books, selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

The Girl Before

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Taís Monteiro

Carolina Rodrigues

DESIGN DE CAPA

Carlos Beltrán

FOTOGRAFIA

© GG Archard/Gallery

ADAPTAÇÃO

Julio Moreira/Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK

Roberta Clapp

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0140-0

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Toque [aqui](#) para pular o sumário.

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Epígrafe

1.

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

2.

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

3.

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

4.

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

5a.

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

5b.

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

6.

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

7.

AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA

8.

AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE

9.

ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA

10.

AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE
ANTES: EMMA
AGORA: JANE

11.

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

12.

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

ANTES: EMMA

AGORA: JANE

13.

AGORA: JANE

AGORA: JANE

AGORA: JANE

AGORA: JANE

14.

AGORA: JANE

AGORA: JANE

15.

AGORA: JANE

AGORA: JANE

16.

AGORA: JANE
ANTES: EMMA

17.

AGORA: JANE

18.

AGORA: JANE
AGORA: ASTRID

Agradecimentos

Sobre o autor

Leia também

O Sr. Darkwood, que já se interessara tanto pelo amor romântico e por tudo o que alguém tivesse a dizer a respeito, ficou farto do assunto. Por que os amantes sempre se repetiam? Será que não se cansavam de ouvir a si mesmos?

— EVE OTTENBERG, *The Widow's Opera*

Assim como todos os viciados, os assassinos em série trabalham segundo um roteiro, aderindo a um comportamento repetitivo a ponto de chegar à obsessão.

— ROBERT D. KEPPEL e WILLIAM J. BIRNES, *Signature Killers*

Podemos dizer que o paciente não *lembra* nada que tenha esquecido e reprimido; ele *encena*. Reproduz aquilo não como lembrança, mas como ação; ele *repete* sem, é claro, saber que está repetindo.

— SIGMUND FREUD, *Recordar, repetir e elaborar*

Meu fascínio por deixar as imagens se repetirem diversas vezes — ou, no caso do filme, “rolarem” — manifesta minha crença de que gastamos muito tempo da nossa vida olhando sem ver.

— ANDY WARHOL

1. *Faça uma lista de todos os bens que você considera essenciais para sua vida.*

ANTES: EMMA

É um apartamento pequeno e encantador, o corretor diz em um tom que até poderia se passar por entusiasmo genuíno. Perto do comércio. E ainda tem uma área livre que pode ser transformada em terraço... Se o proprietário consentir, claro.

Bonito, concorda Simon, tentando não olhar para mim.

Assim que entrei e vi aquele trecho de dois metros de telhado debaixo de uma das janelas, eu soube que o apartamento não era muito bom. Si também sabe disso, mas não quer dizer ao corretor, ou pelo menos não tão cedo a ponto de parecer grosseiro. Ele até deve ter esperança de que, caso eu ouça a lenga-lenga idiota do sujeito por bastante tempo, acabe cedendo. O corretor é como Simon: incisivo, impetuoso, impaciente. Provavelmente lê a revista na qual Simon trabalha. Antes de subirmos a escada, os dois estavam conversando sobre esporte.

E aqui vocês têm um quarto de tamanho decente, continua o corretor, com uma ampla...

Não é bom, interrompo, encurtando abruptamente sua frase falaciosa. Não serve para a gente.

O corretor ergue as sobrancelhas.

Você não pode ser muito exigente nesse mercado, comenta ele. À noite este apartamento já não vai estar mais disponível. Há cinco visitas marcadas para hoje e ainda nem anunciamos no nosso site.

Não é muito seguro, digo em tom categórico. Podemos ir embora?

Há trancas em todas as janelas, comenta ele, além de uma fechadura de alta qualidade na porta. Claro que, se segurança é uma grande preocupação, vocês podem instalar um alarme. Acho que o proprietário não faria nenhuma objeção.

Ele não está se dirigindo a mim, mas a Simon. *Grande preocupação.* Poderia muito bem ter dito: *Ah, sua namorada gosta de fazer drama?*

Vou esperar lá fora, aviso, me virando para sair.

Ao perceber que errou, o corretor acrescenta: Se o problema for o bairro, talvez vocês devessem procurar mais a oeste.

Já procuramos, conta Simon. Todos ultrapassam nosso orçamento. A não ser os do tamanho de uma caixa de fósforo.

Simon está tentando não revelar sua frustração no tom de voz, porém o que mais me irrita é o fato de ele precisar escondê-la.

Há um quarto e sala no Queen's Park, fala o corretor. Não está em boas condições, mas...

Já vimos, diz Simon. No fim das contas, nós achamos que ficava perto demais do conjunto habitacional.

Seu tom de voz deixa claro que *nós* significa *ela*.

E tem um apartamento no terceiro andar que acabou de ficar vago em Kilburn...

Esse também. Tinha um cano de escoamento ao lado de uma das janelas.

O corretor parece intrigado.

Alguém poderia escalar, explica Simon.

Bem, a época boa para alugar está apenas no início. Talvez, se vocês esperarem um pouco...

O corretor claramente concluiu que somos perda de tempo: ele também se esgueira em direção à porta. Vou para o corredor, com o intuito de me afastar dele.

Já notificamos o proprietário do nosso antigo apartamento, ouço Simon dizer. Estamos ficando sem opções. Ele baixa o tom de voz. Olhe, cara, fomos assaltados. Cinco semanas atrás. Dois homens invadiram nossa casa e ameaçaram Emma com uma faca. Dá para entender por que ela está tão nervosa assim.

Ah, diz o corretor. Que merda. Se alguém fizesse isso com minha namorada, nem sei o que eu faria. Olhe, pode ser um tiro no escuro, mas...

Ele deixa a frase no ar.

O quê?, pergunta Simon.

Alguém no escritório falou para vocês sobre um imóvel em Folgate Street?

Acho que não. Acabou de ficar vago?

Não exatamente.

O corretor parece incerto quanto a insistir naquilo ou não.

Mas está disponível?, indaga Simon.

Tecnicamente, sim, diz o corretor. E é um imóvel fantástico. Absolutamente fantástico. Muito superior a este aqui. Mas o proprietário... Dizer que ele é *excêntrico* seria eufemismo.

Em que bairro?, pergunta Simon.

Hampstead, responde o corretor. Bem, está mais para Hendon. Mas a vizinhança é bem tranquila.

Emma?, chama Simon.

Entro de novo.

Podemos dar uma olhada, digo. Já estamos a meio caminho de lá.

O corretor concorda com a cabeça.

Vou passar na agência para pegar os detalhes, diz ele. Na verdade, já faz algum tempo desde a última vez que mostrei esse imóvel. Não é um lugar que serve para qualquer um. Mas acho que pode ser o que estão procurando.

AGORA: JANE

— Esse é o último. — Camilla, a corretora, tamborila os dedos no volante de seu Smart. — Então, está na hora de decidirem.

Suspiro. O apartamento que acabamos de ver, que fica em um quarteirão de mansões decadentes na periferia de West End Lane, é o único que se encaixa no meu orçamento. E eu estava quase convencida de que dava para o gasto — ignorando o papel de parede descascado, o cheiro discreto do que alguém está cozinhando no andar de baixo, o quarto apertado e o mofo no banheiro sem ventilação — até ouvir um sino tocando ali perto, um sino de mão, à moda antiga, e de repente o barulho de crianças encheu o lugar. Ao me aproximar da janela, vi uma escola. Dava para enxergar dentro de uma sala de aula cheia de crianças, as janelas cobertas com recortes de coelhos e gansos de papel. Senti uma pontada no estômago.

— Acho que vou recusar este aqui — digo, por fim.

— Sério? — Camilla parece surpresa. — Por causa da escola? Os antigos moradores disseram que gostavam de ouvir as crianças brincando.

— Mas não tanto a ponto de decidirem ficar. — Eu me viro. — Podemos ir embora?

Camilla fica quieta, um silêncio demorado e tático, enquanto dirige de volta para o escritório. Por fim, ela diz:

— Se nada do que vimos hoje agradou você, talvez tenhamos que pensar em aumentar seu orçamento.

— Infelizmente, meu orçamento não pode ser aumentado — retruco com frieza, olhando pela janela.

— Então você precisa ser um pouco menos exigente — diz ela com sarcasmo.

— Quanto ao último apartamento, tenho... razões pessoais para não conseguir morar ao lado de uma escola. Não nesse momento.

Noto quando seu olhar se fixa na minha barriga, ainda um pouco flácida por causa da gravidez, e ela arregala os olhos ao fazer a associação.

— Ah! — exclama.

Camilla não é tão idiota quanto parece, e sou grata por isso. Não preciso explicar com todas as letras.

Ela parece tomar uma decisão.

— Olhe, tem outro lugar. Não deveríamos mostrar sem a estrita permissão do proprietário, mas às vezes não seguimos essa orientação. O apartamento assusta algumas pessoas, mas, na minha opinião, é incrível.

— Um lugar incrível que se encaixa no meu orçamento? Não estamos falando de um barco, estamos?

— Meu Deus, não! Quase o oposto. Uma construção moderna em Hendon. Uma casa de apenas um quarto, mas muito espaçosa. O proprietário é o arquiteto. Ele é muito famoso, aliás. Você costuma comprar roupas na Wanderer?

— Wanderer...

Na minha antiga vida, quando eu tinha dinheiro e um trabalho decente e que pagava bem, às vezes eu ia à Wanderer da Bond Street, um lugar assustadoramente minimalista. Lá, alguns vestidos de preços exorbitantes eram exibidos em paredes grossas de pedra, feito virgens oferecidas em sacrifício, e todas as vendedoras usavam quimonos pretos.

— De vez em quando. Por quê?

— A Monkford e Associados projeta todas essas lojas. O arquiteto é o que chamam de tecnominimalista ou algo assim. Cheio de parafernália escondida, mas, de resto, completamente vazio. — Ela me encara. — Devo avisar que algumas pessoas acham o estilo dele bastante... *austero*.

— Posso lidar com isso.

— E...

— O quê? — pergunto, pois ela não termina a frase.

— Não é um simples contrato entre proprietário e inquilino — acrescenta ela, hesitante.

— Como assim?

— Acho — diz ela, flexionando o indicador para acionar a seta e mudar para a faixa da esquerda — que devíamos dar uma olhada no

imóvel e ver se você se apaixona. Depois eu explico as inconveniências.

ANTES: EMMA

Certo, então a casa é extraordinária. Maravilhosa, de tirar o fôlego, incrível. Palavras não lhe fazem justiça.

Da rua, não dava para se ter ideia. Duas fileiras de casas grandes, inexpressivas, com aquela combinação usual de janelas de guilhotina e tijolos vermelhos vitorianos que encontramos em toda a região norte de Londres, subindo em direção a Cricklewood, feito uma corrente de figuras recortadas de um jornal, uma exatamente igual à outra. Apenas as portas da frente e as janelinhas coloridas logo acima eram diferentes.

No fim da rua, bem na esquina, havia uma cerca. Depois da cerca, dava para ver uma construção baixa e pequena, um cubo compacto de pedra clara. Algumas fendas horizontais de vidro, aparentemente espalhadas de forma aleatória, eram a única indicação de que aquilo era mesmo uma casa e não um gigantesco peso de papel.

Uau!, exclama Simon, inseguro. É aqui mesmo?

Com certeza, diz o corretor com um tom de voz alegre. Folgate Street, nº 1.

Ele nos leva até a lateral da casa, onde há uma porta perfeitamente encaixada à parede. Não parece haver campainha... Na verdade, não dá para ver nenhuma maçaneta ou caixa de correio; nenhuma placa de identificação, nada que indique ocupação humana. O corretor empurra a porta, que se abre.

Quem mora aqui?, pergunto.

No momento, ninguém, diz ele, se afastando para que a gente possa entrar.

Então, por que a porta não está trancada?, questiono, nervosa, sem me mover.

O corretor sorri.

Estava, diz ele. Tem uma chave digital no meu smartphone. Tudo é controlado por um aplicativo. Basta mudar de Desocupado para Ocupado. Todas as outras coisas são automáticas: os sensores da casa recebem o código e me deixam entrar. Se eu tivesse uma pulseira digital, nem precisaria usar o celular.

Você está *brincando*, comenta Simon, impressionado, encarando a porta.

Quase caio na gargalhada ao ver a reação dele. Para Simon, que adora tecnologia, uma casa que pode ser controlada pelo telefone é o mesmo que reunir todos os melhores presentes de aniversário em um só.

Entro em um pequeno vestíbulo, pouco maior do que um armário. É muito apertado para eu e o corretor, que entrou logo atrás de mim, ficarmos juntos de forma confortável, então, mesmo sem autorização, sigo em frente.

Dessa vez sou eu quem diz: Uau! É mesmo espetacular. Janelas enormes com vista para um pequeno jardim e um muro alto de pedra permitem que a luz inunde o ambiente. Não é grande, mas parece espaçoso. As paredes e os pisos são feitos da mesma pedra clara da fachada. Vãos ao longo da base das paredes passam a impressão de que elas estão flutuando. E o lugar está *vazio*. Mas não sem mobília: vejo uma mesa de pedra no cômodo ao lado, algumas cadeiras muito elegantes de jantar, assinadas por um designer, um sofá comprido e baixo revestido por um tecido grosso de cor creme, mas nada além disso, nada que chame a atenção. Sem portas, sem armários, sem quadros, sem janelas, nenhuma tomada à vista, nenhuma luminária, nem mesmo — olho em volta, perplexa — interruptores. E, embora o lugar não pareça abandonado ou desabitado, não há absolutamente qualquer bagunça.

Uau!, exclamo outra vez.

Minha voz soa estranhamente abafada. Percebo que não dá para ouvir nenhum ruído vindo da rua. O onipresente barulho de fundo londrino — trânsito, montagem de andaimes e alarmes de carro — desapareceu.

É o que a maioria das pessoas diz, concorda o corretor. Desculpe o incômodo, mas o proprietário exige que a gente tire os sapatos. Podem fazer a gentileza?

Ele se abaixa para desamarrar os sapatos chamativos. Nós fazemos o mesmo. Então, como se o vazio absoluto da casa tivesse sugado toda

a conversa fiada do corretor, ele sai andando de meias, aparentemente tão estupefato quanto nós ao observarmos a casa.

AGORA: JANE

— É linda — digo. O interior da casa é tão elegante e perfeito quanto uma galeria de arte. — Simplesmente *linda*.

— Não é? — concorda Camilla.

Ela estica o pescoço para observar as paredes vazias, feitas de alguma pedra cara de cor creme, que se erguem até o vão do teto. O acesso ao segundo andar é pela escada mais louca e minimalista que já vi. Parece algo entalhado na superfície de um penhasco: degraus flutuantes de pedra bruta, sem corrimãos ou apoios visíveis.

— Não importa quantas vezes eu venha aqui, sempre fico impressionada — diz ela. — A última vez foi com um grupo de estudantes de arquitetura. Aliás, essa é uma das exigências: é preciso abrir a casa para visitação a cada seis meses. Mas as pessoas são sempre muito respeitosas. Não é como receber turistas que jogam chiclete nos tapetes.

— Quem está morando aqui?

— Ninguém. Faz quase um ano que a casa está vazia.

Olho para o cômodo ao lado, se *cômodo* for a palavra certa para aquele espaço aberto que na verdade nem tem moldura de porta, muito menos uma porta. Em uma mesa comprida de pedra há um vaso de tulipas, cujas pétalas vermelho-sangue causam um contraste chocante com a pedra clara.

— Então de onde vieram essas flores? — Eu me aproximo e passo a mão na mesa. Sem poeira. — E quem mant m o lugar tão limpo?

— Uma empresa especializada manda uma faxineira toda semana para cuidar de tudo. Essa é outra condição: É preciso manter isso. E um jardineiro também tem que vir.

Eu me aproximo da janela, que vai até o chão. *Jardim* também   um termo bastante equivocado. Na verdade, é um pátio, um espaço fechado de vinte e quatro metros quadrados, pavimentado com a mesma pedra na qual estou pisando. Há um pequeno retângulo

adjacente à parede oposta, assustadoramente preciso e com uma grama tão bem aparada quanto a de um campo de futebol. Nada de flores. Na realidade, com exceção daquele minúsculo trecho de grama, não há nada vivo, nenhuma cor. Alguns pequenos círculos cobertos de seixos acinzentados são a única outra coisa à vista.

Ao entrar de novo na casa, percebo que o lugar precisa apenas de um pouco de cor, de certa suavidade. Com alguns tapetes, alguns toques pessoais, ficaria muito bonito, como algo tirado de uma revista de decoração. Pela primeira vez em muito tempo, sinto um leve tremor de animação. Será que finalmente estou com sorte?

— Bem, não vejo problemas — digo. — É só isso?

Camilla dá um sorriso hesitante.

— Quando eu avisei que esta é *uma* das condições, quis dizer que é uma das mais simples. Você sabe o que é um acordo restritivo?

Nego com a cabeça.

— É uma condição legal perpetuamente imposta a determinada propriedade, algo que não pode ser revogado mesmo que a casa seja vendida. No geral, tem a ver com direitos de uso: se o local pode ser usado para fins comerciais, esse tipo de coisa. Nesta casa, as condições constam do contrato de aluguel, mas, como também são cláusulas restritivas, nunca poderão ser negociadas ou alteradas. É um contrato extremamente rigoroso.

— Do que estamos falando?

— Resumindo, é uma lista de permissões e proibições. Bem, principalmente de proibições. Estão proibidas alterações de qualquer tipo, exceto com acordo prévio. Nada de tapetes ou carpetes. Nada de quadros. Nada de vasos de plantas. Nada de ornamentos. Nada de livros...

— Nada de *livros*! Isso é ridículo!

— Nada de plantar no jardim, nada de cortinas...

— Como impedir a entrada de luz se não pode ter cortina?

— As janelas são fotossensíveis. Escurecem quando o céu clareia.

— Está bem, nada de cortinas. Mais alguma coisa?

— Ah, sim — diz Camilla, ignorando meu tom sarcástico. — Há cerca de duzentas exigências no total. Mas é a última que gera a maior parte dos problemas.

ANTES: EMMA

...Nenhuma luz com exceção das que já estão aqui, diz o corretor. Nada de varais. Nada de lixeiras. É proibido fumar. Nada de descansos de copo ou jogos americanos. Nada de almofadas, nada de bugigangas, nada de outros móveis...

Que *loucura*, diz Si. Como ele tem esse direito?

Simon tinha levado semanas para montar os móveis do nosso apartamento atual e sente um orgulho tão grande disso quanto se houvesse cortado as árvores e entalhado as peças com as próprias mãos.

Eu disse que era delicado, comenta o corretor, dando de ombros.

Olho para o teto.

Por falar em luzes, digo, como faço para acendê-las?

Você não acende, responde o corretor. Há sensores de movimento ultrassônicos associados a um detector que ajusta a intensidade de acordo com a luz do dia. É a mesma tecnologia que acende os faróis do carro à noite. Então basta escolher o modo a partir do aplicativo. Eficiente, Calmo, Alegre, assim por diante. O sistema ainda acrescenta raios UV extras no inverno, para ninguém ficar deprimido. Como aquelas lâmpadas que simulam a luz do sol, sabe.

Percebo que Simon está tão impressionado com tudo isso que o direito do arquiteto de proibir a montagem de outros móveis de repente não é mais um problema.

Obviamente, o sistema de aquecimento é subterrâneo, prossegue o corretor, sentindo que está agradando. Suga o calor a partir de um furo de sonda bem embaixo da casa. E todas as janelas têm isolamento triplo. A casa é tão eficiente que chega até a devolver energia para a concessionária. Nunca mais vão ter que pagar conta de luz.

Isto soa como pornografia para os ouvidos de Simon.

E a segurança?, pergunto de forma brusca.

Tudo no mesmo sistema, diz o corretor. Não dá para ver, mas tem um alarme embutido no muro do lado de fora. Todos os quartos têm sensores, os mesmos que acendem as luzes. E é um sistema inteligente. Aprende quem você é, qual é a sua rotina, e, se detectar a presença de qualquer outra pessoa, vai certificar com você se é alguém autorizado.

Emma?, chama Simon. Você *precisa* ver essa cozinha.

Ele foi até o cômodo ao lado, onde havia uma mesa de pedra. A princípio não entendo por que ele identificou o local como uma cozinha. Uma bancada de pedra percorre a parede. Em uma extremidade, um tubo de aço fino se projeta sobre a pedra, o que suponho ser uma torneira. Uma pequena cavidade mais abaixo parece uma pia. Na outra extremidade há quatro pequenos orifícios enfileirados. O corretor passa a mão em um deles. No mesmo instante, uma chama feroz e sibilante surge ali.

Tcharã, diz ele. O fogão. E, na verdade, o arquiteto prefere a palavra *refeitório* a *cozinha*.

Ele sorri, como se quisesse demonstrar que sabe que isso é uma bobagem.

Olhando mais de perto, percebo que há pequenos entalhes entre alguns painéis da parede. Empurro um deles e a pedra se abre. Não com um clique, mas com um lento e pneumático suspiro. Logo atrás há um pequeno armário.

Vou lhes mostrar o segundo andar, diz o corretor.

A escada é formada por diversas lajes de pedra fixadas à parede.

Obviamente, não é seguro para crianças, adverte o corretor enquanto subimos. Cuidado onde pisam.

Deixe-me adivinhar, diz Simon. Corrimões e parapeitos também estão na lista de proibições?

Além de animais de estimação, responde o corretor.

O quarto é tão compacto quanto o restante da casa. A cama é embutida — um pedestal de pedra clara, com um colchão enrolado estilo futon — e o banheiro não é fechado, apenas escondido atrás de outra parede. Contudo, embora o vazio do primeiro andar seja grave e desmotivador, aqui em cima parece tranquilo, quase acolhedor.

Parece a cela de uma prisão de luxo, comenta Simon.

Como eu disse, não é para todos os gostos, observa o corretor. Mas para a pessoa certa...

Simon pressiona a parede ao lado da cama e outro painel se abre. Lá dentro há um armário. Existe espaço para pouco mais que dez

peças de roupa.

Uma das regras é: nada no chão em nenhum momento, avisa o corretor, solícito. Tudo precisa ser guardado.

Simon franze a testa.

Como vão saber?

Inspeções regulares fazem parte do contrato. Além disso, se qualquer uma das regras for quebrada, a faxineira tem que informar à administradora.

Impossível!, reclama Simon. É como voltar à escola. Não vou tolerar alguém me repreendendo porque não recolhi minhas camisas sujas.

Então me dou conta de algo. Não tive nenhum flashback ou ataque de pânico desde que entrei na casa. É tão isolada do mundo exterior, feito um *casulo*... e eu me sinto completamente segura. Uma fala do meu filme favorito surge em minha mente: *A quietude e a aparência. Nada de muito ruim poderia acontecer com você ali.*

Quer dizer, óbvio que é incrível, continua Simon. E, se não fosse por todas essas regras, é provável que nos interessássemos. Mas somos bagunceiros. O lado de Em do quarto parece uma loja de departamento, só que destruída por uma bomba.

Bem, nesse caso..., diz o corretor, balançando a cabeça.

Gostei, digo impulsivamente.

Você gostou?, pergunta Simon, parecendo surpreso.

É diferente, mas... meio que faz sentido, não é? Se você construísse um lugar como este, um lugar incrível, entendo por que gostaria que fosse ocupado da forma correta, como pretendia que fosse. Caso contrário, qual seria o objetivo? E é fantástico. Nunca vi nada parecido, nem mesmo em revistas. Nós *podemos* ser organizados, não é mesmo, se esse for o preço para morarmos em um lugar assim?

Bem... ótimo, diz Simon, em dúvida.

Você também gostou?, pergunto.

Se você gostou, eu adorei, responde ele.

Não, quer dizer, você gostou mesmo? Seria uma grande mudança. Eu não gostaria que fizéssemos isso a menos que você realmente quisesse.

O corretor fica nos observando, ansioso para descobrir como vai terminar esse pequeno debate. Mas sempre foi assim entre nós dois. Eu tenho uma ideia, então Simon pensa a respeito e acaba concordando.

Você tem razão, Em, diz Simon devagar. É muito melhor do que qualquer outro local que a gente possa encontrar. E, se é um recomeço que queremos, bem, isso é muito mais diferente do que nos mudarmos para outro quarto e sala padrão, não é mesmo?

Ele se vira para o corretor e pergunta:

Então, qual é o próximo passo?

Ah, diz o corretor. Essa é a parte complicada.

AGORA: JANE

— Qual é a última exigência?

— Apesar de todas as restrições, você ficaria surpresa com quantas pessoas querem o imóvel ainda assim. Mas o último obstáculo é que o próprio arquiteto tem direito a veto. Na verdade, ele precisa aprovar o inquilino.

— Pessoalmente?

Camilla faz que sim com a cabeça.

— Se chegar a tanto. É preciso preencher um grande formulário de inscrição. E, é claro, assinar um termo para confirmar que leu e entendeu as regras. Se você for aprovada, vai ser convidada para uma entrevista em qualquer parte do mundo onde ele estiver. Nos últimos anos, foi no Japão. Ele estava construindo um arranha-céu em Tóquio. Mas já voltou para Londres. Só que em geral ele nem chega a se incomodar com a entrevista. Simplesmente recebemos um e-mail informando que o pedido foi rejeitado. Nenhuma explicação.

— Que tipo de pessoas são aceitas?

Ela dá de ombros.

— Lá na imobiliária não identificamos nenhum padrão, mas já percebemos que estudantes de arquitetura nunca conseguem. E certamente não é necessário já ter morado em um lugar como este. Na verdade, eu diria que essa é uma desvantagem. Tirando isso, eu sei tanto quanto você.

Olho ao redor. Se eu tivesse construído esta casa, que tipo de pessoa escolheria para morar aqui? Como eu julgaria o pedido de um potencial morador?

— Honestidade — respondo, pronunciando a palavra devagar.

— Como?

Camilla me encara, perplexa.

— O que vejo nesta casa não é só a beleza. É o compromisso envolvido. Quer dizer, óbvio que é inflexível, até mesmo um pouco

bruta em alguns aspectos. Mas é uma obra de alguém que dedicou tudo, toda a sua paixão, para criar algo exatamente como desejava. Isso tem... Bem, é uma palavra pretensiosa, mas tem *integridade*. Acho que ele está procurando pessoas dispostas a serem igualmente honestas quanto a morar aqui.

Camilla dá de ombros outra vez.

— Talvez você tenha razão — comenta ela com um tom de voz que sugere dúvida em relação ao que falei. — Então, quer se candidatar?

Por natureza, sou cuidadosa. Raramente tomo decisões sem pensar: pesquise as opções, peso as consequências, pondero os prós e os contras. Por isso, fico um pouco espantada ao me ouvir dizer:

— Sim. Com certeza.

— Ótimo.

Camilla não parece surpresa, mas, afinal, quem não gostaria de morar em uma casa assim?

— Vamos voltar à imobiliária e lá eu entrego o formulário de inscrição.

ANTES: EMMA

1. *Faça uma lista de todos os bens que você considera essenciais para sua vida.*

Pego a caneta e largo em seguida. Fazer uma lista de tudo o que tenho vontade de guardar comigo levaria a noite inteira. Então, penso mais um pouco, e a palavra *essenciais* parece se destacar da página. O que é realmente essencial? Minhas roupas? Desde o assalto praticamente tenho usado as mesmas duas calças jeans e um suéter velho e folgado. Claro que há alguns vestidos e saias que eu gostaria de ter, alguns casacos bons, meus sapatos e minhas botas, mas nada de que eu realmente sentiria falta. Nossas fotos? Fiz um backup de todas na nuvem. As poucas joias relativamente decentes que eu tinha foram levadas pelos assaltantes. Nossos móveis? Todos ficariam bregas e deslocados em Folgate Street, nº 1.

Penso que a questão foi formulada desta forma deliberadamente. Se eu tivesse sido convidada para fazer uma lista do que não sinto falta, jamais terminaria. Mas, ao enfiar na cabeça que nada disso é de fato importante, me pergunto se eu não poderia simplesmente me desfazer de todos os meus pertences, das minhas *coisas*, como se fossem uma pele velha.

Talvez esse seja o verdadeiro objetivo das Regras, como já as apelidamos. Talvez o arquiteto não seja um maníaco por controle preocupado com a possibilidade de bagunçarmos sua bela casa. Talvez seja algum experimento. Um experimento de moradia.

O que, suponho, transformaria a mim e Si em seus ratinhos de laboratório. Mas, na verdade, não me importo. Na verdade, *quero* mudar quem sou, quem somos, e sei que não posso fazer isso sem ajuda.

Especialmente com relação a quem *somos*.

Simon e eu estamos juntos desde o casamento de Saul e Amanda, há quatorze meses. Os dois trabalhavam comigo, só que eles são um pouco mais velhos e, com exceção deles, eu não conhecia muita gente ali. Mas Simon foi padrinho de Saul, o casamento foi lindo e romântico, e nos demos bem de cara. Bebida e conversa se transformaram em dança lenta e números de telefone trocados. Mais tarde, descobrimos que estávamos na mesma pousada, e, bem, uma coisa levou à outra. No dia seguinte, pensei: *O que foi que eu fiz?* Claramente, aquela tinha sido outra noite impulsiva, eu nunca mais o veria e me sentiria fácil e usada. Mas, na verdade, aconteceu o contrário. Si ligou assim que chegou em casa, e de novo no dia seguinte, então no fim de semana já estávamos juntos, para espanto dos nossos amigos. Principalmente dos amigos *dele*. Simon trabalha em um ambiente muito masculino, boêmio, onde ter uma namorada fixa é quase um defeito. Na revista para a qual ele escreve, garotas são “queridas”, “gatas” ou “gracinhas”. As páginas são cheias de fotos de C&S, como falam — calcinha e sutiã —, embora as matérias sejam principalmente sobre dispositivos e tecnologia. Se a matéria é sobre celulares, por exemplo, há a foto de uma garota de calcinha segurando um aparelho. Se é sobre laptops, a modelo também vai estar de lingerie, mas usando óculos e digitando. Se é sobre roupas íntimas em geral, ela provavelmente estará pelada, segurando a calcinha como se tivesse acabado de tirá-la. Sempre que a empresa dá uma festa, todas as modelos comparecem e vão mais ou menos vestidas da mesma forma que saem na revista, portanto as fotos da festa também acabam sendo publicadas. Para dizer o mínimo, aquilo não tinha muito a ver comigo, e desde o início Simon disse que também não tinha a ver com ele. Explicou que uma das razões pelas quais gostou de mim era que eu não parecia em nada com aquelas garotas, que eu era “real”.

Há algo a respeito de conhecer alguém em um casamento que turбина o início de um relacionamento. Simon me chamou para morar com ele apenas algumas semanas depois de começarmos a sair. Isso também surpreendeu as pessoas, afinal, geralmente é a garota que força o cara, ou porque quer se casar ou apenas porque quer passar para a fase seguinte. Porém, era sempre o contrário com a gente. Talvez por Simon ser um pouco mais velho que eu. Ele sempre disse que no instante em que me viu soube que eu era a mulher da sua vida. Eu gostava disso nele, de como sabia o que queria; e o que ele queria era eu. Mas nunca pensei em questionar se eu também queria o

mesmo, se Simon significava para mim o que eu claramente significava para ele. E, pouco tempo antes, depois do assalto e com a decisão de sairmos do antigo apartamento dele e encontrarmos um lugar novo juntos, comecei a perceber que estava na hora de tomar uma decisão. A vida é curta demais para ser desperdiçada no relacionamento errado.

Se for esse o caso.

Reflito um pouco mais sobre o assunto, mordiscando sem perceber a ponta da caneta até ficar com a boca cheia de lascas e pedaços de plástico afiado. É um mau hábito que tenho, assim como o de roer as unhas. Talvez seja outra coisa que eu pare de fazer em Folgate Street, nº 1. Talvez a casa me transforme em alguém melhor. Talvez traga ordem e disciplina ao caos aleatório da minha vida. Vou me tornar o tipo de pessoa que define metas, faz listas e analisa as coisas com cuidado.

Volto ao formulário. Decido responder à pergunta com o máximo de concisão, para provar que entendo, que estou em sintonia com o que o arquiteto está tentando fazer.

Até que me dou conta de qual é a resposta certa.

Deixo em branco. Branco, vazio e perfeito assim como o interior da casa.

* * *

Mais tarde, entrego o formulário para Simon e explico o que fiz. Ele fica me questionando: e quanto às *minhas* coisas, Em? E quanto à Coleção?

A “Coleção” é uma variedade heterogênea de produtos da NASA que há anos ele faz questão de acumular, principalmente em caixas debaixo da cama.

Talvez pudéssemos colocar num depósito, sugiro, ao mesmo tempo achando graça, por estarmos de fato discutindo se algumas porcarias compradas no eBay e assinadas por Buzz Aldrin ou Jack Schmitt vão nos impedir de morar na casa mais incrível que já vimos, e me sentindo ofendida, por Simon realmente dar prioridade aos seus astronautas e não ao que aconteceu comigo.

Você sempre disse que gostaria que a Coleção tivesse um lugar adequado, digo.

Um cubículo no depósito não era bem o que eu tinha em mente, querida, responde ele.

Então eu digo algo do tipo: São apenas coisas, Si. E coisas não têm muita importância, não é?

Pressinto o início de outra discussão, a raiva familiar borbulhando em direção à superfície. Quero gritar: *Mais uma vez você me faz pensar que vai fazer alguma coisa e, mais uma vez, quando estamos prestes a fazer, você tenta dar para trás.*

Mas não digo isso, é claro. Toda essa raiva não é do meu feitio.

Carol, a terapeuta com quem tenho me consultado desde o assalto, diz que sentir raiva é um bom sinal. Significa que não estou apática ou algo assim. Infelizmente, minha raiva sempre se dirige a Simon. Ao que parece, isso também é normal. Quem está mais próximo carrega o maior fardo.

Está bem, está bem, responde Simon depressa. A Coleção vai para o depósito. Mas pode ser que haja algumas outras coisas...

Já me sinto estranhamente apegada ao belo espaço vazio que cito na minha resposta.

Vamos largar tudo, digo com impaciência. Vamos começar de novo.

Está bem, responde ele.

Mas percebo que só está falando isso para não me irritar. Simon vai até a pia e, ostensivamente, começa a lavar todos os copos e pratos sujos que empilhei ali. Sei que ele acha que não sou capaz, que não sou disciplinada o suficiente para levar uma vida organizada. Como ele sempre diz, eu atraio o caos. Eu transbordo. Mas é exatamente por esse motivo que desejo fazer isso. Quero me reinventar. E me tira do sério estar fazendo isso com alguém que acha que me conhece e que não acredita que sou capaz.

Acho que vou conseguir escrever lá, acrescento. Em meio a toda aquela calma. Faz muito tempo que você me incentiva a escrever meu livro.

Ele resmunga, não muito convencido.

Ou talvez eu faça um blog, comento.

Reflico sobre a ideia, examinando-a de todos os ângulos. Na verdade, um blog seria muito legal. Eu poderia chamá-lo de *Vida Minimalista*. Ou *Minha Jornada Minimalista*. Ou talvez algo ainda mais simples. *Mini Miss*.

Já estou ficando bastante animada. Quantos seguidores será que um blog sobre minimalismo consegue conquistar? Talvez eu até

atraísse anunciantes, largasse o emprego e transformasse o site em um relato bem-sucedido sobre estilo de vida. Emma Matthews, a Princesa do Minimalismo.

Então vai desativar os outros blogs que eu criei para você?, pergunta Si.

Eu controlo a situação insinuando que não estou falando sério. É verdade que *Namorada Londrina* só tem oitenta e quatro seguidores, e *Chick Lit Chick*, apenas dezoito, mas eu nunca tive tempo para escrever com regularidade.

Volto à ficha de inscrição. Só passamos por uma pergunta e já estamos discutindo. Faltam outras trinta e quatro.

AGORA: JANE

Dou uma olhada no formulário de inscrição. Algumas perguntas são muito estranhas. Entendo a relevância de questões sobre o que a pessoa quer trazer ou quais instalações e acessórios pretende mudar, mas e quanto a:

- 23. *Você se sacrificaria para salvar dez desconhecidos inocentes?*
- 24. *E quanto a dez mil desconhecidos?*
- 25. *Pessoas obesas suscitam: (a) tristeza; (b) irritação?*

Percebo que eu tinha razão antes, quando usei a palavra *integridade*. Essas perguntas são um teste psicométrico. Por outro lado, *integridade* não é um termo que corretores imobiliários costumam usar. Não é de admirar que Camilla tivesse ficado confusa.

Antes de responder, pesquiso “Monkford e Associados” no Google. O primeiro link é o site da própria empresa. Clico e a foto de uma parede branca surge na tela. É uma bela parede, de pedra clara e lisa, mas ainda assim não sugere muita coisa.

Clico novamente e aparecem duas palavras:

OBRAS
CONTATO

Quando clico em “Obras” surge uma lista na tela:

ARRANHA-CÉU, TÓQUIO
EDIFÍCIO MONKFORD, LONDRES
CAMPUS WANDERER, SEATTLE
CASA DE PRAIA, MINORCA
CAPELA, BRUGES

A CASA PRETA, INVERNESS
FOLGATE STREET, Nº 1, LONDRES

Ao clicar em cada nome surgem mais fotos... Nada de palavras, apenas imagens dos edifícios. Todos totalmente minimalistas. Todos construídos com a mesma atenção aos detalhes, os mesmos materiais de alta qualidade que vi em Folgate Street, nº 1. Não há uma única pessoa nas imagens, ou qualquer coisa que ao menos indique presença humana. A capela e a casa de praia são quase intercambiáveis: cubos pesados de pedra clara e vidro. Só a paisagem que se vê das janelas é diferente.

Recorro à Wikipédia.

Edward Monkford (1980-) é um tecnoarquitecto britânico associado à estética minimalista. Em 2005, ao lado do tecnólogo da informação David Thiel e de outros dois sócios, fundou a *Monkford e Associados*. Juntos, foram pioneiros no desenvolvimento da domótica, ambientes domésticos inteligentes em que a casa ou o edifício se torna um organismo integrado sem elementos estranhos ou desnecessários.^[1]

Excepcionalmente, a *Monkford e Associados* aceita apenas um único trabalho por vez. Portanto, até o momento seus projetos intencionalmente se reduzem a um número pequeno. Atualmente, estão desenvolvendo seu mais ambicioso trabalho: a *New Austell*, uma cidade verde com dez mil casas no norte da Cornualha.^[2]

Confiro a lista de prêmios. A *Architectural Review* chama Monkford de “gênio rebelde”, enquanto a revista *Smithsonian* o descreve como: “O arquitecto mais influente da Grã-Bretanha... Um pioneiro taciturno que tem um trabalho tão discreto quanto profundo.”

Vou até “Vida pessoal”.

Em 2006, quando ainda era relativamente desconhecido, Monkford se casou com Elizabeth Mancari, que também era membro da *Monkford e Associados*. Tiveram um filho, Max, em 2007. Mãe e filho morreram em um acidente durante a construção de Folgate Street, nº 1 (2008-2011), onde a família pretendia morar, e que também serviria como vitrine para os talentos incipientes da parceria dos dois.^[3] Alguns comentaristas^[quem?] consideram que esta tragédia,

seguida pelo longo período sabático de Edward Monkford no Japão, originou o estilo austero e altamente minimalista que fez a fama da empresa.

Ao voltar do seu período sabático, Monkford abandonou os planos originais de Folgate Street, nº 1 — àquela altura ainda um canteiro de obras^[4] — e voltou a projetá-la do zero. A casa ganhou diversos prêmios importantes, incluindo o Prêmio Stirling do Royal Institute of British Architects.^[5]

Releio o texto. Então a casa começou com uma morte... Duas, na verdade; um luto duplo. Será que foi por isso que me senti tão bem quando estive lá? Haveria alguma afinidade entre aqueles ambientes austeros e meu sentimento de perda?

Automaticamente, olho para a mala perto da janela. Uma mala cheia de roupas de bebê.

Minha bebê morreu. Minha bebê morreu e, três dias depois, nasceu. Mesmo agora é a injustiça, a falta de naturalidade, o horror dessa inversão ocasional da ordem correta das coisas que dói mais que tudo.

O Dr. Gifford, o obstetra responsável, embora fosse só um pouco mais velho do que eu, foi quem me olhou nos olhos e explicou que a bebê teria que nascer de parto natural. Devido ao risco de infecções e outras complicações, além do fato de que uma cesariana é um procedimento cirúrgico complexo, fazia parte da política do hospital não oferecer cesarianas em casos de mortalidade pré-natal. *Oferecer*: esta foi a palavra que ele usou, como se ter um bebê por cesariana, mesmo um bebê morto, fosse algum mimo, como uma cesta de frutas gratuitas em um hotel. Mas ele disse que me induziriam ao parto com medicação injetável e fariam o procedimento da forma mais rápida e indolor possível.

Pensei: *Mas eu não quero que seja indolor. Quero que doa e no fim quero uma bebê viva.* Eu me peguei perguntando se o Dr. Gifford tinha filhos. Sim, concluí. Médicos se casavam ainda jovens, normalmente com outros médicos, e ele era muito bonito para não ter uma família. Ele iria para casa naquela noite e, enquanto bebesse uma cerveja antes do jantar, contaria à esposa como fora seu dia, usando palavras como *mortalidade pré-natal*, *gestação completa* e, talvez, *um pouco deprimente*. Em seguida, sua filha lhe mostraria o desenho que fizera na escola, e ele a beijaria e lhe diria que ela era brilhante.

A julgar pelas expressões tensas e concentradas da equipe médica, dava para perceber que aquela situação era horrível e rara, até mesmo para eles. Contudo, por mais que o profissionalismo lhes fornecesse algum refúgio, para mim era apenas uma enorme e entorpecedora sensação de fracasso. Enquanto aplicavam a carga de hormônios que me induziria ao parto, ouvi os gritos de outra mulher, numa área mais afastada da maternidade. Mas aquela mulher saíria dali com um bebê, não com o cartão de uma funerária. *Maternidade*. Outra palavra estranha se pararmos para pensar. Será que eu, tecnicamente, seria *mãe*, ou haveria outro termo para o que eu estava prestes a me tornar? Eu só os ouvia usar o termo *pós-parto*, nunca *pós-natal*.

Alguém perguntou pelo pai e eu fiz que não com a cabeça. Não havia nenhum pai com quem entrar em contato, apenas minha amiga Mia, com o rosto pálido de tristeza e preocupação, pois todos os nossos planos de parto feitos com muito cuidado — velas perfumadas, banheiras de plástico e um iPod com músicas de Jack Johnson e Bach — foram descartados na pressa sombria da movimentação dos médicos; na verdade, nem mesmo foram mencionados, como se sempre tivessem feito parte de uma ilusão de que tudo estava bem e seguro, que eu tinha o controle da situação, que parto era apenas um pouco mais difícil do que um tratamento em um spa ou uma massagem vigorosa, não um negócio mortal em que resultados assim eram perfeitamente possíveis, até mesmo algo a ser esperado. Um em cada duzentos casos, dissera o Dr. Gifford. Em um terço, a razão nunca é identificada. O fato de eu estar em forma e saudável — antes da gravidez eu fazia pilates todos os dias e corria ao menos uma vez por semana — não fez nenhuma diferença; tampouco minha idade. Alguns bebês simplesmente morriam. Eu ficaria sem minha filha, e a pequena Isabel Margaret Cavendish jamais teria uma mãe. Uma vida que nunca vingaria.

Quando as contrações começaram, inalei gás e ar, e minha mente se encheu de horrores. Imagens de abominações em frascos de formol vitorianos dominaram meus pensamentos. Gritei e contraí os músculos, embora a parteira dissesse que ainda não estava na hora.

Mas, após ter dado à luz, ou dado à escuridão, ou seja lá como isso devesse se chamar, tudo ficou estranhamente tranquilo. Ao que parece, foram os hormônios, o mesmo coquetel de amor, felicidade e alívio que toda nova mãe sente. Minha filha era perfeita, calma, e eu a segurei nos braços e a ninei como qualquer mãe faria. Ela cheirava a

catarro, fluidos corporais e pele fresca e doce. Seu punho quente e pequeno se enroscava frouxamente em meu dedo, como o de qualquer bebê. Eu senti... Eu senti *alegria*.

A parteira a levou embora para tirar moldes de suas mãos e de seus pés para a caixa de lembranças. Foi a primeira vez que ouvi falar disso e ela precisou me explicar o significado. Eu receberia uma caixa de sapatos com uma mecha do cabelo de Isabel, o pano no qual a enrolaram, algumas fotografias e os moldes de gesso. Como um pequeno caixão. As lembranças de uma pessoa que nunca existiu. Quando a parteira trouxe os moldes, percebi que pareciam trabalhos de jardim de infância. Gesso cor-de-rosa para as mãos, azul para os pés. Nesse momento finalmente caiu a ficha de que não haveria trabalhos de arte, nenhum desenho nas paredes, nenhuma escola a escolher, nenhuma troca de uniformes. Eu não acabara de perder apenas uma bebê, eu perdera uma criança, uma adolescente, uma mulher.

Seus pés e todo o restante do corpo estavam frios. Fui até a torneira do banheiro no quarto para lavar os pedaços restantes de gesso dos dedos do pé da minha filha, e perguntei à parteira se eu poderia ficar com ela em casa ao menos por um tempo. A mulher me olhou de soslaio e disse que seria bem estranho, não acha? Mas, ali no hospital, eu poderia segurá-la pelo tempo que quisesse. Respondi que eu estava pronta para que a levassem.

Depois disso, observando através das lágrimas o céu cinzento de Londres, senti como se algo tivesse sido amputado de mim. De volta em casa, a imensa tristeza deu lugar a mais entorpecimento. Quando os amigos falavam sobre minha *perda* com um tom de voz chocado e solidário, claro que eu sabia o que eles queriam dizer, mas a palavra também me soava mortalmente precisa. Outras mulheres haviam ganhado a aposta com a natureza, com a procriação, com a genética. Eu, não. Eu, que sempre fora tão eficiente, com tantas realizações, tão bem-sucedida, havia perdido. Descobri que o sofrimento não era tão diferente assim da derrota.

E, no entanto, curiosamente, na superfície tudo quase voltara a ser como era. Antes do breve e civilizado caso com o cara que tinha o mesmo cargo que o meu no escritório de Genebra, que ocorrera em quartos de hotel e restaurantes agradáveis e com serviços eficientes; antes das manhãs de vômitos e da — inicialmente terrível — constatação de que não tínhamos sido tão cuidadosos quanto eu

pensava. Antes dos difíceis telefonemas, e-mails e das dicas educadas que dei para ele sobre *decisões, providências, momento inoportuno*, até, finalmente, o lento surgimento de uma sensação diferente, uma sensação de que poderia ser a hora certa, afinal de contas; de que, mesmo que o caso não se tornasse um relacionamento duradouro, acabara me dando uma oportunidade aos trinta e quatro anos, solteira. Eu ganhava mais do que o suficiente para sustentar duas pessoas, e a empresa de RP para o setor de finanças na qual eu trabalhava se orgulhava dos benefícios generosos oferecidos a mães. Eu não só poderia tirar quase um ano inteiro de licença para ficar com o bebê, como também teria a garantia de horários flexíveis quando voltasse.

Meus chefes foram igualmente solícitos quando contei sobre o natimorto, me oferecendo licença médica ilimitada; afinal, eles já haviam providenciado a cobertura da maternidade. Então, eu me vi sentada sozinha em um apartamento que fora arrumado com todo o cuidado para receber uma criança: berço de marca, carrinho de bebê de primeira linha, friso circense pintado à mão na parede do quarto vago. Passei o primeiro mês tirando leite do peito e jogando-o na pia.

Achei que a parte burocrática seria fácil, mas, inevitavelmente, não foi. Descobri que a lei não tem nenhuma cláusula especial para natimortos: uma mulher na minha posição precisa registrar a morte e o nascimento simultaneamente, uma crueldade da lei que ainda me deixa furiosa quando penso sobre isso. Houve um funeral, outra exigência da lei, mas, de qualquer modo, eu queria. É difícil prestar homenagem a uma vida que não vingou, mas tentamos.

Aceitei os conselhos que me ofereceram, mas, no fundo, eu sabia que não faria diferença. Havia uma montanha de sofrimento a ser escalada, e nenhuma conversa me ajudaria a superá-la. Eu precisava trabalhar. Quando ficou claro que eu não poderia voltar para o meu antigo emprego por mais um ano — aparentemente não é possível se livrar de alguém que está cobrindo uma licença-maternidade, afinal a pessoa tem direitos como qualquer outro funcionário —, pedi demissão e arranjei um trabalho de meio expediente em uma instituição de caridade que faz campanha para aprofundar a pesquisa sobre natimortos. Então descobri que eu não podia me dar ao luxo de continuar morando na minha casa, mas eu ia me mudar dali, de qualquer maneira. Eu até poderia me livrar do berço e do papel de parede infantil, mas aquela sempre seria a casa onde Isabel não estava.

ANTES: EMMA

Algo me acorda.

Sei de imediato que não são bêbados do lado de fora da lanchonete de kebab, briga de rua ou um helicóptero da polícia, porque estou tão acostumada com esses ruídos que mal os noto. Ergo a cabeça e fico escutando. Um baque, depois outro.

Tem alguém andando pelo apartamento.

Recentemente houve alguns assaltos a residências nas redondezas e por um instante sinto um nó no estômago por causa da adrenalina. Então eu lembro: Simon tinha ido com colegas de trabalho a algum pub, e fui para a cama sem esperá-lo. Os sons sugerem que ele bebeu demais. Espero que tome um banho antes de se deitar.

Sei mais ou menos que horas são pelo barulho na rua, ou melhor, pela falta de barulho. Nada de ronco de motores acelerando diante do sinal de trânsito. Nada de portas de carros batendo perto da lanchonete. Pego o celular e confiro as horas. Estou sem lentes de contato, mas consigo ver que são 2h41.

Si atravessa o corredor, bêbado demais para lembrar que o piso em frente ao banheiro sempre range.

Não tem problema, grito. Estou acordada.

Seus passos param diante da porta. Para mostrar que não estou brava, acrescento:

Eu sei que você está bêbado.

Vozes indistintas. Sussurros.

O que significa que ele trouxe alguém para casa. Algum colega embriagado que perdeu o último trem de volta para o subúrbio. Que saco. Tenho um dia cheio amanhã — *hoje*, agora —, e preparar café da manhã para colegas de Simon de ressaca não faz parte do plano. Mas, quando isso acontecer, sei que Simon vai ser fofo e engraçado, vai me chamar de querida e linda e contar para o amigo que quase me tornei modelo. Ele vai perguntar se não é o homem mais sortudo do

mundo, e eu vou ceder e acabar me atrasando para o trabalho. Outra vez.

Então nos vemos mais tarde, grito, um pouco brava.

Eles provavelmente vão ligar o Xbox.

Mas os passos não se afastam.

Irritada, me levanto — uma camiseta velha e um short são roupas decentes para encontrar um colega de trabalho — e abro a porta do quarto.

Mas não sou tão rápida quanto a pessoa do outro lado e o sujeito de roupa escura e gorro cobrindo o rosto subitamente força a porta com o ombro, me empurrando para trás. Eu grito, ou, ao menos, acho que grito: talvez eu tenha apenas ofegado, o medo e o choque paralisando minha garganta. Como a luz da cozinha está acesa, vejo o brilho quando ele ergue a faca. Uma faca pequena, muito pequena, pouco maior que uma caneta.

Seus olhos se destacam em contraste com a lã escura do gorro. E se arregalam quando se fixam em mim.

Uau!, exclama ele.

Logo atrás vejo outro gorro, outro par de olhos, estes mais ansiosos.

Deixe para lá, cara, diz o segundo.

Um dos invasores é branco; o outro, negro. Mas os dois usam as mesmas gírias das ruas.

Relaxe, diz o primeiro. Que loucura, né não?

Ele ergue ainda mais a faca, até ficar bem diante do meu rosto.

Passe o celular, ô, vagabunda!

Fico paralisada.

Mas, então, sou muito mais rápida que ele. Estendo a mão para trás. Ele acha que estou pegando o celular, mas, na verdade, estou agarrando uma faca, a grande faca de cortar carne que deixei na mesa de cabeceira. Minha mão alcança o cabo liso e pesado, e, com um movimento fluido, eu a enfio na barriga do desgraçado, logo abaixo das costelas. A lâmina penetra com facilidade. Sem sangue, penso, quando a retiro e volto a esfaqueá-lo. Nenhum sangue jorra como acontece nos filmes de terror. Isso facilita as coisas. Cravo a faca em seu braço, em seguida no abdome, depois mais abaixo, numa área perto dos testículos, torcendo-a com força na virilha. Quando ele cai no chão, passo por cima do seu corpo, indo em direção ao outro homem.

Você também, digo para ele. Você estava lá e não o impediu. Seu *merdinha*.

Enfio a faca em sua boca, um gesto tão fácil quanto postar uma carta.

Até que tudo fica branco e eu acordo gritando.

* * *

É normal, diz Carol, assentindo. É perfeitamente normal. Na verdade, é um bom sinal.

Mesmo nesse momento, na tranquilidade do consultório de terapia de Carol, estou tremendo. Aqui perto, tem alguém cortando a grama.

Como pode ser bom?, pergunto, entorpecida.

Carol volta a balançar a cabeça. Ela faz muito isso — na verdade, sempre que digo qualquer coisa —, como se quisesse indicar que não costuma responder a perguntas de pacientes, mas que, apenas dessa vez, vai abrir uma exceção para mim, para alguém que está fazendo um *bom trabalho*, um *excelente progresso*, talvez até mesmo *superando um momento crítico*, como ela diz no fim de cada sessão. Ela foi recomendada pela polícia, por isso deve ser boa, mas, para ser sincera, prefiro que eles peguem os desgraçados em vez de distribuírem cartões de terapeutas.

Fantasiar que você tinha uma faca pode ser o jeito do seu inconsciente indicar que quer assumir o controle do que aconteceu, sugere ela.

Sério?, exclamo.

Eu me sento em cima dos meus pés. Mesmo descalça, não sei se é permitido, considerando o estado imaculado do sofá de Carol, mas acho que também devo receber algo em troca das minhas cinquenta libras. Então pergunto:

Foi o mesmo inconsciente que decidiu que eu não deveria me lembrar de nada que aconteceu depois que entreguei o celular? Não poderia estar simplesmente me mostrando como fui idiota por não ter uma faca perto da cama, para começo de conversa?

Essa é uma interpretação, Emma, diz ela. Mas não me parece muito útil. Várias vezes sobreviventes de assaltos se culpam, em vez de culparem o assaltante. Mas foi o criminoso quem transgrediu a lei, não você.

Ela acrescenta:

Olhe, estou mais preocupada com o seu processo de recuperação do que com as circunstâncias do que realmente aconteceu. Sob esse ponto de vista, é um passo significativo. Nos últimos flashbacks, você está começando a reagir, a culpar seus agressores em vez de a si mesma. Recusando-se a ser uma vítima.

Só que eu *sou* uma vítima, digo. Nada pode mudar isso.

Você é?, questiona Carol calmamente. Ou *foi*?

Após uma longa e importante pausa — um “espaço terapêutico”, como às vezes ela chama essa prática, uma maneira bem estúpida de descrever o que realmente é, afinal de contas não passa de silêncio —, Carol pergunta em um tom de voz gentil:

E Simon? Como estão as coisas com ele?

Tentando, respondo.

Sei que isso poderia ser interpretado de duas maneiras, portanto acrescento:

Quer dizer, ele está tentando o melhor que pode. Intermináveis xícaras de chá e compaixão. Parece até que ele se sente responsável porque não estava lá na hora. Acho que ele pensa que poderia ter dado uma surra nos caras e prendido os dois assaltantes, mas provavelmente teria sido esfaqueado. Ou torturado para revelar as senhas do banco.

A sociedade tem uma espécie de... *conceito* sobre o que é a masculinidade, Emma, diz Carol com delicadeza. Quando isso é afetado, pode fazer qualquer homem se sentir ameaçado e inseguro.

Dessa vez o silêncio se arrasta por um minuto.

Você está conseguindo se alimentar direito?, pergunta ela.

Por algum motivo, confessei para Carol que já tive distúrbio alimentar. Bem, *já tive* é relativo porque, como qualquer pessoa que já sofreu com distúrbio alimentar está cansada de saber, isso nunca passa de verdade. Quando as coisas ficam agitadas e saem do controle, há sempre o risco de voltar.

Si está me forçando a comer, digo. Estou bem.

Não digo a ela que às vezes sujo um prato e o coloco na pia para que Simon ache que eu comi, sendo que na verdade não comi, ou que às vezes forço o vômito depois que voltamos de um restaurante. Algumas partes da minha vida são proibidas. Na verdade, uma das coisas de que gosto em Simon é que ele cuida de mim quando estou

doente. O problema é que, se não estou doente, todo esse cuidado me enlouquece.

Eu não fiz nada, digo de repente. Quando eles invadiram o apartamento. É isso que não consigo entender. Eu estava literalmente tremendo com a adrenalina. Eu devia ter lutado ou fugido, certo? Mas não fiz nem uma coisa nem outra. Eu não fiz *nada*.

Sem nenhum motivo específico, começo a chorar. Pego uma das almofadas de Carol e a aperto junto ao peito, como se de algum modo eu pudesse esmagar aqueles merdinhas.

Mas você fez uma coisa, retruca ela. Você se fez de desentendida. É um instinto perfeitamente válido. Como lebres e coelhos: coelhos correm, lebres se agacham. Não há resposta certa ou errada nessas situações, nenhum “e se...”. Há apenas o que aconteceu.

Ela se inclina para a frente e empurra uma caixa de lenços de papel pela mesa de centro.

Emma, quero tentar uma coisa, avisa ela quando termino de assoar o nariz.

O quê?, pergunto de um jeito bobo. Nada de hipnose. Já falei que não vou fazer isso.

Ela nega com a cabeça.

É algo chamado EMDR, a sigla em inglês para Dessensibilização e Reprocessamento por Movimentos Oculares. A princípio pode parecer um processo um pouco estranho, mas na verdade é muito simples. Eu vou me sentar ao seu lado e mover os dedos de um lado para outro do seu campo de visão. Quero que você acompanhe meus dedos com os olhos enquanto revive a experiência traumática em sua mente.

E qual é o objetivo disso?, pergunto, incerta.

A verdade é que não sabemos exatamente como o EMDR funciona. Mas parece que ajuda as pessoas a lidar com o que aconteceu e dá uma ideia de perspectiva. E é especialmente útil quando alguém é incapaz de lembrar detalhes do que ocorreu. Você está disposta a tentar?

Tudo bem, respondo, dando de ombros.

Carol move a cadeira para ficar a apenas alguns centímetros de mim e ergue dois dedos.

Concentre-se em uma imagem do início do assalto, orienta ela. Mas por enquanto a mantenha fixa. Como se estivesse pausando um filme.

Ela começa a mover os dedos de um lado para outro. Obediente, eu os sigo.

Isso aí, Emma, diz ela. Agora deixe o filme rolar. Lembre-se de como você se sentiu.

No início tenho dificuldade em me concentrar, mas, à medida que me acostumo com o movimento dos dedos, consigo me concentrar a ponto de reviver na mente a noite do assalto.

Um baque na sala de estar.

Passos.

Sussurros.

Eu me levantando da cama.

A porta sendo escancarada. A faca diante do meu rosto...

Respire fundo, murmura Carol, como treinamos.

Duas, três inspirações profundas.

Eu me levantando da cama.

A faca. Os intrusos. A discussão entre os dois, concisa e urgente, questionando se minha presença significava que deviam dar o fora dali ou seguir em frente com o assalto. O mais velho, que estava com a faca, apontava para mim.

É uma magrela. O que ela pode fazer?

Respire, Emma. Respire, instrui Carol.

Encostando a faca no meu pescoço.

Porque se ela tentar alguma coisa, vamos esfaqueá-la, né não?

Não, grito com rispidez, entrando em pânico. Eu não consigo. Desculpe.

Carol se recosta na cadeira. Você se saiu muito bem, Emma. Muito bem.

Respiro fundo mais algumas vezes, recuperando a compostura. Pela minha experiência nas sessões anteriores, sei que cabe a mim romper o silêncio. Só que não quero mais falar sobre o assalto.

Acho que encontramos outro lugar para morar, digo.

Ah, é? A voz de Carol soa neutra como sempre.

O apartamento de Simon fica em um bairro horrível. Mesmo antes que eu piorasse a estatística de criminalidade. Aposto que os vizinhos me odeiam. Provavelmente fiz as casas deles serem desvalorizadas em uns cinco por cento.

Tenho certeza de que eles não odeiam você, Emma, comenta ela.

Levo a manga do suéter à boca e sugo. Um velho hábito que parece ter voltado.

Sei que me mudar é ceder, digo. Mas não posso ficar lá. A polícia diz que, considerando como foi o assalto, há a possibilidade de eles

voltarem. Pelo que parece, adquirem uma ideia de *propriedade*. Como se, de algum modo, agora eu pertencesse a eles.

O que, obviamente, não é verdade, responde Carol com a voz calma. Você pertence a si mesma, Emma. E eu *não* acho que se mudar é ceder. Muito pelo contrário. É sinal de que você está voltando a tomar decisões. Recuperando o controle. Sei que no momento é difícil. Mas as pessoas conseguem superar esse tipo de trauma. Você só precisa entender que leva tempo.

Ela olha para o relógio.

Ótimo trabalho, Emma. Fez um grande progresso hoje. Vejo você na próxima semana à mesma hora, certo?

AGORA: JANE

30. Qual afirmação melhor descreve seu último relacionamento íntimo?

- Mais amigos que amantes*
- Fácil e confortável*
- Sofrido e intenso*
- Tempestuoso e explosivo*
- Perfeito mas breve*

As perguntas da ficha de inscrição ficam cada vez mais estranhas. No começo, tento refletir sobre cada uma delas com cuidado, mas há tantas que no fim mal penso nas respostas, marcando-as por instinto.

Pedem três fotografias recentes. Escolho uma que foi tirada no casamento de uma amiga, uma selfie com Mia escalando o monte Snowdon alguns anos atrás e um retrato formal que tirei para o trabalho. E é isso. Escrevo uma carta de apresentação. Nada exagerado, apenas um texto educado enfatizando como gostei de Folgate Street, nº 1 e como vou me esforçar para manter a integridade que o lugar merece. Mesmo sendo só algumas linhas, eu as reformulo meia dúzia de vezes até o resultado me agradar. A corretora me aconselhou a não alimentar esperanças, pois a maioria dos candidatos não passa dessa fase, mas vou dormir torcendo para passar. Um novo começo. Um reinício. E enquanto pego no sono outra palavra também surge em minha mente. Um *renascimento*.

2. *Quando estou trabalhando em algo, não consigo relaxar até atingir a perfeição.*

Concordo *Discordo*

ANTES: EMMA

Uma semana se passa sem resposta ao nosso formulário, depois outra. Mando um e-mail para confirmar que receberam. Não há retorno. Estou começando a ficar irritada. Eles nos fizeram responder a todas aquelas perguntas idiotas, escolher fotos, escrever uma carta, então avisar que não passamos seria o mínimo. Mas, por fim, recebo um e-mail da admin@monkfordeassociados.com, assunto “Folgate Street, nº 1”. Nem dá tempo de ficar nervosa. Abro a mensagem no mesmo instante.

Venham, por favor, para uma entrevista amanhã às 17h, terça-feira, 16 de março, na Monkford e Associados.

Nada mais. Sem endereço, sem detalhes, nenhuma indicação de que vamos encontrar o próprio Edward Monkford ou algum subordinado. Mas é claro que dá para achar facilmente o endereço na internet, e, na verdade, não me importo com quem vamos nos reunir. É isso. Superamos todos os obstáculos, falta o último.

* * *

A Monkford e Associados ocupa o último andar de um edifício moderno no centro da cidade. Tem um endereço, mas a maioria das pessoas simplesmente chama o prédio de Colmeia, porque é isso que parece: uma gigantesca colmeia de pedra. Em meio a todos os arranha-céus quadrados de vidro e aço da Square Mile, o prédio ocupa as proximidades da Catedral de St. Paul feito uma estranha e pálida crisálida colocada ali por um alienígena. Da rua, o prédio é ainda mais estranho. Não há recepção, apenas uma longa parede de

pedra clara com duas fendas que devem levar aos elevadores, porque há um fluxo constante de pessoas entrando e saindo dali. Todos, homens e mulheres, parecem vestir ternos pretos caros e camisas de colarinho aberto.

Sinto o telefone vibrar. Algo brilha na tela. *Edifício Monkford.*
Fazer check-in?

Clico em “Aceitar”.

Bem-vindos, Emma e Simon. Por favor, peguem o elevador número três e saltem no décimo quarto andar.

Não faço ideia de como o edifício nos identificou. Talvez houvesse um cookie embutido no e-mail. Simon conhece esse tipo de tecnologia. Mostro para ele, esperando animá-lo, mas ele simplesmente dá de ombros, desdenhando. Lugares assim — ricos, endinheirados, autoconfiantes — não são a praia dele.

Exceto um homem que parece ainda mais deslocado que nós dois, não há mais ninguém esperando nosso elevador. Tem um cabelo comprido e grisalho, que fica desgrenhado mesmo no rabo de cavalo. Ele não faz a barba há uns dois dias e está usando um casaco roído por traças e uma calça de linho surrada. Olho para os seus pés e reparo que nem sequer está usando sapatos, apenas meias. Ele está comendo chocolate, uma barra de Crunchie, muito ruidosamente. Quando as portas do elevador se abrem, o homem entra se arrastando e ocupa um lugar no fundo.

Procuro os botões, mas não há nenhum. Imagino que o elevador só pare nos andares para os quais está programado.

À medida que subimos, de forma tão suave que não dá para notar o movimento, sinto o sujeito voltar os olhos para mim e fixá-los na minha barriga. E ali seu olhar se detém enquanto ele lambe o resto de chocolate nos dedos. De forma desajeitada, coloco a mão no local que ele está observando e descubro que minha camisa está levantada. Há um pequeno trecho de barriga à mostra, logo acima do cós da calça.

O que foi, Em?, pergunta Simon, percebendo meu desconforto.

Nada, respondo, me virando para ele e dando as costas para aquele sujeito estranho. Puxo discretamente a camisa.

Já mudou de ideia?, pergunta Simon baixinho.

Não sei, respondo.

Na verdade, não mudei, mas não quero que Si ache que não estou aberta a discussão.

As portas do elevador se abrem e o homem sai rastejando, ainda comendo o Crunchie.

Hora do show, anuncia Simon, olhando ao redor.

Outro espaço amplo e elegante, uma área aberta repleta de luz ocupando toda a extensão do edifício. Em uma extremidade, há uma parede de vidro curvo com vista para a cidade, e é possível ver a cúpula da Catedral de St. Paul, o Lloyds of London, todos aqueles outros prédios famosos e, ao longe, o complexo de edifícios Canary Wharf. O rio Tâmis serpenteia ao redor da Isle of Dogs e se estende pelas infinitas planícies a leste.

Uma loura de terno preto feito sob medida se levanta de uma poltrona de couro onde digitava em um iPad.

Bem-vindos, Emma e Simon, diz ela. Por favor, sentem-se. Edward já vai atender vocês.

Ela deve receber todos os e-mails no iPad, porque, após dez minutos de silêncio, diz:

Por favor, sigam-me.

Ela abre uma porta. Apenas pela forma como a porta se move percebo que é pesada e estável. Na sala, há um homem em pé perto de uma mesa comprida, apoiando-se nos punhos cerrados, analisando alguns projetos. As folhas são tão grandes que mal cabem na mesa. Ao observá-las percebo que não foram impressas, são desenhos de verdade. Vejo dois ou três lápis e uma borracha agrupados em um canto, cuidadosamente dispostos por ordem de tamanho.

Emma, Simon, diz ele, erguendo a cabeça. Aceitam café?

Ele é atraente. É a primeira coisa que percebo nele. E a segunda. E a terceira. Seu cabelo é de um tom indeterminado de louro, cachos dourados e curtos. Ele está usando um suéter preto e uma camisa com o colarinho aberto, nada muito sofisticado, mas a lã se ajusta com perfeição aos ombros largos e magros, e ele tem um sorriso caloroso e ligeiramente autodepreciativo. Parece um professor sexy e descontraído, não o estranho obsessivo que eu tinha imaginado.

Fica claro que Simon também percebe tudo isso, ou vê que eu percebo, porque se aproxima subitamente e agarra os ombros de Edward Monkford.

Edward, não é mesmo?, diz ele. Ou Eddy? Ed? Eu sou Simon. Que bom conhecer você, cara. Que lugar maneiro este aqui. Essa é minha namorada, Emma.

Eu me encolho, porque esse negócio de imitar o sotaque do East End é algo que Simon só faz com quem se sente ameaçado.

Eu me apresso a responder:

Um café seria ótimo.

Dois cafés, por favor, Alisha, pede Edward Monkford muito educadamente para a secretária.

Ele aponta para as cadeiras do outro lado da mesa, indicando para Simon e eu nos sentarmos.

Então, me diga, começa ele depois de estarmos todos acomodados, olhando diretamente para mim e ignorando Simon, por que você quer morar em Folgate Street, nº 1?

Não, ele não parece um professor. Está mais para diretor de escola ou presidente do conselho de supervisores. Seu olhar continua amigável, apesar de muito intenso. O que, é claro, só o torna ainda mais atraente.

Nós já havíamos antecipado esta pergunta, ou algo parecido, e dou a resposta que preparamos, algo sobre como somos gratos pela oportunidade e como tentaremos fazer justiça à casa. Ao meu lado, Simon fica carrancudo, mas permanece em silêncio. Quando termino, Monkford balança a cabeça de forma educada. Parece um pouco entediado.

E eu acho que isso vai causar uma mudança em nós, digo sem perceber.

Pela primeira vez ele parece interessado.

Mudança? Como?

Fomos assaltados, conto, pronunciando as palavras devagar. Dois homens. Bem, na verdade eram dois meninos. Adolescentes. Não me lembro direito do que aconteceu, dos detalhes. Estou sofrendo de transtorno pós-traumático.

Ele balança a cabeça, pensativo.

Incentivada, prossigo:

Não quero ser a pessoa que ficou parada e os deixou escapar. Quero ser alguém que toma decisões. Que reage. E acho que a casa vai ajudar com isso. Quer dizer, não somos o tipo de gente que normalmente vive dessa forma. Todas essas regras... Mas gostaríamos de tentar.

Mais uma vez o silêncio se prolonga. Eu me censuro em pensamento. Como posso achar que o que aconteceu comigo é relevante? Como a casa pode me tornar uma pessoa diferente?

A loura traz os cafés. Eu me adianto para pegar e, com a pressa e o nervosismo, acabo derramando a xícara, a xícara inteira, nos desenhos.

Meu Deus, Emma, sibila Simon, também se levantando. Olhe só o que você fez.

Desculpe, digo em tom compassivo, enquanto um rio preto engole lentamente os projetos. Meu Deus, eu sinto *muito*.

A secretária sai correndo para buscar panos. Vejo nossa oportunidade se esvaindo. Aquela dramática lista de posses em branco, todas aquelas mentiras esperançosas que coloquei no questionário de nada valem mais. A última coisa que esse homem quer é uma imbecil desajeitada e derramadora de café bagunçando sua bela casa.

Para minha surpresa, Monkford apenas ri.

Eram desenhos péssimos, comenta ele. Eu deveria ter jogado fora há semanas. Você me poupou o trabalho.

A secretária volta com toalhas de papel e começa a esfregar e a limpar.

Alisha, você só está piorando, retruca Monkford com a voz ríspida. Deixe comigo.

Ele embrulha os desenhos para envolver o café, como uma fralda gigante.

Jogue fora, ordena ele, entregando o embrulho para ela.

Cara, me desculpe, diz Simon.

Pela primeira vez, Monkford olha diretamente para ele.

Nunca se desculpe por alguém que você ama, diz baixinho. Isso faz você parecer um idiota.

Simon fica tão atordoado que não fala nada. Só me resta ficar boquiaberta, atônita. Até o momento, nada nos modos de Edward Monkford sugeriu que ele diria algo tão pessoal. E Simon já bateu em pessoas por menos do que isso... muito menos. Mas Monkford simplesmente se vira para mim e diz com um tom de voz tranqüilo:

Bem, vou mandar notícias. Obrigado por ter vindo, Emma.

Há uma breve pausa antes de ele acrescentar:

Você também, Simon.

AGORA: JANE

Espero na recepção do décimo quarto andar da Colmeia, observando dois homens discutirem em uma sala de reunião com paredes de vidro. Um deles, tenho certeza, é Edward Monkford. Ele está usando a mesma roupa de uma foto que vi na internet: suéter preto de caxemira, camisa branca de colarinho aberto, cabelo dourado emoldurando um rosto magro, ascético. Ele é bonito: não propriamente estonteante, mas tem charme e confiança, com um lindo sorriso torto. O outro homem está gritando com ele, embora o vidro seja espesso o suficiente para que eu não ouça as palavras. Aqui em cima é tão silencioso quanto um laboratório. O homem gesticula com raiva, colocando as mãos sob o queixo de Monkford. Algo naquele gesto, na pele mais escura do sujeito, me faz pensar que ele poderia ser russo.

A mulher de pé em um canto e que vez ou outra adiciona alguma interjeição definitivamente poderia ser a esposa de um oligarca. Muito mais jovem do que o marido, de vestido Versace com estampa cafona, cabelo brilhoso tingido com uma tonalidade cara de louro. O marido a ignora, mas de vez em quando Monkford se vira para ela com uma postura educada. Quando o sujeito enfim para de gritar, ele diz tranquilamente algumas palavras e balança a cabeça. O outro explode de novo, ainda mais furioso.

A morena imaculada que me recebeu se aproxima.

— Infelizmente, Edward ainda está em reunião. Posso lhe oferecer algo? Uma água?

— Estou bem, obrigada. — Aponto para a cena à frente. — Essa reunião, suponho?

Ela segue meu olhar.

— Estão perdendo tempo. Ele não vai mudar.

— Sobre o que estão discutindo?

— O cliente encomendou uma casa durante um relacionamento anterior. Agora a nova esposa quer um fogão Aga. Para deixar o lugar mais aconchegante, segundo ela.

— E a Monkford e Associados não trabalha com aconchego?

— Não é essa a questão. Se não fazia parte do projeto original, Edward não vai fazer a alteração. A menos que agrade a *ele*. Teve uma vez que passou três meses reconstruindo o telhado de uma casa de veraneio só para diminuir um metro e vinte da altura.

— Como é ter um chefe perfeccionista? — pergunto.

Mas claramente passei dos limites, porque ela apenas sorri com frieza e se afasta.

Continuo assistindo à discussão, ou melhor, ao monólogo, porque Edward Monkford quase não tem nenhuma participação. Simplesmente permite que a raiva do outro sujeito passe por ele feito ondas batendo em uma rocha, com uma educada expressão de interesse, nada além disso. Por fim, a porta é escancarada e o cliente sai com passos intempestivos, ainda resmungando, a esposa atrás dele bamboleando sobre os saltos altos. Monkford sai por último. Ajeito o vestido e me levanto. Depois de pensar muito, escolhi o Prada: azul-marinho, plissado, bainha logo abaixo do joelho; nada muito chamativo.

— Jane Cavendish — lembra a recepcionista.

Ele se vira para mim. Apenas por um instante, parece surpreso, até mesmo atônito, como se eu não fosse exatamente o que esperava. Até que o momento passa e ele me estende a mão.

— Jane. Claro. Vamos entrar ali.

Eu transaria com este cara. Eu mal disse algo além de “oi”, mas registro que alguma coisa, alguma parte de mim que está muito além do meu controle consciente, tomou uma decisão. Ele mantém a porta da sala de reunião aberta para mim e, de algum modo, até mesmo esta simples e rotineira gentileza parece cheia de significado.

Nós nos sentamos um em frente ao outro, diante de uma mesa comprida de vidro ocupada pela maquete de uma cidadezinha. Sinto seu olhar percorrer meu rosto. Se achei que ele era apenas razoavelmente bonito, isso foi antes de vê-lo de perto. Seus olhos, em especial, têm um tom azul-claro impressionante. Embora eu saiba que ele tem trinta e poucos anos, os cantos de seus olhos são cheios de rugas. Linhas de riso, como minha avó dizia. Contudo, em Edward

Monkford, essas rugas dão ao seu rosto a intensidade feroz de um falcão.

— Você ganhou? — pergunto, pois o homem não diz nada.

Ele parece despertar.

— Ganhei o quê?

— A discussão.

— Ah, aquilo. — Ele dá de ombros e sorri, e sua expressão relaxa no mesmo instante. — Minhas construções exigem certas coisas das pessoas, Jane. Não acho que sejam exigências intoleráveis, e, de qualquer forma, as compensações são muito maiores. De certo modo, suponho que seja por isso que você está aqui.

— É mesmo?

Ele assente.

— David, meu sócio que cuida da área de tecnologia, fala de uma coisa chamada EU, que, em linguagem tecnológica, quer dizer Experiência do Usuário. Como você deve saber, tendo visto os termos e as condições do contrato de aluguel, recolhemos informações de Folgate Street, nº 1, e as usamos para aperfeiçoar a experiência do usuário para nossos outros clientes.

Na verdade, só dei uma olhada nas condições do documento, que se estendiam por cerca de vinte páginas em letras miúdas.

— Que tipo de informações?

Ele dá de ombros outra vez. Seus ombros sob o suéter são largos, embora magros.

— Metadados, principalmente. Quais cômodos você mais usa, esse tipo de coisa. E de vez em quando vamos lhe pedir para refazer o questionário, para saber se suas respostas estão mudando.

— Por mim, tudo bem. — Então paro de falar, percebendo que devo estar soando presunçosa. — Quer dizer, se eu tiver a oportunidade.

— Que bom.

Edward Monkford se aproxima da bandeja que tem algumas xícaras de café, uma leiteira e uma tigela de cubos de açúcar embalados. Distraidamente, ele empilha o açúcar, alinhando as bordas até formar um quadrado perfeito, feito um cubo mágico. Em seguida, vira as xícaras para que todas as alças apontem na mesma direção.

— Talvez eu lhe peça para conhecer alguns dos nossos clientes, para nos ajudar a convencê-los de que viver sem um fogão Aga e um armário de troféus esportivos não vai ser o fim do mundo.

Outro sorriso se estende até os cantos de seus olhos, e sinto meus joelhos cederem. *Eu não sou assim*, penso, e, em seguida: *Será que é mútuo?* Dou um sorriso encorajador em resposta.

Uma pausa.

— Então, Jane. Tem alguma coisa que você gostaria de *me* perguntar?

Reflito.

— Você construiu Folgate Street, nº 1 para morar lá?

— Sim.

Ele não dá mais explicações.

— E *onde* você mora, então?

— Em hotéis, principalmente. Perto de algum projeto no qual eu esteja trabalhando. São lugares perfeitamente suportáveis desde que você guarde todas as almofadas em um armário.

Ele sorri outra vez, mas tenho a impressão de que não está brincando.

— Você não se importa em não ter uma casa própria?

Ele dá de ombros.

— Isso permite que eu me concentre no trabalho.

Algo no modo como ele diz isso não me estimula a fazer mais perguntas.

Um homem irrompe na sala, cambaleando de forma desajeitada, batendo a porta no protetor de parede e falando pelos cotovelos:

— Ed, precisamos conversar sobre largura de banda. Os idiotas estão tentando economizar na fibra óptica. Não entendem que daqui a cem anos as fiações de cobre vão ser tão obsoletas quanto canos de chumbo...

O sujeito está malvestido, tem um tipo físico robusto e uma barba por fazer cobrindo o rosto gordo com queixo duplo. O cabelo, que é mais grisalho do que a barba, está preso em um rabo de cavalo. Apesar do ar-condicionado, ele está de short e chinelo.

Monkford não parece incomodado com a interrupção.

— David, esta é Jane Cavendish. Ela se candidatou para morar em Folgate Street, nº 1.

Então este deve ser David Thiel, o sócio de tecnologia. Seus olhos — tão fundos que mal identifico sua expressão — se voltam para mim sem curiosidade e, pouco depois, dirigem-se a Monkford.

— A única solução é a cidade ter um satélite próprio. Precisamos repensar tudo...

— Um satélite exclusivo? Essa é uma ideia interessante — reflete Monkford. Ele olha para mim. — Desculpe, Jane, mas você vai ter que nos dar licença.

— Claro.

Assim que eu me levanto, os olhos de David Thiel se fixam nas minhas pernas. Monkford também percebe isso e fica carrancudo. Tenho a impressão de que está prestes a fazer algum comentário, mas se contém.

— Obrigada por me receber — acrescento com educação.

— Vou entrar em contato em breve — diz ele.

ANTES: EMMA

Já no dia seguinte, chega um e-mail: *Seu pedido foi aprovado.*

Não consigo acreditar, até porque não há mais nada no e-mail: nenhuma explicação sobre quando podemos nos mudar, nenhum dado bancário deles, nenhuma informação sobre o que devemos fazer. Ligo para Mark, o corretor. Estou começando a conhecê-lo melhor agora que passei a cuidar dos trâmites, e na verdade ele não é tão ruim quanto eu achava.

Mark parece ficar bastante contente ao saber da novidade.

Como a casa está vazia, diz ele, você pode se mudar este fim de semana se quiser. Ainda é preciso assinar uns documentos, e vamos ter que marcar um horário para instalar o aplicativo nos celulares de vocês. E só.

E só. A ficha começa a cair: conseguimos. Estamos prestes a morar em uma das casas mais incríveis de Londres. Nós. Eu e Simon. Tudo vai ser diferente.

3. *Você se envolve em um acidente de trânsito e sabe que a culpa foi sua. A outra motorista está confusa e acha que foi ela quem provocou o acidente. Você diz para a polícia que a culpa foi sua ou dela?*

Culpa dela

Culpa sua

AGORA: JANE

Estou sentada em meio à escassa e vazia austeridade de Folgate Street, nº 1, totalmente satisfeita.

Meu olhar captura o imaculado vazio do jardim. Descubro, então, por que não há flores. O jardim é modelado com algo que a internet me diz serem *karesansuis*, os jardins de meditação dos templos budistas. As formas são simbólicas: montanha, água, céu. É um jardim para ser contemplado, não cultivado.

Edward Monkford passou um ano no Japão, depois que sua esposa e seu filho morreram. Foi o que me motivou a pesquisar isso.

Até mesmo a internet é diferente aqui. Depois que Camilla baixou o aplicativo para o meu celular e o laptop e me entregou a pulseira especial que aciona os sensores da casa, ela conectou o wi-fi e inseriu um código. A partir de então, sempre que ligo um dispositivo, não sou recebida pelo Google ou pelo Safari, mas por uma página em branco onde há a palavra “Governanta”. Existem apenas três guias “Lar”, “Pesquisa” e “Nuvem”. “Lar” acessa as configurações atuais de iluminação, aquecimento etc. Há quatro modos a serem escolhidos: Eficiente, Calmo, Alegre e Intencional. “Pesquisa” me conecta à internet. “Nuvem” é meu backup e armazenamento de dados.

Todos os dias, a Governanta sugere que roupa devo usar de acordo com o clima, meus compromissos e o que está lavando. Se eu decidir comer em casa, ela sabe o que tem na geladeira, como devo cozinhar e quantas calorias tem a refeição. Enquanto isso, a função “Busca” filtra anúncios e pop-ups que me oferecem uma barriga mais reta, divulgam notícias angustiantes, as Dez Mais Lidas, fofocas de subcelebridades, spams e cookies. Não há favoritos, histórico, nem dados salvos. O histórico é apagado assim que fecho a tela. E isso é estranhamente libertador.

Às vezes, eu me sirvo de uma taça de vinho e perambulo pela casa, tocando nas coisas, me aclimatando às texturas caras e incríveis, ajustando a posição de uma cadeira ou de um vaso. Claro que eu já estava familiarizada com a frase de Mies van der Rohe: *menos é mais*, porém nunca me dera conta de como isso podia ser *sensual*, rico e voluptuoso. Os poucos móveis são clássicos do design: cadeiras de jantar Hans Wegner em carvalho claro, banquinhos brancos da marca italiana Nicolle na cozinha, um elegante sofá Lissoni. E a casa vem com uma coleção minuciosa de utensílios pequenos mas luxuosos: grossas toalhas brancas, lençóis de linho de vários fios, taças de vinho artesanais com termômetros nas hastes finas. Cada detalhe é uma pequena surpresa, um desfrute tranquilo de qualidade.

Eu me sinto a personagem de um filme. Em meio a tanto bom gosto, de alguma forma a casa me faz andar com mais elegância, me comportar de modo mais ponderado e tentar causar o melhor efeito possível em cada cena de que participo. Não tem ninguém me vendo, é claro, mas Folgate Street, nº 1 quase parece se tornar meu público, preenchendo os espaços vazios com músicas calmas e cinematográficas da lista de reprodução automática da Governanta.

Seu pedido foi aprovado. Era tudo o que o e-mail dizia. Eu estava esperando uma má notícia, porque a reunião tinha sido muito curta, mas parece que Edward Monkford costuma ser breve em tudo. E tenho certeza de que eu não estava imaginando coisas ao sentir aquela corrente silenciosa, aquela pequena carga de energia que nos invade quando a atração é recíproca. *Bem, ele sabe onde me encontrar*, penso. A própria espera é intensa e sensual, uma preliminar silenciosa.

Até que recebo flores. No dia em que me mudei, elas estavam perto da porta: um enorme buquê de lírios, ainda envolto em plástico. Nenhum bilhete, nada que indicasse se ele mandava aquilo para todos os novos inquilinos ou se era um gesto especial, apenas para mim. De qualquer modo, agradeço de forma educada.

Dois dias depois, chega outro buquê idêntico. E, após uma semana, um terceiro, o mesmo arranjo de lírios, deixado exatamente no mesmo lugar perto da porta. Cada canto da casa está impregnado com o forte perfume das flores. Isso está começando a ficar exagerado.

Quando encontro o quarto buquê idêntico, decido que já chega. Há o nome de uma floricultura impresso na embalagem de celofane. Ligo para lá e pergunto se é possível mudar o pedido.

A mulher no outro lado da linha parece intrigada.

— Não estou encontrando nenhum pedido para Folgate Street, nº 1.

— Talvez esteja no nome de Edward Monkford. Ou Monkford e Associados.

— Não tem nada nem parecido com isso. Na verdade, nada na sua região. Nossa loja é em Hammersmith... Não entregamos em bairros mais ao norte.

— Entendi — digo, perplexa.

No dia seguinte, quando chegam mais lírios, eu os pego com a intenção de jogá-los fora.

Mas, nesse momento, vejo o cartão, o primeiro a ser deixado, no qual alguém escreveu:

Emma, vou te amar para sempre. Durma bem, minha querida.

ANTES: EMMA

É tão maravilhoso quanto esperávamos que fosse. Bem, como eu esperava. Simon concorda com tudo, mas percebo que ele ainda mantém certa cautela. Ou talvez não goste de sentir que tem uma dívida com o arquiteto por nos deixar morar ali por um aluguel muito barato.

Mas até Simon fica surpreso com o chuveiro do tamanho de um prato que simplesmente começa a funcionar assim que abrimos a porta do box. O sistema nos identifica por meio das pulseiras impermeáveis que nos deram e lembra a temperatura da água que preferimos. Na primeira manhã na casa, acordamos com a luz do quarto aumentando pouco a pouco — um nascer do sol eletrônico, os barulhos da rua abafados pelas grossas paredes e pelo vidro — e percebo que foi a melhor noite de sono que tive em anos.

Desfazer as malas, é claro, não demora quase nada. A casa já tem muitas coisas legais, então nossas bugigangas antigas se juntam à Coleção no depósito.

Às vezes, simplesmente me sento na escada com uma caneca de café, apoiando o queixo nos joelhos, absorvendo como tudo isso é bom.

Não derrame o café, querida, diz Simon ao me ver.

Isso se tornou uma piada recorrente. Chegamos à conclusão de que conseguimos a casa porque eu derramei café.

Nunca mencionamos o fato de Monkford ter chamado Simon de idiota nem a falta de reação de Simon.

Feliz?, pergunta ele, sentando-se ao meu lado na escada.

Feliz, concordo. Maaaaas...

Você quer se mudar, diz ele. Já se cansou. Eu sabia.

Meu aniversário é na semana que vem.

É mesmo, querida? Eu não lembrava.

Ele está brincando, é claro. Simon sempre exagera em datas como Dia dos Namorados e meu aniversário.

Por que não convidamos algumas pessoas para virem aqui?

Uma festa, você quer dizer?

Assinto.

No sábado.

Simon parece preocupado.

Será que podemos dar festas aqui?

Não vamos fazer bagunça, digo. Não como da última vez.

Digo isso porque da última vez que demos uma festa, três vizinhos diferentes chamaram a polícia.

Certo, tudo bem, diz ele, em dúvida. Sábado, então.

* * *

Por volta das nove da noite de sábado, a casa está lotada. Espalhei velas pela escada e pelo jardim e deixei a luz bem baixa. A princípio, o fato de a Governanta não ter uma guia “Festas” me deixou um pouco preocupada. Mas verifiquei as Regras e “Festas” não estava na lista de proibições. Talvez tenham esquecido, mas, bem, uma lista é uma lista.

Assim que chegam, nossos amigos ficam impressionados, claro, apesar de fazerem várias piadas sobre onde estão todos os móveis e por que ainda não desfizemos as malas. Simon está à vontade, afinal ele sempre gosta de causar inveja nos amigos, usar o relógio mais exclusivo, ter o aplicativo mais recente ou o celular mais legal. E agora tem o melhor lugar para morar. Já o imagino se ajustando a esta nova versão de si mesmo, exibindo com orgulho o fogão, o sistema de entrada automática, as tomadas elétricas que são apenas três fendas minúsculas nas paredes de pedra e até mesmo o fato de que as gavetas embutidas na cama são diferentes no lado do homem e no da mulher.

Pensei em convidar Edward Monkford, mas Simon me convenceu do contrário. No momento, enquanto a voz de Kylie Minogue cantando “Can’t Get You Out of My Head” reverbera pela multidão, percebo que ele estava certo: Monkford detestaria todo esse barulho, caos e dança, e provavelmente criaria outra regra no mesmo instante e botaria todo mundo para fora. Imagino isso acontecendo: Edward Monkford aparecendo sem ser convidado, desligando a música e

expulsando todas as pessoas. E isso me parece uma ótima ideia. O que não faz sentido, afinal a festa é minha.

Simon passa por mim com várias garrafas e se inclina para me beijar.

Você está ótima, aniversariante, diz ele. Vestido novo?

É velho para caramba, minto.

Ele me dá outro beijo.

Ei, vão para o quarto, vocês dois, grita Saul mais alto que a música enquanto Amanda o puxa para dançar.

Há bastante bebida, algumas drogas, muita música e gritaria. As pessoas se espalham pelo pequeno jardim para fumar e os vizinhos berram com elas. Porém, por volta das três da manhã, todos começam a ir embora. Saul passa vinte minutos tentando nos convencer a ir a uma boate, mas, apesar de ter cheirado algumas carreiras, estou exausta. Simon diz que está muito bêbado e, por fim, Amanda leva Saul para casa.

Venha para a cama, Em, sugere Simon depois que todos se foram.

Já vou, digo. Estou cansada demais para me mexer.

Você está tão cheirosa, elogia ele, farejando meu pescoço. Vamos para a cama.

Si, digo, hesitante.

O que foi?

Acho que não quero transar hoje, respondo. Desculpe.

Não transamos desde o assalto. E não tocamos no assunto. É uma situação delicada.

Você disse que tudo seria diferente aqui, murmura Simon.

Vai ser, respondo. Só que ainda não é.

Claro, diz ele. Sem pressa, Em. Sem pressa nenhuma.

Mais tarde, quando nos deitamos um ao lado do outro no escuro, ele murmura:

Você lembra quando batizamos o Belfort Gardens?

Tinha sido um desafio idiota ao qual nos propusemos: fazer amor em cada cômodo antes de uma semana de estadia.

Ele não diz mais nada. O silêncio se estende, e eu acabo dormindo.

AGORA: JANE

Convido alguns amigos para almoçar, uma pequena comemoração da casa nova. Mia e Richard trazem os filhos, Freddie e Marta; e Beth e Pete trazem Sam. Conheço Mia desde Cambridge, minha amiga mais antiga e mais próxima. Certamente sei de coisas que o próprio marido dela nem faz ideia. Por exemplo, em Ibiza, pouco antes do casamento, ela dormiu com outro homem e quase desistiu de se casar, e quando engravidou de Martha pensou em abortar, porque teve uma terrível depressão pós-parto com Freddie.

Por mais que eu ame essas pessoas, não deveria ter juntado todas. Só fiz isso porque era uma novidade ter espaço suficiente, mas o fato é que, por mais discretos que tentem ser, mais cedo ou mais tarde meus amigos começam a falar sobre filhos. Richard e Pete controlam as crianças, andando atrás delas como se as puxassem por rédeas invisíveis, com medo do chão de pedra, de uma escada letal, das janelas de vidro que vão do chão ao teto que uma criança correndo poderia não ver, enquanto as mulheres bebem enormes taças de vinho branco e reclamam baixinho — embora com o mesmo orgulho de quem voltou da guerra — sobre como suas vidas ficaram chatas: “Meu Deus, semana passada dormi assistindo ao jornal das seis da tarde.” “Isso não é nada... Eu apaguei vendo desenho animado!”

Martha regurgita o almoço na mesa de pedra, enquanto Sam mancha as janelas de vidro com os dedos sujos de musse de chocolate. Eu me pego pensando que há vantagens em não ter um filho. Parte de mim quer que todos vão embora para que eu possa arrumar a casa.

Então, há uma situação engraçada com Mia. Ela está me ajudando a preparar a salada quando grita:

— J., onde você guarda as colheres africanas de madeira?

— Ah... Eu doei para a loja de caridade.

Ela me olha de um jeito estranho.

— Fui *eu* que dei.

— É, eu sei.

Certa vez, Mia foi voluntária em um orfanato africano e me presenteou com duas colheres de salada esculpidas à mão, feitas pelas crianças.

— Decidi que não combinavam. Desculpe. Você se importa?

— Acho que não — responde ela, mas sua expressão diz o contrário.

Claro que não gostou. Mas o almoço já vai ficar pronto e ela vai deixar isso para lá.

— Então, J., como vai sua vida social? — pergunta Beth enchendo a segunda taça de vinho.

— Parada como sempre — digo.

Durante anos, este tem sido o papel atribuído a mim dentro do grupo: contribuir com histórias lamentáveis de desastres sexuais que lhes dão a impressão de não ter deixado tudo isso para trás e, ao mesmo tempo, lhes confirmam que estão muito melhor casadas.

— E quanto ao arquiteto? — pergunta Mia. — Teve notícias dele?

— Ah, eu não estava sabendo sobre esse arquiteto — diz Beth. — Conte tudo!

— Ela tem uma queda pelo cara que construiu esta casa. Não é mesmo, J.?

Pete levou Sam para o jardim. A criança está agachada, espalhando cascalho na grama. Eu me pergunto se seria ranzinza da minha parte lhe pedir que pare.

— Mas não fiz nada sobre isso — comento.

— Bem, não dê bobeira — aconselha Beth. — Agarre o cara antes que seja tarde demais. — Ela faz uma pausa, horrorizada com o que acabou de dizer. — Merda, eu não pretendia...

O sofrimento e a angústia partem meu coração, mas digo baixinho:

— Está tudo bem, entendi o que você quis dizer. De qualquer modo, por enquanto meu relógio biológico parece estar em modo soneca.

— Desculpe mesmo assim. Foi uma tremenda falta de tato minha.

— Será que era ele lá fora? — indaga Mia. — O arquiteto, quero dizer.

Franzo a testa.

— Sobre o que você está falando?

— Agora há pouco, quando fui buscar o pinguim de pelúcia de Martha no carro, havia um homem com flores se aproximando da

porta da sua casa.

— Que tipo de flores? — pergunto.

— Lírios. Jane?

Saio correndo em direção à porta. O mistério das flores está me incomodando desde que encontrei aquele bilhete estranho. Quando abro a porta, há um buquê no degrau e o homem já está quase na rua.

— Espere! — grito. — Espere um pouco, por favor!

Ele se vira. Tem a minha idade, ou talvez seja alguns anos mais velho e o cabelo castanho está ficando grisalho cedo demais. Seu rosto parece cansado e seu olhar é estranhamente intenso.

— Pois não?

— Quem é você? — Aponto para o buquê. — Por que fica trazendo flores para mim? Meu nome não é Emma.

— As flores não são para você, é óbvio — responde ele, sendo desagradável. — Eu só as substituo porque você as recolhe. Por isso deixei um bilhete, para que finalmente entre na sua cabeça dura que os buquês não são para alegrar sua cozinha cara. — Ele faz uma pausa. — Amanhã é aniversário dela. Ou seria.

Finalmente entendo. Os buquês não são um presente e, sim, um tributo. Como os buquês que as pessoas deixam onde ocorreu um acidente fatal. Eu me censuro por estar tão focada em Edward Monkford a ponto de nem sequer ter considerado essa possibilidade.

— Desculpe mesmo — digo. — Ela... Foi aqui perto?

— Naquela casa. — Ele aponta para trás de mim, na direção de Folgate Street, nº 1, e um arrepio percorre minhas costas. — Ela morreu ali dentro.

— Como? — Percebendo que posso estar parecendo intrometida, acrescento: — Quero dizer, isso não é da minha conta...

— Depende da pessoa a quem você perguntar — responde ele.

— Como assim?

O sujeito me encara. Seus olhos estão abatidos.

— Ela foi assassinada. O médico-legista deixou o laudo em aberto, mas todo mundo, até mesmo a polícia, sabia que ela tinha sido assassinada. Primeiro, ele envenenou a mente dela, depois a matou.

Por um instante me pergunto se é tudo besteira, se o homem não passa de um louco. Mas ele parece muito sincero, muito normal.

— Quem fez isso? Quem a matou?

Ele apenas balança a cabeça e se afasta, voltando para o carro.

ANTES: EMMA

Ainda estamos dormindo quando meu celular toca na manhã seguinte à festa. O telefone é novo, pois substituíu o que foi roubado no assalto, e demoro um tempo para acordar com um toque ao qual ainda não me acostumei. Minha cabeça continua grogue por causa da noite anterior, mas mesmo assim percebo que a luz no quarto aumenta em perfeita sincronia com o toque do telefone; as janelas vão clareando gradualmente.

Emma Matthews?, pergunta uma voz feminina.

Sim?, respondo, com a voz rouca desde a festa.

É a sargento Willan, diz ela, a policial que está cuidando do seu caso. Estou do lado de fora do seu apartamento com um colega. Estamos tocando a campainha. Podemos entrar?

Eu me esqueci de dizer à polícia que íamos nos mudar.

Não estamos mais nesse endereço, digo. Estamos em Hendon. Folgate Street, nº 1.

Espere, diz a sargento Willan.

Ela deve ter aproximado o telefone do peito para falar com alguém, porque sua voz soa abafada:

Estaremos aí em vinte minutos, Emma, diz ela pouco depois. Houve uma reviravolta importante no seu caso.

* * *

Quando eles chegam, nós já tínhamos jogado fora a maior parte do lixo da festa. Há algumas manchas desagradáveis de vinho no chão de pedra com as quais terei que lidar mais tarde, e o estado da casa não é dos melhores, mas mesmo assim a sargento Willan parece impressionada.

Bem diferente do seu apartamento anterior, comenta ela, olhando ao redor.

Passei a noite tentando explicar as Regras para nossos amigos e não tenho mais nenhuma energia para fazer isso outra vez.

Estamos pagando barato no aluguel, digo, para tomar conta do lugar.

Você disse que tinha notícias, fala Simon, impaciente. Então, vocês os pegaram?

Acreditamos que sim, responde o policial mais velho.

Ele já tinha se apresentado como detetive Clarke. Sua voz é baixa e calma, e tem o corpo robusto e as bochechas coradas de um fazendeiro. Gosto dele de imediato.

Dois homens foram presos na sexta à noite após cometerem um assalto muito semelhante ao que vocês sofreram, conta ele. Fomos a um endereço em Lewisham e lá recuperamos alguns itens que constavam como roubados em nosso banco de dados.

Fantástico!, exclama Simon, exultante. Ele olha para mim. Não é, Emma?

Maravilhoso, digo.

Há uma pausa.

Como a possibilidade de haver um julgamento é grande, Emma, precisamos fazer mais algumas perguntas, diz a sargento Willan. Talvez você prefira fazer isso em particular.

Está tudo bem, diz Simon. Acho ótimo que vocês tenham pegado os desgraçados. Vamos ajudar como pudermos, não é mesmo, Em?

A sargento continua me encarando.

Emma? Você prefere fazer isso sem a presença de Simon?

Colocado dessa forma, como dizer que sim? De qualquer modo, não há nenhum lugar reservado em Folgate Street, nº 1. Todos os cômodos fluem de um para outro, até mesmo o quarto e o banheiro.

Pode ser aqui mesmo, digo. Vou ter que ir ao tribunal? Isto é, para depor?

Os dois se entreolham.

Depende. Só se eles forem declarados culpados, diz a sargento Willan. A gente espera que as provas sejam tão categóricas que não tenham como argumentar.

Ela faz uma pausa, depois continua:

Emma, recuperamos vários celulares no endereço que eu falei. Identificamos que um é o seu.

Subitamente, tenho um péssimo pressentimento.

Respire, digo a mim mesma.

Alguns dos telefones tinham fotos e vídeos gravados, prossegue a policial. Fotografias de mulheres em situações sexuais.

Fico esperando. Sei o que está por vir, porém parece mais fácil não dizer nada e deixar as palavras me atropelarem como se não fossem reais.

Emma, encontramos evidências indicando que um sujeito que corresponde à descrição de um dos assaltantes presos usou o seu celular para gravar a si mesmo mantendo relações sexuais com você, informa ela. Pode nos dizer algo sobre isso?

Sinto a cabeça de Simon se virar para mim. Eu não olho para ele. O silêncio se estende feito um filete de vidro derretido, afinando cada vez mais até finalmente se romper.

Sim, digo, por fim, com um fio de voz. Mal consigo me ouvir, meus ouvidos estão latejando. Mas sei que preciso falar algo, que não posso ignorar.

Respiro fundo e digo:

Ele disse que ia divulgar o vídeo. Para todo mundo. Para todos os meus contatos. Ele me obrigou... a fazer *aquilo*. O que você viu. E gravou com o meu telefone.

Paro de falar. É como olhar para baixo na beira de um penhasco.

Ele tinha uma faca, acrescento.

Não precisa ter pressa, Emma, diz a sargento Willan com um tom de voz gentil. Sei que deve estar sendo muito difícil para você.

Não consigo olhar para Simon, mas me obrigo a continuar.

O homem disse que, se eu contasse para alguém, para a polícia ou meu namorado, ele ficaria sabendo e mandaria o vídeo. E eu usava aquele telefone para o trabalho. Todos os meus contatos estavam ali. Meu chefe. Todo mundo da empresa. Minha família...

Tem mais uma coisa, diz o detetive Clarke. Desculpe, mas precisamos perguntar: há alguma possibilidade de que este homem tenha deixado algum resíduo de DNA? Na cama, talvez? Ou nas roupas que você estava usando?

Balanço a cabeça.

Você entendeu a pergunta, Emma?, indaga a sargento Willan. Estamos perguntando se Deon Nelson ejaculou.

Pelo canto do olho, vejo Simon cerrar os punhos.

Ele apertou meu nariz, digo num fio de voz. Ele apertou meu nariz e me fez engolir. Disse que eu precisava engolir tudo, cada gota, para que a polícia não pudesse coletar o DNA. Para que eu soubesse que não adiantaria contar o que aconteceu. Desculpe.

Finalmente consigo olhar para Simon.

Desculpe, repito.

Outro longo silêncio.

Em sua declaração anterior, Emma, diz o detetive Clarke com delicadeza, você falou que não lembrava exatamente o que tinha acontecido durante o assalto. Para que a gente possa entender melhor, poderia explicar com as próprias palavras por que nos disse aquilo?

Eu queria esquecer o que havia acontecido, respondo. Não queria admitir que estava com muito medo de contar para alguém. Eu estava com vergonha.

Começo a chorar.

Eu não queria ter que contar para Simon, digo.

Ouçõ um barulho. Simon jogou a xícara de café na parede. Fragmentos de cerâmica branca e líquido preto explodem na pedra clara.

Simon, espere, digo, desesperada.

Mas ele já tinha saído dali.

Secando os olhos na manga da camisa, pergunto:

Vocês podem usar isso para condená-lo?

Mais uma vez, os dois se entreolham.

É uma situação difícil, comenta a sargento Willan. Hoje em dia, os jurados esperam evidências de DNA. E é impossível identificar o suspeito com base no vídeo. Ele teve o cuidado de não mostrar o rosto ou a faca.

Ela faz uma pausa.

Além do mais, somos obrigados a contar para a defesa que no início você disse que não se lembrava de nada. Infelizmente, podem tentar usar isso a favor dele.

Você disse que havia outros telefones, recorro à lembrança de um jeito estúpido. Essas outras mulheres não têm provas?

Suspeitamos que ele fez com as outras exatamente o que fez com você, diz o detetive Clarke. Com o tempo, os criminosos, especialmente os que praticam crimes sexuais, tendem a desenvolver um padrão. Eles repetem o que funciona e descartam o que não dá certo. Também ficam excitados com a repetição, transformando o que

fazem num ritual. Mas, infelizmente, ainda não rastreamos as outras vítimas.

Quer dizer que nenhuma delas prestou queixa?!, exclamo, entendendo as implicações daquilo. A ameaça funcionou e elas ficaram quietas.

Parece que não, diz o detetive Clarke. Emma, eu entendo por que você não contou a ninguém. Mas é importante que a gente tenha um relato exato do que aconteceu. Você iria à delegacia para retificar seu depoimento anterior?

Concordo com tristeza. Ele pega o paletó.

Agradeço pela honestidade, diz o detetive com gentileza. Sei como deve ser difícil. Mas entenda que, de acordo com a lei, qualquer tipo de sexo sem consentimento, incluindo sexo oral, é considerado estupro. E vamos usar isso para acusar esse sujeito.

* * *

Faz mais de uma hora que Simon saiu. Eu me ocupo recolhendo os cacos da caneca quebrada e esfregando a parede para limpá-la. Como um quadro branco, penso. Mas o que está escrito aqui não pode ser apagado.

Quando ele volta, observo atentamente seu rosto, tentando desvendar seu humor. Seus olhos estão vermelhos e parece que ele andou chorando.

Desculpe, digo com tristeza.

Por quê, Em?, pergunta ele baixinho. Por que não me contou?

Achei que você ia ficar bravo.

Quer dizer que você achou que eu não ia me solidarizar?

Ele parece perplexo e aborrecido ao mesmo tempo.

Você achou que eu não ia me *importar*?

Não sei, respondo. Eu não queria pensar sobre isso. Eu estava... Eu estava com vergonha. Era muito mais fácil fingir que não tinha acontecido. E eu fiquei assustada.

Meu Deus, Em, grita ele. Eu sei que às vezes sou um pouco idiota, mas você realmente achou que eu não ia me *importar*?

Não... Eu errei, digo, condoída. Não conseguia falar com você sobre isso. Desculpe.

É como Monkford disse. No fundo, você me acha um idiota.

O que Monkford tem a ver com isso?

Ele aponta para o chão, para as belas paredes de pedra e para o dramático pé-direito duplo.

Por isso estamos aqui, não é? Porque não sou bom o bastante para você. Porque nosso antigo apartamento não era bom o bastante.

Não tem nada a ver com você, retruco, feito uma boba. E, de qualquer modo, isso não é o que eu acho.

De repente, ele balança a cabeça, e percebo que sua raiva passou tão depressa quanto surgiu. Ele diz:

Se ao menos você tivesse me contado...

A polícia acha que ele pode se safar, digo.

Percebo que é uma boa hora para dar todas as más notícias de uma vez.

O *quê?*, questiona ele.

Não chegaram a dizer isso. Mas, como mudei meu depoimento e nenhuma outra mulher deu queixa, acham que ele pode se safar. Falaram que talvez não valha a pena continuar com o processo.

Ah, não, diz ele, cerrando os punhos e batendo-os na mesa de pedra. Prometo, Emma. Se esse desgraçado for absolvido, eu mesmo vou matá-lo. E agora sei o nome dele. Deon Nelson.

AGORA: JANE

Quando meus amigos vão embora, eu me aproximo do laptop e digito “Folgate Street, nº 1”, acrescento “morte” e, por fim, “Emma”.

Nenhum resultado. Mas já aprendi que a Governanta não funciona exatamente como o Google. Enquanto o Google exhibe milhares ou até mesmo milhões de resultados, a Governanta prefere exhibir uma combinação perfeita e nada mais. De modo geral, é um alívio não ser bombardeado com tantas alternativas. Mas não é tão bom quando você não sabe ao certo o que está procurando.

* * *

O dia seguinte é segunda-feira, um dos dias em que trabalho na Still Hope. A instituição de caridade ocupa três salas lotadas em Kings Cross, e o contraste com a beleza perfeita e austera de Folgate Street, nº 1 não poderia ser mais chocante. Tenho uma mesa ali, ou melhor, metade de uma mesa que divido com Tessa, outra voluntária. E um computador muito velho.

Digito os mesmos termos de pesquisa no Google. A maioria dos resultados é sobre Edward Monkford. Irritantemente, há cerca de quinhentos links para a matéria que uma jornalista especializada em arquitetura também chamada Emma escreveu sobre ele, com a manchete “A morte da desordem”. Porém, na sexta página de resultados encontro a matéria de um jornal local.

Inquérito sobre a morte em Hendon: laudo inconclusivo

O inquérito sobre a morte de Emma Matthews, 26, encontrada morta na casa que alugava em Folgate Street, South Hendon, em julho

passado, terminou com um laudo inconclusivo, embora as investigações tenham sido prorrogadas por seis meses.

O detetive James Clarke disse: “Encontramos algumas provas potenciais, que em determinado momento levaram a uma prisão. No entanto, o Serviço de Promotoria da Coroa achou que não havia provas suficientes para comprovar que a morte de Emma tinha sido um crime. É evidente que vamos seguir com as investigações dessa fatalidade inexplicável dispondo do melhor das nossas habilidades.”

A casa, projetada por Edward Monkford, arquiteto mundialmente famoso, foi descrita pelo relatório final do legista como “um pesadelo para a saúde e para a segurança”. O inquérito anterior revelou que o corpo de Matthews fora encontrado ao pé de uma escada sem carpete.

Em 2010, os moradores da região se uniram e travaram uma longa batalha judicial para tentar impedir que a casa fosse construída, mas a permissão foi finalmente concedida pela prefeitura. Ontem, a vizinha Maggie Evans afirmou: “Diversas vezes alertamos os projetistas de que algo assim acabaria acontecendo. O melhor agora seria demolir o lugar e construir algo mais harmônico.”

A Monkford e Associados, que não foi citada no inquérito, se recusou a dar uma declaração.

Então, penso, não foram duas mortes, mas três. Primeiro, a própria família de Monkford, depois essa. Folgate Street, nº 1 é um lugar ainda mais trágico do que eu imaginava.

Visualizo o corpo de uma jovem caído ao pé da elegante escada de pedra, o sangue com o crânio despedaçado se espalhando pelo chão. O legista tinha razão, claro: a escada é ridiculamente perigosa. E por que, considerando que isso foi provado da forma mais horrenda possível, Edward Monkford não fez algo para torná-la mais segura: protegê-la com vidro ao redor, por exemplo, ou colocar um corrimão?

Mas claro que já sei a resposta. *Minhas construções exigem certas coisas das pessoas, Jane. Não acho que sejam exigências intoleráveis.* Sem dúvida há uma cláusula no contrato dizendo que os inquilinos devem usar a escada por sua conta e risco.

— Jane?

É Abby, a gerente. Ergo o olhar.

— Tem alguém aqui querendo ver você.

Ela parece um pouco aturdida, com um leve tom rosado nas bochechas.

— Ele disse que se chama Edward Monkford. E que homem bonito, aliás. Está esperando lá embaixo.

* * *

Monkford está de pé na pequena sala de espera, vestido de forma quase idêntica à da última vez que nos encontramos. Suéter preto de caxemira, camisa branca de colarinho aberto, calça preta. A única concessão ao clima frio é um lenço ao redor do pescoço, em estilo francês, feito um nó corrediço.

— Oi — digo, mas o que realmente quero dizer é: *O que diabo você está fazendo aqui?*

Ele está observando os cartazes da Still Hope nas paredes e se vira para mim assim que ouve minha voz.

— Agora faz sentido — murmura.

— O quê?

Ele aponta para um dos cartazes.

— Você também perdeu um filho.

Dou de ombros.

— Perdi, sim.

Ele não diz *sinto muito* ou qualquer um dos outros clichês que as pessoas usam quando não sabem o que dizer. Apenas balança a cabeça.

— Eu gostaria de tomar um café com você, Jane. Não consigo parar de pensar em você. Mas, se ainda for muito cedo para isso, é só me avisar que eu vou embora.

Há tantas suposições, tantas perguntas e revelações nessas três breves frases que não consigo assimilar todas. Mas o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça é: *Eu não estava errada. Foi mesmo mútuo.*

E o segundo, ainda mais certo, é: *Que bom.*

* * *

— E foi isso que aconteceu em Cambridge. Mas não há muitas oportunidades de carreira para formandos em história da arte. A verdade é que eu nunca tinha realmente parado para pensar sobre o que faria depois. Fiz um estágio na Sotheby's, mas não fui efetivada, então trabalhei em algumas galerias. Meu cargo era o de consultora de arte sênior, mas na realidade eu era só uma recepcionista de luxo. Até que fui parar na área de relações públicas. No começo eu trabalhava com contabilidade no West End, mas nunca me senti muito confortável no ambiente do Soho. Gostei do centro da cidade, onde os clientes se vestem melhor. Para ser sincera, também gostei muito do dinheiro. E o trabalho era interessante. Nossos clientes eram grandes instituições financeiras que precisavam de relações públicas para manter o nome da empresa longe dos jornais, não o contrário. Estou falando sem parar, não é?

Edward Monkford sorri e balança a cabeça.

— Gosto de ouvir você.

— E você? — pergunto. — Sempre quis ser arquiteto?

Ele encolhe os ombros magros.

— Passei algum tempo trabalhando na empresa da família, uma gráfica. Mas eu odiava. Um amigo do meu pai estava construindo uma casa de férias na Escócia e não se entendia com o arquiteto. Eu o convenci a me deixar fazer o trabalho pelo mesmo orçamento. Aprendi botando a mão na massa. Nós vamos para a cama?

A mudança de assunto é tão abrupta que fico boquiaberta.

— As relações humanas, assim como as vidas humanas, costumam acumular coisas desnecessárias — continua ele, baixinho. — Cartões de Dia dos Namorados, gestos românticos, datas especiais, carinhos sem sentido, todo o tédio e inércia dos relacionamentos tímidos e convencionais que terminam antes mesmo de começarem. Mas e se nos desapegarmos de tudo isso? Há certa pureza em um relacionamento desimpedido, uma sensação de simplicidade e liberdade. Acho emocionante que duas pessoas se encontrem sem outro objetivo senão viver o presente. E quando desejo alguma coisa, corro atrás. Mas quero deixar muito claro o que estou sugerindo.

Percebo que ele está se referindo a sexo sem compromisso. Tenho certeza de que era o que muitos dos homens que me convidaram para sair no passado queriam em vez de romance, inclusive o pai de Isabel. Mas poucos tiveram coragem de dizer isso com tanta naturalidade. E

embora uma parte de mim esteja decepcionada — eu *gosto* de um gesto romântico ocasional —, a outra parte está intrigada.

— Que cama você tem em mente? — retruco.

* * *

A resposta, é claro, é a cama de Folgate Street, nº 1. Por mais que meu relacionamento com Edward Monkford me faça acreditar que ele seja um amante pouco generoso ou reticente, será que um minimalista precisa dobrar a calça antes de transar? Será que alguém que detesta móveis macios e almofadas estampadas também detesta fluidos corporais e outros sinais de paixão? Fico agradavelmente surpresa ao constatar que a realidade é bem diferente. Tenho a mesma impressão ao perceber que sua referência a uma relação desimpedida não é um eufemismo para um relacionamento dedicado exclusivamente ao prazer do homem. Na cama, Edward é atencioso, generoso, sem a menor tendência à concisão. Só quando meus sentidos estão enevoados pelo orgasmo é que ele finalmente se permite gozar, apressando e depois contendo o movimento do quadril enquanto estremece dentro de mim, repetindo diversas vezes meu nome em voz alta.

Jane. Jane. Jane.

Quase como se estivesse tentando memorizá-lo, penso mais tarde.

* * *

Depois, quando estamos deitados lado a lado, eu me lembro da matéria que li mais cedo.

— Um homem tem deixado flores na minha porta. Ele disse que eram para uma mulher chamada Emma, que morreu. Teve algo a ver com a escada, não foi?

Sua mão, que preguiçosamente acaricia minhas costas de cima e a baixo, não para de se mover.

— É verdade. Ele está sendo inoportuno?

— Nem tanto. Mas se perdeu alguém que amava...

Edward fica em silêncio por um instante.

— Ele me culpa... Está convencido de que, de algum modo, a casa foi responsável. Mas a necropsia comprovou que ela havia bebido. E o chuveiro estava ligado quando a encontraram. Ela deve ter descido correndo a escada com os pés molhados.

Franzo a testa. Correr me parece algo muito improvável para ser feito na tranquilidade desta casa.

— Fugindo de alguém, você quer dizer?

Ele dá de ombros.

— Ou correndo para abrir a porta.

— A matéria que eu li dizia que a polícia prendeu uma pessoa. Mas não revelava quem. E quem quer que tenha sido, tiveram que libertá-lo.

— É mesmo? — Seus olhos claros são inescrutáveis. — Não lembro todos os detalhes. Na época eu estava viajando a trabalho.

— E ele me falou que alguém, um homem, envenenou a mente dela...

Edward olha para o relógio de pulso e se senta.

— Desculpe, Jane. Eu tinha esquecido completamente... Preciso fazer a inspeção num canteiro de obras.

— Não dá tempo nem de comer alguma coisa? — pergunto, decepcionada por ele ir embora tão cedo.

Edward nega com a cabeça.

— Obrigado, mas estou atrasado. Depois te ligo.

Ele já está pegando as roupas.

4. *Não tenho tempo para pessoas que não se esforçam para aperfeiçoar a si mesmas.*

Concordo *Discordo*

ANTES: EMMA

O fato, diz Brian com agressividade, é que não podemos traçar uma missão até decidirmos quais são nossos valores.

Ele olha ao redor da sala de reunião, como se desafiasse alguém a discordar.

Estamos na sala 7b, uma caixa com paredes de vidro idêntica à 7a e à 7c. Alguém escreveu o objetivo da reunião em um quadro de avisos. *Elaboração da missão da empresa.* Páginas rasgadas de uma reunião anterior ainda estão grudadas no vidro. Uma diz: *Resposta em vinte e quatro horas? Capacidade de armazenamento de emergência?* Parece muito mais emocionante do que nossa tarefa atual.

Faz mais de um ano que venho tomando providências a fim de mudar para o departamento de marketing. Contudo, suspeito que atualmente minha presença neste lugar tenha mais a ver com o fato de que sou amiga de Amanda, e, portanto, de Saul, do que com o desejo de Brian de que eu esteja presente. Saul tem grande influência no setor financeiro. Tento assentir energicamente toda vez que Brian olha na minha direção. Por algum motivo, eu achava que marketing seria mais glamouroso do que isto.

Alguém pode fazer o papel de secretária?, pergunta Leona, olhando para mim.

Aproveito a deixa e fico ao lado do quadro de avisos, com o pilot em uma das mãos, bancando a garota nova e ansiosa. No topo da página, escrevo *VALORES*.

Energia, sugere alguém.

Obedientemente, eu anoto.

Positividade, diz outra pessoa.

Mais vozes se intrometem.

Assistência. Dinamismo. Confiabilidade.

Charles diz:

Emma, você não escreveu “dinamismo”.

Dinamismo foi a sugestão dele.
Não é o mesmo que “energia”?, pergunto.
Brian franze a testa. De qualquer forma, escrevo “dinamismo”.
Acho que devemos nos perguntar qual é exatamente o maior propósito da Flow, fala Leona, olhando ao redor, cheia de si. E qual é a contribuição original que a Flow pode oferecer às pessoas.
Há um longo silêncio.
Fornecimento de garrafas d’água?, sugiro.
Digo isso porque o negócio da Flow é fornecer garrafões de água que são colocados nos bebedores dos escritórios. Brian franze o cenho outra vez e decido ficar calada.
Água é essencial. Água é *vida*, diz Charles. Escreva isso, Emma.
Obedeço com humildade.
Li em algum lugar, acrescenta Leona, que somos feitos sobretudo de água. Então, a água é, literalmente, grande parte de nós.
Hidratação, diz Brian, pensativo.
Várias pessoas assentem, inclusive eu.
A porta se abre e Saul enfia a cabeça para dentro da sala.
Ah, os gênios criativos do marketing trabalhando pesado, diz ele em tom alegre. Como estão indo?
Brian resmunga.
Na tarefa infernal de redigir a missão, responde ele.
Saul olha para o quadro.
É bem simples, não? Poupar as pessoas do incômodo de abrir uma torneira e cobrar um preço altíssimo por isso.
Qual é?!, retruca Brian, rindo. Você não está ajudando.
Está tudo bem, Emma?, pergunta Saul com um tom de voz animado.
Ele pisca para mim. Vejo a cabeça de Leona se virar na minha direção. Aposto que ela não sabia que eu tinha amigos no setor administrativo.
Escrevo *Principalmente água e Hidratação*.

* * *

Quando a reunião enfim termina — ao que parece, a missão da Flow e seu maior propósito é *promover mais encontros no bebedouro, todos os dias e em todos os lugares*, uma visão adequadamente brilhante e

criativa, com a qual todos ali concordam —, volto para minha mesa e espero o escritório esvaziar durante o horário de almoço antes de discar um número.

Monkford e Associados, diz uma voz feminina educada.

Edward Monkford, por favor.

Silêncio. A Monkford e Associados não usa música gravada.

Depois:

Aqui é Edward.

Sr. Monkford, é Emma. Da Folgate Street, nº 1.

Pode me chamar de Edward.

Edward, preciso fazer uma pergunta sobre nosso contrato.

Sei que deveria ter entrado em contato com Mark, o corretor, para discutir esse tipo de coisa. Mas tenho a impressão de que ele contaria para Simon.

Infelizmente as regras não são negociáveis, Emma, diz Edward Monkford com firmeza.

Não tenho nenhum problema com as regras, afirmo. Muito pelo contrário. E não quero sair da casa.

Uma pausa.

Por que você teria que ir embora?

O contrato que Simon e eu assinamos... O que aconteceria caso um de nós deixasse de morar ali e o outro quisesse ficar?

Você e Simon não estão mais juntos? Sinto muito, Emma.

No momento é... uma questão hipotética. Eu só queria saber o que aconteceria.

Minha cabeça está latejando. Só o pensamento de abandonar Simon me dá uma sensação estranha, feito uma vertigem. Será que foi o assalto que causou isso? Ou minhas conversas com Carol? Ou será que foi a própria casa, com aqueles espaços vazios poderosos onde, subitamente, todas as coisas ficam bem mais claras?

Edward Monkford reflete.

Tecnicamente, diz ele, você estaria violando o contrato. Mas imagino que possa assinar um acordo de alteração afirmando que assume todas as responsabilidades. Qualquer advogado competente é capaz de redigir um acordo desses em dez minutos. Você ainda conseguiria pagar o aluguel?

Não sei, respondo com sinceridade. Folgate Street, nº 1 pode ser absurdamente barata para um lugar tão incrível, porém ainda é mais do que posso pagar com meu pequeno salário.

Bem, tenho certeza de que podemos chegar a um acordo.

É muita gentileza sua, digo.

Então me sinto ainda mais desleal, porque se Simon estivesse ouvindo a conversa diria que eu liguei para Edward Monkford e não para o corretor porque esperava conseguir exatamente este resultado.

* * *

Simon volta para casa cerca de uma hora depois de mim.

O que é tudo isso?, pergunta ele.

Estou cozinhando, digo, sorrindo para ele. Seu prato favorito. Bife Wellington.

Uau, diz ele, espantado, olhando de um lado para outro da cozinha. É verdade que está uma bagunça, mas ao menos dá para ele ver o esforço que fiz.

Quanto tempo levou?, indaga ele.

Fiz as compras na hora do almoço e saí do trabalho a tempo de preparar tudo, conto, orgulhosa.

Eu me senti péssima assim que desliguei o telefone após falar com Edward Monkford. No que eu estava pensando? Simon tem se esforçado tanto, e eu realmente ando me comportando como um monstro nas últimas semanas. Decidi que faria as pazes com ele, começando ainda esta noite.

Tem vinho também, digo.

Os olhos dele se arregalam quando percebe que já tomei um terço da garrafa, mas não comenta nada.

Ah, e azeitonas, batata frita e vários petiscos, acrescento.

Vou tomar banho, avisa ele.

Quando volta, de banho tomado e com outra roupa, a carne está no forno e eu já me sinto um pouco bêbada. Ele me entrega um embrulho.

Eu sei que é só amanhã, querida, diz ele, mas quero lhe dar isso agora. Feliz aniversário, Em.

Pelo formato do embrulho, percebo que é um bule de chá, mas só ao abrir o pacote percebo que não é um bule qualquer e, sim, uma bela peça art déco em forma de pena de pavão, como algo tirado de um transatlântico da década de 1930. Suspiro.

É maravilhoso, digo.

Encontrei na internet, conta ele, orgulhoso. Você reconheceu? É o mesmo que Audrey Hepburn usa em *Bonequinha de luxo*. Seu filme favorito. Encomendei em uma loja de antiguidades nos Estados Unidos.

Você é incrível, digo.

Coloco o presente na bancada e me sento em seu colo.

Eu te amo, murmuro, mordiscando a orelha dele.

Faz muito tempo que não digo isso. Nenhum de nós tem dito, aliás. Escorrego a mão por entre as coxas dele.

O que deu em você?, pergunta Simon, impressionado.

Nada, respondo. Talvez eu devesse dar para você e descobrir.

Eu me remexo em seu colo e sinto que ele está começando a ficar duro.

Você tem sido tão paciente, sussurro em seu ouvido.

Deslizo para baixo até ficar de joelhos entre suas pernas. Eu estava planejando fazer isso mais tarde, depois do jantar, mas não há momento melhor do que este, afinal o vinho está ajudando. Baixo o zíper dele e tiro o pênis da calça. Olhando para cima, abro o que espero ser um sorriso sacana e convidativo, em seguida envolvo a glândula com os lábios.

Por cerca de um minuto Simon permite. Mas sinto que ele está ficando mais mole, em vez de mais duro. Redobro os esforços, mas isso só piora as coisas. Quando olho outra vez, percebo que seus olhos estão bem fechados, os punhos, cerrados, como se ele estivesse se esforçando desesperadamente para conseguir uma ereção.

Humm, murmuro para encorajá-lo. Hummmmm.

Ao ouvir o som da minha voz, seus olhos se abrem e ele me afasta.

Meu Deus, Emma. Ele se levanta, colocando o pênis de volta na calça. Meu Deus, repete.

O que houve?!, exclamo, entorpecida.

Ele me encara e exhibe uma expressão estranha.

Deon Nelson, diz.

O que tem ele?

Como você pode fazer comigo o que fez com... aquele *desgraçado*?

É a minha vez de encará-lo.

Não seja ridículo, digo.

Você deixou que ele gozasse na sua boca, retruca Simon.

Estremeço como se tivesse levado um tapa.

Eu não *deixei*. Ele me *obligou*. Como você pode dizer uma coisa dessas? Como se atreve?

Meu humor muda novamente, passando da euforia ao sofrimento.

Devíamos comer, sugiro, me levantando.

Espere, pede ele. Preciso contar uma coisa.

Simon parece tão triste que penso: *Pronto. Ele vai terminar comigo.*

A polícia me procurou hoje, avisa ele. Por causa de uma... discrepância no meu depoimento.

Como assim discrepância?

Ele se aproxima da janela. Já escureceu, mas ele olha para fora como se pudesse enxergar alguma coisa.

Depois do assalto, diz ele, dei um depoimento para a polícia. Eu disse para eles que estava em um pub.

Eu sei, digo. O Portland, não é?

Acontece que não era o Portland, diz. Eles verificaram. Lá não tem licença para funcionar até mais tarde. Por isso conferiram o histórico do meu cartão de crédito.

Parece muito trabalho só para descobrir em que bar Simon estava.

Por quê?, pergunto.

Disseram que, se não checassem, a advogada de Nelson poderia alegar que eles não estavam fazendo seu trabalho.

Simon faz uma pausa.

Eu não estava em um bar naquela noite, Emma. Eu estava em uma boate. Uma boate de striptease.

Então, quer dizer, pronuncio as palavras devagar, que enquanto eu estava sendo *estuprada* por aquele monstro, você estava vendo mulheres nuas?

Estávamos em grupo, Em. Saul e alguns outros caras. Não foi ideia minha. Eu nem gostei daquilo.

Quanto você gastou?

Ele parece confuso.

O que isso tem a ver?

Quanto você gastou?, grito.

Minha voz ecoa pelas paredes de pedra. Até o momento eu não havia percebido que havia eco em Folgate Street, nº 1. É como se a casa estivesse do meu lado e gritasse com ele também.

Simon suspira.

Não sei. Trezentas libras.

Meu Deus, digo.

A polícia acha que tudo isso vai vir à tona no tribunal, comenta ele.

Finalmente minha ficha cai. Não é só o fato de Simon ser capaz de gastar dinheiro que não tem para ver mulheres nuas que não pode comer só porque os amigos o arrastaram até lá. Não é o fato de ele achar que, de algum modo, estou maculada por causa do que aquele homem fez comigo. Mas é o que isso pode significar para o caso contra Deon Nelson. A defesa vai alegar que nosso relacionamento é complicado, que mentimos um para o outro, assim como para a polícia. Vão dizer que consenti naquela noite, e por isso não relatei o estupro.

Tento me aproximar da pia, mas não consigo conter o enjoo — todo aquele vinho tinto, as azeitonas pretas e os petiscos para nossa noite especial —, e uma torrente de vômito quente e amargo sai da minha boca.

Dê o fora daqui, digo assim que termino. Ande logo. Pegue suas coisas e vá embora.

Passi a vida inteira feito uma sonâmbula, deixando esse homem fraco e idiota fingir que me ama. Está na hora de acabar com isso.

Vá embora, insisto.

Em, suplica Simon. Em, ouça o que está dizendo. Esta não é você. Só está falando isso por causa de tudo o que aconteceu. Nós nos amamos. Vamos superar isso. Não diga algo de que vai se arrepender amanhã.

Não vou me arrepender amanhã, afirmo. Nunca vou me arrepender. Acabou, Simon. Já faz muito tempo que não está dando certo. Não quero mais ficar com você e finalmente encontrei coragem para dizer isso.

AGORA: JANE

— Ele disse *o quê?*

— Ele disse que existe uma pureza emocionante em um relacionamento desimpedido. Quer dizer, posso estar parafraseando um pouco, mas foi basicamente isso.

Mia parece chocada.

— Esse cara está falando sério?

— Bem, essa é a questão. Ele é tão... diferente de qualquer outra pessoa com quem eu já me relacionei...

— Tem certeza de que você não está sofrendo de Síndrome de Estocolmo, ou seja lá como chamam aquilo? — Mia olha ao redor para os espaços claros e vazios de Folgate Street, nº 1. — Morar aqui... deve ser um pouco como ficar presa dentro da cabeça de Edward. Talvez ele esteja fazendo uma lavagem cerebral em você.

Dou risada.

— Com certeza eu acharia Edward interessante mesmo se não morasse em uma casa que ele projetou.

— E você? O que ele vê em você, querida? Além dessa merda de desimpedimento, ou seja lá como se chama isso.

— Não sei. — Suspiro. — De qualquer forma, acho que perdi a chance de descobrir.

Conto que Edward se levantou abruptamente da cama e ela franze a testa.

— Parece que ele tem sérios problemas, J. Talvez você devesse evitar esse cara.

— Todo mundo tem problemas — digo com calma. — Até mesmo eu.

— Duas pessoas problemáticas não se completam. O que *você* precisa agora é de alguém bom e íntegro. Alguém que cuide de você.

— Infelizmente, acho que bom e íntegro não faz meu tipo.

Mia não comenta nada.

— E não houve nenhum contato desde então?

Nego com a cabeça.

— Eu não liguei para ele.

Não menciono o e-mail propositalmente casual que enviei no dia seguinte e que não teve resposta.

— Bem, *isso* é que é desimpedimento. — Ela fica em silêncio por um instante. — E o cara das flores? Alguma notícia?

— Não. Mas Edward disse que a morte foi um acidente. Ao que parece, a pobre garota caiu da escada. Ou seja, a polícia chegou a considerar a hipótese de um crime, mas não conseguiu levar o caso adiante.

Mia olha para mim.

— *Aquela* escada?

— É.

— E um crime... Como assim? Você não fica assustada em saber que está morando na cena de um crime?

— Na verdade, não — respondo. — Quer dizer, foi uma tragédia, claro. Mas, como eu já disse, provavelmente não é a cena de um crime. Muita gente morre em casa.

— Não desse jeito. E você mora aqui sozinha...

— Eu não tenho medo. É uma casa muito tranquila.

Carrego o peso de um bebê morto nas costas, penso. A morte de uma estranha, ocorrida vários anos atrás, dificilmente me incomodaria.

Mia pega o iPad.

— Qual era o nome dela?

— Emma Matthews. Por quê?

— Você não está curiosa? — Mia toca na tela. — Caramba.

— O quê?

Sem dizer nada, ela me mostra. Na tela há a foto de uma mulher de vinte e poucos anos. É muito bonita, magra e de cabelo castanho. De algum modo, me parece familiar.

— E daí?

— Você não consegue ver? — pergunta Mia.

Observo a imagem mais uma vez.

— Ver o quê?

— J., ela se parece muito com você. Ou melhor, *you* se parece muito com *ela*.

Acho que de certa forma é verdade. A mulher e eu temos o mesmo biotipo incomum: cabelo castanho, olhos azuis e pele muito pálida. Ela é mais magra do que eu, mais nova e, para ser sincera, mais bonita e usa mais maquiagem — duas camadas dramáticas de rímel preto —, mas definitivamente percebo a semelhança.

— Não é só o rosto — acrescenta Mia. — Notou o jeito dela? Boa postura. Você se porta exatamente assim.

— Eu?

— Você sabe que sim. Ainda acha que ele não tem problemas?

— Pode ser uma coincidência — respondo, por fim. — E não há nenhum motivo para achar que Edward estava se relacionando com essa garota. Quantos milhões de mulheres no mundo têm cabelo castanho e olhos azuis?

— Ele sabia como você era antes de você se mudar?

— Sabia — admito. — Teve uma entrevista.

E, antes disso, o pedido de três fotos. Não pensei nisso no momento, mas, afinal, por que um proprietário precisaria ver retratos dos inquilinos?

Os olhos de Mia se arregalam quando surge outra dúvida.

— E a esposa dele? Qual era o nome *dela*?

— Mia, não... — digo com um fio de voz.

Tenho certeza de que isso já foi longe demais. Mas ela já está tocando na tela.

— Elizabeth Monkford, anteriormente Elizabeth Mancari — anuncia ela pouco depois. — Agora vamos pesquisar as imagens... — Mia rola depressa as fotos. — Essa não pode ser ela... Nacionalidade errada... Achei.

Ela dá um assobio de surpresa.

— O que foi?

Mia volta a tela para mim.

— Afinal de contas, a coisa não é tão desimpedida assim — murmura ela.

A foto mostra uma jovem de cabelo castanho sentada numa prancheta de arquiteto, sorrindo para a câmera. A imagem está muito granulada, mas dá para perceber que a mulher se parece muito com Emma Matthews e, portanto, suponho que também se pareça comigo.

ANTES: EMMA

Contar para Simon e para a polícia que eu menti ao dizer que não me lembrava do estupro já foi ruim o bastante, mas contar para Carol quase foi pior. Para meu alívio, ela foi muito gentil.

Você não tem culpa de nada, Emma, diz ela. Às vezes simplesmente não estamos prontos para lidar com a verdade.

Contudo, para minha surpresa, o foco dela durante a sessão não é Deon Nelson e suas terríveis ameaças, mas Simon. Ela quer saber como ele reagiu à separação, se tem mantido contato — sim, é claro, constantemente, embora eu não esteja mais respondendo às mensagens — e o que vou fazer com relação a isso.

E você, Emma?, pergunta ela, por fim. O que *you* quer que aconteça?

Não sei, respondo, dando de ombros.

Bem, veja só, a separação é definitiva?

Simon acha que não, admito. Já terminamos uma vez, mas ele sempre implora, implora, implora até que finalmente me parece mais fácil voltar para ele. Mas desta vez é diferente. Eu me liberei de todas as minhas velharias, todas aquelas coisas inúteis. Acho que isso me deu força para me livrar dele também.

Mas um relacionamento entre duas pessoas é muito diferente de uma velharia, declara ela.

Olho feio para ela.

Você acha que estou fazendo a coisa errada?

Ela reflete por um instante.

Um dos aspectos curiosos de uma experiência traumática como a que você viveu, diz ela, é que às vezes o resultado é uma flexibilização dos limites existentes. Algumas vezes as mudanças são temporárias. Mas, outras, a pessoa acaba gostando do novo aspecto da sua personalidade, e isso se torna parte dela. Não cabe a mim dizer se é uma coisa boa ou ruim, Emma. Só você pode decidir.

* * *

Depois da sessão de terapia, tenho hora marcada com o advogado responsável pela alteração do contrato de aluguel. Edward Monkford tinha razão: procurei um escritório de advocacia e descobri que eles poderiam fazer o serviço por cinquenta libras.

O único problema, disse o advogado com quem falei, era que talvez Simon também tivesse que assinar.

Por mais cinquenta libras ele concordou em verificar toda a papelada.

Hoje, o mesmo advogado confessa que nunca tinha visto um contrato como aquele.

Quem quer que tenha redigido isso, diz ele, tinha a intenção de que fosse inequívoco. Por segurança, você deveria pedir que Simon também assinasse os papéis.

Duvido que ele assine qualquer coisa que formalize a separação, mas pego os documentos mesmo assim. Enquanto procura um envelope, o advogado diz, em tom casual:

Aliás, verifiquei o histórico da propriedade no arquivo do conselho. É impressionante.

É mesmo? Por quê?

Parece que Folgate Street, nº 1 tem uma história bastante trágica, diz ele. A casa original foi destruída por uma bomba alemã durante a guerra e todos os moradores morreram, uma família inteira. Como não havia parentes vivos, o conselho emitiu uma ordem de aquisição compulsória para demolir o que havia restado da propriedade. O terreno ficou abandonado até ser comprado por esse arquiteto. O projeto original dele previa uma casa muito mais convencional, depois alguns vizinhos escreveram ao conselho reclamando que tinham sido enganados. Ao que parece, as coisas esquentaram.

Mas seguiram adiante, comento, sem nenhum interesse pelo passado da casa.

Sim. E então, para adicionar um toque de insulto à injúria, ele pediu permissão para enterrar alguém ali. Na verdade, duas pessoas.

Enterrar alguém?, repito, intrigada. E isso é permitido?

O advogado assente.

É um processo surpreendentemente simples. Desde que a Agência de Meio Ambiente não tenha objeções e não haja estatutos locais

contra isso, o conselho é mais ou menos obrigado a conceder permissão. O único requisito é que, por razões óbvias, os nomes dos falecidos e a localização deles sejam demarcados nos projetos. Aqui estão.

Ele pega uma cópia grampeada e desenrola um mapa na parte de trás. *Lugar do repouso final da Sra. Elizabeth Domenica Monkford e Maximilian Monkford*, lê em voz alta.

Ele os coloca no envelope com os outros documentos e os entrega para mim.

Aí está. Pode ficar, se quiser.

AGORA: JANE

Quando Mia vai embora, abro o laptop e digito “Elizabeth Mancari” para dar mais uma olhada sem ter minha amiga pairando por cima do meu ombro. Mas a Governanta não exhibe nenhuma das imagens que tínhamos encontrado antes.

O que eu disse para Mia é verdade: no pouco tempo desde que moro aqui, nunca achei Folgate Street, nº 1 um lugar assustador. Mas agora o silêncio e o vazio parecem assumir um tom mais sinistro. Ridículo, claro, como sentir medo depois de ouvir uma história de terror. Mesmo assim, configuro a luz mais brilhante e dou uma volta para verificar... o quê? Nenhum intruso, obviamente. Mas, por algum motivo, a casa já não me parece tão protetora.

Tenho a sensação de estar sendo observada.

Deixo isso de lado. Assim que me mudei, lembro a mim mesma, aqui parecia um set de filmagem. E eu gostei dessa impressão. Tudo o que aconteceu desde então foi um pouco de sexo estúpido e frustrado com Edward Monkford e a descoberta de que ele prefere determinado tipo de mulher.

Caída ao pé da escada com o crânio esmagado.

Não era bem a minha intenção, mas me aproximo e observo o local. Será que aquilo era um resíduo de sangue que fora limpo muito tempo atrás? Mas, é claro, digo para mim mesma, eu não sei nem se houve *sangue*.

Olho para cima e deparo com algo no topo da escada. Uma fresta de luz que não estava ali antes.

Subo a escada com cautela, os olhos fixos naquele ponto. Assim que me aproximo, a fresta contorna uma portinha que não tem mais de um metro e meio de altura. É um painel embutido na parede, semelhante aos armários ocultos no quarto e na cozinha. Mas eu nunca tinha notado esse.

— Olá? — digo.

Nenhuma resposta.

Eu me aproximo e escanco a porta. Lá dentro, encontro um armário alto e fundo, cheio de material de limpeza: esfregões, rodos, um aspirador, uma enceradeira e até uma escada dobrável. Quase caio na gargalhada. Eu deveria ter adivinhado que haveria algo assim em Folgate Street, nº 1. A faxineira — uma senhora japonesa de meia-idade que não fala quase nada de inglês e que resiste a todas as minhas tentativas de interação durante suas visitas semanais — deve tê-la deixado entreaberta.

Parece que o armário foi projetado para também dar acesso a outras áreas de serviço da casa. Uma das paredes é coberta de fiação. Cabos de computador serpenteiam pelas entranhas de Folgate Street, nº 1 através de um alçapão no teto.

Abro caminho por entre os produtos de limpeza e enfio a cabeça no buraco do alçapão. Com a ajuda da lanterna do celular, vejo um vão cheio de cabos que cobre toda a extensão da casa. O vão se abre para um espaço maior, parecido com um sótão, em cima do quarto. Na outra extremidade, vejo apenas algumas tubulações de água.

Acho que posso ter encontrado uma solução para algo que está me incomodando. Não consegui doar as roupas não usadas e outros objetos de Isabel para a caridade junto com meus livros, mas desencaixotar essas coisas e arrumar nos armários da casa também me parecia errado. A mala continuava no quarto desde que me mudei, esperando que eu decidisse o que fazer com ela. Vou buscá-la e, em seguida, a empurro pelo vão até chegar ao sótão. A mala pode ficar aqui em cima, fora do caminho.

A lanterna do celular não é muito forte, e somente quando sinto algo macio sob os pés e olho para baixo noto um saco de dormir enfiado entre duas vigas. Está coberto de poeira, o que significa que está ali há muito tempo. Eu o pego, e algo cai dali de dentro. Uma calça de pijama com estampa de maçãzinhas. Revisto o interior do saco de dormir, mas não há nada ali, com exceção de algumas meias enroladas no fundo e um cartão de visita, muito amassado. CAROL YOUNSON. PSICOTERAPEUTA CREDENCIADA. Um site e um número de telefone.

Dando meia-volta, vejo mais coisas espalhadas: algumas latas vazias de atum, tocos de velas, um frasco de perfume vazio, uma garrafa de plástico de energético.

Estranho. Estranho e inexplicável. Não tenho como saber se o saco de dormir era de Emma Matthews e nem mesmo sei quantas outras pessoas moraram em Folgate Street, nº 1. E, se o saco *fosse mesmo* de Emma, obviamente nunca vou saber que medo obscuro a fez sair daquele quarto lindo e elegante para vir dormir aqui em cima.

Meu celular toca alto demais naquele espaço confinado. Eu atendo.
— Jane, é Edward — diz uma voz familiar.

ANTES: EMMA

Tento convencer Simon a me encontrar em algum local neutro, como um pub. Mas, embora diga que vai assinar os papéis, ele se recusa terminantemente a fazer isso em outro lugar que não seja Folgate Street, nº 1.

Preciso passar lá de qualquer modo, diz ele. Não levei tudo quando me mudei.

Mesmo relutante, concordo. Configuro a forma mais clara de iluminação, visto uma calça jeans surrada e uma camisa velha sem qualquer glamour. Estou arrumando a cozinha — é impressionante como a desordem se acumula mesmo tendo tão pouca coisa — quando ouço um barulho atrás de mim. Suspiro.

Oi, Em, diz ele.

Meu Deus, que susto!, exclamo, furiosa. Como foi que você entrou?

Estou usando o código de acesso enquanto não termino de buscar todas as minhas coisas, responde ele. Não se preocupe, depois eu apago.

Tudo bem, então, digo com relutância.

Faço uma anotação mental para pedir que Mark, o corretor, bloqueie o código dele.

Como tem passado?, pergunta Simon.

Estou bem.

Sei que eu também deveria perguntar como ele está, mas dá para ver que não anda bem. Sua pele exhibe aquela aparência pálida e inchada de quando ele bebe demais, e seu novo corte de cabelo é horrível.

Aqui está o acordo, digo, entregando-o com uma caneta. Eu já assinei.

Ei! Ei! Por que não bebemos algo primeiro?

Acho que não é uma boa ideia, Si, digo.
Mas, a julgar pelo sorriso dele, percebo que já andou bebendo.
Está tudo errado, afirma Simon quando termina de ler o documento.

Foi feito por um advogado, comento.

Quero dizer que estamos fazendo tudo errado. Nós nos amamos, Em. Tivemos problemas, mas, no fundo, nós nos amamos.

Por favor, não dificulte as coisas, Simon.

Dificultar?, retruca ele. Que exagero, não acha? E ainda fui eu que acabei sendo expulso sem ter onde morar. Se eu não soubesse que você vai acabar me aceitando de volta, ficaria muito chateado.

Eu não vou aceitar você de volta, digo.

Ah, vai, sim.

Não vou, não, retruco.

Mas eu *estou* de volta, não é mesmo? Estou aqui.

Só para buscar suas coisas.

Ou para voltar para onde minhas coisas estão.

Simon, você precisa ir embora, digo, começando a ficar brava.

Ele se debruça sobre o balcão.

Só depois de bebermos algo e conversarmos direito, anuncia.

Putá que o pariu, grito. Você não pode se comportar como adulto uma vez na vida?

Em, Em, ameniza Simon. Não se irrite. Só estou dizendo que te amo e não quero te perder.

Como se este fosse o caminho, retruco.

Ah!, exclama ele. Então *pode* ser que haja um caminho?

Fico dividida. Se eu disser que pode haver uma chance de reatarmos em algum momento no futuro, talvez ele vá embora sem causar problemas. A antiga Emma teria dito sim. Porém, a nova Emma é mais forte.

Não, digo com firmeza, não há qualquer possibilidade de voltarmos, Simon.

Ele se aproxima de mim e coloca as mãos em meus ombros. Sinto cheiro de bebida alcoólica em seu hálito.

Eu te amo, Em, repete.

Não, digo, me desvencilhando.

Não posso simplesmente deixar de amar você, diz ele.

Seus olhos estão um pouco insanos.

Um telefone toca. Olho ao redor. Meu celular está piscando e tocando, vibrando perto da borda do balcão.

Me largue, digo, empurrando seu peito.

Desta vez ele me solta e eu pego o telefone.

Alô?

Emma, é Edward. Eu só queria saber se você conseguiu resolver as questões do contrato sobre as quais conversamos.

O tom de voz de Edward Monkford é formal e educado.

Consegui, obrigada. Na verdade, Simon está aqui agora, prestes a assinar a papelada.

Não me contenho e acrescento:

Pelo menos espero que ele assine.

Há um breve silêncio.

Você poderia passar o telefone para ele?

Noto o rosto de Simon ficar sombrio enquanto Edward fala com ele. A conversa dura cerca de um minuto, e durante todo o tempo Simon mal diz uma palavra, murmurando apenas ahã e uhum ocasionalmente.

Tome, diz ele, mal-humorado, me devolvendo o celular.

Simon vai assinar os papéis agora, Emma, diz Edward. E depois vai embora. Vou passar aí para conferir se ele realmente foi embora, mas também porque quero levá-la para a cama. Não diga isso para Simon, é claro.

Ele desliga. Olho para o celular, atônita. Acabei mesmo de ouvir isso? Mas eu sei que sim.

Pergunto para Simon:

O que ele disse?

Eu não machucaria você, diz ele com tristeza, sem responder à pergunta. Eu nunca machucaria você. Não de propósito. Não tenho como parar de amar você, Em. E eu *vou* reconquistá-la. Você vai ver.

* * *

Quanto tempo será que Edward Monkford vai demorar? Será que dá para tomar banho? Dou uma olhada na casa e percebo que há cerca de uma dúzia de violações às regras bem evidentes. Coisas no chão, objetos nas bancadas, um exemplar da revista *Metro* na mesa de pedra, a lixeira transbordando no chão. Sem mencionar que o quarto

parece ter sido atingido por uma bomba e que não limpei todas as manchas de vinho que ficaram depois da festa. Tomo um banho rápido e, em seguida, arrumo tudo às pressas, escolhendo o que vestir no caminho, uma saia simples e uma camisa. Fico em dúvida quanto ao perfume, mas decido que seria um pouco exagerado. Parte de mim ainda acha que Edward pode estar brincando ou que ouvi errado.

Mas espero que não.

Meu celular vibra de novo. É a Governanta me informando que tem alguém à porta. Seleciono “vídeo” e vejo Edward. Ele trouxe um buquê de flores e uma garrafa de vinho.

Eu não estava enganada. Aperto “Aceitar” para deixá-lo entrar.

Quando chego à escada, ele já está lá embaixo me olhando com avidez. Não dá para descer a escada correndo. Somos obrigados a andar com cuidado, formalmente, um passo de cada vez. Já me sinto tonta de expectativa mesmo antes de chegar perto dele.

Oi, digo, nervosa.

Ele estende a mão e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha esquerda. Sinto o cabelo ainda molhado e frio no meu pescoço. Seus dedos roçam o lóbulo da minha orelha e eu me sobressalto.

Está tudo bem, diz Edward baixinho. Está tudo bem.

Seus dedos percorrem meu queixo e erguem minha cabeça com delicadeza.

Emma, diz ele. Não consigo parar de pensar em você. Mas, se for cedo demais, basta dizer e eu vou embora.

Ele abre os dois primeiros botões da minha blusa. Estou sem sutiã.

Você está tremendo, diz ele.

Fui estuprada.

Não era minha intenção deixar isso escapar. Só queria que ele entendesse que é algo muito significativo para mim, que ele é especial.

Seu rosto fica sombrio no mesmo instante.

Por Simon?, pergunta, furioso.

Não. Ele nunca... Foi um dos assaltantes. Eu lhe contei sobre eles.

Então, é cedo demais, constata Edward.

Ele tira a mão de dentro da minha blusa e fecha os botões. Eu me sinto como uma criança sendo vestida para ir à escola.

Eu só queria que você soubesse. No caso... Ainda podemos ir para a cama, se você quiser, digo com timidez.

Não, não podemos, afirma ele. Hoje, não. Hoje você vem comigo.

5a) *Você tem que escolher entre salvar a estátua do David de Michelangelo ou uma criança de rua morrendo de fome. O que você escolhe?*

A estátua

A criança

AGORA: JANE

— Pare aqui — diz Edward ao taxista.

Estamos em pleno centro da cidade. Por todos os lados, dramáticas construções modernas de vidro e aço pairam sobre nós. Apenas os topos do Caco de Vidro e do Ralador de Queijo, isto é, a London Bridge Tower e o Leadenhall Building, estão visíveis mais acima. Enquanto paga o taxista, Edward me flagra observando.

— Prédios troféu — diz ele com desdém. — Vamos até lá.

Ele me guia em direção a uma igreja; uma igreja paroquial pequena e simples que mal notei, escondida entre todas as gigantescas estruturas modernistas. Por dentro é linda: bem básica, quase quadrada, mas inundada de luz que entra pelas grandes janelas no alto das paredes. As paredes têm o mesmo tom claro de bege da casa da Folgate Street. A luz do sol forma uma treliça de sombras no chão por causa das juntas de chumbo nas vidraças. Com exceção de nós dois, o lugar está deserto.

— Este é meu prédio favorito em Londres — conta ele. — Olhe só.

Sigo seu olhar e fico sem fôlego. Acima das nossas cabeças há uma enorme cúpula. O vazio iluminado domina a pequena igreja, que flutua sobre pilares finíssimos ao longo de toda a nave central. O altar, ou o que suponho ser o altar, fica logo abaixo: uma pedra redonda e maciça com um metro e meio de diâmetro posicionada no centro da igreja.

— Antes do grande incêndio de Londres havia dois tipos de igrejas. — Noto que ele não sussurra. — As igrejas góticas, escuras e sombrias, construídas da mesma maneira desde a época que a Inglaterra era católica, repletas de arcos, ornamentos, vitrais, e as capelas sem decoração dos puritanos. Depois do incêndio, os homens que reconstruíram Londres viram a oportunidade de criar um novo tipo de arquitetura: lugares que todos pudessem adorar, independentemente da crença religiosa. Então, adotaram este estilo

despojado, sem ornamentos. Mas sabiam que precisavam substituir a escuridão gótica por alguma coisa.

Ele aponta para o chão, para a treliça de luz solar que deixa a pedra brilhando como se estivesse sendo iluminada de dentro para fora.

— Luz — completa ele. — O Iluminismo tinha a ver, literalmente, com luz.

— Quem foi o arquiteto?

— Christopher Wren. Os turistas vão à Catedral de St. Paul, mas esta é sua obra-prima.

— É linda — digo com sinceridade.

Quando Edward me ligou mais cedo, não houve qualquer referência à rapidez com que ele saiu da minha cama uma semana antes, nenhuma conversa fiada. Apenas:

— Eu gostaria de lhe mostrar alguns prédios, Jane. Você quer vir?

— Quero — respondi sem hesitar.

Não que eu tivesse decidido ignorar completamente os avisos de Mia. Mas a verdade é que esses avisos me deixaram mais curiosa quanto a esse homem.

Estou tranquila por ele ter me trazido aqui hoje. Por que ele faria isso se sua atração por mim se limitasse apenas a uma ligeira semelhança física com sua falecida esposa? Decidi aceitar os parâmetros que ele estabeleceu para nós dois: desfrutar de cada momento e não sobrecarregar o relacionamento com racionalização ou expectativa.

Da Igreja de St. Stephen vamos para a casa de John Soane, na Lincoln's Inn Fields. Um aviso diz que hoje o lugar está fechado ao público, mas Edward toca a campainha e cumprimenta o curador pelo nome. Depois de uma conversa amigável somos convidados a entrar e passear à vontade. A casinha é repleta de artefatos e curiosidades, de fragmentos de esculturas gregas a gatos mumificados. Fico surpresa ao perceber que Edward gosta daquilo, mas ele murmura:

— Só porque minhas construções têm um estilo particular não significa que eu não aprecio outras, Jane. A excelência é o que importa. Excelência e originalidade.

Em um baú na biblioteca, ele pega a planta de um pequeno templo neoclássico.

— Este projeto é muito bom.

— O que é?

— O mausoléu que ele construiu para a falecida esposa.

Pego a planta e finjo analisá-la, mas na verdade estou pensando na palavra *mausoléu*.

Ainda estou considerando seus comentários quando pegamos um táxi para voltar a Folgate Street, nº 1. Assim que nos aproximamos, enxergo a casa com outros olhos, fazendo associações com os edifícios que vimos.

Ele se detém à porta.

— Você quer que eu entre?

— Claro.

— Não quero passar a impressão de que sou eu que estou decidindo as coisas. Você entende que isso é uma via de mão dupla, certo?

— É muita gentileza sua. Mas realmente quero que você entre.

ANTES: EMMA

Aonde estamos indo?, pergunto quando Edward chama um táxi.

Walbrook, responde ele, tanto para o motorista quanto para mim.

Depois acrescenta:

Quero lhe mostrar alguns edifícios.

Apesar de todas as minhas perguntas, ele não diz mais nada até pararmos no centro da cidade. Estamos cercados de edifícios modernos espetaculares e fico imaginando para qual iremos. Mas, em vez disso, ele me guia em direção a uma igreja, que parece deslocada em meio a tantos bancos reluzentes.

Lá dentro é agradável, embora um pouco desinteressante. Há uma grande cúpula no teto logo acima do altar, uma grande pedra cravada no chão. Isso me faz lembrar de círculos pagãos e sacrifícios.

Antes do grande incêndio havia dois tipos de igrejas, diz ele. As góticas escuras e as capelas simples frequentadas pelos puritanos. Depois do incêndio, os homens que reconstruíram Londres viram a oportunidade de criar um novo estilo híbrido. Mas sabiam que precisavam substituir a escuridão gótica por outra coisa.

Ele aponta para o chão, onde as grandes janelas de vidro projetam as sombras e a luz do sol que se entrecruzam.

Luz, acrescenta ele. O Iluminismo tinha a ver, literalmente, com luz.

Enquanto ele caminha e observa as coisas, subo no altar de pedra. Cruzo as pernas embaixo do corpo e me inclino para trás, arqueando as costas até encostar o pescoço na pedra. Em seguida faço mais algumas poses: ponte, arco elevado, postura do herói. Pratiquei ioga durante uns seis meses e ainda me lembro de todas as posições.

O que você está fazendo?, pergunta Edward.

Estou me oferecendo para um ritual de sacrifício.

Esse retábulo é de Henry Moore, comenta ele em tom de censura. O mármore veio da mesma pedreira que Michelangelo usava.

Aposto que ele já transou aqui em cima.

Acho que está hora de ir, retruca Edward. Eu detestaria ser proibido de entrar nesta igreja.

Pegamos um táxi para o Museu Britânico. Ele fala com alguém na recepção, uma corda vermelha é erguida e, quando me dou conta, estamos na parte do museu reservada a estudiosos. Um funcionário destranca um armário e nos deixa sozinhos.

Coloque isto, ordena Edward, me entregando um par de luvas brancas de algodão enquanto põe outro par. Pouco depois, tira um objeto de pedra do armário.

Esta é uma máscara de ritual feita pelo povo olmeca, a primeira civilização na América a construir cidades. Eles foram extintos há três mil anos.

Ele me entrega a máscara. Eu a pego, com medo de deixá-la cair. Os olhos estão quase vivos.

É incrível, digo.

Na verdade, esse não é meu tipo de lugar nem o tipo de coisa que gosto de fazer, assim como a igreja, mas me sinto feliz por estar aqui com ele.

Edward assente, satisfeito.

Quando visito um museu, tenho por regra ver apenas uma coisa de cada vez, explica ele enquanto voltamos pelo caminho por onde viemos. Se for ver mais de uma, é impossível apreciar as obras.

Por isso não gosto de museus, digo. Visito da maneira errada.

Ele ri.

A essa altura estou ficando com fome, e vamos a um restaurante japonês que ele conhece.

Vou pedir para nós dois, anuncia. Uma coisa simples, como katsu. Os ingleses têm medo da verdadeira comida japonesa.

Eu, não. Como de tudo.

Ele ergue as sobrancelhas.

Isso é um desafio, Srta. Matthews?

Se você quiser que seja...

Ele começa com sushi: polvo, ouriço-do-mar, vários tipos de camarão.

Ainda estou na zona de conforto, digo.

Humm, responde ele.

Ele fala com o chef em japonês fluente, claramente incluindo-o na brincadeira, e o chef sorri diante da perspectiva de servir à pequena

gaijin algo que será demais para ela. Pouco depois surge um prato com uma pilha de pedaços de cartilagem branca.

Experimente, diz Edward.

O que é isso?

Chama-se shirako.

Para experimentar, coloco dois na boca, que estouram entre os dentes, soltando uma gosma cremosa e salgada.

Não é ruim, digo, engolindo, mas na verdade é muito nojento.

São testículos de peixe, conta ele. No Japão, são considerados uma iguaria.

Ótimo. Mas acho que prefiro os humanos mesmo. Qual o próximo prato?

A especialidade do chef.

A garçonete traz mais uma bandeja com um peixe inteiro. Chocada, percebo que o animal está vivo. Ou quase: está deitado de lado, erguendo e baixando lentamente a cauda, a boca se movendo como se tentasse dizer algo. Seu dorso está todo cortado em finas fatias. Por um instante, quase desisto. Mas, então, fecho os olhos e como.

No segundo pedaço, mantenho os olhos abertos.

Você é uma aventureira gastronômica, diz ele a contragosto.

Não só gastronômica, respondo.

Tem uma coisa que você precisa saber, Emma.

Ele parece sério, por isso baixo os hashis e presto atenção.

Eu não tenho relacionamentos convencionais, diz ele, assim como não faço casas convencionais.

Está bem. O que você tem, então?

As relações humanas, assim como as vidas humanas, costumam acumular coisas desnecessárias. Cartões de Dia dos Namorados, gestos românticos, datas especiais, carinhos sem sentido... Mas e se nos desapegarmos de tudo isso? Há certa pureza em um relacionamento desimpedido, uma sensação de simplicidade e liberdade. Mas isso só pode funcionar se as duas partes forem muito claras uma com a outra.

Não vou esperar um cartão no Dia dos Namorados, pode deixar, digo.

E quando não for mais perfeito, nós dois vamos seguir em frente, sem arrependimentos. Concorda?

Quanto tempo vai durar?

Isso importa?

Na verdade, não.

Às vezes acho que todos os casamentos seriam melhores caso o divórcio fosse obrigatório após certo tempo, brinca Edward. Digamos, uns três anos. As pessoas gostariam muito mais umas das outras.

Edward, digo, se eu concordar com isso, nós vamos para a cama?

Não precisamos ir para a cama. Quer dizer, se na cama for difícil para você.

Não acha que sou mercadoria estragada?

Como assim?

Alguns homens...

Minha voz falha. Mas preciso dizer. Respiro com dificuldade.

Paramos de fazer amor depois que Simon descobriu sobre o estupro, digo. Ele não conseguia.

Meu Deus, diz Edward. Mas e você? Tem certeza de que não é cedo demais?

Em um gesto impulsivo, seguro sua mão debaixo da mesa e a enfio sob a minha saia. Ele parece surpreso, mas consente. Quase rio.

Enfio a mão dele mais fundo em minha virilha, sentindo seus dedos deslizarem pela calcinha.

Definitivamente não é muito cedo, digo.

Continuo segurando seu pulso, me esfregando nele. Edward afasta minha calcinha para o lado e enfia um dedo em mim. Ergo os joelhos, que balançam a mesa, feito um médium em uma sessão espírita. Encaro-o nos olhos. Ele parece fascinado.

É melhor irmos embora, diz ele, sem tirar a mão.

AGORA: JANE

Depois de fazermos amor, eu me sinto sonolenta e saciada. Edward se apoia no cotovelo e me observa minuciosamente, esquadrinhando minha pele com a mão livre. Quando alcança as estrias da gravidez de Isabel, fico envergonhada e tento rolar na cama, mas ele me impede.

— Não faça isso. Você é linda, Jane. Cada parte de você é linda.

Seus dedos exploradores encontram uma cicatriz abaixo do meu seio esquerdo.

— O que foi isso?

— Acidente de infância. Caí da bicicleta.

Ele assente, como se fosse aceitável, e se aproxima do umbigo.

— Parece o nó de um balão — diz ele, abrindo-o. Seus dedos seguem o rastro de pelos macios. — Você não se depila.

— Não. Deveria? Meu último... Vittorio gostava de mim desse jeito. Ele dizia que eu tinha tão pouco pelo...

Edward reflete.

— Você deveria pelo menos deixá-los simétricos.

De repente, isso me parece hilário.

— Está me pedindo para depilar a virilha, Edward? — pergunto, sem resistir.

Ele inclina a cabeça.

— É, acho que estou. Qual é a graça?

— Nada. Vou tentar aparar meus pelos para você.

— Obrigado. — Ele beija minha barriga. — Vou tomar banho.

Ouçõ o barulho da água atrás da divisória de pedra que separa o quarto do banheiro. Pelas variações no som, consigo imaginar seu corpo se movimentando, saindo e entrando do jato d'água, o tórax firme e bem torneado se movendo de um lado para outro. Eu me pergunto como o sensor o reconheceu, se ele tem privilégios especiais ainda registrados no sistema ou se há alguma configuração universal e genérica para visitas.

A água para. Como ele não reaparece depois de alguns minutos, eu me sento na cama. Tem algo sendo esfregado no banheiro.

Sigo o barulho e contorno a divisória. Com uma toalha branca enrolada na cintura, Edward está agachado no chuveiro, polindo as paredes de pedra com um pano.

— A água nesta região é muito mineralizada, Jane — diz ele, sem erguer o olhar. — Se você não tiver cuidado, os resíduos de calcário vão tomar toda a pedra. Já está dando para notar. Na verdade, você sempre deveria secar as paredes depois de usar o chuveiro.

— Edward...

— O quê?

— Não é um pouco... hum, *obsessivo*?

— Não — responde. — É o oposto de preguiçoso. — Ele reflete um pouco. — Meticuloso, talvez.

— A vida é curta demais para secarmos o boxe depois do banho, não?

— Ou talvez a vida seja curta demais para vivermos de forma menos que perfeita — diz ele, racional, então se levanta. — Você ainda não fez uma avaliação, não é?

— Avaliação?

— Com a Governanta. Acho que atualmente está programada para intervalos mensais. Vou alterar isso para marcar uma amanhã. — Ele faz uma pausa. — Tenho certeza de que você está indo bem, Jane. Mas os números vão ajudá-la a melhorar ainda mais.

* * *

Na manhã seguinte, acordo feliz e um pouco dolorida. Edward já foi embora. Desço para preparar um café antes de tomar banho e encontro uma mensagem da Governanta na tela do laptop.

Jane, classifique as seguintes afirmações em uma escala de um a cinco, em que um é Concordo Totalmente e cinco é Discordo Totalmente.

Às vezes cometo erros.

Eu me decepiono com facilidade.

Fico ansiosa com coisas sem importância.

Há mais dezenas de perguntas. Deixo isso para mais tarde, preparo o café e o levo para o andar de cima. Entro no chuveiro, esperando uma cascata luxuosa de calor. Nada acontece.

Balanço o braço, o que está com a pulseira digital, mas, ainda assim, nada. Será que faltou energia? Tento lembrar se há uma caixa de fusíveis no armário com material de limpeza. Mas não pode ser isso: havia energia no andar de baixo, ou a Governanta não estaria funcionando.

Então me dou conta do que deve ser.

— Porra, Edward — digo em voz alta. — Eu só queria tomar um banho, droga.

Quando confiro a Governanta mais de perto, encontro a seguinte mensagem: *Algumas instalações da casa foram desativadas até que a tarefa seja concluída.*

Pelo menos pude tomar café. Eu me sento e respondo às perguntas.

ANTES: EMMA

O sexo é bom.

Bom, mas não espetacular.

Tenho a impressão de que ele está se contendo, tentando ser cavalheiro, sendo que, na verdade, um cavalheiro é a última pessoa com quem desejo dividir a cama. Quero que ele seja o macho alfa egoísta que obviamente é capaz de ser.

Ainda assim, há muito com o que trabalhar.

Depois, vestindo um roupão, eu me sento à mesa de pedra e o observo cozinhar. Ele coloca um avental antes, um gesto estranhamente feminino para um homem tão másculo. Mas, assim que os ingredientes estão prontos e ele começa a fritá-los, tudo se resume a concentração e precisão, fogo e energia. Ele joga os ingredientes para cima e os pega como se fosse uma panqueca grande e molenga. Em alguns minutos a refeição fica pronta. Estou faminta.

Seus relacionamentos sempre foram assim?, pergunto enquanto comemos.

Assim como?

Seja lá o que for isso. Desimpedidos. Meio distantes.

Por muito tempo, sim. Não que eu tenha algo contra relações convencionais, sabe. Mas meu estilo de vida não me permite esse tipo de coisa. Por isso tomei a decisão de me ajustar a relacionamentos mais curtos. Descobri que, dessa forma, podem mesmo ser melhores, mais intensos, uma corrida de velocidade em vez de uma maratona. Como sabe que não vai durar, você curte mais a outra pessoa.

E quanto tempo esses relacionamentos costumam durar?

Até um de nós decidir terminar, diz ele sem sorrir. Só funciona se as duas partes quiserem a mesma coisa. E não pense que com “desimpedida” me refiro a falta de compromisso ou esforço. É só um tipo diferente de compromisso, um tipo diferente de esforço. Alguns dos relacionamentos mais perfeitos que já tive não duraram mais de

uma semana, outros duraram vários anos. A duração realmente não importa. Só a qualidade.

Conte sobre um que durou vários anos, peço.

Nunca falo sobre as mulheres com quem me relacionei antes, declara ele com firmeza. Da mesma forma que nunca vou falar sobre você com outras. De qualquer forma, é minha vez. Como você organiza os temperos?

Os temperos?

É. Isso está me incomodando desde que tentei encontrar o cominho. Claramente não estão organizados em ordem alfabética ou por data de validade. É por sabor? Por continente de origem?

Você está brincando, não é?

Ele me encara e pergunta:

Quer dizer que é de forma *aleatória*?

Totalmente.

Uau!, exclama Edward.

Acho que ele está sendo irônico. Mas, tratando-se de Edward, às vezes é difícil ter certeza.

Ao sair, ele me diz que a noite foi maravilhosa.

5b) Imagine que você precisa escolher entre doar uma pequena quantia para o museu local que está angariando fundos para uma importante obra de arte ou doar para uma instituição de combate à fome na África. Qual você escolhe?

Museu

Fome

AGORA: JANE

— Admiro como o trabalho se desenvolve de forma rigorosa, com uma grande variedade de tipologias — diz um sujeito vestindo uma jaqueta de veludo, fazendo gestos largos para o teto de vidro e aço com uma taça de champanhe na mão.

— ...uma fusão de infraestrutura não cartesiana e funcionalidade social... — fala uma mulher séria.

— Linhas de desejo implícito e depois negado...

Concluo que, com exceção dos jargões, festas de inauguração não são muito diferentes dos vernissages em galerias que eu frequentava quando trabalhava com artes: muita gente de preto, muito champanhe, muitas barbas de hipster e óculos caros com armações escandinavas. Esta noite, a ocasião é uma nova sala de concertos projetada por David Chipperfield. Aos poucos vou me familiarizando com os nomes dos arquitetos ingleses mais conhecidos: Norman Foster, o falecido Zaha Hadid, John Pawson, Richard Rogers.

Vários deles vão esta noite, dissera Edward. Mais tarde vai ter um show de fogos de artifício e laser, visível através do telhado de vidro, que poderá ser apreciado até em Kent.

Vago pelo meio da multidão, segurando uma taça de champanhe, espiando. Estou perambulando pelo salão porque, apesar de Edward ter me convidado, decidi não ser um estorvo. De qualquer modo, não é difícil arranjar alguém para conversar quando quero. Em sua maioria, a multidão é composta de homens muito confiantes e um pouco bêbados. Mais de um deles me parou para perguntar: “Conheço você?” ou “Onde você trabalha?”. Ou simplesmente disse “Olá”.

Ao notar Edward me encarando, ando em sua direção. Ele se afasta do grupo com quem está.

— Graças a Deus — murmura ele. — Se eu tiver que ouvir mais um discurso sobre a importância das exigências programáticas, acho que

vou enlouquecer. — Ele me observa atentamente. — Alguém já disse que você é a mulher mais bonita deste salão?

— Várias pessoas, na verdade.

Estou usando um vestido Helmut Lang na altura das coxas, com um decote generoso às costas e solto na parte de trás, de forma que se mexe conforme eu me movimento, e sapatilhas da Chloé.

— Mas não com todas as palavras.

Ele ri.

— Venha aqui.

Eu o sigo e paramos atrás de um muro baixo. Ele deixa a taça de champanhe no muro e depois passa a mão no meu quadril.

— Você está usando calcinha — observa.

— Pois é.

— Acho que deveria tirá-la. Está marcando o vestido. Não se preocupe, ninguém vai ver.

Fico paralisada por um instante. Então olho ao redor. Não tem ninguém nos observando. Com a maior discrição possível, tiro a calcinha. Quando me abaixo para pegá-la, Edward encosta em meu braço.

— Espere.

Sua mão direita ergue a bainha do vestido.

— Ninguém vai ver — repete.

Sua mão sobe pela minha coxa até parar entre minhas pernas. Fico chocada.

— Edward, eu...

— Não se mexa — diz ele com delicadeza.

Seus dedos deslizam para a frente e para trás, quase sem fazer contato. Sinto meu corpo se curvar na direção do dele, desejando mais pressão. *Essa não sou eu, penso. Não faço essas coisas.* Ele rodeia meu clitóris duas, três vezes, então, sem aviso prévio, enfia suavemente o dedo dentro de mim.

Em seguida faz uma pausa para pegar o copo da minha mão e colocá-lo ao lado do dele e, subitamente, suas mãos estão me tocando: uma por trás, dois dedos deslizando para dentro e para fora, outra na frente, circulando e pressionando. O barulho da festa parece diminuir. Sem fôlego, deixo sob responsabilidade dele vigiar se tem alguém nos vendo. Edward está no comando. Apesar do cenário improvável, ondas de prazer começam a tomar conta de mim.

— Você quer ir para um lugar mais reservado? — sussurro.

— Não — responde ele simplesmente.

Seus dedos aumentam o ritmo, confiantes. Sinto o clímax se aproximando. Meus joelhos ficam bambos e suas mãos sustentam a maior parte do meu peso. E, então, eu chego lá, estremecendo bem perto dele. Fogos de artifício explodem... Fogos de artifício de verdade, me dou conta quando recobro a consciência. É o show de laser que pode ser apreciado até em Kent. É isso que todos estão aplaudindo, graças a Deus. Não tem nada a ver comigo.

Minhas pernas ainda estão trêmulas quando ele retira a mão e diz:

— Com licença, Jane. Preciso falar com algumas pessoas ali.

Ele se aproxima de alguém que tenho certeza de que é o arquiteto mais importante da Grã-Bretanha, um membro da Câmara dos Lordes, e, com um sorriso largo, lhe estende a mão. A mesma mão que segundos antes estava dentro de mim.

* * *

Ainda estou com as pernas bambas quando os convidados começam a debandar. Nós fizemos isso mesmo? Eu realmente tive um orgasmo em um local cheio de gente? É essa pessoa que eu sou agora? Ele me leva para um restaurante japonês ali perto, daqueles em que o chef fica atrás de um balcão de sushi no meio do salão. Todos os outros clientes são asiáticos, executivos usando ternos escuros. O chef cumprimenta Edward como se o conhecesse bem, fazendo uma medida e falando japonês. Edward responde no mesmo idioma.

— Falei para ele escolher os pratos — diz, assim que nos sentamos a uma mesa. — É sinal de respeito confiar no julgamento do *itamae*.

— Seu japonês é muito fluente.

— Construí um edifício em Tóquio não faz muito tempo.

— Eu sei. — O arranha-céu japonês dele é uma hélice sensual e elegante, uma broca gigantesca perfurando as nuvens. — Foi sua primeira vez no Japão?

Eu sei que não, é claro. Observo-o arrumando os hashis de modo que fiquem paralelos um ao outro.

— Passei um ano lá depois que minha esposa e meu filho faleceram — responde com um tom de voz tranquilo, e sinto um arrepio de entusiasmo com esse primeiro e minúsculo vislumbre de revelação, de intimidade. — Eu me senti em casa não só por causa do lugar, mas

pela cultura: a ênfase na autodisciplina e na restrição. Na sociedade em que vivemos, austeridade é associada a privação e pobreza. No Japão, eles a consideram a mais linda forma de beleza. Chamam de *shibui*.

Uma garçonete traz duas tigelas de sopa. As tigelas são feitas de bambu pintado, tão leves e pequenas que se encaixam na mão.

— Estas tigelas, por exemplo — diz ele, pegando uma delas —, são velhas e não combinam muito. Isso é *shibui*.

Tomo um gole. Algo se contorce na minha língua, uma palpitação estranha.

— Aliás, estão vivos — acrescenta.

— O quê? — pergunto, assustada.

— Há pequenos camarões na sopa. *Shirouo*, recém-nascidos. O chef os acrescenta no último minuto. São considerados uma grande iguaria. — Ele aponta para o balcão de sushi e mais uma vez o chef se curva em nossa direção. — A especialidade do chef Atara é *ikizukuri*, frutos do mar vivos. Espero que não tenha problema.

A garçonete traz outro prato e o coloca na mesa. É um pargo vermelho, as escamas cor de cobre muito brilhantes apoiadas em tiras de rabanetes. Um dos lados do peixe foi cuidadosamente cortado em sashimis, até a espinha dorsal. Mas a criatura ainda está viva, a cauda se curvando feito a de um escorpião antes de baixar lentamente; a boca se abre e se fecha, os olhos se reviram, alarmados.

— Ai, meu Deus! — digo, horrorizada.

— Experimente. É delicioso, eu garanto.

Ele estende a mão e pega uma fatia de carne clara com os hashis.

— Edward, não posso comer isso.

— Não tem problema. Vou pedir outra coisa.

Ele acena para a garçonete, que logo se aproxima. Mas a sopa em meu estômago subitamente ameaça voltar. *Recém-nascidos*. A palavra começa a martelar na minha cabeça.

— Jane. Você está bem?

Ele me encara, preocupado.

— Eu não estou... Não estou...

Uma das coisas estranhas sobre o luto é como esse sentimento é capaz de nos surpreender quando menos esperamos. Volto subitamente à maternidade. Estou segurando Isabel, enrolando panos em sua cabeça como um xale para manter o calor em seu precioso corpinho — o calor do *meu* corpo —, tentando adiar o momento em

que seus braços e pernas vão ficar gelados. Estou fitando seus olhos, seus olhinhos fechados com as pálpebras ligeiramente inchadas, me perguntando de que cor seriam, se azuis como os meus ou castanhos como os do pai.

Pisco e a lembrança some, mas o peso do fracasso e do desespero me atinge mais uma vez, e de repente soluço, tapando a boca com a mão.

— Ai, meu Deus. — Edward dá um tapa na própria testa. — O *shirouo*. Como pude ser tão idiota?

Ele fala em tom urgente e em japonês com a garçonete, apontando para mim e pedindo mais comida. Mas não há tempo para isso, não há tempo para nada. Já estou correndo para a porta.

ANTES: EMMA

Obrigado por ter vindo, Emma, diz o detetive Clarke. Aceita um cubo de açúcar?

O escritório do detetive é um cubículo minúsculo repleto de documentos e arquivos. Há uma foto muito antiga emoldurada, mostrando-o na primeira fila de uma equipe de rúgbi, segurando um troféu ridiculamente grande. Na caneca de café instantâneo que ele me entrega há um desenho do Garfield, o que me parece algo alegre demais para uma delegacia.

Não precisa, digo, nervosa. Do que se trata?

O detetive Clarke bebe um gole de café e põe a caneca na mesa, onde há um prato de biscoitos que ele empurra na minha direção.

Os dois homens acusados em seu caso se declararam inocentes e pediram para pagar fiança, informa ele. Com o cúmplice, Grant Lewis, não há muita coisa que a gente possa fazer. Mas quanto a Deon Nelson, o que estuprou você, é outra história.

Certo, digo, por mais que não esteja entendendo por que ele me chamou até aqui para contar isso. Claro que o fato de estarem alegando inocência é uma má notícia, mas ele não poderia ter falado isso pelo telefone?

Como vítima, continua o detetive Clarke, você tem direito a dar o depoimento pessoal da vítima, o que a imprensa às vezes chama de depoimento de impacto. Na audiência de custódia, pode dizer que o crime afetou muito você e contar como se sente quanto à possibilidade de Nelson ser libertado antes do julgamento.

Balanço a cabeça. Como me sinto? Eu não sinto nada. Desde que ele seja preso no fim, isso é tudo o que importa.

Notando minha falta de entusiasmo, o detetive Clarke diz com calma:

O problema, Emma, é que Nelson é um cara inteligente e violento. Eu me sentiria muito mais confortável se ele ficasse atrás das grades.

Ele não correria o risco de repetir o que fez estando livre sob fiança, certo?, pergunto.

Nesse momento percebo aonde o detetive quer chegar.

Você acha que eu posso estar em perigo?, pergunto, olhando para ele. Acha que Deon Nelson poderia tentar me impedir de fornecer provas?

Não quero que você fique assustada, Emma. Felizmente, é muito raro acontecer intimidação de testemunhas. Mas, em casos assim, em que a situação toda gira basicamente em torno das provas fornecidas por uma única pessoa, é melhor prevenir do que remediar.

O que você quer que eu faça?

Redija o depoimento pessoal da vítima para a audiência de custódia. Podemos lhe dar algumas orientações, sendo que quanto mais pessoal for, melhor.

Ele faz uma pausa.

Mas devo lembrar que, assim que seu depoimento for lido no tribunal, vai se tornar um documento legal. A defesa vai ter o direito de interrogar você durante o julgamento.

Quem vai ler?

Bem, poderia ser o promotor ou um policial. Mas essas coisas são sempre mais fortes quando vêm diretamente da vítima. Até mesmo os juízes são apenas seres humanos. E acho que você vai causar uma grande impressão.

Por um instante, o detetive Clarke suaviza a expressão e parece estar quase com os olhos marejados. Então, ele pigarreja. Vamos fazer o pedido de medidas de proteção a testemunhas. Isso significa que você vai ficar separada de Nelson durante a audiência. Não vai ter que olhar para ele enquanto estiver lendo o depoimento, e ele não vai conseguir ver você.

Mas ele vai estar lá. Ouvindo o que eu digo.

O detetive Clarke assente.

E o que vai acontecer se o juiz não concordar e ele conseguir a fiança? Não há uma chance de que eu piore as coisas?

Nós vamos garantir sua segurança, afirma o detetive Clarke, me tranquilizando. Afinal, por sorte você se mudou. Ele não sabe onde você mora.

O detetive me encara com seu olhar gentil e atencioso.

Então, Emma. Você vai redigir um depoimento e ler na audiência?

Percebo que é por isso que estou aqui. Ele sabia que se tivesse me ligado talvez eu recusasse.

Bem, se você acha que vai ajudar, me ouço responder.

Boa menina, diz ele.

Vindo de qualquer outra pessoa, isso soaria condescendente, mas seu alívio é tão óbvio que eu não me importo.

A audiência vai ser na quinta-feira, acrescenta.

Já?

Infelizmente, ele tem uma advogada muito obstinada. Tudo às custas dos contribuintes, é claro.

O detetive Clarke se levanta. Vou pedir para alguém encontrar uma sala de interrogatório vazia. Você pode começar a elaborar seu depoimento.

AGORA: JANE

Alguns dias depois do episódio do restaurante, chegam dois pacotes. Um deles é uma caixa grande e fina com o W da loja Wanderer da Bond Street. O outro é menor, mais ou menos do tamanho de um livro. Levo o pacote maior para a mesa de pedra. Apesar do tamanho, não pesa quase nada.

Dentro, embrulhado em papel de seda, há um vestido que se enrola em meu braço, o tecido preto e sedoso fluindo para os lados. Sei que vai ficar sensual e macio na pele.

Levo a caixa para o andar de cima e experimento. Mal ergo os braços e a peça já se acomoda ao redor do corpo. Quando me viro, o tecido se move comigo, quase como se estivesse brincando. Ao examinar a costura, descubro que o vestido tem um corte na diagonal.

Pede um colar, penso, e imediatamente adivinho o que tem no pacote menor.

Nele há um cartão, com uma mensagem escrita com uma letra bonita, quase caligráfica: *Jane... Perdoe-me por ser um idiota insensível. Edward.* E, ao abrir a caixa de revestimento aveludado, encontro um colar de pérolas de três fios. As pérolas não são grandes, mas a cor e o formato são bem diferentes. Têm uma tonalidade cremosa e não são exatamente redondas, mas exibem um brilho opalescente de madrepérola.

Exatamente a mesma cor das paredes de Folgate Street, nº 1.

Ao colocá-lo pela primeira vez reparo que o colar parece pequeno, *muito* pequeno. Está apertado e, por um instante, eu me sinto sufocada pela falta de elasticidade, muito diferente do vestido fluido e sensual. Então me olho no espelho e a combinação das duas peças é impressionante.

Puxo o cabelo com uma das mãos para ver como fica. Sim, desse jeito, caindo para o lado. Faço uma selfie para enviar a Mia.

Edward também deveria ver isso, penso, e encaminho a foto para ele.

Não tenho nada para perdoar. Mas obrigada.

Ele responde menos de um minuto depois:

Que bom, porque chego aí em dois minutos.

Desço a escada e paro diante da janela de vidro laminado, olhando para a porta, numa posição capaz de causar máximo efeito. Esperando meu amante.

* * *

Urgente, direto, sem preâmbulos nem conversa fiada, ele me leva até a mesa de pedra, ainda com o vestido e o colar de pérolas.

Nunca tive um relacionamento como esse. Nunca fiz amor em outro lugar que não fosse uma cama. As pessoas me dizem que sou autossuficiente e reservada. Certa vez, um homem falou que eu era sexualmente sem graça. E, no entanto, de algum modo, aqui estou. Fazendo isso.

Depois, é como se ele saísse de um transe. O Edward cortês e atencioso volta ao comando. Ele prepara um macarrão, o molho feito com nada mais além de um pouco de azeite de oliva de uma garrafa sem rótulo, uma pitada de queijo de cabra fresco e bastante pimenta moída. Ele explica que o azeite se chama *lacrima*, as primeiras lágrimas preciosas que sobem à superfície quando as azeitonas são lavadas antes de serem prensadas. A cada colheita, ele recebe algumas garrafas da Toscana. A pimenta é da cidade de Tellicherry, na costa do Malabar.

— Mas às vezes uso pimenta Kampot, do Camboja. É mais suave, apesar de mais aromática.

Sexo e comida boa e simples. De algum modo, isso parece o auge da sofisticação.

Após devorarmos o prato, ele põe a louça na máquina e lava as panelas. Só então pega um documento na pasta de couro.

— Trouxe sua avaliação. Achei que gostaria de saber como está se saindo.

— Eu passei?

Ele não sorri.

— Bem, você tirou oitenta.

— E quanto eu deveria tirar?

— Na realidade, não existe uma meta. Mas, com o tempo, gostaríamos de ver a nota cair para cinquenta ou menos.

Eu me sinto criticada, claro.

— O que estou fazendo de errado?

Ele observa o documento, que consiste em fileiras de números, como uma planilha.

— Você poderia se exercitar um pouco mais. Duas sessões por semana devem bastar. Já perdeu peso desde que veio para cá, mas poderia perder um pouco mais. Geralmente, seus níveis de estresse ficam em uma faixa aceitável. Você costuma falar mais depressa ao telefone, mas isso não é incomum. Quase não está bebendo álcool, o que é bom. Temperatura, respiração e funções renais estão todas boas. Seu sono REM está adequado, e o tempo que você passa dormindo é considerado saudável. O mais importante de tudo é que agora você tem uma visão mais positiva sobre a vida. Seu nível de integridade pessoal está cada vez mais elevado, você anda mais disciplinada e tem conseguido remover o calcário do boxe do chuveiro.

Ele sorri para mostrar que pelo menos a última frase foi brincadeira, mas estou sem fôlego de tanta indignação.

— Você sabe tudo isso sobre mim!

— Claro. Se você tivesse lido os termos e as condições corretamente, não ficaria surpresa.

Minha raiva passa quando percebo que foi para isso, afinal, que me candidatei, a única razão pela qual sou capaz de pagar o aluguel de Folgate Street, nº 1.

— Esse é o futuro, Jane — acrescenta. — Saúde e bem-estar sendo monitorados pelo ambiente doméstico. Se houvesse alguma questão importante, a Governanta a anteciparia muito antes de você pensar em consultar um médico. As estatísticas permitem que você assuma o controle da sua vida.

— E se as pessoas não quiserem ser espionadas?

— Então não vão ser. Só estamos colhendo informações específicas sobre você porque ainda estamos em fase de testes. Para os futuros usuários, só vamos nos concentrar nas tendências gerais, não em dados pessoais. — Ele se levanta. — Trabalhe nisso — diz em tom gentil. — Veja se consegue se acostumar. Se não der... Bem, esse também vai ser um feedback útil, e vamos pensar em como podemos mudar o sistema para torná-lo mais aceitável. Mas, de acordo com o

meu conhecimento, acho que logo você vai reconhecer os benefícios disso.

ANTES: EMMA

Estou observando as anotações que fiz para o depoimento, imaginando como começar, quando o telefone toca. Olho para a tela. *Edward.*

Oi, Emma. Recebeu minha encomenda?

Ele soa descontraído, até mesmo alegre.

Qual encomenda?

A que deixei no seu escritório.

Não estou no escritório, digo. Estou na delegacia.

Está tudo bem?

Na verdade, não, respondo.

Dou uma olhada nas anotações. O detetive Clarke me disse para agrupar os pontos principais debaixo de alguns cabeçalhos: O QUE ELE FEZ. COMO ME SENTI. A CONSEQUÊNCIA DISSO NO MEU RELACIONAMENTO. COMO ME SINTO AGORA. Observo o que escrevi. *Com nojo. Aterrorizada. Envergonhada. Suja.* Apenas palavras. De algum modo, nunca imaginei que chegaria a tanto.

Nada bem, acrescento.

Em qual delegacia você está?

West Hampstead.

Chego aí em dez minutos.

A linha fica muda e logo me sinto melhor, muito melhor, porque o que mais quero é a ajuda de alguém forte e decidido. Alguém como Edward, que tome o controle da minha vida, reorganize as coisas e, de alguma forma, faça tudo funcionar.

* * *

Emma. Ah, Emma, diz ele.

Estamos em um café em West End Lane. Andei chorando. De vez em quando, algumas pessoas nos lançam olhares suspeitos. Quem é essa garota? O que esse homem fez para ela chorar desse jeito? Mas Edward ignora todo mundo. Sua mão cobre gentilmente a minha, para me tranquilizar.

É péssimo dizer uma coisa dessas sobre uma situação tão horrível, mas eu me sinto especial. A preocupação de Edward é totalmente diferente da fúria insegura de Simon.

Ele pega o rascunho do meu depoimento.

Posso?, pergunta com delicadeza.

Assinto e ele lê, vez ou outra franzindo a testa.

Qual era a encomenda?, indago.

Ah, só um presentinho. Bem, dois, na verdade.

Ele ergue a sacola ao seu lado. Nela, há um enorme W.

Para mim?, pergunto, pasma.

Eu ia pedir para você me acompanhar em um evento muito entediante, então pensei que o mínimo que podia fazer era arranjar algo para você vestir. Mas acho que você não vai estar no clima.

Enfio a mão na sacola e pego uma caixa de joias.

Pode abrir se quiser, murmura ele.

Dentro da caixa há um colar. E não é um colar qualquer. Eu sempre quis uma gargantilha de pérolas, como a de Audrey Hepburn em *Bonequinha de luxo*. E aqui está. Não é idêntico: o colar tem três fios e não cinco, sem pérolas aglomeradas na frente, mas já imagino como vai ficar no meu pescoço, alto e justo como uma gargantilha.

É lindo, digo.

Estendo a mão para abrir a caixa maior, mas ele me detém.

Talvez você não devesse abrir essa aqui.

E você pretendia me levar a qual evento?

Uma cerimônia de premiação de arquitetura. Muito entediante.

Você ganhou?

Acho que sim.

Sorrio para ele, subitamente feliz.

Vou para casa trocar de roupa, digo.

Vou com você, avisa ele.

Edward se levanta e sussurra em meu ouvido:

Porque eu sei que, assim que colocar esse vestido, vou querer transar com você.

AGORA: JANE

Acordo e descubro que Edward se foi. Acho que ter um caso com um homem casado deve ser assim. Pensar nisso me consola um pouco. Na França, por exemplo, onde as pessoas são desencanadas com essas coisas, nosso relacionamento seria considerado perfeitamente normal.

Mia, é claro, está convencida de que vai ser outro desastre, que ele nunca vai mudar, que qualquer pessoa que tenha conseguido ser tão autossuficiente por tanto tempo nunca vai mudar. Quando argumento, ela fica brava.

— J., você alimenta a fantasia de adolescente de que vai ser a única capaz de derreter o coração gelado daquele homem, mas, na verdade, ele vai partir o seu.

Mas meu coração já está partido por causa de Isabel, e com as incursões irregulares de Edward em minha vida é mais fácil esconder de Mia quão sério nosso relacionamento está se tornando.

Por fim, percebo que Edward está certo: há realmente certa perfeição na união de duas pessoas que não criam expectativas nem fazem exigências. Não preciso ouvir detalhes do dia dele nem discutir sobre quem vai levar o lixo para fora. Não há horários a serem negociados nem rotinas domésticas nas quais cair. Nunca passamos tempo bastante juntos para ficarmos entediados.

Ontem ele me fez gozar antes mesmo de se despir. Já percebi que gosta disso. Ficar vestido enquanto tira minha roupa, tudo, menos o colar, e usar dedos e língua para me reduzir a uma sensação avassaladora e trêmula. Como se não bastasse Edward manter o controle, também preciso perder o meu. Só então ele fica à vontade para gozar.

Esta é uma revelação interessante sobre ele, e ainda estou pensando nisso enquanto desço a escada. Há uma pequena pilha de correspondências molhadas diante da porta. Já perguntei a Edward por que não há uma caixa de correio — parecia uma omissão estranha

em uma casa que, no geral, é bem planejada —, e ele me respondeu que, quando Folgate Street, nº 1 foi construída, seu sócio, David Thiel, previu que em uma década o e-mail tornaria as cartas de papel obsoletas.

Verifico a correspondência. A maioria é panfleto político anunciando candidatos para as próximas eleições municipais. Duvido que eu vá votar. Debates sobre a biblioteca do bairro e a frequência da coleta de lixo têm pouca relevância para a vida que eu levo em Folgate Street, nº 1. Algumas cartas são endereçadas à Sra. Emma Matthews. Claramente são propagandas, mas de qualquer modo eu as separo para entregá-las a Camilla, a corretora.

A última correspondência é endereçada a mim. O envelope parece tão sem graça que, a princípio, acho que também é lixo. Até que vejo o logotipo do Hospital Trust e meu coração acelera.

Prezada Srta. Cavendish,

Resultados da autópsia: Isabel Margaret Cavendish (falecida).

Concordei com uma autópsia porque me pareceu certo tentar conseguir algumas respostas. Durante uma consulta de acompanhamento, o Dr. Gifford me disse que os exames não haviam revelado nada, mas que mesmo assim eu receberia um laudo. Isso foi há um mês. A carta deve ter demorado a chegar.

Eu me sento, sentindo a cabeça rodar, e leio duas vezes, tentando entender o jargão médico. Começa com um breve histórico da minha gravidez. Há uma referência a quando, uma semana antes de eles perceberem que havia algo errado, senti dores nas costas e fui levada à maternidade para fazer um checkup. Eles fizeram exames, ouviram os batimentos cardíacos do bebê, em seguida me mandaram voltar para casa e tomar um banho quente. Depois disso, senti Isabel chutar muito, então fiquei tranquila. A carta deixa claro que os *procedimentos corretos foram adotados, incluindo uma avaliação de altura sínfise-uterina de acordo com as diretrizes do Instituto Nacional de Saúde e Excelência Clínica (NICE)*. Ainda há uma descrição da minha outra consulta, quando descobriram que o coração de Isabel havia parado de bater. E, por fim, a própria autópsia. Vários números que nada significam para mim, contagem de plaquetas e outros exames de sangue, seguidos do comentário:

Fígado: normal.

Quando penso que algum patologista pacientemente removeu o minúsculo fígado dela, minha garganta se fecha. Só que há mais coisa.

Rins: Normais.

Pulmões: Normais.

Coração: Normal.

Pulo para o resumo.

Embora nesta fase não seja possível dar um diagnóstico preciso, sinais de trombose placentária podem apontar para um descolamento parcial da placenta, causando morte por asfixia.

Descolamento da placenta. Parece até um feitiço de Harry Potter, não algo que pudesse matar meu bebê. O nome do Dr. Gifford, ao pé da página, fica embaçado enquanto lágrimas brotam em meus olhos e começo a chorar, sem conseguir controlar os soluços guturais cheios de catarro. É muita informação para assimilar, e eu não entendo a maioria das palavras. Tessa, que divide a mesa do escritório comigo, é formada em obstetrícia. Decido levar a carta para o trabalho e pedir que ela me explique.

* * *

Tessa lê com cuidado, me olhando com preocupação de vez em quando. Ela sabe, claro, que tive um natimorto, afinal muitas voluntárias da Still Hope têm um motivo pessoal semelhante para estarem ali.

— Você sabe o que isso significa? — pergunta ela depois de ler tudo.

Nego com a cabeça.

— Bem, descolamento da placenta é uma placenta rompida. Na verdade, o que eles estão dizendo é que o feto deixou de obter nutrientes e oxigênio antes de você entrar em trabalho de parto.

— Que bom que deixaram isso claro — comento.

— Pois é. Bem, pode ter um motivo.

Algo em sua voz me faz olhar para ela.

— Quando você sentiu dores nas costas — diz, pronunciando as palavras devagar —, o que aconteceu exatamente?

— Hum... — Tento lembrar. — Eles acharam que eu estava muito ansiosa: mãe de primeira viagem, essas coisas. Mas foram gentis. Não me lembro de ter feito todos esses exames que listaram...

Ela me interrompe:

— No jargão médico, fazer uma avaliação de altura sínfise-uterina significa medir o tamanho da sua barriga com uma fita métrica. Embora seja verdade que esse procedimento é uma das sugestões do sistema de saúde, esse exame certamente não revelaria uma placenta com problemas. Eles fizeram uma cardiocografia?

— Aquela coisa de monitor cardíaco? Sim, a enfermeira fez.

— Para quem ela mostrou o resultado?

Tento lembrar.

— Acho que ela ligou para o Dr. Gifford e leu os resultados. Ou, ao menos, informou a ele que estavam normais.

— Algum outro exame? Ultrassonografia comum? Com Doppler?

— A voz de Tessa assume um tom sombrio.

Nego com a cabeça.

— Nada. Eles me mandaram ir para casa, tomar um banho quente e tentar não me preocupar. Pouco depois senti Isabel chutar, então percebi que eles estavam certos.

— Quem são *eles*?

— Bem... A enfermeira, acho.

— Ela falou com mais alguém? Uma parteira mais experiente? Um médico residente?

— Não que eu lembre. Tessa, o que foi?

— É que esta carta parece mais uma tentativa redigida com todo o cuidado para passar a impressão de que não houve negligência médica

— diz ela sem rodeios.

Fico boquiaberta.

— Negligência? Como?

— Se você partir do princípio de que a morte de um bebê viável é uma morte que poderia ter sido evitada, há duas possibilidades: a primeira, a de que o parto foi malconduzido, o que, obviamente, não foi o caso. Mas a segunda causa mais comum de morte fetal é a

presença de uma parteira sobrecarregada de trabalho ou um médico inexperiente que não analisa direito uma cardiocografia. No seu caso, o médico de plantão deveria ter revisado os resultados pessoalmente e, considerando a dor nas costas que você sentiu, que pode indicar problemas na placenta, pedir uma ultrassonografia com Doppler.

Sei o que é ultrassonografia com Doppler. Um dos objetivos de campanha da Still Hope é conseguir que esse exame seja obrigatório para todas as gestantes. Vai custar cerca de quinze libras por bebê, e o fato de o sistema nacional de saúde não realizar o exame a menos que um médico peça é uma das razões para que as taxas de morte pré-natal no Reino Unido estejam entre as piores da Europa.

— Infelizmente, acho que os chutes que você sentiu em casa já podem ter sido de angústia e não um sinal de que estava tudo bem. Esse hospital tem um histórico. Eles vivem sofrendo com escassez de funcionários, principalmente entre os médicos responsáveis. E o nome do Dr. Gifford aparece com frequência. Ele tem uma carga de trabalho muito grande.

Mal consigo assimilar as palavras.

Mas ele era tão gentil, penso.

— Claro que você pode argumentar que não foi culpa dele — acrescenta Tessa. — Mas, se não formos atrás do médico responsável e provarmos que ele errou, não conseguiremos pressionar o hospital para que aumentem o quadro de funcionários.

Eu me lembro do Dr. Gifford me dizendo, assim que me deu a notícia de que Isabel estava morta, que, na maioria dos casos, a causa nunca era descoberta. Será que ele estava tentando encobrir os erros da equipe?

— O que devo fazer?

Ela me devolve a carta.

— Responda pedindo uma cópia de todos os registros médicos. Depois mandamos para um especialista avaliar. Se tivermos a impressão de que o hospital está encobrindo condutas indevidas, devemos pensar em processá-los.

ANTES: EMMA

E o Prêmio da *Architects' Journal* deste ano na categoria Inovação vai para...

O apresentador faz uma pausa dramática, abre o envelope e anuncia:

...a Monkford e Associados.

Nossa mesa, cheia de funcionários da empresa, aplaude. Os telões exibem imagens de vários edifícios. Edward se levanta e vai até o palco, agradecendo educadamente os parabéns que recebe pelo caminho.

Isso não se parece em nada com as festas da revista em que Simon trabalhava, penso.

Ao pegar o prêmio, Edward se aproxima do microfone e, olhando com desconfiança para a bolha de acrílico em suas mãos, diz:

Talvez eu deva guardar isso em um armário.

Risos. O minimalista provou que pode debochar de si mesmo! Mas, em seguida, fica sério.

Certa vez alguém disse que a diferença entre um bom e um excelente arquiteto é que o bom arquiteto cede a todas as tentações, e o excelente, não.

Ele faz uma pausa. O silêncio toma conta do enorme salão. As pessoas parecem realmente interessadas no que ele tem a dizer.

Por sermos arquitetos, temos obsessão pela estética, pela criação de edifícios agradáveis ao olhar. Mas, se aceitarmos que a verdadeira função da arquitetura é ajudar as pessoas a resistir à tentação, talvez a arquitetura...

Ele hesita, quase como se estivesse pensando em voz alta.

Talvez, no fim das contas, a arquitetura não tenha nada a ver com edifícios, prossegue. Aceitamos que o urbanismo faz parte da arquitetura. Autoestradas, aeroportos também, até certo ponto. Mas e a tecnologia? E aquela cidade invisível que todos nós acessamos,

espreitamos ou com a qual brincamos: a internet? E as estruturas das nossas vidas, os laços que nos unem, nossas aspirações e nossos desejos mais básicos? De certa forma, também são estruturas, não são?

Ele faz outra pausa antes de continuar:

Hoje cedo, conversei com alguém. Uma jovem que foi atacada dentro de casa. Seu espaço foi violado. Seus pertences, roubados. Toda a sua atitude em relação ao ambiente foi maculada... e, talvez eu também possa dizer, distorcida... por esse simples e trágico incidente.

Ele não olha para mim, mas sinto como se todas as pessoas ali soubessem a quem está se referindo.

A verdadeira função da arquitetura não é tornar isso impossível?, pergunta Edward. Punir o agressor, curar a vítima e mudar o futuro? Como arquitetos, por que deveríamos nos limitar apenas às paredes dos nossos edifícios?

Silêncio. O público parece bastante confuso.

A Monkford e Associados é conhecida como uma empresa de pequena escala que atende clientes ricos, continua ele. Mas agora percebo que nosso futuro não está em construir belos refúgios do que há de ruim em nossa sociedade e, sim, em construir uma nova sociedade.

Ele ergue o prêmio.

Obrigado por esta honra.

Aplaudem com educação, mas, ao olhar ao redor, noto que as pessoas estão rindo e revirando os olhos umas para as outras.

Também bato palmas, com mais força do que qualquer um, porque o homem lá em cima, meu amante, não dá a mínima para o fato de estarem rindo dele ou não.

* * *

Nessa noite, pergunto sobre sua esposa.

Não tiro o vestido para fazermos amor, mas depois o penduro com cuidado no pequeno armário atrás do painel na parede. Então me deito nua, só com o colar, no espaço quente ao seu lado.

O advogado me contou que sua família foi enterrada aqui, digo, hesitante.

Como... Ah, diz ele. As plantas do Registro de Imóveis.

Ele fica em silêncio por tanto tempo que acho que não vai responder mais nada.

Foi ideia dela, diz ele, por fim. Tinha lido sobre *hitobashira* e disse que queria isso caso morresse antes de mim. Sob a soleira de um dos nossos edifícios. Claro que nunca imaginamos...

Hitobashira?

Significa “ pilar humano ” em japonês. Dizem que traz sorte para a casa. Você se incomoda quando falo sobre ela? Olhe para mim, pede ele, ficando sério de repente.

Viro a cabeça para encará-lo.

Elizabeth foi perfeita à sua maneira, diz ele com delicadeza. Mas ela está no passado. E o que nós temos também é perfeito. Você é perfeita, Emma. Não precisamos mais falar sobre ela.

* * *

Na manhã seguinte, depois de Edward ter ido embora, pesquiso o nome da esposa dele na internet. Mas a Governanta não encontra nada.

Qual foi mesmo a palavra em japonês que ele usou? *Hitobashira*. Procuo o termo. Franzo a testa. De acordo com a internet, *hitobashira* não tem nada a ver com enterrar os mortos debaixo dos edifícios. Tem a ver com enterrar os vivos.

O costume de sacrificar um ser humano como parte da construção de uma nova casa ou fortaleza é muito antigo. Em toda a parte do mundo, pedras fundamentais e vigas foram erguidas sobre sangue humano, e há alguns séculos esse costume abominável ainda era praticado na Europa. A famosa lenda maori de Taraia conta que ele enterrou o próprio filho vivo debaixo de uma estaca de sua nova casa.

Entro em outro site.

O sacrifício deve estar de acordo com a importância do edifício a ser erguido. Uma tenda ou casa comum pode ser consagrada com um animal, ou a casa de um homem rico, com um escravo;

mas uma estrutura sagrada, como um templo ou uma ponte, precisa de um sacrifício de valor e importância especiais, talvez envolvendo muita dor ou grande desconforto para quem o faz.

Durante um momento de insanidade, eu me pergunto se era isso que Edward queria dizer, que ele sacrificou a própria esposa e o próprio filho. Então, encontro uma matéria que faz mais sentido:

Hoje, o eco dessas práticas continua presente em inúmeros costumes populares ao redor do mundo, tais como inaugurar um navio com uma garrafa de champanhe, enterrar uma moeda de prata debaixo do batente da porta ou coroar um arranha-céu com o galho de uma sempre-viva. Em outros lugares, o coração de um animal é enterrado, enquanto Henry Purcell escolheu ser enterrado “sob o órgão” da Abadia de Westminster. Em muitas sociedades, principalmente no Extremo Oriente, os mortos são lembrados com um edifício construído em sua homenagem, uma prática que talvez não seja muito diferente de batizar um Carnegie Hall ou um Rockefeller Center com o nome de um filantropo famoso.

Ufa. Volto para a cama, enfiando o nariz nos travesseiros em busca de algum vestígio de Edward: um cheiro, o formato do seu corpo ainda marcando os lençóis. Volto a pensar em suas palavras. *Isto é perfeito.* Durmo com um sorriso estampado.

AGORA: JANE

— A experiência que vocês tiveram quando passaram pela porta e entraram em um vestíbulo pequeno e quase claustrofóbico, antes de chegar aos espaços amplos da casa propriamente dita, é um dispositivo arquitetônico clássico de compressão e libertação. É um bom exemplo de como técnicas tradicionais, apesar de parecerem revolucionárias, são usadas nas casas de Edward Monkford. O mais importante, porém, é que isso destaca Monkford como um arquiteto que tem como principal objetivo afetar a forma como o usuário se *sente*.

O guia anda até a cozinha e meia dúzia de visitantes vão atrás, obedientes.

— Por exemplo, em um refeitório como este, que tem ênfase visual na austeridade e na contenção, os usuários afirmam que comem menos do que antes.

Antes de me mudar, Camilla me avisou que às vezes eu teria que abrir a casa para visitas. Na época isso não me pareceu um grande incômodo, mas, conforme o dia da primeira visita se aproximava, percebi que cada vez mais eu temia esse momento. Minha impressão era de que não só a casa estaria em exposição, mas eu também. Faz dias que estou arrumando e limpando tudo para não infringir nenhuma regra.

— Há muito tempo os arquitetos e seus clientes almejam edifícios com um senso de propósito — prossegue o guia. — Os bancos parecem imponentes e íntegros em parte porque os proprietários querem suscitar confiança em seus potenciais clientes. Tribunais procuram impor respeito pela lei e pela ordem. Palácios foram projetados para impressionar e humilhar os visitantes. Mas hoje em dia alguns arquitetos estão usando os avanços da tecnologia e da psicologia para ir muito além.

O guia é bem jovem, com uma barba exageradamente estilosa, mas, considerando seu ar de autoridade, deve ser professor. Porém, nem todos os visitantes parecem ser estudantes. Alguns poderiam muito bem ser turistas ou vizinhos curiosos.

— Talvez vocês não estejam cientes, mas, neste exato momento, estão imersos em uma complexa rede de ondas ultrassônicas projetadas para intensificar nosso humor. Essa tecnologia ainda está engatinhando, mas tem implicações de longo alcance. Imagine um hospital onde a própria estrutura torna-se parte do processo de cura, ou uma casa para pessoas sofrendo de demência que realmente as ajude a se lembrar das coisas. Pode ser uma casa simples, mas tem uma ambição extraordinária.

Ele dá meia-volta e conduz o grupo até a escada.

— Por favor, me sigam em fila única e tomem muito cuidado com os degraus.

Eu permaneço no andar de baixo. Ouço a voz do guia explicando que a iluminação no quarto reforça os ritmos circadianos dos usuários. Só subo depois que eles desceram, para ter privacidade.

Fico chocada ao perceber que um integrante do grupo ficou no quarto. Ele abriu o armário e, embora esteja de costas para mim, tenho certeza de que está remexendo minhas roupas.

— Que diabo você está fazendo? — pergunto.

Ele se vira. É um dos que achei que fosse turista. Seus olhos, por trás dos óculos sem armação, são claros e tranquilos.

— Estou vendo como você dobra suas coisas.

Ele tem um leve sotaque. Dinamarquês, ou talvez norueguês. Cerca de trinta anos, vestindo uma jaqueta estilo militar. Cabelo louro com entradas.

— Como se atreve?! — explodo. — Essas coisas são particulares.

— Ninguém que mora nesta casa deve esperar privacidade. Você assinou um contrato, lembra?

— Quem é você?

Ele parece muito bem informado para ser turista.

— Eu me candidatei — revela ele. — Eu me candidatei para morar aqui. Sete vezes. Eu seria perfeito. Mas ele escolheu você.

O sujeito se vira para o armário e começa a desdobrar e redobrar minhas camisetas, com a mesma rapidez e eficiência de um vendedor de loja.

— O que Edward vê em você? Sexo, suponho. As mulheres são o ponto fraco dele.

Perco o fôlego de tanta raiva, mas fico paralisada quando me dou conta de que esse homem de pé no meu quarto deve ser mentalmente perturbado.

— Edward se inspira em mosteiros e comunidades religiosas, mas esquece que as mulheres foram excluídas desses lugares por um motivo.

Ele pega uma saia e a dobra com três movimentos hábeis.

— Olhe, você deveria ir embora. Seria muito melhor para Edward. Como as outras.

— Que outras? Do que você está falando?

Ele sorri para mim com uma doçura quase infantil.

— Ah, não, ele não contou? As anteriores. Nenhuma delas durou, sabe. Essa é a questão.

* * *

— Ele era louco — digo. — Aterrorizante. E falava de um jeito... Era como se conhecesse você.

Edward suspira.

— Acho que de certa forma conhece. Ou pelo menos é o que ele acha. Porque conhece meu trabalho.

Estamos sentados no refeitório. Edward trouxe um vinho italiano requintado. Mas ainda estou um pouco abalada, e, de qualquer modo, não bebo desde que me mudei para Folgate Street, nº 1.

— Quem é ele?

— Lá no escritório o chamam de perseguidor. — Edward sorri. — É brincadeira, claro. Na verdade, ele é inofensivo. Jorgen alguma coisa. Ele abandonou a faculdade de arquitetura por causa de problemas mentais e ficou um pouco obcecado pelos meus edifícios. Não é algo tão incomum assim. Barragán, Corbusier, Foster... Todos foram perseguidos por pessoas perturbadas, que acreditavam ter alguma conexão especial com eles.

— Você avisou a polícia?

Ele dá de ombros.

— Para quê?

— Não percebe o que isso significa, Edward? Quando Emma Matthews morreu, por acaso alguém conferiu se esse tal de Jorgen estava por perto?

Ele me olha com cautela.

— Você ainda não tirou isso da cabeça?

— Aconteceu aqui. Claro que ainda penso nisso.

— Falou outra vez com o namorado dela?

Algo em seu tom de voz sugere que ele não ficaria nada feliz se eu tivesse encontrado o rapaz de novo.

Balanço a cabeça.

— Ele não voltou aqui.

— Que bom. E pode acreditar em mim: Jorgen não faria mal a ninguém.

Edward toma mais um gole de vinho e se inclina para me beijar. Seus lábios estão doces e avermelhados.

— Edward... — digo, me afastando.

— O que foi?

— Você teve um caso com Emma?

— Isso faz diferença?

— Não — respondo.

Mas claro que faz.

— Nosso caso durou pouco — responde ele, por fim. — Acabou muito antes da morte dela.

— Era... — Não sei como perguntar. — Era como o nosso caso?

Ele chega muito perto de mim, segura minha cabeça entre as mãos e me encara.

— Olhe, Jane. Emma era uma pessoa fascinante — diz, com delicadeza. — Mas ela é passado. O que está acontecendo agora entre nós dois é perfeito. Não precisamos mais falar sobre ela.

* * *

Apesar do que ele disse, continuo curiosa.

Porque tenho certeza de que, se eu souber mais sobre as mulheres que ele amou, vou entendê-lo melhor.

Vou escavar um túnel sob as muralhas que ele ergueu ao seu redor, o estranho labirinto invisível que me mantém afastada.

Na manhã seguinte, depois que ele vai embora, procuro o cartão que encontrei no saco de dormir de Emma. CAROL YOUNSON. PSICOTERAPEUTA CREDENCIADA. Há um site e um número de telefone. Estou indo pesquisar no laptop, mas algo me faz lembrar do que o sujeito que encontrei no meu quarto disse.

Ninguém que mora nesta casa deve esperar privacidade. Você assinou um contrato, lembra?

Então pego o celular e vou até o outro lado da sala, onde consigo o fraco sinal do wi-fi sem senha de um vizinho, apenas por tempo suficiente para entrar no site de Carol Younson. Ela é formada em algo chamado psicoterapia integrativa, e suas especialidades são estresse pós-traumático, aconselhamento em caso de estupro e luto.

Ligo para o número.

— Alô — digo quando uma mulher atende. — Sofri uma perda há pouco tempo e queria saber se posso marcar uma consulta.

6. *Uma pessoa próxima a você confessa que atropelou alguém quando estava bêbada. Por causa disso, parou de vez de beber. Você se sentiria na obrigação de denunciar à polícia?*

Sim

Não

ANTES: EMMA

Observar Edward se preparando para cozinhar é como assistir a um cirurgião se preparando para operar: tudo é perfeitamente arrumado nos devidos lugares antes mesmo de começar. Ele trouxe duas lagostas ainda vivas, mas as grandes garras do bicho estão presas com braçadeiras. Peço uma tarefa e ele me entrega um daikon, um pesado rabanete japonês, para ralar.

Edward está alegre esta noite. Espero que seja por estar comigo, mas logo ele avisa que recebeu boas notícias.

Sabe o discurso que eu fiz na cerimônia de premiação, Emma? Um dos ouvintes nos pediu para apresentarmos projetos para uma competição.

Uma competição importante?

Muito. Se ganharmos, vamos construir uma nova cidade. É uma chance de fazermos o que falei na ocasião: projetar mais do que simples prédios. Um novo tipo de comunidade, talvez.

Uma cidade inteira?, pergunto, olhando para o minimalismo austero de Folgate Street, nº 1.

Por que não?

Não consigo acreditar que a maioria das pessoas gostaria de viver assim, digo.

Não conto que sempre que ele chega eu ainda estou correndo freneticamente pela casa, enfiando roupas sujas nos armários, jogando no lixo o resto de comida dos pratos e escondendo revistas e jornais debaixo das almofadas do sofá.

Você é a prova de que pode funcionar, observa ele. Uma pessoa comum que mudou por causa da arquitetura.

Eu mudei por causa de *você*, digo. E acho que nem mesmo você é capaz de transar com uma cidade inteira.

Ele trouxe um chá japonês para acompanhar a lagosta. As folhas vêm embaladas em um minúsculo invólucro de papel, como um quebra-cabeça de origami.

É da região de Uji, conta ele. O nome do chá é *gyokuro*, que significa “joia de orvalho”.

Tento pronunciar a palavra e ele me corrige diversas vezes, até que desiste, fingindo aborrecimento.

No entanto, quando pego meu *bule art decó*, a reação dele não tem nada de fingimento.

Que diabo é *isso?*, pergunta, franzindo a testa.

Ganhei de presente de aniversário de Simon. Não gostou?

Acho que dá para o gasto.

Ele deixa o chá em infusão enquanto se concentra nas lagostas. Depois pega uma faca e desliza a lâmina sob as carapaças blindadas. Em seguida, ouve-se um estalo quando ele torce e arranca as cabeças. As pernas do animal continuam se debatendo enquanto Edward começa a cortar cada lado das caudas. A carne sai facilmente, uma grossa coluna de cartilagem clara. Mais alguns movimentos e ele retira a pele marrom, voltando a enxaguar as caudas na água fria antes de cortá-las em *sashimis*. Um molho feito de suco de limão, *shoyu* e vinagre de arroz dá o toque final. Toda a montagem demora apenas alguns minutos.

Comemos com *hashis*, depois uma coisa leva à outra e acabamos na cama. Quase sempre gozo antes dele, e hoje não é diferente. Desconfio que seja intencional. Nosso sexo é cuidadosamente planejado, assim como tudo o que ele faz.

Eu queria saber o que aconteceria se eu o fizesse perder o controle. Quais revelações ou verdades ocultas existem por trás do seu rígido autocontrole? Decido que algum dia vou descobrir.

Mais tarde, quando estou quase dormindo, escuto Edward murmurar:

Você é minha agora, Emma. Sabe disso, não é? Minha.

Humm, respondo, sonolenta. Sua.

* * *

Acordo e ele não está mais ao meu lado. Vou até a escada e vejo que está no refeitório, arrumando tudo.

Ainda com fome, resolvo descer para me juntar a ele. Estou no meio da escada quando o vejo pegar o bule que Simon me deu e despejar com cautela o resto do chá na pia. Em seguida, ouço um estrondo e o bule se despedaça no chão.

Devo ter feito algum barulho, porque ele olha para cima.

Desculpe, Emma, diz ele com calma, erguendo as mãos. Eu deveria ter secado antes.

Eu me aproximo para ajudá-lo, mas ele me detém.

Descalça, não. Você vai se cortar.

Vou comprar outro, claro, acrescenta. Tem um bule lindo na Marimekko Hennika. O da Bauhaus também é muito bom.

Vou até a cozinha mesmo assim, me agacho e recolho os cacos.

Não tem importância, digo. É só um bule de chá.

Exatamente, diz ele, sendo racional. É só um bule de chá.

Então sinto uma discreta porém estranha satisfação: a de ser possuída.

Você é minha.

AGORA: JANE

O consultório de Carol Younson fica em uma rua tranquila e arborizada em Queens Park. Quando abre a porta, ela me olha de um jeito estranho, quase assustado, mas logo se recompõe e me leva para uma sala. Ao me conduzir até o sofá, explica que vai ser apenas uma sessão exploratória para descobrir se ela pode me ajudar. Se decidirmos seguir adiante, vamos nos encontrar no mesmo horário toda semana.

— Então — diz ela, ao fim da parte introdutória. — O que fez você procurar a terapia, Jane?

— Hum, várias coisas — respondo. — Principalmente o natimorto que citei ao telefone.

Carol assente.

— Falar sobre nossos sentimentos de tristeza nos permite classificá-los e iniciar o processo de separar as emoções necessárias das que são destrutivas. Tem mais alguma coisa?

— Tem... Acho que você atendeu alguém com quem tenho uma ligação. Eu gostaria de saber o que estava incomodando ela.

Carol Younson balança a cabeça com firmeza.

— Não posso falar sobre outros pacientes.

— Acho que neste caso talvez seja diferente. Bem, ela morreu. E se chamava Emma Matthews.

Não estou enganada: a expressão nos olhos de Carol Younson definitivamente é de choque. Mas ela logo se recupera.

— Ainda assim, não posso falar sobre o que Emma e eu conversamos. O direito à confidencialidade não termina com a morte do paciente.

— É verdade que me pareço um pouco com ela?

Carol hesita por um instante antes de concordar.

— Sim. Percebi isso logo que abri a porta. Vocês são parentes? Irmãs? Eu sinto muito.

Nego com a cabeça.

— Nunca nos conhecemos.

Ela parece intrigada.

— Então, qual é a relação de vocês duas? Caso não se incomode que eu pergunte.

— Moro na mesma casa que ela... A casa onde ela morreu. — É minha vez de hesitar. — E estou me relacionando com o mesmo homem.

— Simon Wakefield? — pergunta Carol lentamente. — O namorado dela?

— Não... Mas encontrei com ele quando foi deixar flores. Estou falando do arquiteto que construiu a casa.

Carol me encara.

— Deixe eu ver se entendi direito. Você está morando em Folgate Street, nº 1, assim como Emma. E está se relacionando com Edward Monkford. Assim como Emma.

— Isso mesmo.

Edward me disse que sua relação com Emma não passara de um caso breve, mas decido não influenciar a testemunha.

— Sendo assim, vou contar o que Emma e eu discutimos na terapia, Jane — sussurra ela.

— Apesar de tudo o que você acabou de dizer? — pergunto, surpresa por ter vencido com facilidade.

— É. Olhe, tem uma circunstância específica que nos permite quebrar o sigilo profissional. — Ela faz uma pausa. — Quando não pode causar nenhum mal ao paciente, mas pode evitar que alguém seja vítima de um mal provocado por outra pessoa.

— Não estou entendendo — digo. — Que mal? E que vítima?

— Estou falando de você, Jane. Acho que você pode estar correndo perigo.

ANTES: EMMA

Deon Nelson roubou minha felicidade, digo. Ele estragou minha vida e me fez ter medo de todo homem que conheço. E ainda me deixou com vergonha do meu corpo.

Faço uma pausa e tomo um gole d'água. O tribunal está em silêncio absoluto. Na bancada, os dois juízes, um homem e uma mulher, me encaram sem piscar. Está muito quente na sala bege e sem janelas, e os advogados transpiram um pouco sob as perucas.

Duas cortinas foram erguidas para que não me vissem do banco dos réus. Sinto a presença de Deon Nelson ali atrás, mas não estou com medo. Muito pelo contrário. O desgraçado vai para a cadeia.

Chorei enquanto lia meu depoimento, mas agora ergo o tom de voz.

Tive que me mudar porque achei que ele poderia voltar, conto. Sofro com flashbacks e perda de memória e comecei a fazer terapia. Meu namoro foi por água abaixo.

A advogada de Nelson, uma mulher baixa de terninho elegante sob a toga preta, olha para cima, subitamente pensativa, e faz uma anotação.

Como me sinto diante da possibilidade de Deon Nelson ser liberado sob fiança?, pergunto. Eu me sinto enojada. Depois de ser ameaçada por ele com uma faca, depois de ter sido roubada e estuprada da forma mais humilhante possível, eu sei do que ele é capaz. E fico aterrorizada só de pensar que ele poderia andar livremente pelas ruas. Eu ficaria apavorada só de saber que ele está livre.

O detetive Clarke sugeriu que eu deveria incluir esta última observação. A advogada de Nelson pode até argumentar que seu cliente não tem a intenção de se aproximar de mim, mas, se eu me sentir ameaçada pelo simples fato de ele estar livre, não há o risco de

retirarem minha queixa e o julgamento não prosseguir. Neste momento, sou a pessoa mais importante no tribunal.

Os dois juízes continuam me observando. A galeria pública também está em silêncio. Antes de começar, eu estava nervosa, mas agora me sinto poderosa e no controle da situação.

Deon Nelson não só me estuprou, como me obrigou a conviver com o medo de que ele fosse divulgar o vídeo do que fez comigo para todas as pessoas que conheço, digo. Ele fez ameaças e intimidações. Espero que a Justiça trate seu pedido de fiança da mesma forma.

Muito bem, diz uma voz na minha cabeça.

Obrigado, Srta. Matthews. Sem dúvida vamos considerar seriamente seus pontos de vista, declara o juiz em tom gentil. Se quiser, sinta-se à vontade para ficar na sala das testemunhas por um tempo. Quando estiver se sentindo bem, pode ir embora.

Enquanto reúno minhas coisas, o tribunal fica em silêncio. A advogada de Nelson já está de pé, esperando para se aproximar da bancada.

AGORA: JANE

— O que você quer dizer com “correndo perigo”? — Estou rindo, pois o que ela acabou de dizer é ridículo, mas percebo que Carol Younson está falando muito sério. — Com certeza não por causa de Edward.

— Emma me disse...

Carol para de falar e franze a testa, como se quebrar esse tabu fosse difícil para ela.

— Como terapeuta, passo a maior parte do tempo detectando padrões inconscientes de comportamento. Quando alguém me pergunta: “Por que todos os homens são *assim?*”, minha resposta é: “Por que todos os homens que *você* escolhe são assim?” Freud chama isso de compulsão à repetição, um padrão em que alguém encena diversas vezes o mesmo psicodrama sexual, com gente diferente ocupando os mesmos papéis imutáveis. Em um nível subconsciente, ou até mesmo consciente, a pessoa tem esperança de modificar o resultado, aperfeiçoar o que deu errado. Mas, de forma inevitável, o relacionamento é destruído pelas mesmas falhas e imperfeições que alguém assim traz, exatamente da mesma maneira.

— O que isso tem a ver comigo e com Emma? — pergunto, embora eu possa imaginar.

— Em qualquer relacionamento há duas compulsões repetitivas: a de uma pessoa e a da outra. Essa interação pode ser benigna. Ou então destrutiva. Terrivelmente destrutiva. Emma tinha baixa autoestima, e isso só piorou depois que ela foi abusada sexualmente. Como muitas vítimas de estupro, ela se culpava. Erroneamente, é claro. Emma encontrou em Edward Monkford alguém que abusaria dela no nível em que desejava.

— Espere um instante — digo, chocada. — Edward *abusava* dela? Você conhece ele?

Carol nega com a cabeça.

— Estou contando o que extraí de Emma. E, por sinal, não foi fácil. Ela sempre relutou em se abrir comigo, um clássico sinal de baixa autoestima.

— Não é possível — afirmo em tom categórico. — Eu conheço Edward. Ele nunca bateria em alguém.

— Nem todo abuso é físico — retruca Carol, baixinho. — A necessidade de controle absoluto é outro tipo de maltrato.

Controle absoluto. As palavras me atingem feito um tapa. Porque percebo que, com a interpretação correta, correspondem à realidade.

— O comportamento de Edward parecia apropriado para Emma enquanto ela foi conivente, ou seja, enquanto permitiu que ele a controlasse — continua Carol. — Algumas coisas deveriam ter servido como sinais de alerta: o contrato de aluguel estranho, a maneira como ele decidia as mínimas coisas por ela ou a mantinha afastada dos amigos e parentes. São comportamentos clássicos de um sociopata narcisista. Mas os verdadeiros problemas começaram quando ela tentou terminar com ele.

Sociopata. Sei que os profissionais não usam o termo da mesma forma que as pessoas em geral, mas não consigo deixar de pensar no que o namorado de Emma — Simon Wakefield, de acordo com Carol — disse aquela vez, do lado de fora da casa: *Primeiro, ele envenenou a mente dela, depois a matou...*

— Alguma coisa do que estou descrevendo lhe soa familiar, Jane?

Não respondo diretamente.

— O que aconteceu com Emma? Depois de tudo isso, quero dizer.

— Com minha ajuda, ela finalmente começou a perceber como seu relacionamento com Edward Monkford era destrutivo. Terminou com ele, mas isso a deixou deprimida e retraída, até mesmo paranoica. — Carol faz uma pausa. — E no mesmo período ela interrompeu o contato comigo.

— Espere — digo, perplexa. — Então, como você sabe que ele matou Emma?

Carol Younson franze a testa.

— Eu não disse que ele a *matou*, Jane.

— Ah! — exclamo, aliviada. — Então *o que* você está me dizendo?

— Estou falando de depressão, paranoia, sentimentos negativos e baixa autoestima que surgiram com o relacionamento. Para mim, sem dúvida esses fatores contribuíram.

— Você acha que foi *suicídio*?

— Essa foi minha opinião profissional. Acredito que Emma tenha se jogado da escada enquanto sofria de depressão profunda.

Fico em silêncio, pensando.

— Fale sobre o seu relacionamento com Edward — sugere Carol.

— Bem, isso é que é estranho. Pelo que ouvi, não há muitas semelhanças. Começou pouco depois que eu me mudei. Ele deixou muito claro que queria ficar comigo. Mas também disse que não estava propondo uma relação convencional. Ele falou...

— Espere — interrompe Carol. — Vou buscar uma coisa.

Ela sai da sala e volta pouco depois com um bloco vermelho.

— São as anotações das minhas sessões com Emma — explica, folheando as páginas. — O que você estava dizendo mesmo?

— Ele disse que há certa pureza...

— ...em um relacionamento desimpedido — completa Carol.

— Isso. — Olho para ela. — Foram exatamente essas as palavras que ele usou.

Ao que parece, palavras que ele já tinha dito para outra pessoa.

— Pelo que Emma me contou, Edward é muito perfeccionista, quase obsessivo. Você concorda?

Assinto, relutante.

— Mas, é claro, nossos relacionamentos anteriores não podem ser aperfeiçoados, independentemente de quantas vezes a gente encene. Cada falha sucessiva reforça o comportamento inadequado. Em outras palavras, o padrão se acentua ao longo do tempo. E fica mais desesperado.

— As pessoas não podem mudar?

— Curiosamente, Emma me fez a mesma pergunta. — Ela reflete por um instante. — Às vezes, sim. Mas é um processo doloroso, difícil, mesmo com a ajuda de um bom terapeuta. E é narcisista acreditar que *nós* vamos mudar a natureza fundamental do outro. Só podemos mudar nós mesmos.

— Então você está dizendo que corro o risco de seguir o mesmo caminho que ela — observo. — Mas, pelo que descreveu, ela não se parecia em nada comigo.

— Talvez. Mas você me disse que deu à luz um natimorto. É interessante o fato de vocês duas estarem de algum modo fragilizadas quando ele as conheceu, não é mesmo? Os sociopatas se sentem atraídos pelos mais vulneráveis.

— Por que Emma largou a terapia?

Carol exhibe um olhar pesaroso.

— Não sei. Se ela tivesse continuado com as sessões, poderia estar viva hoje.

— Ela guardou seu cartão — digo. — Encontrei em um saco de dormir no sótão da casa, ao lado de algumas latas de comida. Parece que estava dormindo lá em cima. Devia estar planejando ligar para você.

Carol balança lentamente a cabeça.

— Isso significa muito para mim. Obrigada.

— Mas acho que você não tem razão sobre todo o resto. Se Emma estava deprimida, era porque havia terminado com Edward, não porque ele a controlava. E se ela se matou... Bem, isso é muito triste, mas dificilmente é culpa dele. Como você mesma disse, todos nós precisamos assumir a responsabilidade pelos nossos atos.

Carol dá apenas um sorriso triste e balança a cabeça. Tenho a impressão de que ela já ouviu algo semelhante, talvez até mesmo de Emma.

De repente, fico farta daquela sala, dos móveis macios, das quinquilharias, das almofadas, dos lenços de papel e da conversa fiada de psicanalista. Eu me levanto.

— Obrigada por ter me recebido. Foi interessante. Mas acho que não quero falar com você sobre minha filha. Nem sobre Edward. Não vou voltar.

ANTES: EMMA

Não posso ir até a galeria pública depois de ler meu depoimento por causa das medidas de proteção a testemunhas. Então, fico esperando do lado de fora do tribunal. Não demora para o detetive Clarke e a sargento Willan saírem, parecendo preocupados. Ao lado deles está o promotor, o Sr. Broome.

Emma, venha com a gente, diz a sargento Willan.

Por quê? O que está acontecendo?, pergunto enquanto eles me levam para outra parte do saguão.

Olho para a sala do tribunal no momento em que a advogada de Nelson está saindo. Ao lado dela há um adolescente moreno vestindo um terno. Ele se vira para mim e noto um relance de reconhecimento em seus olhos. Até que a advogada diz algo e ele volta a atenção para ela.

Emma, infelizmente os juízes concederam a fiança, diz a sargento Willan. Eu sinto muito.

Como assim?!, exclamo. Por quê?

Eles concordaram com a Sra. Fields, a advogada de defesa, que havia alguns problemas no caso.

Problemas? Como assim?, pergunto.

Simon sai de outra porta, a que leva à galeria pública. Ele se aproxima de mim.

Problemas processuais, explica o detetive Clarke, sombrio. Principalmente no que diz respeito à identificação.

Nenhuma evidência de DNA, você quer dizer?

Nem impressões digitais, acrescenta o advogado.

O detetive Clarke não olha para ele.

Na ocasião, obviamente não houve alegação de estupro. O crime foi classificado como assalto. Por isso o policial em serviço decidiu não procurar impressões digitais.

Ele suspira.

Mas depois deveríamos ter submetido Nelson a um reconhecimento. Como você disse que ele estava de gorro, não parecia valer a pena. Infelizmente, um advogado inteligente pode usar esse tipo de coisa para insinuar que a polícia chegou a conclusões precipitadas.

Mas se esse é o problema, por que não posso fazer um reconhecimento agora?, questiono.

Clarke e o advogado se entreolham.

Isso pode ajudar durante o julgamento, observa o advogado, pensativo.

Uma coisa importante, Emma, diz o detetive Clarke. Você viu o réu em algum momento durante os eventos de hoje?

Nego com a cabeça. Afinal de contas, não tenho certeza se quem eu vi era *mesmo* Nelson. E, ainda que fosse, por que ele deveria se safar só porque a polícia é incompetente?

Então acho que devemos considerar, fala o advogado, assentindo.

Emma?, chama Simon, desesperado para participar da conversa. Emma, eu sei que você estava falando a verdade.

Sobre o quê?, pergunto.

Foi só por causa daquele desgraçado que nós terminamos.

O quê? Não!, exclamo, balançando a cabeça. Aquilo foi para o tribunal, Si. Eu não... Eu não vou voltar atrás.

Emma.

A voz de Edward soa calma e autoritária atrás de nós. Eu me viro na direção dele, grata pela intervenção.

Muito bem, diz ele. Você foi brilhante.

Edward me abraça e vejo Simon ficar horrorizado ao perceber o que esse gesto significa.

Meu Deus, sussurra. Meu Deus, Emma. Não pode ser...

Não pode ser o quê, Simon?, pergunto, desafiadora. Não posso escolher com quem ficar?

Ao perceberem que estão presenciando um momento de drama pessoal, os policiais e Broome olham para baixo e remexem os pés. Como de costume, Edward assume o controle da situação.

Venha comigo, diz.

Ele me abraça e me tira dali. Eu me viro para trás e noto que Simon está nos encarando, calado pela angústia e pela raiva.

AGORA: JANE

Naquele fim de semana, Edward me leva ao Museu Britânico. Lá um funcionário destranca um armário e nos deixa sozinhos para observar uma pequena escultura pré-histórica. A obra foi desgastada pelo tempo, mas ainda dá para ver que são dois amantes entrelaçados.

— Tem onze mil anos. É a mais antiga representação de sexo do mundo — conta Edward. — Foi feita por um povo conhecido como natufiano, os primeiros a formar comunidades.

É difícil me concentrar. Não paro de pensar que ele disse exatamente as mesmas palavras para Emma. Posso desconsiderar outros comentários de Carol, afinal ela nunca conheceu Edward, mas seu bloco de anotações é algo mais difícil de ignorar.

Por outro lado, penso, todos nós costumamos dizer as mesmas frases familiares e usar os mesmos atalhos linguísticos. Todos nós contamos as mesmas piadas para pessoas diferentes, às vezes até para as mesmas pessoas, frequentemente com as mesmas palavras.

Quem não se repete de vez em quando? Será que *compulsão à repetição* e *encenação* não são apenas termos rebuscados para se referir a uma pessoa com hábitos?

Então, Edward me passa a escultura, e logo toda a minha atenção se volta para o objeto. Fico pensando como é incrível que as pessoas façam amor há tantos milênios. Mas, claro, esta é uma das poucas constantes da história da humanidade. O mesmo ato, repetido ao longo de gerações.

Depois, pergunto se podemos ver os mármores de Elgin, mas Edward não quer.

— As galerias públicas ficam cheias de turistas. Além disso, tenho como regra ver apenas uma peça ao visitar um museu. Mais do que isso deixa o cérebro sobrecarregado.

Ele começa a voltar pelo caminho por onde viemos.

As palavras de Carol Younson surgem na minha mente: *O comportamento de Edward parecia apropriado para Emma enquanto ela foi conivente, ou seja, enquanto permitiu que ele a controlasse...*

Paro de andar.

— Edward, eu realmente quero ver os mármore.

Ele olha para mim, perplexo.

— Tudo bem. Mas agora, não. Vou combinar com o diretor e podemos voltar quando o museu estiver fechado...

— Agora — insisto. — Tem que ser agora.

Sei que estou parecendo infantil e estressada. A uma mesa, um funcionário ergue a cabeça e franze a testa.

Edward dá de ombros.

— Tudo bem.

Ele me conduz por outra porta, me levando até a área pública do museu. As pessoas se aglomeram ao redor das peças em exibição feito peixes se alimentando nos corais. Edward passa por elas sem olhar para os lados.

— Por aqui — orienta ele.

O salão está ainda mais movimentado do que os outros, lotado de estudantes segurando pranchetas e tagarelando em francês. Há também os zumbis culturais, que assentem com a cabeça enquanto ouvem o audioguia; vejo casais de mãos dadas vagando pela sala, e também trombadinhas, mochileiros, pessoas fazendo selfies. Além de tudo isso, atrás de um corrimão de metal, pedestais sustentam alguns fragmentos de escultura desgastada e o friso famoso.

Não dá certo. Tento contemplá-los, mas nem se compara com a magia que senti ao segurar aquela pequena escultura de milhares de anos.

— Você tinha razão — digo, frustrada. — São horríveis.

Ele sorri.

— Na melhor das hipóteses, são inexpressivos. Não fosse pelo estardalhaço sobre a quem pertencem as peças, ninguém olharia direito. Até mesmo o prédio de onde vieram, o Partenon, é tão sem graça quanto água parada. Ironicamente, foi construído como símbolo do poder do império grego. Então, não deixa de ser apropriado que outro império ganancioso roube partes dele. Vamos embora?

Passamos no escritório dele para buscar uma mala de couro e, em seguida, em uma peixaria, onde Edward havia encomendado ingredientes para fazer um ensopado. O homem pede desculpas: um

dos peixes na lista de Edward era pescada, mas ele teve que substituir por tamboril.

— Vamos manter o mesmo preço, claro, senhor, embora o tamboril seja mais caro.

Edward balança a cabeça.

— A receita só funciona com pescada.

— O que posso fazer, senhor? — O peixeiro abre as mãos. — Se não pescaram, não temos como vender.

— Você está me dizendo que não havia *nenhuma* pescada no mercado de peixes hoje de manhã? — pergunta Edward, pronunciando lentamente as palavras.

— Estava muito caro.

— Então, por que você não comprou?

O sorriso do homem vacila.

— Tamboril é melhor, senhor.

— Eu pedi pescada — insiste Edward. — Você me deixou na mão. Não volto mais aqui.

Ele dá meia-volta nos calcanhares e sai da loja. O peixeiro dá de ombros e volta a atenção para o peixe que estava cortando em filés, não sem antes me olhar com curiosidade. Sinto o rosto arder.

Edward fica me esperando na rua.

— Vamos — diz ele, chamando um táxi.

No mesmo instante, um táxi faz o retorno e para ao nosso lado. Percebo que este é um dom peculiar de Edward: os taxistas sempre parecem estar com os olhos fixos nele.

Nunca o vi furioso e não sei por quanto tempo isso vai durar. Mas ele começa a falar calmamente sobre outro assunto, como se a discussão nunca tivesse ocorrido.

Se Carol estivesse certa e Edward fosse um sociopata, ele não estaria exaltado e furioso? Percebo que esta é mais uma evidência de que ela estava errada a respeito dele.

Edward olha para mim.

— Tenho a impressão de que você não está me ouvindo, Jane. Está tudo bem?

— Ah, desculpe. Eu me distraí.

Decido que não posso deixar que minha conversa com a terapeuta se intrometa no que estou vivendo. Aponto para a mala.

— Aonde você vai?

— Pensei em morar com você.

Por um instante, acho que não ouvi direito.
— Morar comigo?
— Se você quiser, é claro.
Fico chocada.
— Edward...
— É cedo demais?
— Eu nunca morei com ninguém.
— Porque nunca encontrou a pessoa certa — observa ele, racional.
— Eu entendo, Jane, porque, de certa forma, acho que somos muito parecidos. Você é recatada, independente e um pouco reservada. E essa é uma das muitas coisas que amo em você.
— É mesmo? — digo, embora esteja pensando: *Eu sou reservada? E Edward realmente acabou de falar em amor?*
— Não percebe? Somos perfeitos um para o outro. — Ele pega minha mão. — Você me faz feliz. E acho que também posso fazer você feliz.
— Estou feliz agora — falo. — Edward, você já me faz feliz.
E sorrio para ele, porque é verdade.

ANTES: EMMA

Quando Edward aparece novamente, traz uma mala de couro e alguns peixes para um ensopado.

O segredo está no *rouille*, diz ele ao reunir tudo no balcão. Muita gente economiza no açafão.

Não faço a menor ideia do que seja *rouille* ou açafão.

Você está indo para algum lugar?, pergunto, olhando para a mala.

De certa forma. Ou melhor, estou chegando a algum lugar. Se você me quiser, é claro.

Quer deixar algumas coisas aqui?, indago, surpresa.

Não, responde ele, achando graça. Isto é tudo o que eu tenho.

A mala é bonita como todas as coisas dele, o couro tão macio e polido quanto o de uma sela de cavalo. Debaixo da alça, há uma etiqueta discreta com as palavras SWAINE ADENEY, FABRICANTE DE MALAS. POR INDICAÇÃO REAL. Eu a abro. Tudo está tão perfeitamente posicionado quanto no motor de um carro. Eu tiro as peças, descrevendo cada uma.

Meia dúzia de camisas Comme des Garçons, todas brancas, muito bem passadas e dobradas, devo acrescentar. Duas gravatas de seda da Maison Charvet. Um MacBook Air. Um caderno Fiorentina com capa de couro. Uma lapiseira de aço. Uma câmera digital Hasselblad. Um invólucro de algodão enrolado com, vejamos, três facas japonesas.

Não toque nelas, avisa. São muito afiadas.

Embrulho as facas de volta e as deixo de lado.

Uma nécessaire. Dois suéteres pretos de caxemira. Dois pares de calças pretas. Oito pares de meias pretas. Oito cuecas pretas. Só isso?

Bem, tenho algumas coisas no escritório. Um terno e coisas do tipo.

Como você se vira com tão pouco?

Do que mais preciso?, questiona ele. Aliás, você não respondeu à pergunta que fiz, Emma.

É muito repentino, comento, mas por dentro estou dando cambalhotas de alegria.

Você pode me expulsar quando quiser.

Por que eu expulsaria? É você quem vai se cansar de *mim*.

Nunca vou me cansar de você, Emma, declara ele com seriedade. Acho que finalmente encontrei a mulher perfeita.

Mas por quê?, pergunto.

Fico sem entender nada. Achei que estávamos tendo apenas um caso desimpedido, ou seja lá como ele tenha chamado.

Porque você nunca faz perguntas, acrescenta ele. Depois volta a atenção para o peixe. Pode me passar aquelas facas?

Edward!

Ele finge suspirar.

Ah, está bem. Porque tem algo em você, algo vibrante e vivo, que também me faz me sentir vivo. Porque você é impulsiva, extrovertida e um monte de coisas que eu não sou. Porque você é diferente de todas as mulheres que eu já conheci. Porque você reacendeu minha vontade de viver. Porque você é tudo de que preciso. Esta explicação basta?

Por enquanto sim, digo, incapaz de conter um sorriso.

7. *Uma amiga lhe mostra um trabalho que fez. Ela está orgulhosa, mas não ficou muito bom. Você:*

- Faz uma crítica honesta e imparcial*
- Propõe uma pequena melhora para ver se ela aceita*
- Muda de assunto*
- Emite sons vagos, encorajadores*
- Diz que está ótimo*

AGORA: JANE

— A impressão que eu tenho é que você quer um pedido de desculpa — diz a mediadora do hospital, uma mulher de meia-idade com um casaco de lã cinza e uma postura cautelosa e compreensiva. — É isso, Jane? Você acha que, se a administração reconhecer tudo o que você passou, isso serviria de consolo?

Do outro lado da mesa, vejo o Dr. Gifford abatido, ao lado de um administrador hospitalar e de um advogado. A mediadora, Linda, está sentada na ponta da mesa, como se quisesse enfatizar sua neutralidade. Tessa está ao meu lado.

Vagamente me dou conta de que, com uma única frase, Linda conseguiu rebaixar o pedido de desculpa oferecido a um reconhecimento da minha dor. Parece até um daqueles ardilosos pedidos de desculpa de políticos, quando dizem que estão arrependidos por terem aborrecido outras pessoas.

Tessa coloca a mão em meu braço para avisar que vai responder à pergunta.

— Certamente, receberíamos uma *admissão* — diz ela, enfatizando a palavra — de que este hospital cometeu erros que poderiam ter sido evitados e que tais erros contribuíram para a morte de Isabel. Esse seria o primeiro passo.

Linda suspira, mas não fica claro se por empatia profissional ou porque percebeu que está lidando com um assunto delicado.

— O posicionamento do hospital, e me corrija se eu estiver errada, Derek, é preferir que os preciosos fundos públicos sejam gastos com o tratamento de doentes, não com processos e honorários de advogados.

Ela se vira para o administrador, que balança a cabeça devagar.

— Bem, mais ou menos — retruca Tessa, sensata. — Se vocês solicitassem ultrassonografias com Doppler para todas as gestantes, não estaríamos aqui hoje. Mas, em vez disso, alguém deu uma olhada nos números e calculou que seria mais barato pagar os honorários e as

compensações de advogados para um pequeno, embora estatisticamente significativo, número de casos em que esse tipo de exame teria feito a diferença. E essa situação vai continuar até que organizações como a Still Hope tornem uma abordagem insensível e desumana como essa algo caro e demorado demais a ponto de que os números deixem de compensar.

Um a zero para Tessa, penso.

— Se tivermos de suspender o Sr. Gifford — diz Derek, o administrador —, o que seremos forçados a fazer caso isso se torne formalmente uma SIA, um temporário vai assumir e mais pacientes vão deixar de receber os cuidados de um especialista experiente e respeitado.

SIA. Série de Incidentes Adversos. Lenta e dolorosamente, estou me familiarizando com os jargões. Auscultação intermitente. Monitoramento por CTG. Partogramas. A diferença proporcional de funcionários no centro de parto, onde eu estava, e na ala de trabalho de parto propriamente dita, onde eu deveria estar.

A reunião foi marcada pelo hospital quase tão depressa quanto Tessa redigiu um pedido formal dos meus registros médicos. Certamente eles estavam esperando para saber se a carta afável e tranquilizadora tinha funcionado. Por si só, a noção de que tentaram me enganar e de que, não fosse por Tessa, teriam conseguido me deixava quase tão furiosa quanto a perda de Isabel.

— A questão é que, por causa da indenização, o caso pode sair caro para eles — explicou Tessa a caminho da reunião.

— Por quê?

Sei que as indenizações por mortes de bebês que não deveriam ter morrido são tão pequenas que chega a ser risível.

— A indenização em si pode não ser muito alta, mas ainda tem a perda de rendimentos. Você tinha um emprego bem-remunerado. Se Isabel não houvesse morrido, você teria tirado a licença-maternidade e voltado depois, certo?

— Acho que sim. Mas...

— E agora você está trabalhando para uma instituição de caridade de natimortos por um salário mínimo. Se somarmos o salário do qual você abriu mão, vai dar uma bolada.

— Mas foi escolha minha.

— Uma escolha que você não faria caso as circunstâncias tivessem sido diferentes. Não pegue leve com o hospital, Jane. Quanto mais

caro você custar para eles, maior é a probabilidade de que mudem.

Percebo como ela é magnífica. Estranho como a gente acha que conhece alguém e, na verdade, não conhece de fato. No escritório da Still Hope, dividindo a mesma mesa, eu via uma mulher engraçada, animada, risonha e com propensão a gostar de fofoca de escritório. Aqui, na sombria sala de reuniões, vejo uma guerreira experiente, refutando os argumentos dos administradores hospitalares com a maestria de quem tem muita prática nisso.

— Parece que vocês estão tentando chantagear a Srta. Cavendish, dizendo que outros bebês vão morrer caso ela siga com o caso — diz Tessa. — Devidamente anotado. Uma posição mais responsável seria aumentar o número de funcionários, e não reduzir, ao menos até o resultado da revisão da SIA.

Os rostos do outro lado da mesa nos olham com frieza.

Por fim, o Dr. Gifford diz:

— Srta. Cavendish... Jane. Eu só quero deixar claro, em primeiro lugar, que sinto muito mesmo pela sua perda. E, em segundo lugar, quero pedir desculpas pelos erros cometidos. Perdemos oportunidades de intervir. Não posso garantir que Isabel estaria viva hoje caso tivéssemos detectado antes os problemas. Mas com certeza ela teria mais chances.

Ele mantém os olhos fixos na mesa enquanto fala, escolhendo as palavras, mas então ergue a cabeça e me encara. Seus olhos estão injetados de cansaço.

— Eu era o especialista de plantão. Assumo total responsabilidade.

Há um longo silêncio. Derek, o administrador, faz uma careta e joga as mãos para o alto, como se dissesse: *Estamos ferrados*. É Linda quem diz algo com cautela:

— Bem, acho que todos precisamos de um tempo para refletir sobre essa questão. E também sobre os outros pontos positivos que foram abordados aqui hoje.

* * *

— Foi angustiante — conto mais tarde para Edward. — Mas não da forma que eu esperava. De repente, percebi que, se prosseguisse com aquilo, eu ia destruir a carreira daquele cara, sendo que na verdade o que aconteceu não foi culpa dele. Acho que ele é uma boa pessoa.

— Talvez se ele não fosse tão legal e a equipe tivesse mais medo dele, a parteira teria verificado o exame duas vezes.

— Não posso acabar com ele por ser um chefe gente boa.

— Por que não? Se ele é medíocre, merece.

Eu sei, claro, que criar edifícios perfeitos como os de Edward exige um pouco de crueldade. Ele me contou que certa vez passou seis meses numa disputa com as autoridades para que não colocassem alarme de fumaça no teto de uma cozinha. O diretor de planejamento teve um colapso nervoso e se safou sem qualquer estardalhaço. Mas acho que nunca gostei de pensar nessa faceta dele.

Sem perceber, ouço a voz de Carol Younson. *Todos os traços de um sociopata narcisista...*

— Fale sobre essa Tessa — sugere Edward, servindo-se de vinho.

Notei que ele nunca enche mais da metade da taça. Ele me oferece um pouco, mas recuso.

— Ela parece apaixonante — comenta ele quando acabo de descrevê-la.

— E é. Quer dizer, ela não leva desaforo para casa. Mas também tem senso de humor.

— E o que *ela* acha do Dr. Gifford?

— Tessa acredita que o discurso dele foi ensaiado — admito.

Essa é a diferença entre responsabilidade e obrigação, Jane, disse ela mais tarde, enquanto comíamos biscoito com latte na Starbucks. Entre o erro de um médico e as falhas institucionais de uma organização. Eles vão fazer tudo o que puderem para manter a administração do hospital fora do caso.

— Então, agora você precisa decidir se quer que sua filha morta se torne parte da cruzada pessoal desta mulher — diz Edward, pensativo.

Olho para ele, surpresa.

— Você acha que eu deveria desistir?

— Bem, a decisão é sua, claro. Mas sua amiga parece decidida a comprar essa briga a qualquer custo.

Penso um pouco. É verdade, tenho certeza de que Tessa se tornou uma nova amiga. Gosto da companhia dela, mas, acima de tudo, admiro sua tenacidade. Quero que ela também goste de mim e, claro, se eu desistisse do caso poderia perder tudo isso.

Afastando Emma dos amigos e parentes...

— Você se importa? — pergunto.

— Claro que não — responde ele com um tom de voz tranquilo. — Só quero que você seja feliz. Aliás, vou trocar este sofá.

— Por quê?

O sofá é lindo: uma faixa longa e baixa de linho na cor creme.

— Agora que estou morando aqui, percebi que algumas coisas poderiam ser melhoradas, só isso. Os talheres, por exemplo. Não sei no que eu estava pensando quando escolhi Jean Nouvel. E acho que este sofá é um convite à preguiça. Duas poltronas cairiam bem melhor. Le Corbusier LC3, talvez. Ou a cadeira fantasma de Philippe Starck. Vou pensar melhor sobre isso.

No curto espaço de tempo desde que Edward se mudou, tenho notado uma diferença. Não tanto no relacionamento com ele, mas em minha relação com a casa. Aquela sensação que eu tinha de estar representando para uma plateia invisível foi substituída pela consciência, pela onipresença do olhar perspicaz de Edward, e a sensação de que a casa e eu somos parte de uma indivisível *mise-en-scène*. Como sei que ele está prestando atenção, sinto minha vida mais ponderada, mais *bela*. Contudo, pelo mesmo motivo, fica cada vez mais difícil me envolver com o mundo fora destas paredes, o mundo onde reinam o caos e a feiura. Se escolher talheres é tão difícil assim, como será possível decidir se quero ou não processar um hospital?

— Mais alguma coisa? — pergunto.

Edward pensa.

— Precisamos ser mais disciplinados na hora de guardar os itens de higiene pessoal. Hoje de manhã, por exemplo, notei que você não guardou o xampu.

— Eu sei. Esqueci.

— Bem, não se culpe por isso. É preciso disciplina para viver assim. Mas acho que você já está percebendo que as recompensas valem o esforço.

ANTES: EMMA

Eu estava com medo da fila de identificação. Eu me imaginava encarando Deon Nelson olho no olho enquanto passava lentamente diante de uma fileira de homens em uma salinha iluminada, como nos filmes. Mas claro que atualmente não é nada assim.

Esse é o VIPER, informa cordialmente o detetive Clarke, enquanto põe duas canecas de café ao lado do laptop. É a sigla em inglês para Gravação em Vídeo de Fila de Identificação, mas tenho a impressão de que alguém do Ministério achou que uma sigla sexy pegaria mais rápido. Basicamente gravam o suspeito em vídeo e, em seguida, o sistema utiliza um software de reconhecimento facial para encontrar em um banco de dados oito pessoas que se pareçam com ele. Antes disso, demorava semanas para montar uma fila de identificação. Podemos começar?

Ele pega alguns documentos em uma pasta de plástico.

Mas antes, diz ele, desculpando-se, você vai ter que assinar alguns formulários afirmando que só viu o acusado durante o suposto crime.

Claro, respondo em tom casual. Você tem uma caneta?

Há um problema, Emma, diz ele, parecendo desconfortável. É importante que você tenha certeza absoluta de que não o viu na audiência de custódia.

Não que eu saiba, falo, então me repreendo mentalmente. Se estou dizendo que por causa do assalto me lembro de Nelson bem o bastante para identificá-lo, claro que eu saberia se o tivesse visto em outro lugar. Mas o detetive Clarke não parece ter notado meu deslize.

Acredito totalmente em você. Mas é bom que esteja informada, porque isso pode surgir durante o julgamento e o réu alegar que vocês se viram de relance, por assim dizer, fora do tribunal.

Isso é um absurdo, retruco.

A advogada de Nelson alega que o cliente dela comentou isso na ocasião. Ela diz que viu você passando a uns cinco metros do acusado.

Franzo a testa.

Acho que não, respondo.

Sim. Bem, de qualquer modo, isso deixou a advogada bem nervosa. Ela fez uma queixa formal, além de uma notificação de que... hum... a veracidade do testemunho vai ser contestada durante o julgamento.

Veracidade do testemunho..., repito. Isto é, se estou dizendo a verdade ou não?

Infelizmente, sim. Ela pode tentar juntar isso com a história da amnésia. Vou ser sincero com você, Emma: não é uma experiência muito agradável quando uma advogada de defesa ardilosa tenta encontrar furos na história. Mas é o trabalho dela. E é melhor prevenir do que remediar, certo? Conte exatamente o que aconteceu e vai ficar tudo bem.

* * *

Assino os formulários, identifico Nelson e volto furiosa para casa. Quer dizer que vou ser atacada no tribunal por uma advogada determinada a sabotar minha história. Tenho a horrível impressão de que, ao tentar compensar as falhas da polícia, posso ter piorado ainda mais as coisas.

Estou tão imersa nos meus pensamentos que a princípio não noto o garoto em uma bicicleta BMX que diminui o ritmo e passa a pedalar ao meu lado. Quando me dou conta, percebo que é um adolescente de quatorze ou quinze anos. Eu me afasto instintivamente e passo a andar o mais próximo possível do muro.

Sem esforço, ele sobe no meio-fio com a bicicleta. Tento voltar por onde vim, mas ele surge logo atrás de mim e bloqueia meu caminho. O garoto se inclina para a frente. Espero o golpe, mas ele só rosna para mim:

Ei. Você é uma puta mentirosa. O recado está dado, vagabunda. Você sabe de quem é.

Ele desce do meio-fio, faz o retorno e se afasta pedalando. Mas antes gesticula como se estivesse me esfaqueando.

Sua puta, grita ele outra vez, só por garantia.

* * *

Edward me encontra encolhida no quarto, chorando. Sem dizer nada, ele me envolve nos braços até eu parar de tremer e poder contar o que aconteceu.

Provavelmente ele só estava tentando assustar você, diz Edward quando termino. Você contou para a polícia?

Confirmo com a cabeça, em meio às lágrimas. Liguei para o detetive Clarke assim que cheguei, só não mencionei a parte de ter sido chamada de mentirosa. Ele me disse que ia separar algumas fotos de comparsas de Nelson para me mostrar, mas muito provavelmente tinham usado alguém que não era conhecido da polícia.

De qualquer modo, o detetive me deu o número particular dele. Falou que eu podia mandar uma mensagem de texto sempre que me sentisse ameaçada. Ele disse que responderia rápido e enviaria alguém imediatamente até onde eu estivesse.

Edward ouve com atenção enquanto eu conto tudo.

Então a polícia acha que é só uma tentativa de intimidar você? Isso terminaria se você retirasse a acusação?

Olho para ele.

Se eu deixasse Nelson escapar?

Não estou sugerindo que é o que você deve necessariamente fazer. Mas é uma opção. Se quiser se livrar de todo esse estresse, pode deixar tudo para trás e nunca mais pensar em Deon Nelson.

Edward acaricia meu cabelo, colocando uma mecha atrás da orelha.

Vou preparar alguma coisa para a gente comer, diz ele.

AGORA: JANE

Fico sentada sem me mexer, com o corpo virado para a janela de modo a captar a luz.

O único som é o lápis de Edward raspando suavemente na folha enquanto me desenha. Ele tem um caderno com capa de couro que leva para toda parte e uma lapiseira de aço da marca Rotring, tão pesada quanto uma bala de arma de fogo. Desenhar é o que ele faz para relaxar. Às vezes me mostra os desenhos. Mais frequentemente, porém, suspira ao arrancar a página e a joga na lixeira embutida no balcão do refeitório.

— O que havia de errado com o desenho? — perguntei certa vez.

— Nada. É uma boa prática jogar fora coisas de que você gosta, mas das quais não necessariamente precisa. E uma imagem, qualquer uma, fica invisível em alguns minutos.

Antes, isso teria parecido algo estranho de se dizer, até mesmo um pouco cômico. Mas atualmente eu o entendo melhor. E, até certo ponto, concordo. Tantas coisas sobre este estilo de vida me pareciam irritantes antes, mas agora já considero habituais. Hoje em dia, não penso duas vezes antes de tirar os sapatos quando entro no pequeno vestíbulo da casa. Organizo meus temperos em ordem alfabética, como ele gosta, e não tenho muita dificuldade em colocá-los no devido lugar após o uso. Dobro as camisas e as calças de acordo com o método preciso de um guru japonês que escreveu vários livros sobre o assunto. Sabendo que Edward não consegue dormir caso eu use o banheiro depois dele e largue uma toalha no chão, eu as estendo após o banho e volto para dobrá-las quando estão secas. Copos e pratos são lavados, secos e guardados poucos minutos após serem usados. Tudo tem seu devido lugar, e qualquer coisa que não encontre espaço provavelmente é redundante e deve ser descartada. A vida que levamos juntos ganhou uma serenidade calma e eficiente com uma série de rituais domésticos tranquilos e reconfortantes.

Edward também aceitou alguns acordos. Não há estantes na casa, mas ele tolera uma pilha ordenada de livros de capa dura no quarto desde que as bordas estejam perfeitamente retas e a estrutura, alinhada. Ele só olha feio quando a pilha começa a inclinar.

— Muito alta?

— É, talvez um pouco.

Ainda não consigo jogar livros fora, nem mesmo para reciclagem, mas a instituição de caridade em Hendon High Street agradece os exemplares novinhos em folha, pouco manuseados.

Edward raramente lê por prazer. Certa vez, perguntei o motivo, e ele me respondeu que as palavras em páginas opostas não eram simétricas.

— Isso é uma piada? Nunca sei quando você está brincando.

— Talvez dez por cento seja piada.

Às vezes ele fala enquanto desenha, ou melhor, pensa em voz alta, e esses são os momentos mais preciosos. Ele não gosta de ser interrogado sobre o passado, mas não foge quando o assunto surge em uma conversa. Descobri que a mãe dele era uma mulher desorganizada, caótica, não exatamente alcoólatra, não exatamente viciada em remédios. Outra criança poderia ter a mesma infância de Edward e saído perfeitamente normal, mas alguma sensibilidade ou traço de caráter o levou por um caminho diferente. Então falo sobre meus pais, com seus padrões elevados e implacáveis. Meu pai era difícil de impressionar e usava o e-mail do trabalho para me mandar mensagens que me estimulassem a tentar de novo, fazer melhor, ganhar mais prêmios. Falo sobre os hábitos de consciência e diligência que ficaram comigo para a vida toda. Concluimos que nos completamos: nenhum de nós seria capaz de se satisfazer com um parceiro que se contentasse em ser mediano.

Ele termina o desenho, observa-o por alguns instantes, então vira a página.

— Vai guardar dessa vez?

— Por enquanto.

— Edward...

— Jane?

— Algumas coisas que fizemos na cama ontem à noite me incomodaram.

Ele prepara outro esboço e estreita os olhos por cima da ponta do lápis em direção às minhas pernas.

— Na hora você pareceu ter gostado — diz, por fim.

— No calor do momento, talvez. Mas depois... Eu não queria que esse tipo de coisa se tornasse uma prática constante, só isso.

Ele começa a desenhar, e o lápis percorre a página com facilidade.

— Por que negar a si mesma algo que lhe dá prazer?

— Uma pessoa pode não gostar de algo, mesmo se tiver feito por uma benevolência momentânea. Pode se sentir mal. Você, mais que todo mundo, deveria entender isso.

O macio vaivém do lápis não hesita, parecendo a agulha de um sismógrafo em um dia calmo, livre de terremoto.

— Você precisa ser mais específica, Jane.

— Coisas brutas.

— Continue.

— Basicamente, qualquer coisa que cause hematomas. Força, imobilização, marcas na pele ou puxões de cabelo. E, já que estamos falando disso, você deveria saber que não gosto de engolir esperma e sexo anal está absolutamente fora de questão.

O lápis para.

— Você está ditando *regras* para mim?

— Acho que sim. Limites, pelo menos. Vale para os dois lados, é claro — acrescento. — Qualquer coisa que você quiser me dizer, fique à vontade.

— Só quero dizer que você é uma mulher extraordinária. — Ele volta ao esboço. — Mesmo que uma das suas orelhas seja *realmente* um pouco maior do que a outra.

— *Ela* concordava com isso?

— Quem?

— Emma.

Sei que é um território perigoso, mas não consigo me conter.

— *Concordava com isso* — repete Edward. — Essa é uma maneira interessante de colocar as coisas. Mas nunca comento sobre minhas parceiras anteriores. Você sabe disso.

— Vou interpretar sua resposta como um sim.

— Você pode interpretar como quiser. Desde que pare de bater o pé desse jeito.

* * *

No curso de história da arte na faculdade, tivemos um módulo sobre palimpsestos, que são folhas de pergaminho medievais tão caras que, quando o texto já não era necessário, as folhas eram raspadas e reutilizadas, deixando as palavras fracamente visíveis por trás do novo. Mais tarde, os artistas do Renascimento usaram *pentimenti* (arrepentimentos) para descrever erros ou alterações cobertos com tinta nova, apenas para serem descobertos anos, ou mesmo séculos, mais tarde, quando a pintura fosse diluída com o tempo, revelando tanto o original quanto a revisão.

Às vezes tenho a sensação de que a casa — nosso relacionamento nela, com ela, um com o outro — é como um palimpsesto ou um pentimento. Por mais que a gente tente pintar por cima de Emma Matthews, ela continua voltando discretamente: uma imagem fraca, um sorriso enigmático, abrindo caminho pelo canto.

ANTES: EMMA

Meu Deus.

Há cacos de vidro no chão de pedra. Minhas roupas estão rasgadas. Os lençóis foram arrancados da cama e jogados no canto. Em minha coxa há manchas de sangue que não sei de onde vieram. No canto da sala há uma garrafa quebrada e comida pisoteada.

Nem quero pensar nas partes de mim que estão doloridas.

Nós nos entreolhamos como dois sobreviventes de um terremoto ou de uma explosão, como se tivéssemos ficado inconscientes e acabado de acordar.

Os olhos dele procuram meu rosto. Ele parece chocado e diz:

Emma, eu... Sua voz some. Eu perdi o controle, murmura.

Está tudo bem, digo. Está tudo bem, repito diversas vezes, como se estivesse acalmando um cavalo esbaforido.

Ficamos abraçados, exaustos, como se a cama fosse uma jangada que tivesse naufragado.

Não foi só você, acrescento.

Algo tão pequeno nos levou a isso. Desde que Edward se mudou, estou tentando manter tudo arrumado, mas às vezes isso significa que preciso jogar coisas nos armários alguns minutos antes de ele chegar. Edward abriu uma gaveta e descobriu que estava cheia de pratos sujos ou algo assim. Eu disse que não tinha importância e tentei convencê-lo a vir para a cama em vez de dar um jeito naquilo.

Então... Bum.

Ele se irritou.

E eu tive o melhor sexo da minha vida.

Eu me encaixo no calor entre seu braço e seu peito e repito as palavras que gritei há pouco.

Sim, papai. Sim.

8. *Tento fazer as coisas direito, mesmo quando não tem ninguém por perto para reparar.*

Concordo *Discordo*

AGORA: JANE

— Preciso ir.

— Tão cedo?

Faz só algumas semanas que Edward se mudou. Estamos felizes juntos. Sei disso do fundo do coração, mas também sei por causa dos testes que Edward tem feito comigo. A média geral dele é cinquenta e oito; a minha é um pouco mais alta, sessenta e cinco, mas ainda assim é um grande avanço considerando onde comecei.

— Preciso ir a um canteiro de obras. O pessoal do planejamento está dando trabalho. Parece que eles não entendem que não vamos terminar os edifícios e entregar para as pessoas fazerem o que quiserem. Não tem nada a ver com tijolos e argamassa. É a construção de um novo tipo de comunidade. Um lugar onde os moradores não têm só direitos, mas responsabilidades.

Essa é a ecocidade que a Monkford e Associados está construindo na Cornualha. É raro Edward comentar sobre trabalho, mas, pelo pouco que disse, entendi que o projeto de New Austell tem sido um esforço colossal, não só por causa do tamanho da obra, mas por todas as fraudes e todos os atalhos que os empreendedores vêm tentando impor ao longo do caminho. Ele suspeita que só o escolheram por causa do brilho que seu nome traria a um controverso projeto de urbanização; suspeita também que estão envolvidas exatamente as mesmas pessoas que vêm orquestrando uma campanha de relações públicas contra ele, tentando pressioná-lo a amontoar as unidades, esquecer as regras e, assim, tornar tudo mais rentável. Na imprensa, a ideia de “cidades-mosteiro” — comunidades austeras de simplicidade monástica — se tornou uma piada frequente.

— Lembra o que você disse quando me entrevistou? Que eu deveria contar aos seus clientes como é viver assim? Eu ficaria feliz em fazer isso se fosse ajudar.

— Obrigado. Mas já tenho seus dados. — Ele ergue um maço de papéis. — Aliás, Jane, segundo o registro da Governanta você tem pesquisado sobre Emma Matthews.

— Ah. Só fiz isso uma ou duas vezes.

Na verdade, fiz a maior parte da pesquisa no trabalho, ou usando o wi-fi dos vizinhos, mas, de vez em quando, tarde da noite, acabo me descuidando e usando a internet de casa.

— Algum problema?

— Só acho que isso não faz bem. O passado ficou para trás, por isso se chama passado. Deixe para lá, está bem?

— Se é o que você quer...

— Preciso que você me prometa.

Seu tom de voz é meigo, mas seu olhar é severo.

— Prometo.

— Obrigado. — Ele beija minha testa. — Vou passar algumas semanas fora, talvez um pouco mais. Compenso minha ausência quando voltar.

ANTES: EMMA

No trabalho pesquiso “Elizabeth Monkford” e salvo as imagens no desktop. Não fico surpresa ao descobrir que a esposa dele se parecia um pouco comigo. É comum os homens tenderem para o mesmo tipo. As mulheres também, é claro. Mas, no nosso caso, não é tanto a semelhança física e, sim, a personalidade.

Percebo que Simon foi uma aberração. Eu me sinto atraída por homens como Edward. Macho alfa.

Observo minuciosamente as fotos. Elizabeth Monkford tinha o cabelo mais curto que o meu, o que lhe dava uma aparência um pouco afrancesada, à la garçonne.

Vou até o banheiro feminino e paro diante do espelho, erguendo a franja com uma das mãos e, com a outra, escondendo o resto do cabelo atrás do pescoço. Gostei. Um toque de Audrey Hepburn. E ainda vai realçar o colar.

Sinto as pernas ficarem bambas quando me pergunto se Edward também vai gostar.

Se ele odiar, se ficar furioso, pelo menos terei provocado uma reação.

E se ele realmente se irritar?, sussurra uma voz na minha cabeça.

Sim, por favor, papai.

Viro a cabeça de um lado para outro. Gosto de como meu pescoço parece mais delicado. Edward pode envolvê-lo com a mão. As marcas deixadas por seus dedos na outra noite continuam visíveis.

Ainda estou me olhando no espelho quando Amanda entra no banheiro. Ela sorri para mim, mas parece tensa e cansada. Solto o cabelo.

Você está bem?, pergunto.

Na verdade, não, responde ela, molhando o rosto.

O problema de trabalhar na mesma empresa que o seu marido, diz ela, cansada, é que quando as coisas estão mal não tem como fugir.

O que aconteceu?

Ah, o de sempre. Ele me traiu. De novo.

Ela começa a chorar, puxando toalhas de papel para enxugar os olhos.

Ele contou para você?

Não precisa contar. Quando transamos pela primeira vez, ele ainda era casado com Paula. Eu deveria saber que não seria fiel.

Ela se olha no espelho e tenta reparar o dano.

Ele tem ido a boates com Simon, revela. Mas acho que você já sabia disso. Desde que vocês dois se separaram, Saul tem colocado as asinhas de fora como se fosse solteiro. O que é engraçado, porque Simon só pensa em voltar com *você*.

Ela me encara através do espelho.

Isso não vai acontecer, vai?

Nego com a cabeça.

Que pena. Sabe que ele adora você, não é?

O problema, digo, é que cansei de ser adorada. Pelo menos por alguém tão fraco quanto Simon. O que você vai fazer em relação a Saul?

Ela dá de ombros, desanimada.

Acho que nada. Pelo menos, não por enquanto. Ele não está saindo com ninguém em especial. Tenho certeza de que são relações casuais, quando ele exagera um pouco na bebida. Provavelmente só quer provar para Simon que ainda consegue se dar bem.

Sinto uma pontada de ciúme ao imaginar Simon dormindo com outras mulheres. Então afasto o pensamento. Ele não era o homem certo para mim.

Quando vamos conhecer Edward, afinal?, pergunta ela. Estou morrendo de curiosidade para descobrir se ele é tudo isso mesmo.

Vai demorar mais um pouco. Ele vai viajar amanhã para aquele projeto importante na Cornualha. Hoje é nossa última noite juntos.

Planejou alguma coisa especial?

Mais ou menos, respondo. Quer dizer, vou cortar o cabelo.

AGORA: JANE

Devia ser diferente quando Edward não está presente. Mas a verdade é que ele faz tanta parte da casa que sinto sua presença mesmo quando ele não está.

Mas é bom poder deixar de lado um livro enquanto cozinho e, em seguida, retomar a leitura enquanto como. É bom ter uma tigela de frutas no balcão do refeitório para beliscar de vez em quando. Também é bom poder andar desleixada, de camiseta e sem sutiã, livre da necessidade de manter a mim ou a casa imaculadas o tempo inteiro.

Ele deixou três faqueiros para eu testar: Piano 98, de Renzo Piano; Citterio 98, de Antonio Citterio; e Caccia, de Luigi Caccia Dominioni e dos irmãos Castiglioni. Estou lisonjeada por ter sido incluída na escolha, mas suspeito que também é um teste, para descobrir se minha opinião coincide com a dele.

Porém, aos poucos percebo que tem algo me incomodando. Assim como Edward não ignora uma colher de chá esquecida ou uma pilha de livros que não esteja perfeitamente alinhada, minha mente organizada e meticulosa se recusa a deixar de lado o mistério da morte de Emma Matthews.

Faço o possível para resistir. Afinal de contas, eu prometi. Mas minha inquietação fica mais insistente. E a promessa que ele extraiu de mim não levou em conta que este mistério é uma barreira para nossa intimidade, para a tranquila perfeição da nossa vida. Qual o sentido de escolher o garfo certo — no momento, estou preferindo as curvas fortes e sensuais do Piano — enquanto essa sombra monstruosa e confusa do passado paira sobre nós?

A casa quer que eu saiba, tenho certeza. Se as paredes falassem, Folgate Street, nº 1 me contaria o que aconteceu aqui.

Decido satisfazer minha curiosidade, mas em segredo. E, assim que eu enterrar esses fantasmas, nunca mais vou despertá-los. E nunca vou contar a ele o que descobri.

Carol Younson descreveu Edward como um sociopata narcisista, então meu primeiro passo é pesquisar o verdadeiro significado disso. De acordo com vários sites de psicologia, as características de um sociopata são:

Charme superficial
Achar que tudo é seu direito
Ser um mentiroso patológico

Ele ou ela:

Fica facilmente entediado(a)
É manipulador(a)
Não sente remorso
Carece de profundidade emocional

Indivíduos com transtorno de personalidade narcisista:

Acreditam ser superiores aos outros
Insistem em ter o melhor de tudo
São egocêntricos e arrogantes
Apaixonam-se com facilidade, colocam o objeto de amor
em um pedestal e, em seguida,
com a mesma rapidez, encontram defeitos

Está tudo errado, penso. Sim, Edward é diferente das outras pessoas, mas por um senso de propósito, não de superioridade. Sua autoconfiança não é opressora nem carente. Também não acho que seja mentiroso. Integridade é algo muito, muito importante para ele.

A primeira lista pode se encaixar melhor, mas ainda não parece certa. A reserva e a indisponibilidade de Edward certamente poderiam ser consideradas provas de que ele não tem profundidade emocional. Mas, na verdade, acho que ele não é assim. Mesmo que faça pouco tempo, moramos juntos e é mais como se ele fosse...

Eu reflito, procurando as palavras certas.

É mais como se ele fosse retraído. Como se tivesse se magoado no passado e reagido se escondendo atrás do muro de um mundo perfeito e organizado que ele mesmo inventou.

Será que foi a infância?

A morte da esposa e do filho?

Ou até mesmo a morte de Emma Matthews?

Ou foi outra coisa, algo que ainda não adivinhei?

Seja qual for a razão, parece estranho que Carol tenha interpretado Edward de forma tão equivocada. Claro, ela não o conheceu e se baseia no que Emma lhe contou.

O que sugere que Emma também se enganou a respeito dele. Ou — outro pensamento me ocorre — enganou deliberadamente a terapeuta. Mas por que ela faria isso?

Pego o telefone e encontro um número.

— Hampstead Casas e Terrenos — anuncia a voz de Camilla.

— Camilla, aqui é Jane Cavendish.

Ela faz uma breve pausa enquanto se lembra de mim.

— Jane... claro. Está tudo bem?

— Tudo bem — respondo. — Mas encontrei algumas coisas aqui no sótão que acho que podem ter sido de Emma Matthews. Por acaso você tem o contato do homem que morou aqui com ela? Simon Wakefield.

— Ah. — Camilla parece cautelosa. — Pelo visto você soube do... acidente de Emma. Na verdade, foi nessa época que assumimos o imóvel, porque o antigo corretor perdeu o contrato com o fim do inquérito. Então não tenho detalhes sobre os moradores anteriores.

— Quem era o antigo corretor?

— Mark Howarth, da Howarth e Stubbs. Posso mandar o número dele para você.

— Obrigada. — Então acrescento: — Camilla... Você disse que sua imobiliária assumiu a casa há três anos. Quantas pessoas moraram aqui desde então?

— Além de você? Duas.

— Mas, quando você me mostrou a casa, disse que ficou vazia durante quase um ano.

— É verdade. A primeira inquilina era uma enfermeira. Mas só durou duas semanas aí. A segunda conseguiu ficar três meses, até que certa manhã encontrei o dinheiro de um mês de aluguel enfiado

debaixo da porta da imobiliária e um bilhete dizendo que ela ia enlouquecer se ficasse mais um dia ali.

— As duas eram mulheres? — pergunto, pronunciando as palavras devagar.

— Sim. Por quê?

— Você não acha isso estranho?

— Na verdade, não. Quer dizer, não mais do que qualquer outra coisa naquela casa. Mas fico feliz que *você* esteja bem. — Ela deixa as palavras no ar, como se me convidasse a contradizê-la. Não digo nada.

— Bem, então tchau, Jane.

ANTES: EMMA

Relutante, ele coloca a bolsa Swaine Adeney na mesa de pedra enquanto tomamos um último café da manhã.

Não vai ser por muito tempo, diz ele. E, assim que eu puder, volto para passar uma ou duas noites.

Ele dá uma última olhada nos espaços claros e abertos da casa.

Vou pensar em você, diz ele, apontando para mim. Vestindo essa roupa. Vivendo assim. Do jeito que esta casa foi feita para ser habitada.

Estou usando uma de suas camisas brancas Comme des Garçons e uma de suas cuecas pretas enquanto como uma torrada. Mas funciona, digo para mim mesma. Casa minimalista, roupas minimalistas.

Estou ficando um pouco obcecado por você, Emma, acrescenta Edward.

Só um pouco?

Talvez um tempo nos faça bem.

Por quê? Não quer ficar obcecado por mim?

Seus olhos se fixam no meu pescoço, no meu novo corte de cabelo, quase curto demais para que suas mãos o agarrem durante o sexo.

Minhas obsessões nunca são saudáveis, afirma ele em voz baixa.

* * *

Depois que Edward vai embora, ligo o computador.

Hora de descobrir mais sobre o misterioso Sr. Monkford.

A reação dele ontem à noite ao ver meu corte de cabelo me deu uma ideia. Uma ideia tão louca que mal consigo acreditar.

* * *

Sr. Ellis?, chamo. Tom Ellis?

Ao ouvir minha voz, um homem se vira na minha direção. Está de terno e capacete amarelo e franze a testa em sinal de desaprovação.

Aqui é um canteiro de obras, diz ele. Você não pode entrar.

Meu nome é Emma Matthews. O pessoal do escritório disse que você estaria aqui. Só quero conversar rapidinho.

Sobre o quê? Barry, encontro você daqui a pouco, diz ele para o homem com quem estava falando antes.

O sujeito assente e segue para um dos edifícios semiacabados.

Edward Monkford, digo.

Ellis fica tenso.

O que você quer saber?

Estou tentando descobrir o que aconteceu com a esposa dele, explico. Acho que a mesma coisa pode acontecer comigo, entende?

Isso chama sua atenção. Ele me leva até um restaurante ali perto, uma espelunca velha e engordurada onde operários da construção civil usando coletes refletores remexem pratos de ovos fritos e feijão.

Rastrear o quarto membro da diretoria original da Monkford e Associados não foi fácil. Mas, por fim, acabei encontrando uma matéria antiga da versão on-line da *Architects' Journal* anunciando a equipe do escritório. Quatro jovens confiantes e recém-formados em uma foto indistinta em preto e branco. Mesmo naquela época, já estava evidente que Edward era o líder. Braços cruzados, rosto impassível, com Elizabeth de um lado e, do outro, David Thiel muito mais magro e usando rabo de cavalo. Tom Ellis estava à direita, um pouco afastado dos outros, o único sorrindo para a câmera.

Ele traz duas canecas de chá do balcão e põe duas colheres de açúcar em uma delas. Por mais que eu saiba que a foto do *Architects' Journal* foi tirada há menos de uma década, ele parece muito diferente. Mais gordo, o cabelo ralo.

Não costumo falar sobre Edward Monkford, diz ele. Nem sobre os outros membros da sociedade, aliás.

Eu sei, retruco, mas não encontrei nada na internet. Por isso liguei para o seu escritório. Mas preciso admitir que não esperava encontrar você trabalhando em um lugar como a Townside Construction.

Tom Ellis é funcionário de uma grande empreiteira que constrói casas quase idênticas para trabalhadores que moram em cidades-dormitório.

Estou vendo que Edward treinou você direito, diz ele em tom seco. Como assim?

A Townside constrói casas a preços acessíveis para quem quer constituir uma família. Ficam perto dos transportes públicos, escolas, consultórios médicos e bares. As casas têm jardins para as crianças brincarem e isolamento térmico para reduzir as contas de luz. Podem não ganhar prêmios de arquitetura, mas as pessoas vivem felizes. O que há de errado nisso?

Então, você e Edward tinham opiniões diferentes, digo. Foi por isso que saiu da Monkford e Associados?

Após um instante, Tom Ellis balança a cabeça.

Ele me forçou a sair, confessa.

Como?

De mil maneiras diferentes. Contestando tudo o que eu sugeria. Ridicularizando minhas ideias. Já era bem ruim antes de Elizabeth morrer, mas depois que Edward voltou do período sabático e ela não estava mais ali para controlá-lo, ele virou um monstro.

Ele estava inconsolável, argumento.

Inconsolável, repete Ellis. Claro. Esse é o grande mito que Edward Monkford criou, não é mesmo? O gênio atormentado que perdeu o amor da sua vida e, por isso, se tornou um arquiminimalista.

Você acha que não foi assim?

Eu sei que não.

Tom Ellis me observa como se questionasse se deve ou não prosseguir.

Se deixássemos, Edward teria projetado aqueles cubículos sem graça desde o início, diz ele, por fim. Foi Elizabeth quem o deteve. Como ela e eu apoiávamos um ao outro, ele estava em menor número. David Thiel só se preocupava com a parte da engenharia, é claro. Mas Elizabeth e eu... Nós éramos próximos. Tínhamos a mesma opinião. E os primeiros projetos do escritório refletem isso.

O que quer dizer com *próximos*?

Bem próximos. Inclusive, acho que eu estava apaixonado por ela.

Tom Ellis me encara.

Na verdade, vocês duas se parecem um pouco. Mas imagino que você já saiba disso.

Confirmo com a cabeça.

Eu nunca disse a Elizabeth como me sentia. Ao menos não até que fosse tarde demais. Achei que seria difícil caso ela não sentisse o mesmo, considerando que trabalhávamos tão perto um do outro. Mas claro que isso não deteve Edward.

Se Edward a desejasse, ele teria dito, afirmo.

Ele só se envolveu com Elizabeth para afastá-la de mim, revela Tom Ellis em tom categórico. Para Edward, tudo tinha a ver com poder e controle. Fazer com que ela se apaixonasse significava que ele tinha ganhado e eu havia perdido uma aliada.

Franzo a testa.

Você acha que tem a ver com os *projetos*? Você acha que ele se casou com ela só para garantir que a Monkford e Associados construísse casas do jeito que ele queria?

Eu sei que parece loucura, diz Tom Ellis. Mas Edward Monkford é louco, de certa forma.

Ninguém é tão cruel assim.

Ele dá uma risada cínica.

Você não sabe da missa a metade.

Mas a primeira casa que o escritório construiu, a Folgate Street, nº 1, originalmente seria muito diferente, argumento.

Sim. Mas só porque Elizabeth engravidou. E isso não fazia parte do plano de Edward. De repente, ela queria uma casa de família com dois quartos e um jardim. Portas para garantir a privacidade dos quartos em vez de espaços abertos. Eles discutiram. Nossa, como discutiram! Se você a conhecesse, veria que Elizabeth era uma pessoa doce, gentil, mas, à sua maneira, era tão teimosa quanto ele. Uma mulher extraordinária.

Ele faz uma pausa.

Certa noite, pouco antes de Max nascer, eu a encontrei chorando no escritório. Ela me disse que não suportava voltar para casa, que os dois eram muito infelizes e que Edward era incapaz de assumir qualquer compromisso.

O olhar vago de Tom Ellis desvia de mim.

Eu a abracei, conta ele. E a beijei. Ela me deteve. Elizabeth era uma mulher totalmente íntegra e jamais faria algo pelas costas de Edward. Mas me disse que precisava tomar uma decisão.

A de se separar?

Ele dá de ombros.

No dia seguinte, ela me disse que eu deveria esquecer o que tinha acontecido, que os hormônios a deixavam transtornada. Que Edward podia ser difícil, mas ela estava empenhada em fazer o casamento dar certo. Deve ter conseguido convencê-lo a se comprometer até certo ponto, porque os projetos finais estavam realmente muito bons. Não. Estavam mais do que bons. A casa era brilhante. Ocupava com perfeição o espaço disponível. Não teria ganhado nenhum prêmio. Provavelmente não teria colocado o escritório no mapa internacional. Isso nunca acontece com projetos de arquitetura confortável e bem pensada. Mas os três teriam sido felizes lá.

Ele faz uma pausa.

Mas Edward tinha outros planos.

Como assim?

Você sabe como ela morreu?, murmura ele.

Nego com a cabeça.

Elizabeth e Max foram mortos quando uma escavadeira estacionada derrubou uma pilha de blocos de concreto perto de onde eles estavam. No inquérito foi mencionado que os blocos não tinham sido empilhados direito, por isso a pilha ficara instável. Além disso, a escavadeira estaria parada em um declive, com o freio de mão solto. Eu conversei com o mestre de obras. Ele me disse que, quando deixou o local na sexta-feira à tarde, a pilha estava sólida e a escavadeira, bem estacionada. O acidente ocorreu no dia seguinte.

Onde estava Edward?

Do outro lado do canteiro, verificando o progresso das obras. Pelo menos foi o que ele afirmou no inquérito.

E o mestre de obras? O que ele falou?

Ele mudou o depoimento. Disse que havia moradores de rua dormindo no canteiro de obras e que podiam ter mexido na escavadeira. Mas só fez isso porque Edward ainda era seu chefe, afinal de contas.

Você lembra o nome do homem?

John Watts, da Watts and Sons. É uma empresa familiar.

Então, deixe eu ver se entendi direito, digo. Você acredita que Edward matou a família só porque a esposa não concordava com o tipo de casa que ele queria construir?

Falo isso como se achasse que Tom Ellis é louco, como se a ideia fosse tão absurda que eu nem conseguisse acreditar. Mas, na verdade,

eu acredito. Isto é, eu sei que assim que ele se decide é capaz de fazer qualquer coisa.

Você disse só, comenta Ellis. Com Edward Monkford não existe só. Nada é mais importante do que a vontade dele. Ah, não duvido que amava Elizabeth, do jeito dele. Mas acho que não se importava com ela, se entende o que quero dizer. Você sabia que existe uma espécie de tubarão tão feroz que seus embriões devoram uns aos outros no útero? Assim que os primeiros dentes nascem, eles se voltam uns contra os outros até sobrar o maior, e esse nasce. Edward é assim. Não consegue se controlar. Desafiá-lo é ser destruído por ele.

Você contou isso para a polícia?

Os olhos de Tom Ellis parecem assombrados.

Não, admite ele.

Por que não?

Depois do inquérito, Edward foi embora. Mais tarde, ficamos sabendo que ele estava morando no Japão. Só que não estava trabalhando como arquiteto; vivia de bicos. David e eu achamos que nunca mais o veríamos.

Mas ele voltou, digo.

É, acabou voltando. Certo dia, entrou no escritório como se nada tivesse acontecido e anunciou que a partir daquele momento a Monkford e Associados seguiria uma nova direção. Ele foi esperto e vendeu para David a ideia de uma fusão de simplicidade visual com novas tecnologias e o convenceu de que eu estava atrapalhando. Foi uma vingança porque eu tinha tomado o partido de Elizabeth contra ele.

Então, enquanto Edward esteve fora, você não quis provocar um escândalo porque achou que a empresa era toda sua. Por isso ficou em silêncio.

Tom Ellis dá de ombros.

Essa é uma interpretação.

Acho que você estava tentando pegar carona no talento de Edward.

Pense o que quiser. Mas só concordei em conversar com você porque me disse que estava com medo.

Eu não disse que estava com medo. Só estou curiosa.

Meu Deus. Você também se apaixonou por ele, não é?, pergunta Tom Ellis com amargura, me encarando. Não sei como ele consegue. Como hipnotiza mulheres feito você? Mesmo depois de dizer que ele matou a esposa e o filho, você não sente nenhuma aversão. É quase

como se isso a excitasse e a fizesse pensar que ele realmente é um gênio, sendo que, na verdade, não passa de um bebê de tubarão no útero.

AGORA: JANE

É preciso um pouco mais de trabalho de detetive para rastrear Simon Wakefield. Falo com Mark, o corretor que cuidava de Folgate Street, nº 1 antes de Camilla, mas ele também não sabe como entrar em contato com o ex-namorado de Emma.

— Mas, se conseguir falar com ele — diz Mark —, mande lembranças minhas. Ele passou por momentos difíceis.

— A morte de Emma, você quer dizer?

— Também. Mas, mesmo antes disso, teve o assalto no apartamento anterior e tudo o mais.

— Eles foram assaltados? Eu não sabia.

— Foi principalmente por isso que quiseram ficar em Folgate Street, nº 1: pela segurança. — Ele faz uma pausa. — Que ironia. Mas Simon teria feito qualquer coisa por Emma. Ele não estava muito interessado em morar ali, mas, assim que ela disse que gostou do lugar, ele aceitou. A polícia me perguntou se eu tinha visto qualquer evidência de que ele pudesse ser violento com ela. De jeito nenhum, respondi. Ele adorava Emma.

Demoro um instante para entender o que Mark está dizendo.

— Espere aí. A polícia achou que *Simon* poderia ter matado ela?

— Bem, não disseram isso explicitamente. Mas eu tive que entrar em contato com eles depois da morte dela, para permitir que as equipes de perícia criminal entrassem na casa, por isso conheci muito bem o detetive encarregado da investigação. Foi ele quem me perguntou sobre Simon. Ao que parece, Emma havia alegado que tinha sido agredida por ele. — Mark baixa o tom de voz. — Para ser sincero, nunca levei Emma muito a sério. Tudo girava ao redor dela, se entende o que quero dizer. Ela fazia muito drama. Parecia que ele não tinha muita voz.

Apesar de não ter o contato de Simon, Mark lembrava onde ele trabalhava e isso bastou para que eu o encontrasse no LinkedIn. A revista para a qual ele escrevia havia falido, e, assim como a maioria dos autônomos, ele tinha um perfil com currículo on-line. Mesmo assim, hesitei antes de entrar em contato. Sim, ele podia deixar flores para Emma em Folgate Street, nº 1, mas, de acordo com o que Mark tinha acabado de me dizer, também fora considerado suspeito da morte dela. Seria mesmo sensato interrogá-lo sobre o que tinha acontecido?

Decido ser cuidadosa, me certificando de não pressionar nem ameaçar. E ainda vou tentar pedir desculpas por ter tirado os buquês de flores dele da porta.

Mando um e-mail formal, perguntando se podemos conversar. A resposta chega alguns minutos depois, dizendo que ele gostaria de conversar comigo e sugeria o Costa Coffee, em Hendon.

Chego cedo, ele também. Está vestido como da vez em que estive em Folgate Street, nº 1: camisa polo, calça social, sapatos da moda; o uniforme elegante e casual do jornalista londrino. Ele tem uma expressão agradável, simpática, mas, quando se senta diante de mim, há preocupação em seu olhar, como se já soubesse que vai ser uma conversa difícil.

— Então quer dizer que você ficou curiosa — começa ele depois de nos apresentarmos. — Não me surpreende.

— Estou mais para confusa. Todo mundo com quem eu converso parece ter uma versão diferente sobre a morte de Emma. A terapeuta dela, por exemplo, acha que Emma se matou porque sofria de depressão. — Decido ser direta. — E também ouvi dizer que a polícia interrogou *você* por causa de uma alegação feita por Emma. Que história foi essa?

— Não sei. Não faço ideia do que a levou a dizer aquilo, ou se realmente chegou a dizer. Eu nunca, nunca mesmo, bati nela. — Ele me encara, enfatizando cada palavra. — Eu beijava o chão que Emma pisava.

Vim aqui hoje disposta a ser cautelosa, a não acreditar em tudo o que este homem me disser, mas, ainda assim, acredito nele.

— Fale mais sobre ela — peço.

Simon exala devagar.

— O que dizer sobre alguém que você ama? Tive a sorte de estar com ela, sempre soube disso. Ela estudou em uma escola particular

para meninas e depois cursou uma boa faculdade. E era bonita, muito bonita. Sempre era abordada por olheiros de agências de modelos. — Ele me observa, um pouco tímido. — Por falar nisso, você se parece um pouco com ela.

— É o que dizem.

— Mas você não tem... — Simon franze a testa, tentando encontrar a palavra certa, e eu sinto que provavelmente está tentando ser delicado — a *vibração* dela. Na verdade, isso trouxe todo tipo de problema. Ela era tão amigável que os homens sempre achavam que podiam se aproximar sem serem rejeitados. Eu disse para a polícia que as únicas vezes que Emma me via agressivo era quando algum idiota não a deixava em paz. Nesses momentos, ela me olhava de um jeito específico para que eu interviesse e mandasse o sujeito cair fora.

— E por que Emma diria que você bateu nela?

— Não faço ideia. Na época, achei que a polícia havia dito isso para me abalar, para dar a impressão de que tinham mais evidências contra mim do que de fato tinham. Mas, para ser justo, eles se desculparam e logo me deixaram ir embora. Acho que só estavam seguindo o protocolo. A maior parte dos assassinatos é cometida por alguém próximo à vítima, certo? Por isso, é normal que se voltem para o ex-namorado. — Ele fica em silêncio por um instante. — Mas procuraram o ex errado. Eu avisei que deveriam ter ido atrás de Edward Monkford, não de mim.

Sinto os pelos da nuca se arrepiarem ao ouvir o nome de Edward.

— Por quê?

— De forma muito conveniente, Monkford não estava por perto depois da morte de Emma. Ele tinha viajado a trabalho para algum grande projeto. Mas nunca vou aceitar que não foi ele quem a matou.

— Por que ele faria isso?

— Porque ela havia terminado com ele. — Simon se inclina para a frente, com um olhar penetrante. — Cerca de uma semana antes de morrer, ela me disse que tinha cometido um erro terrível, que havia percebido que ele não passava de um tirano manipulador e maníaco por controle. Ela disse, e acho isso bem irônico considerando como Monkford odiava que ela tivesse qualquer bem pessoal, que ele a tratava como um acessório, nada além de um enfeite para embelezar a casa. Ele não suportava que ela tivesse qualquer independência ou opinião própria.

— Mas não se mata uma pessoa só porque ela tem opinião própria — retruco.

— Emma disse que, ao longo do tempo, Edward foi mudando. Quando ela terminou o relacionamento, ele ficou praticamente desnordeado.

Tento imaginar Edward desnordeado. Sim, algumas vezes pressenti uma paixão por trás de toda aquela calma sobrenatural, um turbilhão de emoções contido à força. A fúria dele com o peixeiro, por exemplo. Mas sempre durou apenas alguns instantes. Simplesmente não reconheço o que Simon está descrevendo.

— E tem mais — continua ele. — Outro motivo para Monkford querer que Emma morresse.

Volto minha atenção para Simon.

— Fale.

— Emma descobriu que ele assassinou a esposa e o filho pequeno.

— O quê?! — exclamo, confusa. — Como?

— A esposa se meteu e o fez alterar o projeto de Folgate Street, nº 1. Rebeldia e independência outra vez. Por algum motivo, Edward Monkford é patologicamente incapaz de lidar com essas coisas.

— Você contou tudo para a polícia?

— Claro. Eles disseram que não havia provas suficientes para reabrir a investigação. Também me alertaram para não repetir minhas acusações durante o inquérito de Emma. Disseram que poderiam ser consideradas difamação. Em outras palavras, decidiram ignorar. — Ele passa a mão no cabelo. — Desde então, tenho investigado por conta própria, reunindo as provas que encontro. Mas, mesmo sendo jornalista, é difícil ir longe sem o poder que a polícia tem.

Apenas por um instante, sinto um pouco de pena de Simon. Um cara gentil, íntegro e desinteressante, incapaz de acreditar na própria sorte quando conquista uma garota que é areia demais para seu caminharzinho. Então, uma série de acontecimentos imprevistos se desenrola e, de repente, ela se vê obrigada a escolher entre ele e Edward Monkford. Realmente não dava para competir. Não surpreende que ele não tenha seguido em frente. Não surpreende que tenha acreditado que havia alguma conspiração secreta por trás da morte dela.

— Nós teríamos voltado se ela não tivesse morrido — acrescenta. — Tenho certeza. Nosso término foi confuso. Uma vez ela quis que eu assinasse alguns documentos, então fui até Folgate Street, nº 1 para

tentar reconquistá-la, mas eu estava um pouco bêbado e não lidei muito bem com a situação. Acho que eu já sentia ciúme de Monkford. Nessa época percebi que teria muito trabalho para reatar com ela. O primeiro passo seria convencer Emma a se mudar daquela casa horrível. E ela concordou, ao menos a princípio. O contrato de aluguel era um problema, porque estipulava uma penalidade pelo cancelamento. Se ela tivesse se mudado, acho que ainda estaria viva.

— A casa não é horrível. Sinto muito que você tenha perdido Emma, mas não pode culpar a casa.

— Um dia você vai perceber que estou certo. — Simon olha diretamente para mim. — Ele já se engraçou com *você*?

— Como assim? — retruco.

— Monkford. Mais cedo ou mais tarde ele vai dar em cima de você. Se é que já não deu. Depois também vai fazer uma lavagem cerebral em você. Ele é assim.

Se eu admitir que temos um caso, vou apenas confirmar a crença de Simon de que as mulheres caem na lábia de Edward. Então acabo dizendo:

— E por que você acha que eu diria sim?

Ele balança a cabeça.

— Que bom. Se falar sobre a morte de Emma puder salvar ao menos uma pessoa das garras daquele desgraçado, terá valido a pena.

O restaurante está enchendo. Um homem se senta à mesa ao lado, segurando um sanduíche de linguiça e cebola. Sentimos um fedor pungente de pão úmido e barato com cebolas cozidas.

— Meu Deus, esse sanduíche tem um cheiro horrível — digo.

Simon franze a testa.

— Não estou sentindo. Então, o que você vai fazer?

— Você acha que existe alguma chance de Emma ter exagerado? Ainda me parece estranho que ela tenha feito comentários bizarros sobre Edward Monkford e alegações também bizarras sobre *você* para a polícia. — Faço uma pausa. — Conversei com uma pessoa que a descreveu como alguém que gostava de ser o centro das atenções. Às vezes, gente assim precisa sentir que é importante. Mesmo que para isso precise inventar coisas.

Ele discorda com a cabeça.

— É verdade que Emma gostava de se sentir especial. Mas ela *era* especial. Acho que essa foi uma das razões que a levou a gostar de Folgate Street, nº 1. Não era só pela segurança e, sim, por ser muito

diferente. Mas se você está dizendo que por causa disso ela fantasiava... De jeito nenhum.

Ele parece irritado.

— Tudo bem — acrescento rapidamente. — Então acho melhor esquecer o que eu disse.

— Posso me sentar aqui?

Uma mulher com um sanduíche aponta para a cadeira vazia ao nosso lado. Simon assente, relutante.

Tenho a impressão de que ele gostaria de continuar falando sobre Emma o dia inteiro. Assim que a mulher se acomoda, sinto o fedor nauseante de cogumelos fritos. Tem cheiro de cachorro molhado e lençóis sujos.

— A comida aqui é nojenta — comento em voz baixa. — Não sei como alguém come essas coisas.

Ele me olha um pouco irritado.

— Imagino que você teria preferido me encontrar em um lugar mais sofisticado. Faz mais seu estilo.

— Não é isso. — Percebo que Simon Wakefield é um homem ressentido. — Eu costumo gostar do Costa. Mas achei esse sanduíche excepcionalmente fedorento, só isso.

— Não está me incomodando.

Enjoada, eu me levanto, ansiosa por respirar ar fresco.

— Bem, obrigada por ter vindo me encontrar, Simon.

Ele também fica de pé.

— Claro. Olhe, este aqui é meu cartão. Entre em contato se descobrir mais alguma coisa. Pode me dar seu telefone? Só para garantir?

— Para garantir o quê?

— Que eu consiga avisar você caso finalmente arranje uma prova de que Edward Monkford é um assassino — diz ele com tranquilidade.

* * *

De volta a Folgate Street, nº 1, vou até o banheiro e tiro a roupa diante do espelho. Toco meus seios e sinto que estão doloridos e inchados. Meus mamilos estão perceptivelmente mais escuros e, ao

redor de cada aréola, há pequenos pontos em relevo, como se eu estivesse arrepiada.

Só vou menstruar daqui a uma semana, por isso um teste não seria confiável. Mas eu não preciso de um. A sensibilidade aos cheiros, as náuseas, os mamilos escuros, as pequenas protuberâncias que minha parteira disse se chamarem glândulas de Montgomery são exatamente iguais às mudanças que meu corpo sofreu da última vez que engravidei.

9. *Fico irritado(a) quando as coisas não saem como planejado.*

Concordo *Discordo*

ANTES: EMMA

Faz tempo que não vejo você, Emma, diz Carol.

É, eu andei ocupada, respondo, sentando em cima das minhas pernas no sofá.

Quando conversamos pela última vez, você havia acabado de pedir que Simon saísse da casa onde vocês moravam. Também falamos sobre o fato de que muitas vezes os sobreviventes de traumas sexuais passam por grandes mudanças durante o processo de recuperação. Como vêm sendo essas mudanças para você?

É claro que na verdade ela quer perguntar: *Você já mudou de ideia quanto a Simon?* Estou começando a perceber que, por mais que Carol jure que seu trabalho não é julgar ou direcionar nossas sessões para alguma conclusão específica, muitas vezes é exatamente isso que ela faz.

Bem, respondo, estou em um novo relacionamento.

Uma pausa.

E está indo bem?

É com o homem que projetou a casa onde eu moro. Para ser sincera, ele tem sido um alívio depois de Simon.

Carol ergue as sobrancelhas.

E por que você acha isso?

Simon é um menino. Edward é um homem.

E com ele você não teve nenhum dos problemas sexuais que enfrentou com Simon?

Sorrio.

Definitivamente, não.

Depois de uma pausa, acrescento:

Mas eu queria conversar com você sobre uma questão. Uma coisa específica.

Claro, diz ela.

Devo parecer hesitante, porque ela complementa:

Não há nada que você possa me dizer que eu já não tenha escutado diversas vezes, Emma.

Tenho sentido vontade de ser dominada, digo.

Entendo, responde ela, cautelosa. Isso excita você?

Acho que sim.

Mas também incomoda?

Só acho... estranho. Depois do que aconteceu. Não deveria ser o contrário?

Bem, a primeira coisa a dizer é que não existe “deveria” ou “não deveria”, argumenta ela. E, na verdade, isso não é tão incomum assim. Entre a população em geral, cerca de um terço das mulheres alega ter fantasias com circunstâncias que envolvem transferência de poder. Além do mais, há o aspecto físico. O que às vezes é chamado de transferência de excitação. Depois de sentir adrenalina em determinada situação sexual, seu cérebro inconscientemente pode desejar mais. E não se deve ter vergonha. Não significa que você gostaria de vivenciar isso na realidade. De modo algum.

Eu não sinto vergonha, digo. E gosto disso na vida real.

Carol pisca.

Você tem colocado essas ideias em prática?

Confirmo com a cabeça.

Com Edward?

Assinto de novo.

Gostaria de falar sobre isso?

Apesar de todas as suas alegações de ser imparcial, Carol parece tão desconfortável que decido exagerar um pouco, só para deixá-la chocada.

É engraçado, concluo, mas irritar Edward de alguma forma faz com que eu me sinta mais poderosa.

Você certamente parece mais assertiva hoje, Emma. Mais confiante em suas escolhas. Mas estou na dúvida se seriam escolhas saudáveis para você neste momento.

Finjo refletir.

Provavelmente são, decido.

É evidente que não é a resposta que Carol esperava para sua questão formulada com tanto cuidado.

Ao viver essas experiências, a escolha do parceiro é muito importante, diz ela.

Na verdade, eu não chamaria de experiências, retruco. Estão mais para descobertas.

Mas se é tudo tão maravilhoso, Emma, diz ela baixinho, por que você está aqui?

Boa pergunta, penso.

Já falamos sobre o fato de que sobreviventes de estupro às vezes podem, erroneamente, culpar a si mesmas, acrescenta ela. Podem acreditar que merecem ser punidas ou que, de algum modo, valem menos do que as outras pessoas. Não posso deixar de questionar se, em parte, é isso que está acontecendo aqui.

Ela fala com tanta sinceridade que, por um instante, quase desmorono.

E se eu nunca tiver sido estuprada?, digo. E se tudo não tiver passado de uma fantasia?

Ela franze a testa.

Não estou acompanhando seu raciocínio, Emma.

Não é nada. Mas suponha que eu tenha descoberto algo sobre alguém, sobre um crime que essa pessoa cometeu. Se eu lhe contasse, você teria que denunciar para a polícia?

Se o crime ainda não tiver sido denunciado, ou se tiver sido, mas a prova que você tem puder fazer alguma diferença na investigação, a situação se complica, diz ela. Como você sabe, os terapeutas têm um código de ética profissional que inclui a confidencialidade. Mas também temos que cumprir a lei. Em um conflito entre essas duas coisas, a lei prevalece.

Fico em silêncio, pensando nas implicações.

O que está incomodando você, Emma?, pergunta ela com gentileza.

Não é nada, digo, dando um sorriso.

AGORA: JANE

Um exame de sangue no consultório do clínico geral confirma. Só conto para Mia, Beth e Tessa.

Óbvio que a primeira pergunta de Mia é:

— Foi planejado?

Nego com a cabeça.

— Teve uma noite em que Edward ficou um pouco... fora de si.

— Não me diga que o Sr. Controle fica fora de si? Realmente não sei se eu deveria ficar preocupada ou aliviada ao saber que no fim das contas ele é humano.

— Foi só uma vez. Na verdade, conversamos sobre isso depois.

Sei que Mia deve achar que estou me referindo à falta de métodos contraceptivos. Mas não entro em detalhes.

— Ele já sabe?

— Ainda não.

A verdade é que não sei como Edward vai reagir.

Mia se adianta:

— Corrija-me se eu estiver errada, mas “nada de crianças” não era uma das regras?

— Da casa, sim. Mas não é a mesma coisa.

— Não? — Ela ergue uma das sobrancelhas. — Todas nós sabemos como os homens adoram uma gravidez não planejada.

Eu não digo nada.

— E você? — acrescenta ela. — Como *você* está se sentindo, J.?

— Com medo — admito. — Aterrorizada.

Porque, apesar do turbilhão de emoções — descrença, alegria, ansiedade, euforia, surpresa, luto renovado por Isabel, felicidade —, no fundo o que sinto é um medo puro e simples.

— Não consigo passar por isso de novo. Se acontecer alguma coisa dessa vez. Aquela... *desgraça*. Não consigo... Acabaria comigo.

— Na época disseram que não havia razão para seu próximo bebê não ser saudável — lembra Mia.

— Também não havia nenhuma razão da vez anterior. Mesmo assim, aconteceu.

— Mas você *vai* ter o bebê, não é?

Há pouquíssimas pessoas no mundo que poderiam me fazer essa pergunta e ainda menos pessoas a quem eu daria uma resposta sincera: há uma parte de mim dizendo: *Não tenha*. Você voltou à luz depois de tanto tempo em um lugar escuro e solitário. Por que participar desse jogo de novo? É a mesma parte do meu cérebro que observa Folgate Street, nº 1 e pensa: *Por que arriscar tudo isso?*

Mas há outra parte de mim, a que segurou um bebê morto nos braços, que olhou para seu rosto perfeito e, apesar de tudo, sentiu a imensa alegria da maternidade, que não é capaz de aceitar a possibilidade de abortar um feto saudável por covardia.

— Sim — respondo. — Vou ter o bebê. O bebê de Edward. Sei que no começo ele não vai gostar da ideia, mas espero que se acostume.

ANTES: EMMA

Após duas semanas sem notícias de Edward, mando uma selfie para ele.

Fiz uma tatuagem, papai. Gostou?

A reação é instantânea.

O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?

Eu sei que deveria ter pedido sua permissão. Mas eu queria descobrir o que ia acontecer caso eu me comportasse muito, muito mal...

Na verdade, a tatuagem é pequena, bem bonita e fica totalmente escondida quando uso roupas normais. É uma representação estilizada das asas de uma gaivota localizada pouco acima da nádega direita. Mas sei que Edward detesta tatuagens.

P.S.: Está bem dolorido.

A resposta chega alguns minutos mais tarde.

E vai ficar ainda mais. Hoje à noite. Vou voltar para Londres. Bravo.

É a mensagem mais longa que ele já me mandou. Sorrio enquanto respondo:

Então é melhor eu me preparar.

Tomo um banho, me enxugo com cuidado, passando um pouco de perfume. Coloco o vestido e o colar de pérolas, mas fico descalça. Minha pele já está formigando. A expectativa é uma delícia, mas se mistura com uma excitação nervosa. Será que fui longe demais? Será que vou conseguir lidar com o que ele vai fazer comigo?

Eu me acomodo no sofá. Então ouço o fraco sinal sonoro da Governanta ao detectar que tem alguém à porta e, em seguida, o bipe, quando o acesso é concedido. Edward vem em minha direção, carrancudo.

Mostre, rosna ele.

Eu mal tenho tempo de me virar antes de ele agarrar meus pulsos com uma das mãos e me inclinar no sofá, quase rasgando o vestido enquanto o puxa com a outra mão.

Ele fica paralisado.

Mas que...

Começo a rir descontroladamente.

Ele balança meus pulsos, furioso.

Pelo amor de Deus, que brincadeira é essa?

Foi Amanda, digo, ofegante. Ela fez uma tatuagem para comemorar a separação do marido. E eu fui com ela.

Você me mandou a foto da bunda de outra pessoa?, pergunta ele, pronunciando lentamente as palavras.

Confirmo com a cabeça, ainda fraca de tanto rir.

Cancelei um jantar com o prefeito e o comitê de planejamento regional para estar aqui hoje, dispara Edward.

Bem, qual das duas coisas vai ser mais divertida?, pergunto, balançando a bunda para ele, convidativa.

Ele não solta meus pulsos.

Estou furioso com você, diz, pensativo. Você me irritou de propósito. Merece cada parte do que está prestes a receber.

Tento me afastar, mas ele me detém com força.

Bem-vindo ao lar, papai, digo, suspirando de alegria.

* * *

Mais tarde, muito mais tarde, antes de ele sair, eu lhe entrego a carta.

Não leia agora, peço. Leia quando estiver sozinho. Pense nisso durante uma reunião tediosa de planejamento. Não precisa responder. Mas eu queria me explicar para você.

AGORA: JANE

Meu primeiro compromisso como futura mãe. Mais à frente, do outro lado de uma mesa feia do serviço nacional de saúde, está sentado o Dr. Gifford.

Alguns dias atrás, recebi uma carta digitada no computador explicando que, embora não houvesse nenhuma razão para eu me preocupar, meu histórico médico automaticamente classificava minha gravidez como de alto risco e, portanto, eu estaria sob os cuidados de um especialista, o Dr. Gifford.

Óbvio que alguém percebeu o erro, porque mais tarde, naquele mesmo dia, me ligaram para dizer que entenderiam caso eu quisesse ser atendida por outro médico. De qualquer modo, eu deveria saber que o Dr. Gifford já pedira demissão.

Dizem que a gravidez atrapalha o raciocínio. Até o momento, descobri que é o contrário. Ou talvez seja porque tenha ficado mais fácil tomar algumas decisões. Finalmente, sei o que devo fazer.

— O negócio é o seguinte — digo para ele. — Não acho que você deva pedir demissão por causa de algo que não foi culpa sua. E nós dois sabemos que seu substituto vai ser tão sobrecarregado quanto você.

Ele assente, cauteloso.

— Então, minha proposta é a seguinte: sugiro que a gente trabalhe juntos para pressionar o hospital. Vou escrever para eles dizendo que não quero que transformem a morte de Isabel num dado, mas quero ter certeza de que vão aumentar o quadro de funcionários e fazer mais ultrassonografias com Doppler. Se você disser que essas também são as suas condições para voltar atrás no pedido de demissão, há chances de que aproveitem a oportunidade para fazer um acordo. O que acha?

Tessa não tinha gostado nada disso, pois preferia a investigação formal e a solução eficaz. Mas eu me mantive firme e ela acabou concordando.

— Ela é sempre assim? — perguntou para Mia, com tristeza.

— Antes de Isabel, era — respondeu ela, sorrindo para mim. — A pessoa mais organizada, teimosa e cuidadosa com cada detalhe que eu conheço. Acho que finalmente recuperamos a velha Jane.

A princípio, o Dr. Gifford não ficou convencido.

— Em uma época de recursos escassos... — começa ele com cautela.

— Em uma época de recursos escassos — interrompo —, é mais importante do que nunca lutar pelo que acredita. Você sabe tão bem quanto eu que mais exames e mais médicos vão salvar mais vidas do que qualquer remédio novo e caro contra o câncer. Tudo o que estou fazendo é ajudar seu departamento a ter voz.

Ele assente.

— Obrigado.

— E agora é melhor você me examinar — falo. — Se vou ficar sob os seus cuidados, tenho que aproveitar o máximo possível.

* * *

O exame é completo, muito mais do que quando fiz na mesma fase com Isabel. Sei que estou recebendo tratamento especial por causa do que eu e o Dr. Gifford passamos juntos, mas não tem problema. Já não me considero mais uma na multidão, uma pessoa comum.

O tamanho e a posição do útero estão bons. O papanicolau é feito para averiguar a existência de câncer no colo do útero e coletar uma amostra de tecido em busca de doenças sexualmente transmissíveis. Não estou preocupada. Não há nenhuma chance de Edward, alguém tão exigente, ter uma doença não tratada. Minha pressão arterial está boa. Tudo em ordem, e o Dr. Gifford diz que está satisfeito.

Sempre fui boa em exames, brinco.

Enquanto estou ali deitada, conto sobre o parto que eu queria para Isabel: na água, com música e velas aromáticas. Ele me diz que não há nenhuma razão médica para que isso não aconteça dessa vez. Então, falamos sobre suplementos. Ácido fólico, obviamente. Ele sugere oitocentos microgramas. Vitamina D também é aconselhável. E evitar polivitamínicos que possam ter vitamina A, mas privilegiar a vitamina C, o cálcio e o ferro.

Claro que vou tomar tudo isso. Não sou o tipo de pessoa que ignora uma orientação ou deixa de fazer algo que possa ajudar, por

menor que seja. Compro os remédios necessários no caminho de volta para casa, verificando os rótulos para garantir que não comprei vitamina A por engano. A primeira coisa que faço depois de pendurar o casaco é pegar o laptop para consultar outras mudanças dietéticas que eu deveria considerar.

Jane, classifique as seguintes afirmações em uma escala de um a cinco, em que um é Concordo Totalmente e cinco é Discordo Totalmente.

Algumas instalações da casa foram desativadas até que a tarefa seja concluída.

Fico imóvel. Tenho a impressão de que esses testes métricos ficaram mais frequentes enquanto Edward está fora. Quase como se ele estivesse me controlando do seu escritório distante, certificando-se de que continuo calma, serena e vivendo de acordo com as regras.

Sem pensar duas vezes, eu teria digitado “dieta recomendável para gravidez” na Governanta, caso não estivesse desativada. Mas preciso me lembrar de usar o wi-fi do vizinho para tudo. Pelo menos até contar para Edward.

E até descobrir o que realmente aconteceu com Emma. Porque as duas coisas — a revelação do meu segredo para Edward e a revelação dos segredos dele — estão conectadas e são muito mais urgentes do que eram antes. Pelo bem do bebê, preciso descobrir a verdade.

ANTES: EMMA

O detetive Clarke me chama até a delegacia para mais uma conversa. Fica evidente que o processo está indo rápido porque ele não me leva para seu minúsculo escritório, mas para uma sala de reunião grande e bem iluminada. Há cinco pessoas em um lado da mesa. Uma delas é um homem de uniforme, e tenho a impressão de que é alguém do alto escalão. Ao lado há uma mulher pequena de terninho escuro. Em seguida, vejo John Broome, o advogado do Serviço de Procuradoria da Coroa que esteve presente na audiência de custódia. E a sargento Willan, minha policial de apoio, sentada longe dos outros como se para indicar que não é experiente o bastante para participar daquilo.

O detetive Clarke, que tem sido simpático como de costume, indica que devo me sentar diante da mulher, enquanto ele se acomoda ao lado da sargento Willan. Há uma jarra e um copo d'água à minha frente, mas noto que não há biscoitos nem café. Nada de canecas do Garfield hoje.

Obrigada por ter vindo, Emma, diz a mulher. Sou Patricia Shapton, promotora especialista, e este é Peter Robertson, diretor superintendente.

Os poderosos.

Olá, digo, acenando para eles. Eu sou Emma.

Patricia Shapton abre um sorriso educado e continua:

Estamos aqui para falar sobre a defesa de Deon Nelson às suas alegações de estupro e roubo com agravantes. Como você deve saber, atualmente é exigido que acusação e defesa compartilhem informações antes do julgamento, para evitar que casos cheguem ao tribunal sem necessidade.

Eu não sabia, mas balanço a cabeça.

Deon Nelson está reivindicando falsa identificação, prossegue a mulher.

Ela pega um documento de uma pilha à frente e coloca os óculos de leitura. Então me olha por cima da armação, como se esperasse uma resposta minha.

Eu não o vi na audiência de custódia, digo de imediato.

Várias testemunhas afirmam que você viu. Mas não é isso que estamos discutindo aqui.

Por algum motivo, não fico aliviada. Algo em seu tom de voz, além do silêncio e da expressão atenta dos demais, me deixa desconfortável. O clima está tenso. Até mesmo agressivo.

Deon Nelson forneceu evidências médicas — evidências médicas íntimas — de que ele não pode ser o homem que gravou a si mesmo recebendo sexo oral de você, diz Shapton. A evidência é convincente. Na verdade, posso dizer que é incontestável.

Sinto uma vertigem que logo se torna náusea.

Não estou entendendo, falo.

Do ponto de vista legal, é óbvio que isso é tudo de que a defesa precisa para garantir a absolvição dele, explica a mulher, como se eu não tivesse dito nada. Ela pega mais alguns documentos. Mas, na verdade, fomos consideravelmente mais longe. Estes são os depoimentos de alguns dos seus colegas da Flow Water Supplies. O mais relevante para nossos propósitos é o de Saul Aksoy, que descreve a relação sexual que teve recentemente com você, durante a qual, segundo ele, você pediu que gravassem um vídeo que se encaixa na descrição do que o detetive Clarke encontrou no seu celular.

A frase *eu queria que o chão me engolisse* nem chega perto de descrever o que acontece quando seu mundo implode, quando de repente você ouve todas as mentiras que contou. Há uma pausa longa e terrível. Sinto as lágrimas arderem nos olhos. Mas me seguro. Sei que Patricia Shapton vai achar que não passam de um artifício para despertar compaixão.

Por fim, digo:

E quanto aos outros telefones que encontraram? Vocês disseram que Deon Nelson já tinha feito isso. Ele não é inocente.

Robertson, o diretor superintendente, responde:

Achávamos que havia uma ligação entre assaltos a residências e pornografia, porque os assaltantes costumam ter grandes coleções de DVDs com sexo explícito. Até que alguém percebeu que os bandidos simplesmente colecionam os DVDs que encontram nas casas de outras

pessoas. Nelson fazia o mesmo com os celulares. Ele guardava os que tinham imagens de conteúdo sexual. Só isso.

Patricia Shapton tira os óculos e dobra as hastes.

Deon Nelson forçou você a fazer sexo oral, Emma?

Há um silêncio muito longo.

Não, sussurro.

Então por que você disse isso para a polícia?

Vocês me perguntaram na frente de Simon!, explodo.

As lágrimas vêm, lágrimas de autopiedade e raiva, embora eu continue falando, desesperada para que eles entendam, para que percebam que isso é tanto culpa minha quanto deles. Aponto para a sargento Willan e para o detetive Clarke e digo:

Eles disseram que tinham encontrado o vídeo e que parecia Nelson me forçando. Falaram que não dava para o ver o rosto dele nem a faca. O que eu deveria ter feito? Contado a Simon que transei com outro?

Você acusou um homem de estupro, alegou ter sido intimidada com uma faca e recebido ameaças de que as imagens obscenas do ataque seriam divulgadas para os seus amigos e parentes. Ainda manteve a farsa quando sua história foi contestada. Você mesma leu no tribunal um depoimento pessoal de vítima.

O detetive Clarke me obrigou, respondo. Tentei recuar, mas ele não deixou. De qualquer modo, Nelson mereceu. Ele é um ladrão. Roubou minhas coisas.

Minhas palavras, tão patéticas e mesquinhas, pairam no ar. Observo o rosto do detetive Clarke, notando todo um arsenal de emoções. Desprezo. Pena. E raiva. Raiva por ter sido enganado por mim, por eu ter explorado sua vontade de me proteger amontoando mentira em cima de mentira.

Há outro momento terrível de silêncio. Patricia Shapton olha para o diretor superintendente. É um sinal já combinado, porque ele pergunta:

Você tem um advogado, Emma?

Nego com a cabeça.

Tem o cara que fez o acordo de alteração de contrato quando Simon se mudou, mas acho que ele não seria muito útil nesta situação.

Emma, vou prender você agora. Isso significa que mais tarde, quando a interrogarmos formalmente, você poderá ter acesso a um advogado de ofício.

Olho para ele.

Como assim?

Levamos muito a sério os casos de estupro. Isso significa presumir que toda mulher que afirma ter sido estuprada está dizendo a verdade. Por outro lado, também levamos muito a sério as falsas alegações de estupro. Com base no que ouvimos hoje, temos provas suficientes para prender você por suspeita de ter desperdiçado o tempo da polícia e tentado corromper o curso da justiça.

Vocês vão *me* prender?, questiono, sem conseguir acreditar. E quanto a Nelson? Ele é o criminoso.

Vamos ter que retirar as acusações contra Deon Nelson, informa Patricia Shapton. Todas. Seu testemunho perdeu totalmente a credibilidade.

Mas ele roubou minhas coisas. Ninguém está questionando isso, não é?

Na verdade, sim, diz Robertson. Deon Nelson afirma que comprou os celulares de um homem no pub. Podemos não acreditar nele, mas em termos de prova não há absolutamente nada que o relacione a você.

Mas não podem achar que..., começo a dizer.

Emma Matthews, você está sendo presa por suspeita de tentativa de corromper o curso da justiça e desperdiçar o tempo da polícia segundo o que preconiza a seção cinco ponto dois do Ato de Lei Criminal de 1967. Não precisa dizer nada, mas, se durante o interrogatório não mencionar algo que alegue mais tarde no tribunal, pode prejudicar sua defesa. Qualquer coisa que disser pode ser usada como prova. Entendeu?

Não consigo falar.

Emma, preciso que responda. Entendeu a natureza das acusações que pesam contra você?

Sim, sussurro.

* * *

Depois disso, tenho a sensação entorpecedora de ter atravessado um espelho. Subitamente, não sou mais a vítima que deve ser tratada cheia de dedos, compaixão e canecas de café. De repente, vou parar em uma parte completamente diferente da delegacia, onde as

lâmpadas são envoltas por grades de metal e o chão fede a vômito e água sanitária. De uma plataforma alta atrás de uma mesa, um oficial olha para mim e explica meus direitos. Esvazio os bolsos, recebo uma cópia do *Código de Conduta da Custódia* e sou informada de que vou receber uma refeição quente se ainda estiver aqui na hora do jantar. Meus sapatos são recolhidos e sou escoltada até uma cela. Há uma cama embutida na parede e uma pequena prateleira do outro lado. As paredes são brancas, o piso é cinza, a luz entra difusa pelo teto. Penso que Edward se sentiria em casa aqui, mas claro que não é verdade. O lugar é imundo, fedorento, desconfortável e barato.

Espero três horas por um advogado de ofício. Em determinado momento, o oficial traz uma cópia da minha acusação. Por escrito parece ainda pior do que soou no andar de cima.

Tento não me lembrar da expressão do detetive Clarke quando saí da sala. A raiva tinha sumido, restando apenas o desgosto. Ele havia acreditado em mim e eu o decepcionara.

Até que finalmente aparece um rapaz gordo com gel no cabelo e um nó de gravata Windsor extralargo. Ele para diante da cela e aperta minha mão por cima de uma pilha de arquivos.

Hum, sou Graham Keating, diz ele. Infelizmente todas as salas dos advogados estão ocupadas. Vamos ter que conversar aqui mesmo.

Nós nos sentamos lado a lado na cama dura, feito dois estudantes tímidos com dificuldade para começar a se beijar e ele me pede para contar com minhas próprias palavras o que aconteceu. Até mesmo para meus ouvidos, a história soa frágil.

O que vai acontecer comigo?, pergunto ao terminar.

Depende se vão seguir pelo caminho do desperdício de tempo ou da corrupção do curso da justiça, responde ele. No primeiro caso, considerando que você se declare culpada, pode ser condenada a serviços comunitários ou a ter uma suspensão condicional de pena. No segundo, bem, não há limite para a sentença que o juiz pode decretar. O máximo seria prisão perpétua. Claro que isso só se aplica a casos muito extremos. Mas preciso avisar que os juízes costumam levar muito a sério esse tipo de crime.

Volto a chorar. Graham vasculha a pasta e encontra um pacote de lenços de papel. O gesto me faz pensar em Carol, e em seguida me lembro de outro problema.

Eles vão interrogar minha terapeuta?, indago.

De que tipo de terapeuta estamos falando?

Passei a me consultar com uma psicoterapeuta depois que fui assaltada. Foi a polícia que me passou o contato dela.

E você contou a verdade para essa terapeuta?

Não, respondo, desolada.

Entendo, diz ele, embora evidentemente esteja perplexo. Bem, desde que saúde mental não seja mencionado, não há motivo para que ela seja envolvida.

Ele fica em silêncio por um instante.

O que nos leva à questão de *qual* será nossa defesa. Ou melhor, nossa atenuação. Quer dizer, você já contou à polícia o que aconteceu. Mas não explicou por quê.

Como assim?

Contexto é tudo para a Secretaria de Estupros e Infrações Sexuais Graves. E, como este caso começou com uma acusação de estupro, vai continuar sendo tratado sob a regulamentação da secretaria. Já defendi mulheres que se sentiram pressionadas ou coagidas a fazer ou retirar uma acusação, por exemplo. Isso ajuda muito.

Isso não..., começo a dizer, então me detenho. Você quer dizer que o fato de me sentir amedrontada por alguém pode me tirar dessa?

Pode não isentar você da culpa, diz ele. Mas é capaz de reduzir drasticamente a sentença.

Mas eu estava *mesmo* com medo, digo. Estava com medo de contar para Simon. Às vezes, ele é violento.

Está bem, diz Graham.

Ele não diz: *Agora estamos no caminho certo*, mas isso é o que interpreto da sua linguagem corporal quando ele abre um bloco amarelo e se prepara para fazer anotações.

Que tipo de violência?

AGORA: JANE

— Detetive Clarke?

O homem de jaqueta marrom com uma caneca de cerveja ergue os olhos.

— Sou eu, apesar de não ser mais detetive. Pode me chamar de “senhor”. Ou James, se preferir.

Ele se levanta para apertar minha mão. A seus pés há uma sacola de compras cheia de frutas e legumes. Ele aponta para o bar.

— Posso pedir uma bebida para você?

— Eu mesma peço. Foi muita gentileza sua ter vindo me encontrar.

— Ah, sem problemas. Sempre venho à cidade na quarta para fazer feira.

Peço um ginger ale e volto a me juntar a ele. Estou impressionada com a facilidade que é rastrear as pessoas hoje em dia. Um telefonema para a Scotland Yard me informou que o detetive Clarke havia se aposentado, o que me pareceu um contratempo, mas bastou digitar “Como encontro um policial aposentado?” em uma ferramenta de busca, não na Governanta, claro, para descobrir uma organização chamada Associação Nacional de Policiais Aposentados. Havia um formulário de contato, então enviei um pedido. Recebi uma resposta no mesmo dia. Eles não podiam dar detalhes sobre os membros da associação, mas haviam encaminhado meu pedido.

O homem sentado à minha frente não me parece velho o bastante para estar aposentado. Ele deve ter adivinhado meu pensamento, porque diz:

— Fiquei vinte e cinco anos na polícia. Tempo suficiente para conseguir minha aposentadoria, mas não parei de trabalhar. Eu e outro ex-detetive temos uma pequena empresa de instalação de alarmes de segurança. Nada muito emocionante, mas é dinheiro certo. Você quer falar sobre Emma Matthews, não é?

Assinto.

— Por favor.

— É parente dela?

Claro que ele notou a semelhança.

— Não exatamente. Sou a moradora atual de Folgate Street, nº 1, onde ela morreu.

— Hum.

À primeira vista, James Clarke pode parecer um sujeito comum, íntegro, do tipo trabalhador aposentado com uma pequena casa de veraneio em Portugal ao lado de um campo de golfe. Mas percebo que seus olhos são astutos e confiantes.

— O que você quer saber exatamente?

— Sei que Emma fez alguma acusação contra o ex-namorado, Simon. Pouco depois, morreu. Já ouvi explicações conflitantes sobre quem ou o que a matou: depressão, Simon, até mesmo o homem com quem ela se relacionou depois. — Não menciono o nome de Edward de propósito, para evitar que Clarke perceba meu interesse por ele. — Só estou tentando esclarecer o que aconteceu. Morando lá, é difícil não ficar curiosa.

— Emma Matthews me enganou — afirma o detetive Clarke em tom categórico. — Isso não acontecia com frequência comigo quando eu era detetive. Quase nunca, na verdade. Mas lá estava eu, diante daquela jovem plausível que me dizia estar com muito medo de denunciar um episódio realmente desagradável de agressão sexual, porque o agressor tinha filmado tudo com o celular dela e ameaçava mandar o vídeo para todos os seus contatos. Eu queria fazer algo por ela. Além disso, na época estávamos sendo pressionados a condenar estupradores. Achei que, com as provas que tínhamos, pela primeira vez eu seria capaz de agradar meus chefes, conseguir justiça para uma vítima e tirar de circulação durante um bom tempo o lixo de pessoa que era Deon Nelson. Azar triplo. No fim das contas, errei em todas as três coisas. Ela nos contou um monte de mentiras desde o início.

— Então, ela era uma boa mentirosa?

— Ou eu era um idiota de meia-idade. — Ele dá de ombros com tristeza. — Minha Sue tinha falecido no ano anterior. E aquela menina poderia ser minha filha... Talvez eu estivesse muito confiante. Foi assim que nossa investigação interna interpretou as coisas depois. Policial prestes a se aposentar, moça bonita, logo a capacidade de julgamento é prejudicada. E havia certa verdade nisso. Ao menos o

suficiente para que eu adiantasse minha aposentadoria quando sugeriram isso.

Ele toma um grande gole de cerveja. Saboreio minha bebida. Para mim, o refrigerante grita: *Estou grávida*, mas, se o detetive Clarke percebeu, não comentou nada.

— Pensando bem, havia coisas que eu deveria ter notado. Considerando que Emma nos disse que Nelson estava usando um gorro durante o assalto, ela o identificou com muita segurança depois. Quanto à acusação contra o ex-namorado...

Ele dá de ombros.

— Você também não acredita nisso?

— Na época já não acreditamos. Não passou de um artifício do advogado para livrar a barra dela. “Fiquei com medo, não posso ser responsabilizada pelo que falei.” Isso também ajudou. Além do mais, a Promotoria da Coroa não queria divulgar para o mundo, em audiência pública, que ela nos fez de bobos. Emma teve que aceitar uma advertência formal por desperdiçar o tempo da polícia, mas foi uma reprimenda leve.

— E ainda assim vocês prenderam Simon Wakefield depois que ela morreu.

— Sim. Bem, isso foi mais para nos precavermos. De repente, surgiu a possibilidade de estarmos encarando aquilo da forma errada. Uma jovem alega estupro, depois admite estar mentindo, mas afirma que o namorado é como um personagem de *O médico e o monstro* e é violento com ela. Pouco depois, é encontrada morta. Se descobríssemos que ele *realmente* tinha matado Emma, estaríamos ferrados. Mesmo que tivesse sido suicídio, ficaria parecendo que a polícia não havia tratado muito bem dela, não é mesmo? De qualquer modo, seria melhor se prendêssemos alguém.

— Então vocês só estavam fazendo aquilo por fazer?

— Ah, não me interprete mal. Pode ter sido por isso que meus superiores quiseram a prisão dele, mas minha equipe fez um bom trabalho quando o interrogamos. Não havia nenhuma evidência sugerindo que Simon Wakefield tivesse alguma relação com a morte de Emma. O único erro dele foi ter se envolvido com ela. E não posso culpá-lo por isso. Como eu disse, homens mais velhos e mais sábios que ele se renderam ao charme dela. — Clarke franze a testa. — Mas teve uma coisa fora do comum. A maioria das pessoas flagradas mentindo para a polícia logo é desmascarada. Mas a reação de Emma

era contar outra mentira. Pode ter sido o advogado que colocou isso na cabeça dela, mas mesmo assim não é uma reação comum.

— Como *você* acha que ela morreu?

— Para mim há duas possibilidades. Uma, ela se matou. Depressão, talvez? — Ele balança a cabeça. — Mas não acho que tenha sido isso. O mais provável é que, de algum modo, ela tenha se prejudicado com as próprias mentiras.

— É a segunda?

— A mais óbvia.

Franzo o cenho.

— Qual?

— Você não parece estar considerando a possibilidade de Deon Nelson ter matado Emma.

É verdade. Eu estava tão focada em Edward e Simon que a chance de ter sido outra pessoa nem tinha passado pela minha cabeça.

— Nelson era e, pelo que eu sei, provavelmente ainda é um sujeito perverso — continua ele. — Tem sido julgado por atos violentos desde os doze anos. Quando Emma quase o condenou com uma história inventada, deve ter brotado nele um desejo de vingança. — O detetive fica em silêncio por um instante. — Na verdade, Emma chegou a comentar isso. Ela contou que estava sendo ameaçada por Nelson.

— E vocês investigaram?

— Nós registramos a ocorrência.

— Não é a mesma coisa?

— Ela já tinha sido presa por desperdiçar o tempo da polícia. Depois do que havia acontecido, você acha que era nossa prioridade verificar todas as alegações dela? Já estava parecendo que tínhamos nos precipitado ao acusar Nelson de estupro. A advogada dele ainda alegava assédio racial, então não havia como irmos atrás dele outra vez sem provas claras.

Reflito por um instante.

— Conte sobre o vídeo, o do celular de Emma. Como você confundiu com um estupro, sendo que não era nada disso?

— Porque era brutal — responde ele sem rodeios. — Talvez eu seja antiquado. Não entendo como podem gostar desse tipo de coisa. Mas se aprendi algo em vinte e cinco anos como policial é que não dá para entender a vida sexual das outras pessoas. Hoje em dia, os jovens veem esse tipo de pornografia desagradável e agressiva na internet e acham que deve ser divertido gravar um vídeo assim com o próprio

telefone. Homens tratando as mulheres como objetos, e as mulheres aceitando. Por quê? Fico confuso com isso. Mas, no caso de Emma, foi o que aconteceu. E com o namorado da melhor amiga dela.

— Quem era ele?

— Um homem chamado Saul Aksoy, que trabalhava na mesma empresa que Emma. A advogada de Nelson contratou um detetive particular para encontrá-lo e o convenceu a prestar depoimento. Claro que Aksoy não havia transgredido nenhuma lei, mas ainda assim... Que confusão.

— Mas se foi mesmo Deon Nelson quem a matou... — Minha mente ainda está assimilando a teoria de Clarke. — Como ele entrou na casa?

— Isso, eu não sei. — O ex-detetive coloca o copo vazio na mesa. — Meu ônibus sai em dez minutos. Preciso ir.

— Folgate Street, nº 1 tem um sistema de segurança de última geração. Essa era uma das coisas que Emma gostava ali.

— Última geração? — Clarke bufa. — Talvez há dez anos. Atualmente, nada que esteja conectado à internet é considerado alta segurança. É muito fácil invadir.

De repente, ouço a voz de Edward na minha cabeça: *E o chuveiro estava ligado quando a encontraram. Ela deve ter descido correndo a escada com os pés molhados...*

— E por que o chuveiro estava ligado? — pergunto.

Clarke parece confuso.

— Como assim?

— O chuveiro é operado por uma pulseira. — Mostro a minha. — Ela reconhece quando você entra no banho e ajusta a água de acordo com suas configurações pessoais. Então, quando você sai, interrompe o fluxo de água.

Ele dá de ombros.

— Se você está dizendo...

— E os outros dados da casa? A câmera na entrada e tal? Vocês conferiram isso?

Ele nega com a cabeça.

— Quando ela foi encontrada, já haviam se passado quarenta e oito horas. O disco rígido havia sido automaticamente apagado. Vários sistemas de segurança fazem o mesmo, para economizar espaço em disco. É uma pena, mas acontece.

— Aconteceu alguma coisa em Folgate Street, nº 1. E com certeza a casa teve alguma influência.

— Talvez. Mas acho que esse é um mistério que nunca vamos solucionar.

Ele se levanta e pega a sacola do mercado. Também fico de pé. Estou prestes a estender a mão quando ele me surpreende inclinándose para me dar um beijo na bochecha. As roupas dele têm um leve cheiro de cerveja.

— Prazer em conhecê-la, Jane. E boa sorte. Francamente, duvido que você descubra algo que não sabemos, mas, caso descubra, pode me contar? O que aconteceu com Emma ainda me incomoda. E poucos casos me incomodam.

ANTES: EMMA

Houve um período em que Folgate Street, nº 1 parecia um refúgio calmo e sereno. Não mais. Agora parece claustrofóbico e maléfico. Como se a casa estivesse com raiva de mim.

Mas claro que estou apenas projetando meus sentimentos nestas paredes vazias. São as pessoas que estão com raiva de mim, não a casa.

Penso em Edward, e começo a entrar em pânico ao me lembrar da carta que entreguei a ele. O que eu estava pensando? Então mando uma mensagem: *Por favor, não leia. Jogue fora.* Isso bastaria para que a maioria das pessoas lesse a carta, mas Edward não é como a maioria das pessoas.

Mas isso ainda não resolve o problema de que mais cedo ou mais tarde vou ter que contar para ele sobre Simon, Saul, Nelson e a polícia. E não há nenhuma forma de fazer isso sem admitir que menti para ele. Sinto vontade de chorar só de imaginar.

Ouçõ a voz da minha mãe, a frase que ela sempre dizia ao me flagrar mentindo quando eu era criança.

Mentira tem pernas curtas.

Ela também contava uma história sobre uma menina chamada Matilda, que chamou tantas vezes os bombeiros que eles não acreditaram quando realmente houve um incêndio.

Toda vez que ela gritava: “Fogo!”

Eles respondiam: “Mentirosa!”

E, então, quando sua tia voltou,

Matilda e a casa haviam queimado.

Mas eu me vinguei da minha mãe. Com quatorze anos, parei de comer. Os médicos diagnosticaram anorexia, mas eu sabia que não

tinha nenhum distúrbio alimentar. Só estava provando que minha força de vontade era maior que a dela. Não demorou para todo mundo ficar desesperadamente preocupado com a *minha* dieta, o *meu* peso, o *meu* consumo de calorias, se *eu* estava tendo um dia bom ou ruim, se minha menstruação atrasara, se eu sentia que ia desmaiar ou se pelos claros brotavam no meu rosto ou nos braços. As refeições se arrastavam para sempre, e meus pais tentavam me persuadir, subornar ou intimidar para que eu comesse só mais uma garfada. Eu tinha autorização para fazer dietas cada vez mais bizarras, com base na teoria de que, se eu descobrisse algo de que gostasse, ficaria mais propensa a comer aquilo. Durante uma semana, todos nós comemos apenas fatias de maçã frita por cima da sopa de abacate. Outra vez, foi pera e salada de agrião, três vezes ao dia. Antes, meu pai era imparcial e distante, mas, assim que fiquei doente, virei sua prioridade. Ainda me mandaram a várias clínicas particulares, onde falavam sobre baixa autoestima e a necessidade de me sentir bem-sucedida em algo, mas claro que eu *era* bem-sucedida em algo: não comer. Aprendi a exibir um sorriso cansado, embora angelical. E dizer que tinha certeza de que eles estavam certos e que, a partir de então, eu tentaria, tentaria de verdade, ter pensamentos mais positivos sobre mim mesma.

Parei com isso quando uma psicóloga durona me olhou nos olhos e disse que sabia perfeitamente que eu estava apenas manipulando as pessoas, e que se eu não comesse a comer logo seria tarde demais. Ao que parece, a anorexia altera o funcionamento do cérebro. A pessoa começa a seguir padrões de pensamento, padrões que surgem quando menos se espera. E se ficar assim por muito tempo, carrega esses padrões pelo resto da vida. Como aquela história da carochinha em que o vento bate e congela sua expressão.

Deixei de ser anoréxica, mas continuei magra. Descobri que as pessoas gostavam dessa característica. Os homens, particularmente, eram protetores comigo. Achavam que eu era frágil, mas na verdade sou muito determinada.

Contudo, às vezes — quando as coisas estão saindo do controle, como agora — eu me lembro da sensação adorável e satisfatória que não comer me proporcionava. A de saber que, afinal de contas, eu estava no controle do meu destino.

Tenho resistido à tentação. Mas há uma sensação de mal-estar, um vazio no estômago, sempre que penso no que aconteceu. *Estes são os*

depoimentos de alguns dos seus colegas. Quantos? Quem mais além de Saul? Acho que não importa mais. A notícia vai se espalhar por toda a empresa.

E Amanda — uma das minhas melhores amigas — vai descobrir que o marido transou comigo.

Mando um e-mail para o RH e aviso que estou doente. Preciso ficar afastada do trabalho até pensar no que fazer.

Para me manter ocupada, faço uma faxina na casa, afinal é necessário. Sem pensar, deixo a porta aberta enquanto jogo o lixo fora. Mas me viro com o coração disparado assim que escuto um barulho atrás de mim.

Há algo me encarando: um rosto pequeno e esquelético, com olhos arregalados feito os de um filhote de macaco. É um gatinho, um pequeno siamês. Ao me ver, se senta no chão de pedra, em expectativa, como se quisesse me dizer que sou responsável por encontrar seu dono.

Quem é você?, pergunto.

O gatinho apenas mia. Despreocupado, me deixa pegá-lo. É só pele e osso e um pelo tão macio quanto camurça. Assim que se aninha em meus braços, começa a ronronar.

O que vou fazer com você?

* * *

Levo o gatinho de casa em casa. Moro em uma rua onde os dois integrantes do casal precisam trabalhar para pagar a hipoteca ou o aluguel, portanto ninguém atende na maioria das vezes. Contudo, na casa número três, uma mulher sardenta e de cabelo ruivo e encaracolado aparece na porta, limpando em um avental as mãos sujas de farinha. Atrás dela, vejo que há uma cozinha e duas crianças ruivas, um menino e uma menina, também de avental.

Oi, diz ela, e ao ver o gatinho ainda ronronando voluptuosamente em meus braços, exclama: Ah, que gracinha!

Você sabe de quem é?, pergunto. Ele simplesmente entrou na minha casa.

Ela nega com a cabeça.

Nunca ouvi falar de ninguém por aqui que tivesse um gatinho. Em que casa você mora?

Número um, digo, apontando para a porta ao lado.

O bunker do Führer?, pergunta ela em tom de censura. É, alguém precisa morar lá. Aliás, sou Maggie Evans. Quer entrar? Vou ligar para as outras mães.

As crianças logo se aglomeram ao meu redor, implorando para acariciar o gatinho. A mãe as obriga a lavar as mãos primeiro. Espero enquanto ela liga para algumas vizinhas. Três pedreiros de capacete saem do porão e entram na cozinha, depois colocam educadamente canecas vazias na pia.

Bem-vinda ao hospício, diz Maggie Evans ao desligar o telefone, embora, na verdade, ali não pareça um hospício. Tanto as crianças quanto os pedreiros são muito educados.

Infelizmente, não achei o dono, acrescenta ela. Chloe, Tim, vocês querem fazer alguns cartazes para divulgar a perda do gatinho?

As crianças aceitam a tarefa, entusiasmadas. Chloe quer saber se podem ficar com o bichinho caso não apareça nenhum dono. Maggie retruca com firmeza que logo mais o gatinho vai se tornar um gato grande e acabar comendo Hector. Nunca descobri quem era Hector. Enquanto as crianças fazem os cartazes, Maggie prepara um chá e me pergunta quanto tempo faz que estou morando em Folgate Street, nº 1.

Não queríamos que a casa fosse construída, confessa ela. É muito destoante. E o arquiteto era um grosso. Marcaram uma reunião de planejamento para que ele ouvisse nossas reclamações. Mas ele simplesmente ficou parado, sem dizer nada. Até que foi embora e não fez nenhuma alteração. Nenhuma! Aposto que é um inferno morar ali.

Na verdade, é ótimo, digo.

Conheci uma moradora que não aguentou. Só durou algumas semanas lá. Disse que era como se o lugar tivesse se voltado contra ela. Há um monte de regras estranhas, não é?

Algumas. Mas na verdade são bem sensatas, respondo.

Bem, eu não conseguiria viver naquele lugar. Timmy!, grita. Não use os pratos de porcelana para misturar a tinta. E o que você faz da vida?, pergunta para mim.

Trabalho com marketing. Mas no momento estou de licença médica.

Ah, diz ela.

Então me olha de soslaio, intrigada. Claramente não pareço muito doente. Depois observa as crianças, preocupada.

Não se preocupe, não é nada contagioso. Baixo o tom de voz e acrescento: É só um ciclo de quimioterapia. Mas os remédios acabam comigo.

Seus olhos logo se enchem de preocupação.

Ah, minha querida, eu sinto muito...

Não tem problema. Estou bem, de verdade. Forte como um touro, digo com bravura.

Quando vou embora carregando o gatinho e uma pilha de cartazes com a frase ESTE GATINHO É SEU?, Maggie Evans e eu já nos tornamos grandes amigas.

* * *

De volta a Folgate Street, nº 1, o gatinho começa a explorar o local, ganhando confiança, saltitando para subir a escada que leva ao quarto. Vou procurá-lo e o encontro dormindo, esparramado de costas na cama, com uma pata para cima.

Percebo que cheguei a uma conclusão quanto ao trabalho. Ligo para a recepção.

Flow Water Supplies. Como posso ajudar?, pergunta uma voz.

Pode, por favor, me transferir para Helen, do RH?

Há uma pausa, e em seguida ouço a voz da gerente do RH.

Alô?

Helen, é Emma, digo. Emma Matthews. Preciso fazer uma queixa formal contra Saul Aksoy.

AGORA: JANE

Se encontrar o detetive Clarke foi fácil, conseguir o e-mail de Saul Aksoy foi ainda mais. Digito seu nome e “Flow Water Supplies” no Google e descubro que ele saiu da empresa há três anos. Agora é fundador e CEO da Volcayneau, uma nova marca de água mineral proveniente do subsolo de um vulcão adormecido em Fiji, como me informa o site descolado. A foto mostra um homem bonito, de pele morena, cabeça raspada, dentes muito brancos e um brinco de diamante em uma das orelhas. Mando meu atual e-mail padrão para ele.

Caro Saul, espero que não se importe que eu esteja entrando em contato com você do nada. Estou fazendo uma pesquisa sobre a antiga moradora da minha casa, Folgate Street, nº 1...

Todos estamos conectados, penso ao enviar a mensagem. Tudo e todos. Mas, pela primeira vez desde que comecei essa investigação, não tenho sucesso. A resposta chega logo, mas é um não.

Obrigado por seu e-mail, mas eu não falo sobre Emma Matthews. Com ninguém. Saul.

Tento de novo.

Na verdade, vou passar perto do seu escritório amanhã à noite. O que acha de tomarmos um drinque rápido?

Desta vez, acrescento minhas informações do Messenger. Pelo pouco que sei sobre Saul Aksoy, tenho quase certeza de que ele vai procurar meu perfil no Facebook. E, talvez por falta de modéstia, acho que não vai se incomodar de tomar um drinque comigo.

Então consigo uma resposta mais positiva.

Está bem. Tenho meia hora. Encontro você no bar Zebra, na Dutton Street, às 20h.

Chego cedo e peço uma soda limonada. Meus seios estão maiores, e sinto vontade de fazer xixi com mais frequência. Com exceção disso,

mal dá para perceber que estou grávida, embora Mia alegue que minha aparência está excepcionalmente boa. Radiante, foi o que ela disse. Mas não é assim que me sinto quando vomito de manhã.

A primeira coisa que noto em Saul Aksoy são as joias que usa. Além do brinco, há um fino cordão de ouro visível através do colarinho aberto da camisa. Vejo pulseiras sob as mangas do terno e há um anel de sinete na mão direita, além de um relógio caro no pulso esquerdo. Ele parece chateado por eu já ter pedido uma bebida, ainda mais sendo refrigerante, e tenta me empurrar uma taça de champanhe, até que desiste e pede uma para si mesmo.

Percebo que Saul é totalmente diferente de Simon Wakefield. E Edward Monkford não tem nada a ver com os dois. Parece inacreditável que Emma tenha se relacionado com esses três homens. Enquanto Simon é alguém que gosta de agradar, embora também seja sensível e inseguro, Edward é calmo e superconfiante, e Saul é insistente, impetuoso e metido. Ele também tem o hábito de dizer “não é mesmo?” de um modo agressivo no fim das frases, como se tentasse me forçar a concordar com ele.

— Obrigada por ter vindo — digo após a conversa preliminar. — Sei que deve parecer estranho, afinal eu nem conheci Emma. Mas tenho a impressão de que quase ninguém a conhecia de verdade. Todas as pessoas com quem falei têm uma versão diferente de como ela era.

Ele dá de ombros.

— Não vim encontrar você por causa disso, não é mesmo? Ainda não suporto falar sobre ela.

— E por quê?

— Porque Emma era como Glenn Close em *Atração fatal* — diz ele, sem rodeios. — E perdi o emprego por causa dela. Não que eu sinta falta daquele trabalho de merda, mas ela contou uma mentira sobre mim e não tolero isso de ninguém.

— O que ela fez?

— Reclamou com o RH que eu a embeguei e a forcei a transar comigo. Entre outras coisas, disse que eu me ofereci para ajudar na transferência dela para o departamento de marketing se ela transasse comigo. Ela alegou ter recusado e que eu não aceitei a rejeição. Sendo que eu *realmente* conversei com o diretor de marketing, tentando fazer um favor para ela, mas isso foi antes de termos dormido juntos, não depois. Mas ela me acusou disso tudo antes de vir à tona que havia

sido presa por ter denunciado um falso estupro, sabe? Além disso, havia algumas garotas naquela empresa que ficaram chateadas quando souberam uma da outra, além da minha esposa, agora *ex*, querendo armar para cima de mim. Então eu me ferrei. Acabou sendo a melhor coisa que já aconteceu comigo, mas ela não tinha como saber disso na época.

— Então, você e Emma tiveram... O quê? Uma aventura? Um caso?

Há uma tigela de nozes salgadas no bar e é difícil não comer todas enquanto ele fala. Portanto, afasto a tigela.

— Transamos duas vezes e só. Durante uma excursão de treinamento da empresa em que passamos uma noite em um hotel. As coisas saíram de controle por causa da bebida liberada. — Ele faz uma careta. — Olhe, não me orgulho disso. Simon é meu amigo. Ou era. Mas nunca fui bom em dizer não e foi ela quem deu em cima de mim, pode acreditar. Na verdade, ela quis continuar, mesmo quando decidi que já tínhamos nos divertido e era hora de parar com aquilo. Acho que ela gostava de correr riscos. Emma definitivamente gostava do fato de que estávamos agindo pelas costas de Simon. E de Amanda também. Se quer saber, acabei fazendo um grande favor a Simon, por mais que ele nunca tenha encarado dessa forma.

— Você e Simon ainda mantêm contato?

Ele nega com a cabeça.

— Não nos falamos há anos.

— Preciso perguntar uma coisa... Alguém que assistiu ao vídeo no celular de Emma me disse que era bem violento.

Ele não parece constrangido.

— É. Bem, ela gostava desse jeito, sabe? Na hora H, a maioria das mulheres gosta. — Ele me encara. — E eu gosto de mulheres que sabem o que querem.

Fico arrepiada, mas tento disfarçar.

— Mas por que gravar um vídeo?

— Só por diversão. Todo mundo faz isso, não é mesmo? Depois ela me disse que havia apagado, mas deve ter guardado. Era a cara de Emma: ela gostava de saber que tinha algo assim, algo que poderia acabar com a porra da vida dela, e com a minha também, se fosse revelado. Um pouco de poder. Eu deveria ter verificado. Mas deixei para lá.

— Você já pegou Emma mentindo sobre outras coisas? As pessoas costumam dizer isso sobre ela, que era alguém que nem sempre falava

a verdade.

— Quem é que fala sempre a verdade, não é mesmo? — Ele se inclina para trás, mais relaxado. — Mas às vezes eu percebia que ela dizia coisas idiotas. Certa vez, Simon me contou que ela quase se tornara modelo. Alguma agência de modelos estaria desesperada para contratá-la, mas ela decidiu que não queria isso. Ahã, sei. Como se, em vez de se tornar modelo, ela quisesse se preservar para seguir carreira de relações-públicas em uma empresa de abastecimento de água. De qualquer modo, *para mim* ela disse que já tinha sido abordada na rua por um fotógrafo, mas o sujeito parecia pervertido, então ela não fez nada a respeito. E isso me fez pensar: qual era a versão verdadeira? Era como se às vezes ela só exagerasse um pouco e outras vezes fosse mais longe, criando um mundo de fantasia. Veja bem, se você me ouvisse falando com os varejistas, provavelmente acharia que minha empresa vale um milhão de libras. O negócio é fingir até conseguir, não é mesmo? — Ele termina de beber o champanhe. — Ei, chega de falar sobre ela. Vamos pedir uma garrafa e falar sobre você. Alguém já lhe disse que seus olhos são lindos?

— Obrigada — digo, já descendo do banco. — Tenho outro compromisso agora, mas obrigada por ter vindo me encontrar.

— O quê? — Ele finge estar perplexo. — Já está indo? Com quem você vai se encontrar? Com seu namorado? Estávamos apenas começamos. Ande, sente-se. Temos que tomar um drinque, não é mesmo?

— Na verdade, não...

— É o mínimo que poderia fazer. Reservei um tempo para você, agora está me devendo. Vamos tomar uma bebida de verdade.

Ele está sorrindo, mas há certa frieza e desespero em seu olhar. Um velho sedutor tentando reforçar sua abalada autoestima com conquistas sexuais.

— Não, é sério — repito com firmeza.

Assim que saio do bar, ele começa a vasculhar o salão, procurando alguém em quem dar em cima.

ANTES: EMMA

Dizem que há um momento em que os alcoólatras finalmente atingem o fundo do poço. Ninguém pode lhes dizer quando é hora de parar, ninguém pode persuadi-los. A pessoa precisa chegar por conta própria a esse ponto, reconhecê-lo e somente então terá a chance de mudar as coisas.

Já cheguei a este ponto. Na melhor das hipóteses, culpar Saul foi um paliativo. Sem dúvida ele merece. Faz anos que anda traindo Amanda com as garotas do escritório. Todo mundo sabe que tipo de pessoa ele é e já estava na hora de alguém detê-lo. Por outro lado, preciso encarar o fato de que *eu* deixei que ele me embebedasse, *eu* deixei que ele fizesse aquilo. Considerando a carência de Simon e sua permanente e inoportuna adoração, foi mesmo um alívio ter alguém querendo um sexo simples e descomplicado. Mas isso não altera o fato de que fiz uma coisa idiota.

Preciso mudar. Preciso começar a ser alguém que vê as coisas com clareza. Não uma vítima.

Certa vez, Carol me disse que a maioria das pessoas concentra toda a energia na tentativa de mudar as outras, sendo que só dá para mudar a si mesmo, e até isso é incrivelmente difícil. Agora entendo o que ela quis dizer. Acho que estou pronta para ser uma pessoa diferente. Não alguém que deixa toda essa merda acontecer.

Com o intuito de ligar para Carol, procuro o cartão com o número dela, mas não consigo encontrar. Não entendo como é possível perder algo nessa casa, mas pelo visto isso acontece o tempo todo. Tudo some, desde roupas a um frasco de perfume que eu poderia jurar que estava no banheiro. Já não tenho mais energia para procurar.

Porém, não posso ignorar o gatinho. Apesar dos cartazes que as crianças fizeram, não recebi nenhum telefonema de alguém à sua procura. Enquanto isso, ele — já notei que é macho — vaga pela casa como se fosse dono do lugar. Precisa de um nome. Claro que penso em

chamá-lo de Gato, como o gato de rua do filme *Bonequinha de luxo*, mas tenho uma ideia melhor. *Eu sou como esse Gato, uma vadia sem nome. Não pertencemos a ninguém e ninguém nos pertence.*

Então vai ser Vadio. Vou até a loja da esquina e compro ração e outros suprimentos.

Quando volto, percebo que tem alguém do lado de fora da casa. Um garoto de bicicleta. Por um instante, acho que ele deve estar ali por causa de Vadio. Então, percebo que é o mesmo garoto que me ameaçou depois da audiência de custódia.

Ele sorri e desengancha um balde do guidão. Não, não é um balde. É uma lata de tinta já aberta. Montado na bicicleta, ele apoia os pés no chão e arremessa a tinta na pedra clara e imaculada da frente da casa, quase me atingindo. Uma mancha vermelha feito uma ferida sangrenta gigantesca marca a fachada de Folgate Street, nº 1. A lata cai no chão e sai rolando, ainda derramando uma espiral vermelha.

Agora sei onde você mora, sua puta, grita enquanto se afasta pedalando.

Minhas mãos estão tremendo quando pego o celular e procuro o número que o detetive Clarke me deu.

Sou eu, Emma, falo depressa. Você me disse para ligar se acontecesse outra vez, e aconteceu. Ele acabou de jogar tinta na frente da casa...

Emma Matthews, diz ele, quase como se estivesse repetindo meu nome para outras pessoas na sala. Por que está ligando para este número?

Você me deu, lembra? Disse que eu deveria ligar caso houvesse outra intimidação...

Este é meu telefone pessoal. Se quiser fazer uma denúncia, deve ligar para a central. Vou lhe passar o número. Tem uma caneta?

Você disse que ia me proteger, digo devagar.

Obviamente as circunstâncias mudaram. Vou mandar o número certo por mensagem de texto, avisa ele.

A linha fica muda.

Desgraçado, murmuro.

Estou chorando outra vez, derramando lágrimas de impotência e vergonha. Observo a enorme mancha vermelha. Não faço a menor ideia de como limpar. Sei que isso significa ter que falar com Edward.

10. *Uma nova amiga confessa que já foi presa por furtar uma loja. Foi há algum tempo e ela mudou desde então. Você:*

- Considera o fato irrelevante, afinal todo mundo merece uma segunda chance*
- Agradece pela honestidade dela em contar isso para você*
- Retribui, confessando um erro seu*
- Sente muito por ela ter passado por isso*
- Decide que ela não é o tipo de pessoa que você quer como amiga*

AGORA: JANE

Volto de metrô do encontro com Saul Aksoy, desejando ter condições de pagar um táxi. A fuligem, a superlotação e o cheiro de corpos suados e sujos de fim do dia estão cada vez mais difíceis de suportar. Ninguém me oferece um lugar para sentar. Não que eu espere que façam isso, mas outra mulher com uma barriga de oito meses e um broche com BEBÊ A BORDO escrito entra na Kings Cross e alguém se levanta. Ela afunda no banco, suspirando alto.

Daqui a alguns meses essa vou ser eu, penso.

Minha casa, porém, é meu refúgio, meu casulo. Percebo que uma das razões para eu estar adiando contar para Edward sobre a gravidez é porque parte de mim tem medo de que Mia esteja certa e ele me expulse dali. Digo para mim mesma que vai ser diferente por se tratar do filho dele, que nosso relacionamento é mais forte do que suas regras preciosas, que ele vai aceitar as babás eletrônicas, os carrinhos, a decoração infantil, os tapetes de montar emborrachados e toda a bagunça de filho pequeno. Andei até pesquisando na internet sobre psicologia do desenvolvimento. Considerando a personalidade disciplinada dos pais, nosso bebê poderia passar a dormir a noite inteira aos três meses, começar a andar com um ano, aprender a usar o banheiro com um ano e meio. O caos não vai durar muito tempo, certo?

Mas, por algum motivo, não tenho me sentido tão confiante a ponto de ligar para Edward.

E, é claro, por mais sereno que seja o ambiente, ainda preciso enfrentar meus medos. Isabel nasceu em silêncio e imóvel. Este bebê — Deus queira — vai ser diferente. Imagino sem parar esse momento: a espera, a primeira respiração, o choro exultante. O que vou sentir? Triunfo? Ou algo mais complicado? Às vezes fico me desculpando com Isabel.

Prometo que nunca vou esquecer você. Prometo que ninguém vai tomar seu lugar. Você vai ser sempre minha primogênita, minha amada, minha menina preciosa. Sempre vou sofrer por você.

Mas haverá outro bebê para amar. Será que tenho um estoque de amor inesgotável dentro de mim a ponto de meus sentimentos por Isabel continuarem intactos?

Tento me concentrar no problema imediato: Edward. Quanto mais digo para mim mesma que preciso falar com ele, mais uma vozinha dentro de mim lembra que não conheço de verdade esse homem, o pai do meu filho. Tudo o que sei é que ele é notável, o que é outra forma de dizer incomum e obsessivo. Nem sei o que aconteceu entre ele e Emma: qual responsabilidade — sentimento moral ou o que seja — ele poderia ter pela morte dela, ou se, de maneiras diferentes, tanto Simon quanto Carol estão errados quanto a isso.

Reajo sendo metódica e eficiente como sempre. Compro três pacotes de Post-it de diversas cores fluorescentes e transformo uma das paredes do refeitório em um gigantesco mapa mental. De um lado, colo um Post-it intitulado ACIDENTE, então, em fila: SUICÍDIO, ASSASSINO: SIMON WAKEFIELD, ASSASSINO: DEON NELSON, e ASSASSINO: PESSOA DESCONHECIDA. Por fim, e com relutância, acrescento ASSASSINO: EDWARD MONKFORD.

Debaixo de cada um, coloco mais Post-it com as evidências que sustentam a suspeita. Quando não tenho provas, ilustro com pontos de interrogação.

Fico feliz ao notar que há apenas algumas anotações debaixo do nome de Edward. Simon também tem menos que os outros, apesar de, após minha conversa com Saul, ter que acrescentar VINGANÇA POR ELA TER TRANSADO COM O MELHOR AMIGO???

Após refletir um pouco, insiro mais um nome à lista: ASSASSINO: DETETIVE CLARKE. Porque até mesmo o policial tinha um motivo. Ter sido feito de bobo por Emma custou seu emprego. Claro que, assim como não acredito que Edward seja culpado, acho que também não foi o ex-detetive. Mas é evidente que Clarke ficou furioso com Emma, e não quero descartar nenhuma possibilidade.

Ao pensar no detetive Clarke, percebo que me esqueci de perguntar se a polícia sabia sobre o sujeito que persegue Edward. O tal de Jorgen. Adiciono outro Post-it: ASSASSINO: PERSEGUIDOR DE EDWARD. Oito possibilidades no total.

Enquanto encaro a parede, percebo que não cheguei a lugar algum. Como o detetive Clarke disse, uma coisa é especular, outra bem diferente é reunir provas. Só tenho uma lista de suposições. Não surpreende que o legista tenha deixado o laudo inconclusivo.

Por causa das cores brilhantes, os Post-it parecem uma obra de arte moderna destoante na pedra imaculada de Folgate Street, nº 1. Suspirando, eu os arranco e os jogo no lixo.

A lixeira fica cheia, portanto a levo para fora. A grande lixeira de reciclagem da casa fica do lado de fora, na divisa com a casa número três. Enquanto despejo o cesto ali, tudo sai na ordem inversa, o que é mais recente cai primeiro, seguido dos descartes mais antigos. Vejo embalagens de alimentos da véspera, um exemplar da revista *Sunday Times* da semana passada, um frasco de xampu vazio da semana anterior. E um desenho.

Eu o pego. É o desenho que Edward fez de mim antes de ir embora, o que ele disse estar bom, mas mesmo assim não queria guardar. Como se ele tivesse me desenhado não uma, mas duas vezes. No desenho principal, minha cabeça está voltada para a direita. A imagem é tão detalhada que dá para ver a tensão dos músculos do pescoço e o arco da clavícula. Contudo, por baixo ou por cima daquilo há outro desenho, pouco mais do que algumas linhas irregulares e sugestivas traçadas com surpreendente violência e energia: a cabeça virada para o outro lado, a boca aberta num rosnado. Apontando em direções opostas, as duas cabeças dão ao desenho uma sensação perturbadora de movimento.

Qual deles é o pentimento, qual é o desenho final? E por que Edward disse que não havia nada de errado com aquilo? Será que, por algum motivo, ele não queria que eu visse aquela imagem dupla?

— Olá.

Eu me sobressalto. Uma mulher de cerca de quarenta anos com cabelo ruivo encaracolado está de pé do outro lado da cerca da casa número três, esvaziando a lixeira.

— Desculpe, você me assustou — digo. — Olá.

Ela aponta para a minha casa.

— Você é a nova moradora? Sou Maggie.

Aperto a mão dela por cima da cerca.

— Jane Cavendish.

— Na verdade, você também *me* assustou — confessa ela — No começo, achei que fosse a outra garota. Coitadinha.

Sinto um calafrio nas costas.

— Você conheceu Emma?

— Nós nos falamos algumas vezes, só isso. Mas ela era um amor. Tão doce... Apareceu uma vez com um gatinho de rua que tinha encontrado e então conversamos.

— Quando foi isso?

Maggie faz uma careta.

— Algumas semanas antes de... você sabe.

Maggie Evans... Então eu lembro: ela fora citada no jornal depois da morte de Emma, dizendo como os vizinhos odiavam Folgate Street, nº 1.

— Fiquei com muita pena dela — comenta Maggie. — Tinha comentado comigo que estava de licença para tratar um câncer. Quando a encontraram, me perguntei se teria algo a ver: se a quimioterapia não havia funcionado e talvez ela tivesse tirado a própria vida. Obviamente, ela me confidenciou aquilo, mas senti que era meu dever contar para a polícia. Então, eles me disseram que ela havia passado por uma necropsia completa, mas não tinha câncer. Lembro que pensei como é horrível ter vencido uma doença tão grave e morrer daquele jeito.

— Pois é — digo, mas estou pensando: *câncer*?

Tenho certeza de que isso só pode ser outra mentira, mas por quê?

— Olhe, eu disse para ela esconder aquele gatinho do dono do imóvel — acrescenta Maggie. — Alguém capaz de construir uma casa assim...

Ela tenta deixar as palavras no ar, mas é incapaz de ficar em silêncio por alguns instantes, portanto logo volta ao seu tema favorito: Folgate Street, nº 1. Apesar do que diz, Maggie certamente gosta de morar ao lado de uma casa tão famosa.

— Bem, eu deveria voltar — diz ela, por fim. — Preciso preparar o chá das crianças.

Eu me pergunto como vou lidar com esse lado de ser mãe, de deixar minha vida de lado para fazer chá para as crianças e fofocar com as vizinhas. Mas suponho que haja coisas piores.

Olho para o desenho em minha mão. Mais uma lembrança dos meus tempos de história da arte me vem à mente: Janus, o deus de duas cabeças. O deus das duas faces.

Sou eu mesma na segunda imagem? Ou, penso de repente, é Emma Matthews?

Espero Maggie ir embora e, em seguida, discretamente, remexo as camadas de material de reciclagem até encontrar os Post-it. Estão todos grudados uns nos outros, um mil-folhas de papéis verdes, vermelhos e amarelos. Eu os levo de volta à casa. Afinal, ainda não terminei.

ANTES: EMMA

Evito ir ao trabalho o máximo que posso. Mas, na sexta-feira, sei que preciso acabar com isso. Antes de sair, deixo um pouco de ração para gato e uma caixa de areia para Vadio.

No escritório, sinto olhares me seguindo enquanto eu me aproximo da minha mesa. A única pessoa que fala comigo é Brian.

Ah, Emma, diz ele, está se sentindo melhor? Que bom. Você está convidada a se juntar a nós às dez horas para a reunião do mês.

A julgar por sua atitude, percebo que ninguém lhe contou nada, mas as mulheres agem bem diferente. Nenhuma me encara. As cabeças se voltam para as telas do computador sempre que eu olho ao redor.

Então, noto Amanda vindo em minha direção. Eu me levanto depressa e sigo para o banheiro. Sei que vai haver um confronto, mas é melhor que seja em um lugar privado em vez de na frente de todo mundo. Acabo de entrar no banheiro, a porta nem se fechou, e ela a escancara, fazendo-a bater com força no protetor de borracha.

Que porra foi aquela?, grita.

Calma, Amanda, digo.

Não me venha com essa merda! Não me diga que está arrependida ou qualquer besteira do gênero. Você era minha amiga e transou com o meu marido. Até gravou um vídeo no celular pagando boquete para ele. E agora tem a cara de pau de fazer uma denúncia *contra* Saul. Você é uma *puta* mentirosa.

Ela está balançando as mãos diante do meu rosto e, por um instante, acho que vai me bater.

E Simon, continua Amanda. Você mentiu para ele, mentiu para mim, mentiu para a polícia...

Não menti sobre Saul, digo.

Ah, eu sei que ele não é nenhum santo, mas quando mulheres como você se jogam em cima dele...

Saul me estuprou, afirmo.

Isso a detém.

O *quê?*, exclama.

Vai parecer muito estranho, digo com urgência. Mas juro que dessa vez é verdade. E sei que tenho uma parcela de culpa. Saul me deixou tão bêbada que eu mal conseguia ficar de pé. Eu não deveria ter deixado ele fazer aquilo, sabia por que ele estava fazendo aquilo, mas não percebi que iria tão longe. Acho que ele pode até ter batizado minha bebida. Então, ele disse que ia me levar para o meu quarto. Quando dei por mim, ele estava me penetrando à força. Tentei negar, mas ele não ouvia...

Ela fica me encarando.

Você está mentindo, diz.

Não estou. Admito que já menti. Mas juro que não estou mentindo sobre isso.

Ele não faria uma coisa dessas, argumenta ela. Saul é infiel, mas não é estuprador.

Mas Amanda não parece ter tanta certeza.

Ele nem sequer pareceu achar que foi *mesmo* estupro, acrescento. Depois, ficou dizendo que tinha sido ótimo. E eu estava tão confusa que me questionava se estava lembrando tudo errado. Mas então ele me mandou o vídeo. Para você ver como eu estava fora de mim, nem percebi que ele tinha gravado. Saul disse que adorava rever aquilo. Era como um lembrete de que ele poderia contar tudo para Simon quando quisesse. Eu não sabia o que fazer. Entrei em pânico.

Por que não contou para alguém?, pergunta ela, desconfiada.

Para quem eu poderia contar? Você parecia tão feliz... e eu não queria estragar seu casamento. E você sabe que Simon adora Saul. Eu não tinha certeza se ele ia acreditar em mim, muito menos como reagiria ao descobrir que o melhor amigo tinha feito aquilo comigo.

Mas você guardou o vídeo. Por quê?

Como *prova*, digo. Eu estava tentando reunir coragem para ir à polícia. Ou, ao menos, ao RH. Só que, quanto mais eu adiava, mais difícil ficava. Quando assisti ao vídeo, eu mesma percebi que a situação era ambígua. E eu tinha vergonha de alguém ver aquilo. Achei que talvez fosse tudo culpa minha. Então, a polícia encontrou o vídeo no meu celular e supôs, na frente de Simon, que aquele homem era Deon Nelson e tudo se complicou.

Meu Deus, diz ela, incrédula. Meu Deus. Você está inventando tudo isso, Emma.

Não estou. Juro que não.

E acrescento:

Saul não presta, Amanda. Acho que no fundo você sabe disso. Você sabe que houve outras mulheres: garotas do escritório, em boates, qualquer uma em quem ele conseguisse pôr as mãos. Se você me apoiar, ele vai ter o que merece, talvez não tudo, mas pelo menos vai perder o emprego.

E quanto à polícia?, pergunta Amanda, e percebo que ela está começando a acreditar em mim.

A polícia não vai se envolver a menos que encontre provas concretas de que houve crime. É só para ele perder o emprego, não para ser preso. Depois do que ele fez com você, não acha justo?

Por fim, ela concorda.

Sei de pelo menos duas garotas na empresa com quem ele teve um caso, conta. Michelle, da contabilidade, e Leona, do marketing. Vou dar o nome delas ao RH.

Obrigada, digo.

Você contou alguma coisa para Simon?

Nego com a cabeça.

Deveria.

Quando penso em Simon — o Simon gentil, adorável e digno de confiança —, algo estranho acontece. Já não o desprezo tanto. Eu costumava odiá-lo por ser amigo de Saul, por viver comentando como ele era legal, quando, na verdade, Saul não passava de um idiota egoísta e agressivo. Mas agora é diferente. Uma parte de mim se lembra de como é boa a sensação de ser perdoada.

Para minha surpresa, percebo que estou chorando. Enxugo as lágrimas com uma toalha de papel.

Não posso voltar atrás, digo. Simon é passado. Quando algo dá tão errado assim, não tem mais conserto.

AGORA: JANE

— Vou passar um pouco de gel, que pode estar frio — diz a técnica em ultrassonografia com um tom de voz gentil.

Ouçõ o chapinhar do lubrificante e, então, a sonda espalha o gel pela minha barriga. A sensação me faz lembrar da primeira ultrassonografia de Isabel: a viscosidade na pele durou o dia inteiro, feito um segredo escondido sob a roupa; o resultado impresso do exame na bolsa, que exibia a curva espectral de um feto, parecida com um ramo de samambaia.

Respiro fundo, tomada por uma súbita onda de emoção.

— Relaxe — murmura a técnica, sem entender muito bem meu comportamento.

Ela pressiona a sonda com força na minha barriga, inclinando-a para um lado e para outro.

— Aí está.

Olho para o monitor. Um perfil surge na escuridão e eu suspiro fundo. Ela sorri ao ver minha reação.

— Quantos filhos você tem? — pergunta em tom casual.

Devo ter ficado mais tempo sem responder do que a maioria das pessoas, porque ela consulta meus dados.

— Sinto muito — acrescenta em voz baixa. — Estou vendo que você teve um natimorto.

Assinto. Parece que não há nada mais a ser dito.

— Você quer saber o sexo do bebê? — pergunta ela.

— Quero, por favor.

— Você vai ter um menino.

Você vai ter um menino. A simples certeza dessa declaração, a expectativa de que tudo vai dar certo dessa vez, me enche de emoção: alegria e tristeza colidindo de tal forma que começo a chorar.

— Aqui, pegue um.

Ela me oferece a caixa de lenços de papel que eles usam para limpar o gel. Assoo o nariz enquanto ela continua fazendo seu trabalho. Após alguns minutos, diz:

— Vou pedir para o médico vir até aqui.

— Por quê? Tem alguma coisa errada?

— Só quero que ele informe pessoalmente os resultados — justifica ela, me tranquilizando.

Então sai. Não fico preocupada demais. Isso está acontecendo porque, tecnicamente, sou paciente de alto risco. Considerando que os problemas de Isabel só começaram na última semana de gravidez, não há nenhum motivo para pensar que algo vai dar errado nesse momento.

Parece que uma eternidade se passa até que a porta se abre e surge o rosto do Dr. Gifford.

— Oi, Jane.

— Oi — cumprimento-o como se fosse um velho amigo.

— Jane, quero deixar claro que um dos principais motivos para fazermos este tipo de exame perto de doze semanas de gestação é para detectarmos algumas anomalias fetais mais comuns.

Ah, não, penso. Não pode ser...

— A ultrassonografia não nos dá uma indicação exata, mas destaca onde pode haver um risco maior. No seu caso, é óbvio que estamos procurando eventuais problemas com a placenta ou com o cordão umbilical, e fico feliz em dizer que as duas coisas parecem normais.

Eu me agarro a essas palavras.

Graças a Deus. Graças a Deus...

— Mas também medimos o que chamamos de translucência nugal. É a espessura do fluido na nuca do bebê. No seu caso, está indicando um risco ligeiramente maior de síndrome de Down. Classificamos como risco alto quando há uma probabilidade acima de um a cada cento e cinquenta. No seu caso, a probabilidade atual é de cerca de um a cada cem. Isso significa que, para cada cem mães com este perfil de risco, uma vai dar à luz um bebê com síndrome de Down. Você entendeu?

— Entendi — respondo.

E eu tinha entendido mesmo. Ou seja, meu cérebro consegue acompanhar o que ele está dizendo. Sou boa com números. O que estou tendo dificuldade para assimilar são meus sentimentos. Tantas

emoções, tão avassaladoras que quase se anulam, me deixando lúcida e entorpecida ao mesmo tempo.

Todos os meus planos, meus planos cuidadosamente definidos, foram destruídos...

— A única maneira de ter certeza é fazer um exame que envolve inserir uma agulha no útero e coletar um fluido — diz o Dr. Gifford. — Infelizmente, esse teste traz um pequeno risco de aborto.

— Quão pequeno?

— Cerca de um a cada cem.

Ele sorri se desculpando, como se quisesse dizer que sabe que sou inteligente o bastante para entender a ironia. O risco de sofrer um aborto ao fazer o exame é exatamente igual ao risco de ter um filho com síndrome de Down, caso eu não aborte.

— Há um novo exame não invasivo que pode fornecer um resultado razoavelmente preciso — acrescenta. — O exame mede minúsculos fragmentos de DNA do bebê no seu sangue. Mas, infelizmente, o sistema nacional de saúde não cobre.

Entendo o que ele quer dizer.

— Então posso fazer esse exame em uma clínica particular?

Ele assente e acrescenta:

— Custa cerca de quatrocentas libras.

— Eu quero fazer — respondo imediatamente.

Vou dar um jeito de pagar.

— Então vou fazer o pedido do exame. E também podemos lhe dar alguns folhetos. Hoje em dia, muitas crianças com síndrome de Down têm vidas longas e relativamente normais. Mas não há garantias. É uma decisão que os pais devem tomar por conta própria.

Percebo que por *decisão* ele está se referindo ao fato de fazer um aborto ou não.

* * *

Ainda estou entorpecida quando saio do hospital. Vou ter um bebê. Um menino. Outra chance de maternidade.

Ou não.

Será que eu conseguiria lidar com uma criança deficiente? Porque não gosto de me iludir e sei que é isso que uma criança com síndrome de Down é. Sim, as perspectivas podem ser melhores do que

antigamente, mas essas crianças precisam de mais ajuda, mais dedicação, mais amor e apoio dos pais. Já vi na rua mães com crianças deficientes, mulheres com uma paciência interminável, evidentemente exaustas, e me dei conta de como elas eram incríveis. Mas será que eu conseguiria ser uma dessas mães?

Só quando volto para casa percebo que não posso mais adiar a decisão de contar para Edward. Uma coisa é esperar o momento certo para dizer que ele vai ser pai, outra bem diferente é esconder algo assim. Todos os folhetos enfatizam a importância de discutir a situação com o parceiro.

Mas, inevitavelmente, a primeira coisa que faço é pesquisar sobre síndrome de Down na internet. Em poucos minutos, fico enjoada.

...Trissomia vinte e um, como a síndrome de Down é oficialmente conhecida, está associada a problemas da tireoide, distúrbios do sono, complicações gastrointestinais, problemas de visão, distúrbios cardíacos, instabilidade vertebral e dos quadris, baixo tônus muscular e dificuldades de aprendizagem...

...Quais precauções de segurança podem ser tomadas para evitar a perambulação? Instale boas fechaduras em todas as portas internas, pendure placas de PARE nas portas e considere cercar todo o quintal...

...Ensinar a utilização do vaso sanitário a um filho com baixo tônus muscular certamente é um desafio! Nós tivemos acidentes durante três anos, mas fico feliz em dizer que estamos chegando lá...

...Comemos iogurte na frente de um espelho para que nossa filha visse por que estava derramando. Funcionou! A coordenação entre o olho e a mão continua sendo um desafio...

Então, ainda mais culpada, digito “síndrome de Down + aborto” no Google.

No Reino Unido, de todos os casais que recebem um diagnóstico pré-natal de síndrome de Down, noventa e dois por cento optam pelo aborto. De acordo com a Lei do Aborto, é um direito legal abortar um bebê com síndrome de Down desde que seja antes do parto.

...Percebemos que, para mim e meu parceiro, era melhor sofrermos com a culpa e a dor de um aborto do que deixar nossa filha sofrer pelo resto da vida...

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus, ai, meu Deus.

A essa altura, Isabel já estaria dormindo a noite inteira. Estaria sentando, segurando as coisas, enfiando-as na boca. Estaria engatinhando, talvez até mesmo andando. Seria inteligente, ativa e bem-sucedida, assim como a mãe. Em vez disso, preciso decidir se quero ou não me sobrecarregar com...

Eu me detenho. Essa não é a maneira certa de pensar na questão. O Dr. Gifford marcou de manhã cedo uma consulta para mim no centro de exames. Ele me prometeu que vou receber os resultados por telefone em dois dias. Nesse meio-tempo, devo me esforçar para que isso não me abale. Afinal, ainda há muitas chances de estar tudo bem. Milhares de grávidas são surpreendidas assim e acabam descobrindo que tudo não passou de um susto.

Ligo para Mia e fico horas me lamentando com ela.

ANTES: EMMA

No trem, fico pensando no que dizer a ele. Centrais elétricas e campos passam pela janela. Cidades-dormitório e paradas rurais vêm e vão.

Todo discurso em que penso me soa mal. E sei que, quanto mais eu ensaiar, mais falso vai ficar. Melhor falar com o coração e torcer para que ele me ouça.

Só mando uma mensagem de texto depois de sair do trem, enquanto espero um táxi.

Estou indo ver você. Precisamos conversar.

O taxista se recusa a acreditar que meu destino existe.

Não há nada lá, querida, a casa mais próxima fica na Tregerry, a uns oito quilômetros de distância.

Até que entramos em uma trilha rural e encontramos um acampamento de cabines de trabalho pré-fabricadas e banheiros químicos cercados de lama. Em volta há apenas campos abertos e bosques, mas, do outro lado do vale, caminhões atravessam uma estrada distante e consigo ver que algum dia aquele local vai se tornar uma nova cidade.

Edward sai de uma das casas, o rosto sombrio de preocupação.

Emma, diz ele. O que houve? Por que você está aqui?

Respiro fundo e digo:

Tenho que explicar uma coisa. É muito complicado. Eu precisava falar pessoalmente.

As cabines estão cheias de agrimensores e projetistas, por isso vamos caminhar perto do bosque. Repito para ele o que falei para Amanda: que um dos amigos de Simon me drogou e me forçou a fazer sexo, que ele me mandou o vídeo que gravou para me ameaçar, que a polícia achou que o vídeo tinha sido feito por Deon Nelson e eu tive que aceitar uma advertência formal por desperdiçar o tempo da polícia, mas na verdade nada daquilo tinha sido culpa minha. Edward me ouve atentamente, mas sua expressão não revela nada.

Até que, com muita calma, ele diz que está tudo acabado entre nós, que não importa se estou dizendo a verdade ou não, porque eu já menti para ele. E ainda lembra que combinamos que nossa relação só duraria enquanto fosse perfeita.

Ele diz que um relacionamento como o nosso é feito um edifício: precisa de fundamentos sólidos ou tudo desaba. Ele achou que nossa relação fosse construída com base na honestidade, mas estava baseada em uma mentira.

Diz que tudo *isso* — ele aponta para o canteiro de obras — só surgiu porque eu contei para ele que fui atacada por Deon Nelson dentro da minha própria casa. Ele me diz que esta cidade também está sendo construída com base numa mentira, que ele estava tentando projetar uma comunidade em que as pessoas se respeitassem e ajudassem umas às outras. Mas essa comunidade só poderia funcionar com base na confiança e, para ele, isso fora maculado.

Ele diz adeus, com a voz desprovida de emoção.

Mas eu sei que ele me ama. Sei que precisa dos nossos joguinhos para satisfazer alguma necessidade profunda sua.

Em tom desesperado, digo:

Eu estava errada, mas pense no que você fez. Aquilo foi muito pior, não acha?

Ele franze a testa.

Como assim?

Você matou sua esposa. E seu filho. Matou os dois porque não queria comprometer a construção da casa.

Ele me encara. E nega.

Conversei com Tom Ellis, insisto.

Ele faz um gesto de desprezo.

Aquele cara é um fracassado invejoso e amargurado.

Mas você não está entendendo, digo, eu não me importo. Não ligo para o que você tenha feito ou quão mau você seja. Pertencemos um ao outro, Edward. E nós dois sabemos disso. Agora sei seus piores segredos e você sabe os meus. Não é isso que você sempre quis? Que fôssemos totalmente sinceros um com o outro?

Sinto que ele está dividido, que está ponderando sua decisão e não quer perder o que temos.

Você está louca, Emma, diz ele, por fim. Está fantasiando. Nada disso aconteceu. É melhor você voltar para Londres agora.

AGORA: JANE

Vários motivos me levam a procurar Carol Younson outra vez.

— Em primeiro lugar, você e Simon são as únicas pessoas com quem Emma parece ter compartilhado o medo que sentia de Edward Monkford. Mas tenho provas de que, ao menos em uma ocasião, ela mentiu para você, para a própria terapeuta. Em segundo lugar, você é a única pessoa com quem ela falou que tem formação em psicologia. Espero que você consiga lançar alguma luz sobre a personalidade dela.

Ainda não cito o terceiro motivo.

Ela franze o cenho.

— Quais mentiras?

Conto o que descobri sobre Saul e que Emma fez sexo oral nele quando estava bêbada.

— Se você aceitar que ela mentiu sobre ter sido estuprada por Deon Nelson, não concorda que ela também poderia ter mentido sobre Edward?

Carol reflete por um instante.

— Às vezes, as pessoas mentem para o terapeuta. Seja porque estão em negação ou por simples constrangimento. Mas, se o que você está dizendo aconteceu, Emma não só contou uma mentira como construiu um mundo de fantasia, uma realidade alternativa.

— O que isso quer dizer?

— Essa não é bem a minha área. Mas o termo clínico para esse tipo de mentira patológica é pseudologia fantástica. Está associada à baixa autoestima, à busca de atenção e a um forte desejo de apresentar uma imagem mais favorável de si mesma.

— Ser estuprada dificilmente é algo favorável.

— Não, mas é algo que torna a pessoa especial. Mentirosos compulsivos do sexo masculino costumam inventar que são membros da realeza ou que são ex-militares. Já as do sexo feminino são mais propensas a fingir serem sobreviventes de algum desastre ou de

alguma doença terrível. Há alguns anos tivemos um exemplo notório, uma mulher que dizia ter sobrevivido ao 11 de Setembro e era tão convincente que chegou a liderar o grupo de apoio dos sobreviventes. Depois descobriram que ela nem sequer estava em Nova York na ocasião. — Carol faz uma pausa para pensar. — Por mais estranho que seja, lembro que certa vez Emma me disse algo do tipo: *Como você reagiria se eu dissesse que inventei tudo isso?* Quase como se estivesse brincando com a possibilidade de confessar.

— Será que ela pode ter se matado quando as mentiras foram reveladas?

— Acho que é possível. Se ela não conseguiu criar uma nova narrativa para se fazer de vítima, ao menos a seus próprios olhos, pode ter passado pelo que chamamos de mortificação narcisista. Em linguagem simples, talvez tenha ficado tão envergonhada que preferiu morrer a enfrentar aquilo.

— Nesse caso Edward não tem culpa — observo.

— Bem, talvez — diz ela, cautelosa.

— Por que talvez?

— Não posso diagnosticar Emma postumamente como uma mentirosa compulsiva só para que os fatos se encaixem em uma teoria conveniente. Também é possível que ela simplesmente tenha contado uma mentira plausível, então contado outra para encobrir a primeira e depois mais uma. O mesmo vale para Edward Monkford. Sim, com base no que você disse, parece que a narcisista era Emma, não ele. Mas sem dúvida ele era um controlador radical. O que acontece quando um controlador encontra alguém fora de controle? A combinação pode ser explosiva.

— Mas havia outras pessoas com motivos melhores do que Edward para estarem furiosas com Emma — observo. — Deon Nelson escapou por pouco da prisão. Saul Aksoy perdeu o emprego. O detetive Clarke foi forçado a se aposentar antes da hora.

— É possível — concorda ela, embora ainda não pareça totalmente convencida. — Mas, pensando bem, talvez Emma tenha mentido para mim por outra razão.

— Qual?

— Ela pode ter testado comigo. Feito um ensaio geral, digamos assim, antes de tentar contar a história inventada para alguém.

— Para quem? — Mas, então, percebo para quem deve ter sido. — Ela só contou essa história sobre Edward para Simon.

— Por que ela faria isso se queria ficar com Edward?

— Porque foi rejeitada por ele.

Sinto uma onda de satisfação, não só porque acho que enfim descobri o que havia por trás das acusações bizarras de Emma sobre Edward, mas porque sinto que a estou conhecendo melhor, entendendo suas mudanças.

— É a única resposta que faz sentido — acrescento. — Simon era tudo o que restava para Emma. Então claro que ela contou que tinha terminado com Edward, mas na verdade foi o contrário. Posso usar o banheiro?

Carol parece surpresa, mas me aponta a direção.

— Tem outro motivo que me trouxe aqui hoje — digo ao voltar. — O mais importante. Estou grávida. De Edward.

Ela me encara, perplexa.

— E há uma chance, uma chance muito pequena, na realidade, de que o bebê tenha síndrome de Down. Estou esperando os resultados de um exame.

Ela se recupera depressa.

— E como você se sente em relação a isso, Jane?

— Confusa — admito. — Por um lado, feliz por estar grávida. Mas, por outro, apavorada. E não sei o que e nem quando devo contar a Edward.

— Bem, vamos começar a analisar isso. A gravidez só lhe trouxe felicidade? Ou retomou seu luto por Isabel?

— As duas coisas. Ter outro filho me parece tão... definitivo. Como se de algum modo eu estivesse deixando Isabel para trás.

— Você está preocupada que o novo bebê possa tomar o lugar dela nos seus pensamentos — afirma Carol em tom gentil. — E, considerando que seus pensamentos são o único lugar onde Isabel vive agora, você sente como se a estivesse matando outra vez.

Olho para ela.

— Sim. É exatamente isso.

Percebo que Carol Younson é mesmo uma ótima terapeuta.

— Da última vez que nos encontramos, falamos sobre compulsão à repetição, ou seja: como tem gente que fica presa ao passado, revivendo diversas vezes o mesmo psicodrama. Mas também temos oportunidades para romper esses ciclos e seguir em frente. — Ela sorri. — As pessoas gostam de falar sobre recomeços. Mas só se pode

recomeçar quando se parte do zero. O resto está maculado com o que já aconteceu. Talvez esta seja sua chance de um recomeço, Jane.

— Tenho medo de não amar este bebê tanto quanto amei Isabel — confesso.

— É compreensível. Os mortos podem parecer incrivelmente perfeitos para nós, um ideal inalcançável para qualquer pessoa viva. Superar isso não é fácil. Mas é possível.

Penso nas palavras de Carol. Não se aplicam apenas a mim, percebo, mas a Edward. Elizabeth foi a Isabel de Edward: a precursora perfeita e perdida de quem ele nunca se libertou.

Carol e eu conversamos por mais uma hora, sobre a gravidez, sobre a síndrome de Down, sobre o terrível e difícil assunto do aborto. E, quando a conversa chega ao fim, sei muito bem o que devo fazer.

Se o teste der positivo, vou abortar. Não é uma decisão fácil ou simples e vou carregar a culpa pelo resto da vida, mas está decidido.

E, caso eu aborte, não vou contar para Edward. Ele nem sequer vai saber que engravidei. Algumas pessoas podem achar que isso é uma covardia moral, mas simplesmente não vejo motivo para contar que houve um bebê, sendo que não há mais.

No entanto, se o exame der negativo e o bebê estiver bem — e tanto o Dr. Gifford quanto Carol têm se esforçado para me explicar que esse é o resultado mais provável —, vou imediatamente até a Cornualha contar a Edward que ele vai ser pai.

Estou me despedindo de Carol quando meu celular toca.

— Jane Cavendish?

— Sim, é ela.

— Aqui é Karen Powers, do centro de exames.

Consigo responder, mas minha mente já está longe.

— Estou com os resultados do teste de cfDNA — continua ela. — É uma boa hora para falarmos sobre isso?

Eu estava de pé, mas volto a me sentar.

— Sim. Por favor. Pode falar.

— Você poderia me informar seu endereço?

Impaciente, cumpro os requisitos de confidencialidade. Carol já percebeu quem está ligando e também se senta.

— Fico feliz em informar... — começa Karen Powers.

Meu coração engrandece. *Boas notícias. São boas notícias.*

Choro outra vez e ela precisa repetir o resultado. Deu negativo. Por mais que só a aemniocente dê um diagnóstico garantido, o cfDNA tem

precisão superior a noventa e nove por cento. Não há nenhuma razão para achar que meu bebê não vai ser saudável. Estou de volta ao jogo. Só preciso dar a notícia para Edward.

ANTES: EMMA

Em seguida sou tomada pela mesma sensação que temos quando alguém morre. Estou atordoada e entorpecida. Não só por ter perdido Edward, mas também pela maneira fria, quase clínica, como ele terminou comigo. Na semana anterior eu era sua mulher perfeita, na seguinte, estava tudo acabado. Da adoração ao desprezo em um piscar de olhos. Parte de mim acha que ele está se recusando a admitir que ainda me ama, que vai ligar a qualquer momento e dizer que cometeu um erro terrível. Mas então lembro que Edward não é Simon. Olho para as paredes puras e imaculadas, para as superfícies inflexíveis da casa, e vejo sua força de vontade, sua determinação inabalável em cada metro quadrado.

Paro de comer. Eu me sinto melhor assim, como se reencontrasse na fome um velho amigo, com a cabeça tão leve quanto se tivesse tomado um anestésico para curar o sentimento de perda.

Abraço Vadio e o uso como lenço de papel, ursinho de pelúcia, edredom. Incomodado com minha carência, ele se desvencilha de mim e corre para o andar de cima, mas na cama sinto falta do calor de sua pele macia e quero pegá-lo de novo.

Quando não o encontro, fico muito preocupada. Então, vejo que a porta do armário de produtos de limpeza está entreaberta. Acho Vadio ali, no escuro, enroscado sobre uma lata de verniz, se escondendo de mim.

Naquela noite, enquanto estou tomando banho, as luzes se apagam de repente e a água esfria. Isso dura apenas alguns segundos, mas é tempo suficiente para que eu grite, assustada e com medo. Meu primeiro pensamento é que o gato deve ter esbarrado em algum cabo de energia no armário. O segundo pensamento é que isso é obra da casa. Folgate Street, nº 1 está me rejeitando, assim como Edward, demonstrando o descontentamento do seu mestre.

Pouco depois, a água volta a esquentar. Foi só uma interrupção, uma falha momentânea. Nada com que eu deva me preocupar.

Apoio a cabeça na parede lisa do boxe, e as lágrimas escorrem com a água pelo ralo.

AGORA: JANE

Volto feliz e energizada da consulta com Carol. Um obstáculo foi superado. O futuro não vai ser fácil, mas, ao menos, está nítido.

Entro em casa e paro. Perto da escada há uma bolsa de couro Swaine Adeney.

— Edward? — chamo, hesitante.

Ele está no refeitório, observando meu mapa mental, a profusão de papezinhos colados na parede. No meio, eu havia pendurado o desenho, a imagem dupla de mim e de Emma que peguei no lixo.

Ele vira a cabeça na minha direção, e eu recuo ao perceber raiva e frieza em seus olhos.

— Posso explicar — digo depressa. — Eu precisava entender direito as coisas...

— *Assassino: Edward Monkford* — fala ele em voz baixa. — É bom saber que sou apenas um dos suspeitos, Jane.

— Eu sei que não foi você. Acabei de encontrar a terapeuta de Emma. Ela mentiu para a terapeuta e acho que entendo o motivo. Também acho que sei por que Emma se matou. — Faço uma pausa. — Ela fez isso para punir você. Um gesto dramático e definitivo para deixar você se sentindo mal por ter terminado com ela. E imagino que, considerando o que você já tinha passado, ela conseguiu.

— Eu amava Emma. — As palavras, tão diretas e definitivas, explodem no ar. — Mas ela mentiu para mim. Achei que talvez eu pudesse viver um amor sem mentiras. Com você, quero dizer. Lembra o seu formulário de inscrição para morar aqui? Você falou de integridade, honestidade e confiança. Foi isso que me fez pensar que poderia dar certo, que poderia ser melhor desta vez. Mas nunca amei você como eu a amava.

Olho para ele, chocada.

— Por que você está aqui? — pergunto, por fim.

Sei que isso não é muito relevante, mas preciso de tempo para assimilar o que ele acabou de dizer.

— Precisei vir a Londres encontrar os advogados. Os primeiros moradores já foram para New Austell, mas estão dando trabalho. Parecem achar que, caso se unam, podem me forçar a mudar as regras. Vou brindá-los com ordens de despejo. Todos eles. — Edward dá de ombros. — Eu trouxe nosso jantar.

No balcão há seis sacos de papel, daqueles usados nas mercearias antiquadas, onde Edward gosta de fazer compras.

— Que bom que você está aqui — digo, entorpecida. — Precisamos conversar.

— Claro.

Seus olhos se fixam no mapa mental.

— Edward, estou grávida — declaro categoricamente para um homem que acabou de dizer que não me ama. Eu não imaginava que seria desse jeito, nem nos meus piores pesadelos. — Você tem o direito de saber.

— Tenho — diz ele, por fim. — E há quanto tempo você está escondendo isso?

É tentador mentir, mas não vou me conceder esse pretexto.

— Estou com pouco mais de doze semanas.

— Você pretende ter essa criança?

— Acharam que o bebê poderia ter síndrome de Down.

Ao ouvir isso, Edward passa a mão pelo rosto.

— De qualquer forma, descobrimos que não tem. E, sim, vou ter essa criança. Um menino. Vou ter, *sim*. Sei que não é o que você escolheria, mas está decidido.

Ele fica de olhos fechados por um instante, como se estivesse sofrendo.

— Considerando o que acabou de me dizer, suponho que você não queira de jeito nenhum ser o pai dessa criança — prossigo. — Não tem problema. Não quero nada de você, Edward. Se tivesse me falado que ainda estava apaixonado por Emma...

— Você não entendeu — interrompe ele. — Aquilo foi como uma doença. Senti ódio de mim mesmo durante cada segundo que passei com ela.

Não sei como reagir.

— A terapeuta que consultei hoje... Ela falou sobre como podemos ficar presos em uma história, tentando reviver antigos

relacionamentos. Acho que, de algum modo, você ainda está preso à história de Emma. Não posso ajudar você a sair. Mas também não vou ficar presa com você.

Edward observa as paredes, os espaços impessoais e perfeitos que criou. Parece extrair força disso tudo. Ele se levanta e diz:

— Adeus, Jane.

Então pega a bolsa Swaine Adeney e vai embora.

II. *Qual problema você mais teme em um relacionamento?*

- Ficar entediado(a)*
- Perceber que poderia estar com alguém melhor*
- Distanciar-se do outro*
- O(a) parceiro(a) se tornar dependente de você*
- Ser enganado(a)*

ANTES: EMMA

Às vezes tenho a impressão de ser capaz de encolher até sumir. Outras vezes me sinto tão pura e perfeita quanto um fantasma. A fome, as dores de cabeça, a tontura, essas são as únicas coisas reais.

Ser boa em não comer é prova de que ainda sou forte. Às vezes não me saio tão bem e devoro um pão inteiro ou uma salada de repolho, mas depois enfio os dedos na garganta e vomito. E posso recomeçar. Zerada de calorias.

Não tenho dormido. Isso também aconteceu quando meu distúrbio alimentar anterior se agravou. Mas dessa vez está pior. Acordo de repente no meio da noite, convencida de que as luzes se acenderam e apagaram ou de que ouvi alguém andando pela casa. Voltar a dormir é impossível.

Marco uma consulta com Carol e digo a ela que Edward é perverso, um tirano egomaniaco. Falo que ele é violento comigo, controlador e obsessivo, por isso eu o deixei. Mas, embora eu queira acreditar no que estou dizendo, a saudade permeia cada célula do meu corpo.

Quando volto para casa, percebo que há algo no jardim parecido com um pano ou um brinquedo descartado. Meu cérebro demora alguns segundos para entender o que é aquilo, então saio correndo pelo cascalho imaculado.

Vadio. Ele está apoiado nas patas dianteiras, mas a metade traseira tombou de lado. Está morto. Seu lado esquerdo foi esmagado, uma confusão de pelos ensanguentados. Parece ter se arrastado até ali, para longe da casa, antes de cair. Olho ao redor. Não há nada que explique como ele morreu. Atropelado? Pisoteado e jogado por cima da cerca? Ou até mesmo encurralado na casa e atingido por um tijolo?

Coitadinho, digo em voz alta, me agachando para acariciar o lado que não foi ferido. Minhas lágrimas caem no pelo sedoso, tão imóvel e

insensível. Que peninha, que peninha, digo para ele, mas na verdade estou com pena de mim mesma.

Então me dou conta de que isso, assim como a tinta jogada na parede, é um recado. *Você é a próxima*. Quem está fazendo isso quer me assustar e me matar. E estou sozinha, sem ter como deter essa pessoa.

A não ser por Simon. Ainda posso tentar Simon. Não me resta mais ninguém.

AGORA: JANE

Então aqui estou, de volta ao mesmo ponto. Grávida e sem marido. Mia não diz: *Eu avisei*. Mas sei que é isso que está pensando.

Porém, ainda há um último ajuste que preciso fazer. Edward pode não ter se interessado pelas descobertas que fiz sobre Emma, mas acho que Simon merece saber. Convido Mia também, para o caso de ele receber mal o que tenho para dizer.

Simon chega pontualmente, trazendo vinho e uma pasta grossa de arquivos com capa azul.

— Não entro aqui desde o que aconteceu — diz ele, franzindo a testa para a casa. — Nunca gostei deste lugar. Falei para Emma que tinha gostado, mas era ela quem queria morar aqui. Até a parte tecnológica acabou se revelando menos impressionante do que parecia no começo. Estava sempre enguiçando.

— Sério? — Fico surpresa. — Eu não tive problemas.

Ele coloca a pasta no balcão.

— Trouxe isto aqui. É uma cópia da minha pesquisa sobre Edward Monkford.

— Obrigada, mas não preciso disso agora.

Ele franze o cenho.

— Achei que você quisesse saber como Emma morreu.

— Simon... — Olho para Mia, que, muito discretamente, se afasta para abrir a garrafa de vinho. — Emma mentiu sobre Edward. Não sei direito por qual motivo, nem quais foram as circunstâncias da morte dela. Mas sem dúvida o que ela disse sobre ele era mentira. — Faço uma pausa. — Ela também foi pega em uma mentira ainda maior. Quem estava naquele vídeo que a polícia encontrou no celular de Emma não era o assaltante. Era Saul Aksoy.

— Eu sei — responde ele, furioso. — Mas isso não tem nada a ver com o que estamos falando.

Demoro um tempo para entender como ele descobriu.

— Ah... Amanda lhe contou.

Ele nega com a cabeça.

— Foi Emma. Depois que terminou com Edward, ela me contou tudo.

— Ela contou como aconteceu?

— Sim. Saul a drogou e a seduziu. — Ele observa minha expressão.

— O quê? Você está bancando a detetive e ainda não sabia disso?

— Conversei com Saul — digo, pronunciando as palavras devagar.

— Ele me disse que foi Emma quem começou tudo.

Simon bufa em sinal de desprezo.

— Ah, ele disse isso, é? Eu gostava de Saul, mas, mesmo antes de Emma me contar o que ele havia feito, eu sabia que ele tinha outro lado. Depois que me separei de Em, Saul e eu saímos para beber algumas vezes. Ele dizia para Amanda que eu precisava de companhia, mas a verdade era que ele só queria passe livre para sair e ficar com várias mulheres. Sempre usava a mesma técnica. “Deixá-las tão bêbadas a ponto de não pararem em pé”, dizia. “Elas não precisam estar de pé para que você possa fazer o que quer.”

Devo parecer chocada, porque ele balança a cabeça e diz:

— Técnica legal, não é? Mas, mesmo naquela época, eu achava estranho que as garotas ficassem tão bêbadas só com alguns drinques. Ele se gabava de pagar champanhe para elas. Desse jeito parecia generoso, mas li que as bolhas da bebida podem disfarçar o sabor do Boa noite, Cinderela.

Fico olhando para ele. Lembro que Saul Aksoy tentou me empurrar uma taça de champanhe. Eu tinha percebido que ele era um canalha, mas acreditei no que falava.

Justo quando achei que estava tudo esclarecido, volto a ficar confusa. Porque, se Saul realmente forçou a relação com Emma, ela não estava fantasiando. Sim, ela contou uma mentira, talvez várias, mas a essência da história era verdadeira. Apenas trocou os nomes dos atores, e imagino por quais motivos.

Como se lesse meus pensamentos, Simon diz:

— Ela estava tentando me proteger. Achou que eu não suportaria saber que meu melhor amigo tinha feito aquilo com ela. Mas, mesmo antes do roubo, dava para perceber que havia algo errado; ela começou a ficar brava comigo sem motivo, se esquivando sempre que eu tentava ser legal. E o distúrbio alimentar voltou. Nunca passou depois disso, por mais que ela não gostasse de comentar.

— Você conversou com ela aqui?

Ele assente.

— Foi o que eu disse. Emma se deu conta do erro idiota que havia cometido e queria consertar as coisas. Ela estava muito mal naquela época. Tinha adotado um gatinho de rua. E alguém o matou.

— Emma tinha um gatinho? — pergunto. — Aqui? Na casa?

Maggie Evans mencionara um gatinho, mas não que Emma pretendia ficar com ele.

— Tinha, sim. Por quê?

Porque é contra as regras, penso. Nada de animais de estimação. E nada de crianças, aliás.

Simon abre a pasta e pega um documento.

— Um advogado deu isso para ela. De acordo com estas plantas, Monkford enterrou a esposa e o filho aqui, bem debaixo desta casa. Olhe só.

Ele me mostra. Há um X e um comentário à mão. *Lugar de repouso final da Sra. Elizabeth Domenica Monkford e Maximilian Monkford.*

— Que tipo de maluco faz uma coisa dessas?

— Você teve sorte de escapar, J. — diz Mia, que havia se aproximado lentamente de nós, com os ouvidos atentos.

Simon me olha com curiosidade, mas prefiro não dar nenhuma explicação.

— A teoria de Emma era que enterrar os dois aqui fazia parte de um ritual supersticioso — continua Simon. — Quase como um sacrifício. Na época não me importei muito com isso, mas, depois que ela morreu, comecei a pesquisar as outras construções. Ela estava certa. Sempre que um edifício da Monkford e Associados está perto de ser concluído, alguém morre em circunstâncias suspeitas.

Ele coloca alguns recortes de jornal na mesa para me mostrar. Cada matéria é acompanhada de um mapa que marca a localização do edifício e onde ocorreu a morte. Na Escócia, uma moça foi morta por um motorista que a atropelou e fugiu a menos de dois quilômetros da casa que Edward Monkford construiu perto de Inverness. Em Menorca, uma criança que estava com os pais foi sequestrada a três quilômetros de uma casa de praia que Edward projetou. Em Bruges, uma mulher se jogou de uma ponte ferroviária a algumas centenas de metros de uma capela dele. Durante o acabamento da Colmeia, um aprendiz de eletricista foi encontrado morto na escadaria.

— Mas nada disso prova que ele foi responsável por essas mortes — digo com delicadeza. — Todos os anos ocorrem milhares de desaparecimentos e acidentes fatais. Só porque aconteceram a alguns quilômetros desses edifícios não significa nada. Você está vendo padrões e conexões onde não há.

— Ou então tem uma relação e você está se recusando a enxergar.

O rosto dele fica sombrio.

— Simon, essa é só uma prova de como você amava Emma. O que é admirável. Mas está comprometendo seu julgamento...

— Emma foi tirada de mim duas vezes — interrompe ele. — Uma vez, quando Edward Monkford se intrometeu no nosso relacionamento justamente na época em que ela estava mais vulnerável. E, então, depois, quando foi assassinada. Tenho certeza de que foi para tirá-la de mim. Quero justiça para Emma. E não vou sossegar até conseguir.

* * *

Pouco depois, Simon vai embora. Mia continua bebendo o vinho que ele trouxera.

— Ele parece legal — comenta ela.

— E um pouco obsessivo?

— Ele amava Emma. E é incapaz de esquecê-la enquanto não descobrir o que aconteceu. Isso é quase heroico, não acha?

Todos esses homens amavam Emma, penso. Apesar de todos os problemas, eles ficavam fascinados por ela. Será que algum dia alguém vai sentir o mesmo por mim?

— No fim das contas, ser amada não foi muito bom para ela — acrescenta Mia. — Não que isso importe, mas acho que você estaria melhor com alguém feito ele do que com seu arquiteto maluco.

— Eu e Simon? — pergunto com desdém. — Acho difícil.

— Ele é honesto, confiável e leal. Não diga que não gosta antes de provar.

Não falo nada. O que sinto por Edward ainda é muito complexo para ser expresso em uma ou duas frases para Mia analisar. A raiva e a frieza dele por eu ter investigado a morte de Emma pelas suas costas me deixaram um pouco envergonhada. Mas, se ele encontrasse uma

maneira de se libertar de Emma, será que conseguiria compreender com mais clareza o que tem comigo?

Balanço a cabeça, tanto para discordar de mim mesma quanto para afastar da mente essas ideias.

Pensamento positivo.

ANTES: EMMA

Tchau, Em, diz ele.

Tchau, Si, respondo.

Apesar do que acabou de dizer, Simon permanece mais algum tempo à porta da casa.

Estou muito feliz que a gente tenha conversado, acrescenta.

Eu também.

E estou sendo sincera. Há muitas coisas que eu nunca disse para ele, muitas coisas que eu mantinha restritas ao pensamento. Se houvéssemos conversado mais quando estávamos juntos, talvez nunca tivéssemos nos separado. Parte de mim sempre quis magoar ou afastar Simon, porém não sinto mais isso. Agora sou grata por ter alguém que não me julga.

Posso ficar se quiser, murmura ele. Se isso deixar você mais segura. Posso dar um jeito se o desgraçado do Deon ou alguém mais aparecer.

Eu sei, respondo. Mas, para ser sincera, não precisa. Esta casa é uma fortaleza. Além disso, um passo de cada vez, certo?

Certo, diz ele.

Ele se inclina para a frente e me dá um beijo formal na bochecha. Em seguida, me abraça. O abraço é bom.

Quando ele vai embora, a casa volta a ficar em silêncio. Prometi para Simon que ia comer algo. Então encho uma panela com água para cozinhar um ovo e passo a mão por cima da boca do fogão.

Nada acontece.

Passo a mão outra vez. Mesmo resultado. Olho por cima do balcão em busca de alguma alternativa ao sensor de movimento. Mas não há.

Simon saberia como consertar isso e quase pego o telefone para pedir que ele volte. Mas me detenho. Em parte, o que me meteu nessa confusão foi o fato de ser uma mulher frágil e dependente dos homens para resolver problemas.

Há duas maçãs na geladeira e eu pego uma. Dou uma mordida e em seguida sinto cheiro de gás. Mesmo que o fogão não tenha acendido, a parte que libera o gás evidentemente está funcionando, soltando fumaça inflamável pela casa. Procuro uma maneira de desligar aquilo, agitando os braços freneticamente sobre o fogão. De repente, ouço um clique e uma bola de fogo azul e amarelo surge no ar, envolvendo meu braço. Largo a maçã. Há um momento de choque. Nenhuma dor ainda, mas eu sei que virá. Enfio depressa o braço embaixo da torneira de água fria. Mas a torneira não funciona. Subo correndo a escada e vou até o banheiro. Ali, graças a Deus, a água escorre pela minha pele queimada. Deixo a água ligada por alguns minutos e logo depois examino meu braço. A pele está dolorida e avermelhada, mas sem bolhas.

Não é imaginação minha. Não pode ser. Parece que a casa não queria que Simon tivesse vindo conversar comigo e esta fosse sua maneira de me punir.

É uma fortaleza, falei para Simon. Mas e se a própria casa decide não me proteger? Estou mesmo segura?

De repente, fico com medo.

Entro no armário dos produtos de limpeza e fecho a porta. Posso me esconder se for necessário. Posso travar a porta com os esfregões e as vassouras. Do lado de fora, nem sequer dá para notar que estou aqui. O armário é apertado, repleto de latas e produtos, mas preciso de um lugar seguro, e vai ser este aqui mesmo.

12. *Em uma sociedade bem-administrada, deve haver consequências para quem quebra as regras.*

Concordo *Discordo*

AGORA: JANE

Estou deitada na cama, meio acordada, meio dormindo, quando sinto algo. Tão experimental e hesitante quanto uma batida à porta, pouco mais do que uma palpitação na barriga. Eu me lembro de Isabel. *A vivificação*. Esse belo termo bíblico.

Fico deitada, desfrutando da sensação, à espera de mais chutes. Sinto mais alguns e, em seguida, um rolamento que pode ou não ter sido uma cambalhota. Sinto um enorme amor materno e uma fascinação, e até começo a chorar. Como fui capaz de considerar um aborto? Pensando bem, parece quase inconcebível. Achando graça do trocadilho, sorrio em meio às lágrimas.

Totalmente acordada, jogo as pernas para fora da cama e observo meu corpo, que está se transformando. Ainda não cheguei à fase em que estranhos fazem comentários espontâneos — de acordo com um gráfico que encontrei no trabalho, meu bebê tem aproximadamente o tamanho de um abacate —, mas, nua, dá para perceber que estou grávida. Meus seios estão maiores e pesados, e a barriga está confortavelmente arredondada.

Vou até o banheiro, e fico feliz ao perceber que estou bamboleando um pouco, por mais que certamente ainda não precise disso, porém a memória muscular da maternidade se acomoda ao redor do meu corpo como se fosse um casaco familiar. Algo dá errado com o chuveiro — a água quente fica subitamente gelada —, mas o banho é revigorante. Eu me pergunto se a casa está tendo dificuldades para me reconhecer, afinal agora tem outra pessoa dentro de mim. Acho que a tecnologia não funciona desse jeito, mas não entendo muito.

Estou me secando com a toalha quando sinto uma pontada de enjoo. Eu me sento no vaso sanitário, respirando fundo para tentar melhorar, mas o enjoo volta duas vezes pior. Não dá tempo de fazer outra coisa além de me inclinar na direção do boxe. Depois ligo as torneiras para lavar o vômito.

O vidro do boxe do chuveiro está salpicado de marcas d'água, então me ajoelho para secá-las. Estou agachada limpando a fresta na base da parede, meu rosto quase no nível do chão, quando vejo algo brilhando, refletindo a luz. Está muito distante para meus dedos conseguirem alcançar, por isso pego um cotonete e retiro o objeto com cuidado.

A princípio, acho que encontrei um grão ou, talvez, uma roldana. Então, noto o minúsculo orifício que transpassa a peça. É uma pérola pequena e de um tom muito distinto de bege claro. Deve ter caído do meu colar.

Vou até o quarto e abro a caixa de joias. A pérola solta é igual às outras. Mas o colar está inteiro.

Não entendo como a pérola se soltou se o fio do colar não arrebentou. É impossível, um desafio de lógica, um enigma.

Há uma joalheria em frente ao escritório da Still Hope. Decido levar o colar para lá e perguntar.

ANTES: EMMA

Mando um e-mail para a Monkford e Associados a fim de reclamar dos problemas que estou tendo com a casa. Não recebo resposta. Tento ligar para Mark, o corretor, mas ele me diz que assuntos técnicos devem ser encaminhados diretamente à Monkford e Associados. Acabo gritando com ele ao telefone, o que, imagino, só piora as coisas. Mando uma mensagem de texto para Edward, mas claro que ele não responde.

Além de tudo, estou convencida de que a iluminação foi alterada. Quando nos mudamos, Mark comentou que, no inverno, a casa adicionava automaticamente luz extra para combater a depressão que acomete as pessoas nessa época. Sendo que eu queria que fizesse o inverso. Afinal, não estou dormindo direito e ainda acordo exausta, com os olhos secos e coçando.

Simon liga e mais uma vez se oferece para me fazer uma visita. Seria muito fácil dizer sim. Digo que vou pensar. Percebo a euforia em seu tom de voz, embora ele tente escondê-la. Agradável, seguro e confiável. Este é Simon. Meu porto seguro.

Mas então Edward Monkford responde à mensagem.

AGORA: JANE

— É excepcional — diz o joalheiro, rodando a pérola entre o indicador e o polegar enquanto a examina com uma lupa. — Se não estou errado, é muito rara.

Mostro o colar na caixa.

— Será que pode ter caído daqui?

Ele pega a caixa e balança a cabeça, indicando os caracteres japoneses.

— Kokichi Mikimoto. São muito raras. — Ele ergue o colar à luz, comparando-o com a pérola solta. — Sim, combinam perfeitamente. Como eu achava, são pérolas keshi.

— Pérolas keshi? O que isso quer dizer?

— As keshi de água salgada são as pérolas mais raras do mundo, ainda mais quando são quase redondas como estas aqui. Vêm de ostras que tinham mais de uma pérola. Em outras palavras, pérolas gêmeas. Como não têm núcleos, ganham este brilho incandescente incomum. E, como eu disse, são extremamente raras. Imagino que, em algum momento, o colar arrebentou e as pérolas se soltaram. O proprietário mandou consertar, mas perdeu uma pérola.

— Entendo.

Pelo menos, entendo o que o homem está dizendo. Mas vou ter que assimilar melhor a ideia de que Edward me presenteou com um colar que dera antes para outra pessoa.

Quando saio da loja, pego o celular.

— Simon — digo, assim que ele atende. — Por acaso você sabe se Edward Monkford deu um colar para Emma? E, se for o caso, sabe se o colar arrebentou alguma vez?

ANTES: EMMA

Preciso ver você. Edward.

Reflito um pouco antes de responder:

Você ainda está bravo comigo, papai?

A resposta chega logo.

Não mais do que você merece.

Que bom. Isso significa que você me quer de volta?

Veremos depois desta noite.

Então é melhor eu me comportar.

Já sinto os joelhos bambos.

Sete da noite. Use o colar de pérolas. Nada mais.

Claro.

Duas horas para me arrumar, ficar ansiosa, esperar. Tiro a roupa e começo o trabalho.

AGORA: JANE

— Mas você não percebe? — pergunta Simon com urgência. — Isso prova que ele estava presente quando Emma morreu.

Estamos no café perto da Still Hope, onde Edward Monkford deu em cima de mim pela primeira vez. *Duas pessoas se encontrando sem outro objetivo senão viver o presente.* Que mentira monstruosa isso acabou se revelando. Na ocasião, sem dúvida ele estava sendo sincero, achando que conseguiria recuperar apenas as partes das quais gostava no relacionamento com Emma, deixando de lado as que não gostava. Contudo, como Carol destacou, não dá para contar a mesma história duas vezes e esperar um final diferente.

Simon ainda está falando.

— Desculpe — interrompo. — O que você disse?

— Eu disse que ela só usava o colar para ele. Ela sabia que eu odiava. Nós tínhamos combinado de nos encontrarmos naquele dia. Mas, então, ela cancelou. Disse que não estava se sentindo bem. Mesmo naquela época eu desconfiei que, na verdade, ela podia estar com Monkford.

Franzo a testa.

— Não dá para deduzir tudo isso a partir de uma única pérola. Não há prova nenhuma.

— Pense — insiste ele, paciente. — Como Monkford conseguiu o colar para dar para você? Ele devia estar presente quando arrebentou. E sabia que, se deixasse as pérolas espalhadas pelo chão, ficaria parecendo que tinha havido um embate, não um suicídio ou um acidente. Então, antes de sair, ele recolheu todas, menos a que você encontrou.

— Mas ela não morreu no banheiro — argumento. — Foi encontrada ao pé da escada.

— Do banheiro até a escada são só alguns passos. Ele poderia facilmente tê-la arrastado até lá e depois a empurrado escada abaixo.

Não acredito nem por um segundo na sugestão exagerada de Simon, mas devo admitir que a pérola pode ser considerada uma prova.

— Tudo bem. Vou falar com James Clarke. Sei que ele vem à cidade toda quarta-feira. Você também poderia vir para ouvi-lo descartar suas teorias.

— Jane... Você gostaria que eu ficasse alguns dias na sua casa? — Devo parecer surpresa, porque ele acrescenta: — Eu me ofereci para ficar com Emma. Ela recusou e eu não quis insistir. Mas vou me arrepender para sempre de não ter sido mais perseverante. Se ao menos eu estivesse lá...

Ele deixa a frase no ar.

— Obrigada, Simon. Mas ainda nem temos certeza de que Emma foi assassinada.

— Todas as evidências indicam que Monkford a matou. Você está se recusando a admitir isso por motivos pessoais. E acho que nós dois sabemos quais são.

Seu olhar se fixa na minha barriga. Fico ruborizada.

— É *you* quem tem razões pessoais para querer que ele seja culpado — argumento. — E, para sua informação, Edward e eu tivemos um breve relacionamento e nada mais. Não estamos mais juntos.

Ele sorri com tristeza.

— Claro que não. Você quebrou a maior regra de todas. Basta lembrar o que aconteceu com o gato.

ANTES: EMMA

Eu ajusto, espremo, depilo e aprimoro. Por fim, ponho o colar de pérolas, que fica tão apertado no pescoço quanto a mão de um amante. Meu coração bate cheio de entusiasmo. Estou muito ansiosa.

Ainda falta uma hora para ele chegar. Eu me sirvo de uma grande taça de vinho e bebo a maior parte. Então, usando o colar, vou até o chuveiro.

Ouçõ um som no andar de baixo. É difícil identificar, mas pode ser um sapato rangendo. Eu paro.

Oi? Tem alguém aí?

Nenhuma resposta. Pego uma toalha e vou até a escada.

Edward?

O silêncio se prolonga, profundo e, de alguma forma, também significativo. Sinto os pelos da nuca se arrepiarem.

Olá?, pergunto mais uma vez.

Vou na ponta dos pés até o meio da escada. De lá, vejo todos os cantos da casa. Não tem ninguém.

A menos que esteja bem abaixo de mim, escondendo-se nas lajes de pedra. Eu me viro e dou um passo de cada vez, olhando através das frestas dos degraus.

Ninguém.

Então, escuto outro barulho, uma espécie de ronco. Dessa vez parece vir de cima. Contudo, ao me virar em sua direção, ouço um ruído estridente, uma frequência no limite da audição humana. Fica cada vez mais alto, como um mosquito. Tapo os ouvidos com as mãos, mas o barulho penetra diretamente em minha cabeça.

Uma lâmpada estoura no teto, e os cacos de vidro tilintam no chão. O ruído para. Alguma pane nos sistemas técnicos da casa. Na sala de estar, o laptop está reiniciando. As luzes da casa lentamente se apagam e voltam a acender. A página inicial da Governanta surge na tela do laptop. É como se a casa inteira tivesse acabado de reiniciar.

Seja lá qual for o defeito, já foi consertado. E não tem ninguém aqui. Subo a escada e sigo em direção ao chuveiro.

AGORA: JANE

— Bem, isso é fascinante — comenta James Clarke, observando o colar e a pérola solta. — Fascinante.

— Não entendemos o que significa — digo. Simon olha para mim e eu acrescento: — Quer dizer, estamos divididos. Simon acha que pode ser uma prova de que Edward a matou. Mas eu não vejo que diferença isso pode fazer.

— Vou lhe dizer o que faz diferença — começa o policial aposentado, pensativo. — O caso contra Deon Nelson. Se houvesse um colar de pérolas dando sopa, mesmo um colar quebrado, ele não teria deixado para trás. Teria roubado, para que o Sr. Monkford não pudesse consertá-lo e dá-lo de presente para você. Então minha teoria favorita está indo por água abaixo.

— Da última vez que nos encontramos, depois do inquérito, você me disse que Monkford tinha um álibi — lembra Simon.

— Tinha. Bem, tipo um álibi. Para ser sincero, na época parecia que você teria dificuldade para superar tudo aquilo. E, ao fim de uma investigação policial de seis meses, a última coisa que queríamos era um ex-namorado de coração partido tentando anular o laudo do médico-legista. Então posso ter parecido mais confiante do que realmente estava. No momento da morte de Emma, o Sr. Monkford disse que estava em um canteiro de obras na Cornualha. Ele foi visto no hotel pela manhã e outra vez no início da noite. Não havia nada que indicasse que ele tinha voltado a Londres no meio-tempo, por isso ficamos inclinados a acreditar nele.

Simon olha para Clarke.

— Mas você está dizendo que ele pode ter feito isso.

— Um milhão de pessoas *podem* ter feito isso — retruca Clarke. — Não é assim que a coisa funciona. Nós procuramos os sinais de que alguém de fato fez.

— Monkford é louco — retruca Simon, exaltado. — Caramba, basta ver as casas que ele constrói. É um maluco perfeccionista. Caso ache que algo não está certo, ele não deixa para lá. Simplesmente destrói e recomeça. Ele disse para Emma: “Nossa relação só vai durar enquanto for perfeita.” Que tipo de maluco fala uma coisa dessas?

Clarke responde, explicando pacientemente para Simon que psicologia amadora e trabalho policial são duas coisas muito diferentes. Mas não estou prestando muita atenção.

Eu me dou conta de que Edward disse a mesma coisa para mim: *Isto é perfeito... Alguns dos relacionamentos mais perfeitos que já tive não duraram mais de uma semana... Como sabe que não vai durar, você curte mais a outra pessoa...*

Meu bebê estica o pé e me chuta um pouco acima do umbigo. Estremeço.

Será que estamos correndo perigo?

— Jane?

Os dois estão me observando com curiosidade. Percebo que me fizeram uma pergunta.

— O que foi?

James Clarke estende o colar.

— Você poderia colocar isso para nós?

O fecho minúsculo na parte de trás é um pouco difícil de prender e Simon se levanta para me ajudar. Afasto o cabelo da nuca para que fique mais fácil alcançar o fecho. Seus dedos me tocam de forma desajeitada e, para minha surpresa, sinto que é porque ele sente atração por mim.

Quando estou usando o colar, Clarke o examina com atenção.

— Posso? — pergunta em tom educado.

Assinto e ele tenta enfiar o dedo entre as pérolas e minha pele, mas não há espaço.

— Hum — diz o ex-detetive, recostando-se na cadeira. — Bem, não quero jogar lenha na fogueira, por assim dizer. Mas tem algo que pode ser relevante.

— O quê? — pergunta Simon, ansioso.

— Quando encontraram Emma, o primeiro policial que chegou lá pensou ter visto uma marca discreta no pescoço da vítima. Ele anotou a observação, mas quando o patologista chegou a marca havia sumido. Restaram apenas alguns pequenos arranhões por aqui. — Ele aponta para onde tentou enfiar o dedo sob o colar. — Na verdade,

não era nada, com certeza não o suficiente para matá-la. E considerando a extensão dos outros ferimentos, decidimos que ela devia ter se machucado durante a queda.

— Mas, na realidade, foi onde alguém arrancou o colar — diz Simon imediatamente.

— Bem, é você quem está supondo — diz Clarke.

— Há outra possibilidade — sugiro quase sem perceber.

— Qual? — pergunta Clarke.

— Edward... — Enrubesco. — Tenho motivos para acreditar que ele e Emma gostavam de sexo violento.

Simon olha para mim. Clarke apenas balança a cabeça.

— Certo.

— Então, se Edward estava mesmo com ela naquele dia, o que eu necessariamente ainda não aceito, o colar pode ter arrebentado por acidente.

— Talvez. Acho que nunca vamos saber — comenta Clarke.

Outro pensamento me ocorre:

— Da última vez que nos encontramos, você me disse que não era possível descobrir quem tinha entrado na casa logo antes de Emma morrer.

— Isso mesmo. Por quê?

— Acho estranho, só isso. A casa é configurada para capturar e registrar dados. Foi construída com esse objetivo.

— Você poderia revistar os escritórios dele — sugere Simon. — Confiscar os computadores e descobrir o que tem neles.

Clarke ergue a mão em sinal de advertência.

— Espere aí. *Eu* não posso fazer nada. Estou aposentado. E você está descrevendo uma operação que custaria dezenas de milhares de libras. É bastante improvável conseguir um mandado após tanto tempo. Não sem provas muito contundentes.

Simon bate na mesa com o punho.

— Esse é um caso perdido!

— Meu conselho é que você tente superar — diz Clarke com delicadeza. Depois se volta para mim. — E meu conselho para *você* é que se apresse em encontrar outro local para morar. Algum lugar com fechaduras resistentes e um sistema de alarme. Só para garantir.

ANTES: **EMMA**

Entro debaixo do chuveiro. Por um instante, nada acontece. Então, a água cai feito chuva. Contento, viro o rosto na direção da ducha.

Vai ficar tudo bem.

Eu me lavo com cuidado para ele, ensaboando todos os cantos íntimos do meu corpo que talvez ele queira explorar. Então, sem aviso prévio, a água falha e fica gelada. Eu grito e me afasto.

Emma, diz uma voz atrás de mim.

Eu me viro.

O que você está fazendo aqui?, pergunto.

Tiro a toalha do gancho e a enrolo ao redor do corpo.

Como foi que você entrou aqui?

AGORA: JANE

— De quanto é o seu orçamento? — Camilla não chega a rir, mas certamente acha que estou delirando. — Durante o tempo que você passou em Folgate Street, nº 1, os aluguéis enlouqueceram. Não há casas suficientes e os investidores estrangeiros estão aplicando nos imóveis de Londres pela segurança da transação. Agora é preciso ter o dobro do que você dispõe para arranjar um apartamento de dois quartos. — Ela aponta para os anúncios nas vitrines da agência. — Dê uma olhada.

No caminho de volta para casa, decidi seguir o conselho de James Clarke e procurar um apartamento. Mas eu gostaria de não ter feito isso.

— Um bom quarto e sala resolve. Ao menos por enquanto.

— Mas seu orçamento não cobre nem *isso*. A não ser que considere morar em um barco.

— Vou ter um bebê que logo mais vai ser uma criança pequena. Acho que um barco não é uma grande solução, não é mesmo? — Faço uma pausa. — Outros proprietários fazem a mesma coisa que Edward? Alugam casas por um preço baixo para que as pessoas cuidem delas?

Ela nega com a cabeça.

— O acordo com Edward Monkford é único.

— Bem, ele não pode me despejar enquanto eu estiver pagando o aluguel. E não vou embora até encontrar outro lugar. — Algo na expressão de Camilla me interrompe. — O que foi?

— Há mais de duzentas regras no acordo que você assinou — lembra ela. — Espero que não tenha quebrado nenhuma. Caso contrário, estaria violando o contrato.

Sinto uma raiva irracional.

— Que se danem as regras. E que se dane Edward Monkford.

Estou tão furiosa que chego a bater os pés no chão. Hormônios de mãe tigre.

Mas, apesar das minhas palavras corajosas, sei que não vou confrontar Edward. Desde a conversa com Simon e James Clarke, estou começando a sentir algo sobre Folgate Street, nº 1 que nunca tinha sentido. Estou ficando com medo.

ANTES: EMMA

Ainda tenho a senha de entrada, diz ele, dando um passo na minha direção.

Seus olhos estão vermelhos e um pouco selvagens. Andou chorando.

Falei para Mark que tinha apagado a senha quando me mudei. Mas não fiz isso. Então a usei para invadir o sistema. Foi fácil. Uma criança poderia ter feito a mesma coisa.

Ah, respondo.

Não sei mais o que dizer.

Eu fico lá em cima, diz ele. No sótão. Às vezes, entro depois que você pega no sono e durmo lá em cima. Desse jeito, posso ficar perto de você.

De repente, ele aponta para o meu pescoço e dou um passo para trás, assustada.

Esse é o colar que *ele* lhe deu, não é? *Edward*.

É. Simon, você precisa ir embora. Estou esperando alguém.

Eu sei. Simon pega um celular desconhecido. Edward Monkford. Só que você não está esperando por ele. Fui *eu* quem mandou a mensagem.

O quê?, murmuro.

Numa noite, na semana passada, peguei seu telefone e salvei esse número nos seus contatos com o nome dele, conta Simon, quase orgulhoso. Então, quando eu mando uma mensagem, parece que foi de Monkford. Claro que já apaguei as mensagens. E este celular é pré-pago. Por isso, não tem como ser rastreado.

Mas... *por quê?*

Por quê?, repete Simon. Por quê? Essa é a pergunta que não paro de repetir, Emma. Por que Monkford? Por que Saul? Por que qualquer um deles? Nenhum dos dois amou você tanto quanto eu. E você retribuiu meu amor. Eu sei que sim. Nós éramos *felizes*.

Não. Não, Simon, digo com muita firmeza. Não teríamos sido felizes, não a longo prazo. Não sou a mulher certa para você. Você precisa de uma pessoa legal e gentil. Não alguém como eu.

Não diga isso, Em.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Não, repete ele. Não vou permitir.

Tento controlar a situação.

Você precisa ir embora, Simon. Agora mesmo. Ou vou chamar a polícia.

Ele balança a cabeça.

Eu não consigo, Em. Não consigo.

Não consegue o quê?

Não consigo aceitar isso, murmura ele. Não posso permitir que você queira ficar com outros, não comigo.

Ele me olha com uma expressão estranha, desesperada, e percebo que está se preparando para fazer algo terrível. Subitamente saio correndo em direção a ele, tentando ultrapassá-lo. Simon agarra meu pulso, mas sua mão se fecha ao redor da minha pulseira, que se solta, e eu me livro dele. Mas, então, ele bloqueia meu caminho com o corpo, arranhando meu pescoço com os dedos para alcançar o colar. Sinto-o arrebentar, e as pérolas caem como granizo no chão do banheiro. Ele enlaça meu pescoço com o braço, me agarrando, me puxando para trás, para fora do banheiro, feito um salva-vidas em uma piscina. Estou tensa de pavor, mas não tenho opção a não ser deixá-lo me arrastar.

Simon, tento dizer, mas seu braço está muito apertado em torno do meu pescoço. Ele se vira assim que chegamos ao topo da escada, e fico diante do vazio.

Eu te amo, Em, diz ele em meu ouvido. Eu te amo.

Mas fala isso com raiva, como se ao dizer “amo”, na verdade quisesse dizer “odeio”, e enquanto me beija e ao mesmo tempo me empurra entendo que ele quer que isso aconteça, ele quer que eu morra. Então, estou caindo, minha cabeça batendo na pedra, degrau após degrau, a dor e o pânico golpeando cada parte do meu corpo à medida que ganho velocidade. No meio do caminho, tombo para fora da escada e, por um instante, sinto um alívio abençoado junto de um terror antes de atingir o chão de pedra clara e minha cabeça explodir.

AGORA: JANE

Ligo para Simon.

— Não costumo convidar homens que mal conheço para jantar — digo. — Mas, se você estava mesmo falando sério, eu gostaria da sua companhia.

— Claro. Quer que eu leve alguma coisa?

— Hum, não tenho vinho em casa. Eu não vou beber, mas talvez você queira. Tenho filés. Não qualquer porcaria do supermercado, e sim de um renomado açougue na High Street. Mas vou logo avisando: se você se atrasar vou comer o meu e o seu. Meu apetite anda voraz.

— Que bom. — Ele parece ter gostado. — Vou chegar às sete. E prometo não ficar falando que Monkford assassinou minha namorada, está bem?

— Obrigada.

Eu também iria sugerir que não falássemos sobre Emma e Edward — já estou bastante assustada —, mas não consegui encontrar um modo de dizer isso com delicadeza. Simon é uma pessoa muito atenciosa, começo a perceber. Eu me lembro do que Mia disse: *Não que isso importe, mas acho que você estaria melhor com alguém feito ele do que com seu arquiteto maluco.*

Afasto esse pensamento. Mesmo que eu não estivesse gorda e grávida de outro homem, isso jamais aconteceria.

* * *

Duas horas mais tarde, quando abro a porta, vejo que Simon trouxe flores e uma garrafa de vinho.

— Para você — diz ele, me entregando o buquê. — Eu me sinto mal por ter sido tão grosseiro na primeira vez em que nos encontramos. Você não tinha culpa de não saber para quem eram as flores.

Ele me dá um beijo na bochecha, que se prolonga um pouco mais do que o necessário. Ele *realmente* está atraído por mim, tenho certeza disso. Mas acho que nunca vou me sentir atraída por ele. Não importa o que Mia diga.

— São lindas — afirmo, levando as rosas até a pia. — Vou colocá-las na água.

— E eu vou abrir a garrafa. Era o vinho favorito de Emma: um Pinot Grigio. Tem certeza de que não quer um pouco? Pelo que pesquisei na internet, a maioria das pessoas concorda que não tem problema tomar um pouco de álcool por volta da décima quinta semana de gravidez.

— Talvez mais tarde. Mas vá em frente.

Arrumo as rosas em um vaso que ponho na mesa.

— Em, onde você guarda o saca-rolhas? — pergunta ele.

— No armário. O da direita. — Então fico surpresa ao me dar conta de algo. — Você acabou de me chamar de *Em*?

— Chamei? — Ele ri. — Desculpe... É que isso é tão comum para mim, estar aqui com você e abrir uma garrafa de vinho. Quer dizer, não com *você*, obviamente. Com ela. Prometo não repetir. Agora, me diga: onde você guarda as taças?

ANTES: **EMMA**

AGORA: JANE

É estranho preparar filés para um homem, qualquer homem, em Folgate Street, nº 1. Edward jamais permitiria. Ele mesmo teria cuidado disso, colocado um avental, encontrado as panelas, os óleos e utensílios corretos, enquanto explicaria as diferentes maneiras de preparar filés na Toscana ou em Tóquio. Simon, no entanto, se contenta apenas em observar e conversar sobre o mercado imobiliário, onde procurar apartamentos baratos, onde está morando atualmente de aluguel.

— Uma das vantagens de ter saído desta casa é não ter que me preocupar mais com essas regras idiotas — diz ele, enquanto eu lavo automaticamente a panela e a guardo antes de começarmos a comer. — Depois de um tempo, você nem acredita que já viveu assim.

— Hum — digo.

Sei que logo mais estarei cercada por toda a bagunça que envolve ter um bebê em casa, mas parte de mim sempre vai sentir falta da beleza austera e disciplinada de Folgate Street, nº 1.

Tomo alguns goles de vinho, mas acho que perdi o gosto pela bebida.

— Como está a gravidez? — pergunta.

E acabo contando a ele sobre o susto da síndrome de Down, o que me leva a mencionar Isabel, então começo a chorar e não consigo comer todo o filé.

— Sinto muito — diz ele baixinho. — Você passou por coisas horríveis.

Dou de ombros e seco os olhos.

— Todo mundo tem problemas, não é mesmo? São os hormônios. Agora choro por qualquer coisa.

— Eu queria constituir uma família com Emma. — Ele fica em silêncio por um instante. — Eu pretendia pedir ela em casamento.

Nunca contei para ninguém. Engraçado: foi depois que nos mudamos para cá que tomei essa decisão. Eu sabia que ela estava passando por uma fase difícil, mas eu achava que era por causa do assalto.

— E por que você não a pediu em casamento?

— Ah... — Ele dá de ombros. — Eu queria fazer o pedido mais incrível de todos. Como naqueles vídeos virais em que o homem organiza um flash mob para cantar a música favorita da garota, ou escreve *Quer casar comigo?* com fogos de artifício, algo assim. Eu só estava tentando ter uma ideia, algo que a impressionasse. E então, do nada, ela terminou comigo.

Sempre achei esses vídeos de pedidos de casamento exagerados um pouco estranhos, até mesmo assustadores, mas me dou conta de que não é o momento de dizer isso.

— Você vai encontrar outra pessoa, Simon. Eu sei que vai.

— Será? — Ele me lança um olhar significativo. — Na verdade, é muito raro encontrar alguém com quem eu sinta uma conexão verdadeira.

Decido que preciso dizer algo.

— Simon... Espero que você não ache que é presunção minha, mas, já que estamos falando tão abertamente, eu gostaria de esclarecer uma coisa. Eu gosto de você, mas não quero me envolver com ninguém agora. Já estou lidando com coisas demais.

— Claro — diz ele rapidamente. — Nunca achei... Mas estamos bem, certo? Como amigos.

— Estamos.

Sorrio para agradecer pelo tato.

— Mas bastaria Monkford estalar os dedos e provavelmente você mudaria de ideia — acrescenta ele.

Franzo a testa.

— Claro que não.

— Eu só estava brincando. Na verdade, estou saindo com alguém. Ela mora em Paris. Estou até pensando em me mudar para lá e poder vê-la com mais frequência.

A conversa abrange outros assuntos, mais agradáveis e fáceis. Eu estava sentindo falta disso, penso: esta gentileza, esta troca civilizada, muito diferente da presença dominante de Edward.

Mais tarde, ele diz:

— Quer que eu fique aqui esta noite, Jane? No sofá, óbvio. Se você se sentir mais segura...

— É muito gentil da sua parte. Mas vamos ficar bem. — Acaricio a barriga. — Eu e ele.

— Certo. Uma próxima vez, quem sabe.

13. *Muitas vezes existe uma grande distância entre meus objetivos e meus resultados.*

Concordo *Discordo*

AGORA: JANE

Acordo cansada e letárgica. Deve ter sido por causa da pequena quantidade de álcool da noite anterior, afinal estou muito desabituada a beber. O enjoo matinal revira minhas entranhas e vomito no banheiro. Então, justamente quando estou desesperada por um banho, a Governanta decide desligar tudo.

Jane, classifique as seguintes afirmações em uma escala de um a cinco, em que um é Concordo Totalmente e cinco é Discordo Totalmente.

Algumas instalações da casa foram desativadas até que a tarefa seja concluída.

— Desgraçada! — exclamo, exausta.

Não tenho forças para isso. Mas preciso de um banho. Dou uma olhada no primeiro tópico da lista.

Se meus filhos não forem bem na escola, serei corretamente rotulada como uma mãe ruim.

Concordo Discordo

Escolho Concordo Ligeiramente, então paro. Tenho certeza de que ninguém nunca havia mensurado a maternidade.

Será que essas perguntas são aleatórias? Ou é algo mais, uma investigação sutil e codificada feita pela Governanta?

Ao avançar no questionário, noto outra coisa. Eu me *sinto* diferente. Basta responder a essas perguntas para lembrar que morar aqui é um privilégio reservado a poucos escolhidos, que ir embora daqui seria uma perda quase tão grande quanto a de Isabel...

Eu me detenho, chocada. Como posso pensar uma coisa dessas, mesmo que por um instante?

Lembro o que o professor disse ao se dirigir àquele grupo de alunos: *Talvez vocês não estejam cientes, mas, neste exato momento, estão imersos em uma complexa rede de ondas ultrassônicas projetadas para intensificar estados de espírito...*

Será que as perguntas da Governanta de algum modo fazem parte do funcionamento da casa?

Eu me conecto ao wi-fi do vizinho e digito algumas perguntas no Google. Logo encontro o que procuro. Um artigo científico publicado em uma revista médica obscura, a *Journal of Clinical Psychology*.

As perguntas da Ferramenta de Avaliação de Perfeccionismo medem diversos tipos de excesso de perfeccionismo inapropriado, incluindo perfeccionismo pessoal; expectativas elevadas em relação a terceiros; necessidade de aprovação; bem-estar (organização e capricho obsessivos); ruminância (pensamentos obsessivos); comportamento compulsivo e inflexibilidade moral...

Leio aquilo, tentando decifrar a linguagem técnica. Parece que as perguntas foram concebidas por psicólogos como uma maneira de diagnosticar e tratar o perfeccionismo insalubre e patológico. Por um instante, me questiono se é isso que está acontecendo aqui: se a casa está monitorando meu bem-estar psicológico, da mesma forma que verifica meus padrões de sono, peso e assim por diante.

Mas percebo que há outra explicação.

Edward não está usando o questionário para tratar o perfeccionismo dos inquilinos, mas para reforçá-lo. Está tentando controlar não só nosso ambiente ou até mesmo como vivemos ali, mas nossos pensamentos e sentimentos íntimos.

Nossa relação só vai durar enquanto for perfeita...

Estremeço. Será que foi uma pontuação baixa em um teste psicométrico que selou o destino de Emma?

Termino de responder ao questionário, marcando as respostas pelas quais eu suponho que a Governanta vai me dar uma pontuação maior. Assim que acabo, o laptop reinicia e as luzes voltam a acender.

Eu me levanto, aliviada por finalmente poder tomar banho. Porém, enquanto estou subido a escada, ocorre uma falha. As luzes piscam. O laptop congela no meio da reinicialização. Tudo para por um instante. E então...

Ao olhar para baixo, noto que alguma coisa aparece na tela. Parece um filme, mas não é um filme.

Intrigada, chego mais perto para olhar melhor. É uma imagem minha, uma imagem ao vivo, aqui, nesta sala. Assim que me aproximo, a pessoa na tela se afasta.

A câmera está *atrás* de mim.

Pego o laptop e me viro. A tela mostra meu rosto, em vez da minha nuca. Observo a parede à minha frente até a tela indicar que estou olhando para a câmera.

Não há nada ali. Talvez um furinho na pedra clara, nada mais.

Largo o laptop e clico para fechar a janela. Atrás há outra janela, outra imagem. E outra, e mais outra. Todas mostram diferentes pontos da casa. Fecho as janelas, mas antes confiro onde estão as câmeras. Uma delas mostra a mesa de pedra de um ângulo diferente. A segunda está direcionada para a porta. A seguinte mostra o banheiro...

O *banheiro*. Plano aberto, o chuveiro totalmente exposto. Se esses são os sensores de Folgate Street, nº 1, quem mais tem acesso a eles?

Clico de novo. A última câmara está posicionada acima da cama.

Fico enjoada. Todas as vezes que tive a sensação de estar sendo vigiada... era porque estava sendo mesmo.

E não só na cama. Quando transei com Edward no balcão da cozinha, estávamos à plena vista das câmeras.

Estremeço, revoltada. Então, devido a uma súbita onda de hormônios, minha repulsa se transforma em raiva.

Foi Edward quem fez isso. Ele colocou essas câmeras na casa. Por quê? Será que era um passatempo voyeurístico? Ou só mais uma maneira de dominar todos os momentos da minha vida? Tenho certeza de que isso nem mesmo é permitido por lei. Faz pouco tempo que alguém foi preso por algo parecido, não?

Então me dou conta de que Edward não teria deixado passar esse detalhe. Dou uma olhada nos meus e-mails antigos até encontrar um

de Camilla com os termos e as condições da casa anexados. Por fim, escondida em letras miúdas, localizo a cláusula que estou procurando.

...incluindo fotografias e imagens em movimento, mas não se limitando a isso...

Eu me lembro de outra coisa. Edward construiu a casa, mas quem projetou a parte tecnológica foi seu sócio, David Thiel. E, por mais que eu tenha dificuldade em imaginar Edward como um voyeur high-tech, com Thiel é diferente...

Sem esperar que a raiva passe, pego meu casaco.

AGORA: JANE

Não me dou ao trabalho de marcar uma reunião. Simplesmente fico esperando no primeiro andar da Colmeia até um grupo de funcionários da Monkford e Associados carregando *lattes* e *wraps* se reunir perto de um dos elevadores. Entro com eles. No décimo quarto andar, eu os sigo.

— Edward não está — diz a morena impecável da recepção ao se recuperar do choque de me ver ali.

— Quero falar com David Thiel.

Ela parece ainda mais surpresa.

— Vou ver se ele está disponível.

Ela precisa conferir o ramal de Thiel no iPad. Tenho a impressão de que o especialista em tecnologia não recebe muitas visitas.

* * *

Meu discurso para David Thiel é longo, alto e liberalmente ornado de palavras. Eu mal respiro, mas ele espera calmamente que eu termine. Lembro que Edward ficou ouvindo aquele cliente na primeira vez em que estive aqui, esperando a fúria do sujeito passar.

— Isso é ridículo — diz Thiel quando termino. — Acho que você está exagerando por causa da sua condição.

Ele não poderia ter dito nada melhor para me irritar de novo.

— Primeiro, eu não estou *doente*, seu cretino. E, segundo, não se atreva a me tratar com condescendência. Eu sei o que vi. Você andou me espionando e não tem como negar. Isso inclusive consta dos malditos termos e condições.

Ele balança a cabeça.

— Nós pedimos para você assinar uma cessão de direitos. Mas só por garantia. Ninguém acessa aquelas câmeras além do software de

reconhecimento facial automático. Com isso, a casa pode acompanhar seus movimentos, nada de mais.

— E a temperatura do chuveiro mudando de quente para fria? — pergunto. — Estava tentando me assustar? Não me diga que tem algo a ver com reconhecimento facial.

Ele franze a testa.

— Eu não estava sabendo de nenhum problema com o chuveiro.

— E, finalmente, o que mais importa: o que as câmeras estavam fazendo quando Emma foi morta? Devem ter gravado o que aconteceu.

Ele hesita.

— As câmeras estavam fora do ar naquele dia. Um problema técnico. Foi um momento inoportuno para aquilo acontecer, nada mais.

— Você não espera mesmo que eu...

Neste instante, a porta se abre, empurrada com força pelo braço de Edward Monkford, que entra na sala.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta para mim.

Nunca o vi tão zangado.

— Ela quer os dados de Folgate Street, nº 1 relativos à Srta. Matthews — diz Thiel.

Edward fica vermelho de raiva.

— Isso já foi longe demais. Quero que você vá embora, está me ouvindo?

Por um instante, não sei se ele quer que eu vá embora do escritório ou de Folgate Street, nº 1, mas, em seguida, acrescenta:

— Vamos dar o aviso prévio. Você tem cinco dias para sair da casa.

— Não podem fazer isso.

— Você violou pelo menos uma dúzia de cláusulas restritivas. Acho que vai descobrir que podemos, sim.

— Edward... Do que você tem tanto medo? O que está tentando esconder?

— Não estou com *medo* de nada. Estou *puto da vida* por ter meus desejos constantemente ignorados por você. Para ser sincero, achei engraçado você *me* acusar de ser obcecado por Emma Matthews sendo que claramente é *você* que está obcecada por ela. Por que não deixa isso para lá? Por que se importa tanto?

— Você me deu o colar dela — retruco, também com raiva. — Se é tão inocente, por que mandou consertar o colar dela e me deu depois?

Ele me olha como se eu fosse louca.

— Dei dois colares parecidos para vocês duas porque gosto da cor daquelas pérolas, só isso.

— Você matou Emma, Edward? — pergunto sem pensar. — Porque parece que sim.

— De onde você tirou isso? — questiona ele, incrédulo. — Quem enfiou essas ideias malucas na sua cabeça?

— Quero uma resposta.

Tento parecer calma, mas minha voz sai trêmula.

— Bem, você não vai conseguir uma resposta. Agora dê o fora daqui.

Thiel não diz nada. Enquanto me levanto para ir embora, Edward olha furiosamente para minha barriga.

AGORA: JANE

Não tenho para onde ir a não ser Folgate Street, nº 1. Mas entro com medo, como um lutador ensanguentado voltando ao ringue para mais um round.

Neste momento, a sensação de estar sendo observada é onipresente. Assim como a sensação de estarem brincando comigo. Aleatoriamente, pequenas coisas pela casa não funcionam. Tomadas elétricas parecem danificadas. As luzes aumentam e diminuem de intensidade. Quando digito “apartamentos quarto e sala” na ferramenta de busca da Governanta, sou direcionada para um site sobre mulheres que mentem para seus parceiros. Assim que ligo o sistema de som, começa a tocar a marcha fúnebre de Chopin. E o alarme dispara, me assustando.

— Pare de ser tão infantil, porra! — grito para o teto.

O silêncio dos cômodos vazios é a única resposta debochada que recebo.

Pego o telefone.

— Simon — digo, quando ele atende. — Se sua oferta ainda estiver de pé, eu gostaria que você viesse aqui hoje à noite.

— O que houve, Jane? — pergunta ele, ficando logo preocupado. — Você parece apavorada.

— Não exatamente apavorada — minto. — Só um pouco assustada com este lugar. Tenho certeza de que não é nada com o que se preocupar. Mas, de qualquer forma, seria bom ver você.

AGORA: JANE

— Vim o mais rápido que pude — diz Simon, jogando uma mochila perto da porta. — Acho que essa é a vantagem de ser autônomo. Posso trabalhar aqui ou em uma Starbucks com a mesma facilidade. — Ele para de falar enquanto observa meu rosto. — Jane, tem certeza de que está bem? Sua aparência está horrível.

— Simon... Preciso pedir desculpas. Durante todo esse tempo você tem insistido que Edward matou Emma e eu não acreditava. Mas estou começando a achar... — Faço uma pausa, relutando em dizer com todas as palavras. — Estou começando a achar que você pode ter razão.

— Não precisa se desculpar, Jane. Mas o que fez você mudar de ideia?

Conto sobre as câmeras e como confrontei Thiel.

— E ainda acusei Edward de ter me dado o colar de Emma — acrescento.

Simon olha para mim, ficando tenso de repente.

— Como ele reagiu?

— Disse que eram colares diferentes.

— Ele tem como provar?

— Nem sequer tentou. Simplesmente me expulsou. — Dou de ombros, resignada. — Tenho cinco dias para encontrar outra casa para morar.

— Pode ficar comigo por um tempo se quiser.

— Obrigada. Mas já incomodei demais você.

— Mas vamos continuar amigos, certo, Jane? Mesmo se você for embora daqui, não vai se esquecer de mim, não é?

— Claro que não — respondo, um pouco constrangida pela carência dele. — De qualquer modo, tenho um dilema moral. — Aponto para a mesa, onde está a caixa com o meu colar. — Toda essa

história me fez questionar quanto custa um colar como esse. Descobri que vale cerca de três mil libras.

Ele ergue as sobrancelhas.

— O que seria um belo valor para alugar um apartamento.

— Exatamente. Mas acho que eu deveria devolver o colar para Edward.

— Por quê? Problema dele se decidiu dar algo tão valioso para você.

— Sim, mas... — Tenho dificuldade em explicar. — Não quero que ele ache que só me importo com o valor financeiro. O problema é que eu *preciso* do dinheiro.

E não quero que ele me despreze mais do que já despreza, penso, mas não digo em voz alta.

— O fato de isso ser um dilema já diz muito sobre você, Jane. A maioria das pessoas não pensaria duas vezes.

Simon sorri. A tensão que ele demonstrou há pouco, quando citei Edward e as pérolas, desapareceu. Por que ele ficou *tão* tenso? O que achava que eu ia dizer?

Então, algo me ocorre... Algo pequeno, mas óbvio.

Se Simon estiver certo e meu colar for o mesmo que Edward deu para Emma, um dos fios terá uma pérola a menos. Mas observo o colar e cada fio parece exatamente igual ao outro.

Passo os dedos pelo fio superior, fazendo uma contagem rápida. Vinte e quatro pérolas.

O segundo também tem vinte e quatro.

Assim como o terceiro.

Edward estava falando a verdade. Ele não me deu o mesmo colar com o qual presenteara Emma. O cenário descrito por Simon, no qual Edward matou Emma e depois recolheu as pérolas soltas, com exceção de uma, jamais ocorreu.

A menos que tenha sido Simon.

O pensamento, bem consistente, permeia minha cabeça. E se tudo tiver acontecido exatamente como Simon disse... Só que com ele, não com Edward?

Você não tem provas, digo a mim mesma.

Porém, subitamente, fico bem menos feliz por este homem ter vindo passar a noite aqui.

Noto outra coisa. Não há falhas técnicas na casa quando Simon está presente. A água sai das torneiras, o fogão funciona e até mesmo

a Governanta fica desbloqueada. Por quê?

A menos que, de algum modo, ele estivesse causando tudo isso.

Thiel pareceu envergonhado quando eu o confrontei. Mas também pareceu confuso. E mencionou algo sobre um problema. Será que estava constrangido porque sabia que alguém havia acessado os sistemas da casa?

Será que eu estava entendendo tudo errado?

14. *Tento não deixar as pessoas saberem o que estou pensando.*

Concordo *Discordo*

AGORA: JANE

— Jane? Você está bem?

Simon me observa atentamente.

— Estou. — Eu me recomponho e dou um sorriso discreto. — Foi muita gentileza sua vir até aqui. Mas não havia necessidade de trazer uma mochila. Minha amiga Mia acabou de me mandar uma mensagem. Ela vai passar a noite comigo.

— Mia não tem filhos? Marido? — Seu tom de voz é solícito.

— Tem, mas...

— Então pronto. Eles precisam dela. E eu já estou aqui. Além do mais, vai ser como nos velhos tempos.

— Velhos tempos? Como assim? — pergunto, confusa.

Ele gesticula.

— Você e eu. Aqui, juntos.

— Esses não são os velhos tempos, Simon.

Seu sorriso não vacila.

— Mas não é muito diferente. Pelo menos não para mim.

— Simon... — Não sei como explicar. — Eu não sou Emma. Não sou nem um pouco parecida com ela.

— Claro que não. Você é uma pessoa melhor do que ela.

Pego meu celular na mesa.

— O que você está fazendo? — pergunta ele.

— Vou levar o colar lá para cima — minto.

— Deixe que eu faço isso. — Ele estende a mão. — Você está grávida. Devia pegar leve.

— Não estou tão grávida assim.

De repente, penso em outra coisa. *A maioria das pessoas concorda que não tem problema tomar um pouco de álcool por volta da décima quinta semana de gravidez.* Como ele sabe com quantas semanas estou?

Passo por ele. Simon mantém a mão estendida, mas eu o ignoro.

— Cuidado com a escada! — diz ele, me observando.

Eu me obrigo a ir mais devagar, reconhecendo sua advertência com um aceno.

Com exceção do vestíbulo, o único lugar em Folgate Street, nº 1 com porta é o armário de produtos de limpeza. Eu entro e escoro a porta com vassouras e esfregões.

Primeiro, tento Mia.

Não foi possível completar a chamada.

— Merda — digo em voz alta. — Puta merda.

Edward Monkford.

Não foi possível completar a chamada.

999.

Não foi possível completar a chamada.

Olho para a tela e percebo que estou sem sinal. Com dificuldade, subo até o vão do telhado e ergo o telefone o mais alto que consigo. Nenhum sinal aqui também.

— Jane? — É a voz de Simon, chamando do andar de baixo. — Jane, você está bem?

— Preciso que você vá embora, Simon — grito em resposta. — Não estou me sentindo bem.

— Sinto muito. Vou chamar um médico.

— Não, por favor. Só preciso descansar.

Ouço sua voz cada vez mais alta conforme ele sobe a escada.

— Jane? Onde você está? No banheiro?

Não respondo.

— Toque, toque... Não, não está no banheiro. Estamos brincando de esconde-esconde?

A porta do armário range quando ele a empurra.

— Encontrei você — diz, alegre. — Pode sair, querida.

AGORA: JANE

— Não vou sair — digo através da porta.

— Isso é uma bobagem. Não dá para conversar com você aí dentro.

— Simon, quero que vá embora ou vou chamar a polícia.

— Como? Tenho um aparelho que bloqueia sinais de celular. E de wi-fi também.

Não respondo. Aos poucos percebo que a situação é ainda pior do que eu pensava. Ele planejou tudo.

— Eu só queria ficar com você — diz ele. — Mas você ainda prefere Monkford a mim, não é?

— O que Monkford tem a ver com isso?

— Ele não merece você. Assim como não merecia Emma. Mas os caras legais não ficam com as garotas legais, não é mesmo? Perdem para cretinos como Monkford.

— Simon, consegui sinal. Vou ligar para a polícia.

Ergo o celular e digo em tom de urgência:

— Polícia, por favor. O endereço é Folgate Street, nº 1, em Hendon. Tem um homem na minha casa me ameaçando.

— Isso não é verdade, querida. Não ameacei ninguém.

— Está bem, cinco minutos. Mas, por favor, venham logo.

— Muito convincente. Você mente bem, Jane. Assim como todas as mulheres que eu conheci.

Eu me encolho quando ele desfere uma súbita saraivada de pontapés à porta. Os esfregões e as vassouras se curvam, mas não cedem. Estou tonta de pavor.

— Não tem problema, Jane — diz ele, ofegante. — Tenho o dia inteiro.

Eu o ouço voltar para o andar de baixo. Longos minutos se passam. Sinto cheiro de bacon frito. Por mais incrível que pareça, isso me dá água na boca.

Procuro no armário algo que eu possa usar. Meus olhos se fixam nos cabos que revestem as paredes, as veias e artérias da casa. Começo a puxá-los aleatoriamente. Isso deve ter causado algum efeito, porque logo escuto Simon subindo de volta a escada.

— Muito inteligente, Jane. Mas um pouco chato também. Saia logo daí. Preparei algo para você comer.

— Vá embora, Simon. Ainda não entendeu? Você precisa ir. Estou falando sério.

— Você parece Emma quando fica brava.

Ouçõ o som de uma faca raspando um prato. Imagino-o sentado de pernas cruzadas do outro lado da porta, comendo o que preparou.

— Eu deveria ter dito não para ela mais vezes. Deveria ter sido mais enfático. Esse sempre foi o meu problema. Muito sensato. Muito *legal*.

— Ouçõ uma rolha sendo retirada de uma garrafa. — Achei que você também pudesse ser legal, e seria diferente desta vez. Mas não foi.

— DAVID THIEL — grito. — EDWARD. SOCORRO.

Grito até minha garganta arder e minha voz ficar rouca.

— Eles não podem ouvir — diz ele, afinal.

— Podem, sim — insisto. — Estão assistindo.

— É o que você acha? Infelizmente, não. Aquele era eu. Sabe, você lembra muito ela. E já faz um tempão que estou apaixonado por você.

— Isso não é amor — retruco, horrorizada. — Amor não pode ser unilateral.

— Amor sempre é unilateral, Jane — declara ele com tristeza.

Tento manter a calma.

— Se você me amasse, iria querer que eu fosse feliz. Não que eu ficasse com medo e presa aqui dentro.

— Eu quero que você seja feliz. Comigo. Mas, se não posso, não vou deixar aquele babaca ficar com você.

— Eu já disse. Terminei com ele.

— Foi isso que *ela* disse. — Ele parece cansado. — Então, eu a testei. Era um teste simples. Mas descobri que ela queria voltar com Monkford. Comigo, não. Com *ele*. Eu não queria que fosse assim, Jane. Queria que você se apaixonasse por mim. Mas essa é a melhor solução.

Ouçõ o som do zíper quando ele abre a mochila. Em seguida, um esguicho. Uma mancha escura se estende por debaixo da porta do armário. Tem cheiro de fluido de isqueiro.

— Simon! — grito. — Pelo amor de Deus!

— Não dá, Em. — Sua voz soa embargada e grossa, como se ele estivesse quase chorando. — Não posso deixar para lá.

— Por favor, Simon. Pense no bebê. Mesmo que você *me* odeie, pense no bebê.

— Ah, eu penso. O filho imbecilzinho do imbecil. O pau dele na sua boceta. O *filho* dele. Nem pensar, porra. — Outro esguicho. — Vou queimar este lugar. Ele não vai gostar nada disso, não acha? E também vou ser forçado a queimar você caso não saia daí. Não me obrigue a fazer isso, Jane.

Todos os produtos de limpeza são inflamáveis. Um por um, eu os jogo no vão entre o forro e o telhado. Depois subo até lá novamente para verificar se há sinal de celular. Nada ainda.

— Jane — diz Simon através da porta. — Última chance. Saia e seja boazinha comigo. Finja que me ama, só por algum tempo. Basta fingir. É só o que eu peço.

Eu me arrasto pelo forro, usando a lanterna do celular. Vigas e treliças de madeira estão por toda a parte. Quando o incêndio chegar aqui vai ficar incontrollável. De repente eu lembro que nos incêndios domésticos é a fumaça que mata as pessoas.

Piso em algo macio. O velho saco de dormir. Finalmente me dou conta: não era Emma quem estava dormindo aqui em cima. Era Simon. Ele trouxera algumas coisas de Emma e o cartão da terapeuta. Talvez tenha pensado em pedir ajuda. Se ao menos houvesse feito isso...

— Jane? — chama ele outra vez. — Jane?

Até que encontro minha mala, a que guardei aqui em cima para que ficasse fora do caminho. Eu me agacho e pego a caixa de lembranças de Isabel. Com as mãos trêmulas, remexo suas coisas: o pano no qual ela foi enrolada, os moldes de gesso de suas mãozinhas e de seus pezinhos.

Tudo o que resta dela.

Eu decepcionei vocês. Os dois.

Caio de joelhos, com as mãos na barriga, e deixo as lágrimas escorrerem.

15. *Sua filha está em perigo no mar. Ao ir resgatá-la, você percebe que há outras dez crianças na mesma situação. Você pode resgatar sua filha de uma vez ou voltar e pedir ajuda para o grupo inteiro, mas isso pode demorar. O que você faz?*

- Salva sua filha*
- Salva as outras crianças*

AGORA: JANE

Não sei por quanto tempo fico chorando. Mas, quando paro, ainda não estou sentindo cheiro de incêndio. Apenas o do fluido de isqueiro.

Penso em Simon, em algum lugar lá embaixo, também sentindo pena de si mesmo, em sua choradeira carente e patética.

Então, penso: *Não*.

Eu não sou Emma Matthews, desorganizada e vulnerável. Sou uma mãe que já enterrou uma filha e que está carregando outra criança.

Seria muito fácil ficar aqui neste sótão, me contentando com a doce passividade do luto. Eu poderia me deitar e esperar que a fumaça se infiltrasse pelas vigas, me envolvendo e me puxando para baixo.

Mas não faço isso.

Algum instinto primitivo me faz levantar. Quando me dou conta, estou descendo pelo alçapão. Sem fazer barulho, tiro os esfregões e as vassouras da porta do armário.

O colar ainda está no meu bolso. Eu o pego e arrebento os fios, soltando as pérolas na mão.

Abro a porta com muita delicadeza.

A casa está irreconhecível. As paredes estão cobertas de pichação. Travesseiros e almofadas foram rasgados. Há louça quebrada espalhada pelo chão. As vidraças manchadas com algo parecido com sangue. Além do fluido de isqueiro, sinto cheiro de gás do fogão.

Como se tivesse surgido do nada, ele aparece na beira da escada.

— Jane. Estou tão feliz!

— Posso ser ela para você.

Não planejei isso, não em detalhes, mas me parece óbvio o que preciso dizer. As palavras saem da minha boca sem hesitação ou tremor.

— Emma. A bela Emma, a que você amou. Vou ser Emma para você, e depois vai me deixar ir, certo?

Ele fica me encarando e não responde.

Tento imaginar como Emma falaria, o tom da sua voz.

— Uau — digo, olhando ao redor. — Você fez uma bagunça, não é mesmo, querido? Deve me amar muito, Si, para fazer tudo isso. Eu nunca tinha percebido como você era apaixonado por mim.

Em seus olhos, vejo a desconfiança disputando espaço com outro sentimento. Felicidade? Amor? Coloco a mão na barriga.

— Simon, tem algo que você precisa saber. Você vai ser pai. Não é ótimo?

Ele recua.

O filho imbecilzinho do imbecil.

— Vamos nos deitar, Si — digo depressa, sentindo que fui longe demais. — Só por alguns minutos. Vou fazer uma massagem nas suas costas e depois você pode fazer nas minhas. Isso seria bom, não acha? Um carinho seria legal.

— Legal — repete ele, subindo a escada, a voz rouca de desejo. — Sim.

— Você vai tomar banho?

Ele assente, então seu olhar endurece.

— E você também.

— Vou só pegar um roupão.

Vou até o quarto, sentindo seus olhos me seguirem. Abro o armário de pedra e pego um roupão no cabide.

Ouçó o som da água. Simon deve ter ligado o chuveiro. Mas quando me viro ele está no mesmo lugar, ainda me observando.

— Eu não consigo, Em — diz ele de repente.

Por um instante, acho que está se referindo à farsa.

— Não consegue o quê, querido?

— Não consigo perder você. Não posso permitir que queira ficar com os outros homens e não comigo.

Ele fala de um jeito estranho, monótono, como se recitasse a letra de uma canção que se repete em sua cabeça há tanto tempo que já perdeu o significado.

— Mas eu quero, sim, ficar com você, querido. Com você e mais ninguém. Venha, vou lhe mostrar.

Com um soluço ofegante, ele subitamente apoia a cabeça nas mãos e eu aproveito a oportunidade, me esquivando dele em direção à escada, aquela escada traiçoeira na qual Emma morreu. Quase tropeço no degrau mais alto, pois minha barriga pesada me desequilibra, mas apoio a mão na parede e consigo me segurar,

firmando os pés descalços no piso familiar. Com um rugido de raiva, ele dispara atrás de mim. De algum modo, agarra meu cabelo e me puxa. Jogo as pérolas em sua cabeça. Ele nem pisca. Contudo, ao descer um degrau, pisa nas pérolas, tão letais quanto roldanas, e suas pernas patinam em várias direções. Surpresa e choque invadem seu rosto e, em seguida, ele cai... cai no vazio. Seu corpo atinge o chão e sua cabeça estala de forma repulsiva. As pérolas escorrem pela escada feito uma cachoeira e quicam ao redor do seu corpo retorcido, com os braços e pernas abertos. Por um instante tenho certeza de que ele ainda está vivo, porque seu olhar se volta para mim, angustiada, me procurando, relutante. Então, o sangue goteja da parte de trás de sua cabeça e seu olhar fica vazio.

AGORA: JANE

Tento mais uma vez encontrar sinal de celular, mas o bloqueador de Simon ainda deve estar funcionando. Vou ter que ir até a casa ao lado para chamar uma ambulância. Não que eu esteja com muita pressa agora. Os olhos dele estão abertos e imóveis, e sua cabeça está rodeada por um halo de sangue vermelho-escuro.

Desço com cuidado a escada e ando pela sala, contornando as pérolas perigosamente espalhadas, mantendo uma mão protetora apoiada na barriga. Eu me aproximo das grandes janelas de vidro. Quase sem perceber, paro e esfrego com a manga da camisa as manchas de sangue. Sai com facilidade, revelando o reflexo do meu rosto em contraste com a escuridão da noite.

Tudo vai se ajeitar, penso. Toda essa bagunça, toda essa desordem superficial. O sangue e o corpo de Simon logo mais vão ser removidos. A casa vai voltar a ser imaculada. Como um organismo vivo expelindo uma farpa, Folgate Street, nº 1 curou a si mesma.

Sou tomada por uma sensação esmagadora de serenidade, de paz. Observo meu reflexo no vidro escuro, sentindo que a casa me reconhece. Nós duas, de maneiras diferentes, estamos repletas de possibilidades.

16. *Um sinaleiro ferroviário é responsável por mudar a direção dos trilhos com uma agulha remota. Indo contra os regulamentos, ele leva o filho para o trabalho, mas lhe dá severas instruções para não chegar perto da linha férrea. Mais tarde, ele vê um trem se aproximando, porém, antes de mudar a direção dos trilhos, nota que o menino está brincando lá, longe demais para ouvi-lo. A menos que os trilhos sejam redirecionados, o trem tem grandes chances de sofrer um acidente, provocando várias mortes, mas se ele mexer nos trilhos é muito provável que o trem mate seu filho. Se você fosse ele, o que faria?*

- Mudaria a direção dos trilhos*
- Não mudaria a direção dos trilhos*

AGORA: JANE

Meu parto não acontece na água, com velas aromáticas perfumando o ambiente e Jack Johnson tocando no iPad. Sou submetida a uma cesariana depois de descobrirem uma pequena obstrução no estômago do bebê durante um exame de rotina. Nada que uma cirurgia pós-natal de emergência não possa corrigir, felizmente, mas basta isso para transformar um parto natural em cesariana.

O Dr. Gifford toma o cuidado de me explicar as implicações, e sou submetida a mais alguns exames antes de tudo ser resolvido. Após o parto, seguro Toby por apenas alguns minutos maravilhosos e, pouco depois, o levam embora. Mas antes a parteira colocou o bebê no meu peito e senti suas gengivas duras sugarem meu mamilo. A sensação atinge meu âmago, meu útero flácido, seguida pelo formigamento eufórico do desapontamento. O amor flui de mim para ele, e seus olhos azuis, enormes e felizes se franzem. Que bebê sorridente! A parteira diz que não pode ser um sorriso de verdade, ainda não, apenas um pequeno arroteo ou um tremor aleatório dos lábios, mas eu sei que ela está errada.

* * *

Edward nos faz uma visita no dia seguinte. Eu o vi algumas vezes nos três últimos meses de gravidez, em parte por causa de toda a burocracia jurídica que se seguiu à morte de Simon, e em parte porque Edward teve a gentileza de admitir que deveria ter se dado conta de como Simon era perigoso. Estamos juntos a longo prazo, como pais. E se, com o tempo, pudermos ser mais do que isso... Bem, essa é uma possibilidade que às vezes penso que Edward não desconsiderou.

Ainda estou sonolenta quando ele chega, portanto a enfermeira pede minha autorização para liberar a entrada dele, mas é claro que

eu deixo. Quero lhe mostrar nosso filho.

— Aqui está. — Não consigo parar de sorrir. — Aqui está Toby.

Mas também estou apreensiva. O hábito de ser julgada por Edward, de buscar sua aprovação, é muito recente para ter passado.

Ele segura o filho nos braços e examina seu rosto redondo e alegre.

— Quando você ficou sabendo? — murmura ele.

— Que ele tem síndrome de Down? Assim que descobriram a obstrução. Quase um terço dos bebês com atresia de duodeno têm a síndrome.

No fim das contas, o exame de cfDNA com noventa e nove por cento de exatidão não foi assim tão certo. Mas após o choque e a tristeza da confirmação inicial, parte de mim está quase feliz com a falha do exame. Se eu soubesse, teria abortado, e, ao observar Toby, seus olhos amendoados, seu nariz arrebitado e sua linda boca em forma de arco, como eu poderia querer que esta vida fosse desperdiçada?

Claro que há coisas com as quais se preocupar. Mas todas as crianças com síndrome de Down são diferentes, e parece que tivemos sorte. Ele é quase tão flexível quanto qualquer bebê. Quando suga meu mamilo, sua coordenação oral me parece boa. Ele não tem dificuldade para engolir nem problemas cardíacos ou renais. E seu nariz, por mais que seja largo, ainda é igual ao de Edward. Seus olhos, embora amendoados, não são tão diferentes dos meus.

Ele é lindo.

— Jane — diz Edward, em tom apreensivo —, esse pode não ser o melhor momento para falar isso, mas você precisa abrir mão dele. Tem gente que adota bebês assim, que escolhe essa vida. Não pessoas como você.

— Não posso fazer isso — respondo. — Edward, simplesmente não posso.

Por um instante, vejo no fundo de seus olhos uma faísca de raiva. E outra coisa também, talvez uma centelha de medo.

— Nós poderíamos tentar outra vez — continua Edward, como se eu não tivesse dito nada. — Você e eu. Começar do zero. Fazer dar certo desta vez. Eu sei que conseguiríamos.

— Se você tivesse sido mais sincero comigo sobre Emma, as coisas podiam ter dado certo entre nós dois.

Ele me olha feio. Certamente está se perguntando se foi a maternidade que fez isso comigo; como se tivesse me transformado de

algum modo, me deixado mais assertiva.

— Como poderia ter sido mais sincero com você se eu mesmo nunca entendi o que aconteceu? — questiona ele, por fim. — Eu sou obsessivo. E ela adorava me provocar. Ficava feliz quando me fazia perder o controle, mesmo que eu me odiasse por isso. Até que terminei com ela, mas foi difícil, muito difícil. — Ele faz uma pausa. — Certa vez, ela me deu uma carta. Disse que queria se explicar. Depois me pediu para não ler. Mas aí era tarde demais.

— Você ficou com a carta?

— Fiquei. Você quer ver?

— Não — decido. Olho para o rosto de Toby, que está dormindo.

— Agora precisamos pensar no futuro.

Ele aproveita a deixa.

— Então você vai considerar essa possibilidade? Vai pensar sobre abrir mão do bebê? Eu acho que poderia ser pai outra vez, Jane. Acho que estou pronto. Mas vamos ter a criança que queremos. Um filho *planejado*.

E então, finalmente, conto a verdade para Edward.

ANTES: EMMA

Eu soube mesmo antes de conhecê-lo, quando o corretor começou a falar sobre as regras. Algumas mulheres, talvez a maioria delas, querem ser valorizadas e respeitadas. Querem um homem doce e gentil, que sussurre palavras românticas e carinhosas. Já tentei ser essa mulher e amar esse homem, mas não consigo.

Assim que derramei café nos seus projetos, tive certeza. Eu nem sequer tinha palavras para descrever o que havia acontecido. Você era severo e poderoso, e mesmo assim me perdoou. Simon era capaz de perdoar, mas por fraqueza, não por força. Naquele instante, eu me tornei sua.

Não quero ser tratada com carinho. Quero que mandem em mim. Quero um homem monstruoso, um homem odiado e invejado pelos outros, mas que não dá a mínima para isso. Um homem insensível.

Algumas vezes achei que tivesse encontrado esse homem. E nunca era eu quem terminava o relacionamento. Quando esses homens me usavam e me dispensavam, eu aceitava como prova de que eles realmente eram quem alegavam ser.

Um desses homens foi Saul. A princípio, achei que ele era repugnante. Um cretino arrogante e desprezível. Achei que, por ser casado com Amanda, o fato de dar em cima de mim não levaria a nada. Então, eu deixei, o que foi um erro. Ele me embebedou. Eu sabia o que ele estava fazendo, mas achei que ia parar em algum momento. Isso não aconteceu, mas acho que eu também não parei. Parecia que aquilo estava ocorrendo com outra pessoa. Sei que vai soar estranho, mas eu tinha a impressão de ser Audrey Hepburn dançando com Fred Astaire. Não uma relações-públicas bêbada pagando um boquete sórdido para um gerente em um dia de treinamento de equipe. E, quando percebi que não me agradava o que ele estava fazendo ou como estava fazendo, já era tarde. Quanto mais eu tentava impedir, mais grosseiro ele ficava.

Passsei a me odiar depois disso. Achei que ele só tinha me colocado naquela situação por culpa minha. E eu odiava Simon por sempre ver o melhor em mim, sendo que, na verdade, não sou a pessoa que ele acha que sou. Era muito mais fácil mentir para todo mundo do que dizer a verdade.

Então finalmente achei que havia encontrado em você alguém gentil e ao mesmo tempo forte. Uma mistura de Simon e Saul. E fiquei feliz quando percebi que você também guardava segredos. Achei que poderíamos ser sinceros um com o outro. Que enfim poderíamos nos livrar de toda a confusão do nosso passado. Não das nossas posses, mas dos nossos pensamentos. Porque foi isso que eu percebi morando em Folgate Street, nº 1. Você pode tornar o ambiente em que vive tão refinado e vazio quanto quiser. Mas isso não importa se você ainda estiver bagunçado por dentro. E, na verdade, todos nós estamos buscando isso, não é mesmo? Alguém que cuide da bagunça que há dentro da nossa cabeça.

17. *É melhor contar uma mentira e continuar no controle da situação do que dizer a verdade e ter resultados imprevisíveis.*

Concordo Discordo

AGORA: JANE

— Ele *foi* planejado — retruco.

Edward franze a testa.

— Isso é uma piada?

— Talvez dez por cento seja piada.

Ele começa a relaxar, mas então acrescento:

— Quer dizer, ele foi planejado por *mim*. Não por você.

Acomodo Toby na dobra do braço.

— Na verdade, soube disso assim que vi você no escritório. Eu sabia que você poderia ser o pai do meu filho. Bonito, inteligente, criativo, determinado... Você era o melhor que eu poderia encontrar.

— Você *mentiu* para mim? — pergunta ele, incrédulo.

— Na verdade, não. Só não expliquei algumas coisas.

E fiz o mesmo quando respondi à primeira pergunta do questionário, a que pedia uma lista de tudo o que era essencial na minha vida. Depois de perder o centro do seu universo, só uma coisa pode retomá-lo.

Eu nunca conseguiria ter feito isso em outro lugar, só em Folgate Street, nº 1. Mudanças de ideia, dúvidas, escrúpulos morais... No mundo comum, todas essas coisas teriam me paralisado. Mas minha determinação só aumentou nos espaços austeros e intransigentes da casa. Folgate Street, nº 1 compactou com meus planos, e todas as minhas decisões se pautavam na simplicidade da perda.

— Eu sabia que havia algo acontecendo. — Edward está muito pálido. — A Governanta... Vi algumas anomalias, dados que não faziam sentido. Achei que fosse por causa da sua obsessão com a morte de Emma, da investigação ridícula que você estava tentando manter em segredo...

— Eu não me importava com Emma, não pessoalmente. Mas precisava saber se você representava algum perigo para nosso filho.

Ironicamente, foi a morte de Simon que enfim me possibilitou resolver essa questão. Na pasta azul dele, encontrei o nome de John Watts, o mestre de obras de Folgate Street, nº 1. O ex-sócio de Edward, Tom Ellis, dera a Emma o nome do mestre de obras, mas, devido ao seu jeito caótico, ela nunca o procurou. Contudo, ele confirmou o que eu já tinha quase certeza: a morte da esposa e do filho de Edward fora apenas um trágico acidente.

— Não sinto pena de você, Edward — acrescento. — Você teve exatamente o que queria: um relacionamento breve, intenso e perfeito. Qualquer homem que dorme com uma mulher nessas condições sabe que pode haver consequências.

O que fiz foi aceitável? Ou, no mínimo, compreensível?

Alguma mulher pode dizer que não teria feito o mesmo no meu lugar?

Também não sinto culpa em relação a Simon. Assim que fechei a tampa da caixa de lembranças de Isabel, soube que o mataria se pudesse. E, quando a polícia chegou, eu já havia catado todas as pérolas soltas e nada sugeria que eu tivera qualquer participação na sua morte triste e infeliz.

— Ah, Jane. — Edward balança a cabeça. — Jane. Que... magnífico. Durante todo esse tempo eu achava que estava controlando você, mas era *você* quem estava me controlando. Eu deveria ter percebido que você tinha planos.

— Você me perdoa?

Edward demora um tempo para responder, e minha pergunta paira no ar. Então, para minha surpresa, ele assente.

— Quem melhor do que eu sabe o que é perder um filho? Eu sei que você é capaz de fazer qualquer coisa, mesmo que seja destrutiva ou errada, que pareça atenuar a dor. Talvez a gente seja mais parecido do que achava.

Ele fica bastante tempo em silêncio, concentrado nos próprios pensamentos.

— Depois da morte de Max e Elizabeth, fiquei muito perturbado: morrendo de culpa e tristeza e cheio de ódio de mim mesmo — confessa ele. — Fui para o Japão numa tentativa de me afastar de quem sou, mas de nada adiantou. Então, quando voltei, descobri que Tom Ellis estava planejando terminar de construir Folgate Street, nº 1 e dar crédito a si mesmo. Eu não suportaria ver que a casa que Elizabeth e eu havíamos planejado, a casa da nossa família, terminasse

assim. Por isso, rasguei os projetos e recomecei tudo. Para ser sincero, não me importei com que tipo de lugar eu estava construindo. Projetei algo tão inútil e vazio quanto um mausoléu, porque era assim que eu estava me sentindo na época. Então percebi que, em minha loucura, inadvertidamente eu criara algo extraordinário. Uma casa que exigiria sacrifícios de qualquer um que morasse ali, mas que recompensaria esses sacrifícios com generosidade. É claro que isso abala algumas pessoas, como foi o caso de Emma. Mas outras, como você, se tornam mais fortes. — Ele me observa com atenção. — Não percebe, Jane? Você mostrou que é digna do lugar. Que é disciplinada e impiedosa o bastante para ser a dona de Folgate Street, nº 1. Então, vou fazer uma proposta. — Ele não desvia o olhar do meu. — Se você entregar o bebê para adoção... a casa passa a ser sua. *Sua* casa, para você fazer o que quiser. E, quanto mais tempo você adiar a decisão, mais difícil vai ser. O que você quer? Uma chance de perfeição? Ou uma vida inteira tentando lidar com... com... — Ele aponta para Toby em silêncio. — O futuro que você sempre quis ter, Jane, ou isso?

18.

- Desistir do bebê*
- Não desistir do bebê*

AGORA: JANE

— E se eu disser que sim, teremos outro filho?

— Você tem a minha palavra. — Ele se agarra à minha hesitação.

— Não seria certo só para nós, Jane. Seria certo para *Toby*. Para uma criança como ele, é melhor ser adotada agora do que crescer sem pai.

— Ele *tem* pai.

— Você entendeu o que eu quis dizer. *Toby* precisa de pais que o aceitem como ele é. Não que sofram cada vez que olharem para ele porque não é a criança que poderia ter sido.

— Você tem razão — murmuro. — Ele *precisa* disso.

Penso em Folgate Street, nº 1, na sensação de calma e de que pertencço a um lugar. Então olho para *Toby* e imagino o que está por vir. Mãe solteira, sozinha com um filho deficiente, lutando contra o sistema para conseguir os tratamentos de que ele precisa. Uma vida de tumulto, confusão e compromisso.

Ou a chance de tentar novamente algo melhor e mais belo.

Há uma poça de leite regurgitado no ombro de *Toby*. Limpo com cuidado. Pronto. Tudo certo.

Tomo minha decisão.

Vou arrancar o que puder de Edward. Depois vou deixar todos os personagens deste drama para trás. Emma Matthews e os homens que a amavam, que ficaram obcecados por ela. Eles não são importantes para nós. Mas, um dia, quando *Toby* estiver mais velho, vou pegar a caixa de sapatos na prateleira e contar novamente a história de sua irmã, Isabel Margaret Cavendish, contar quem era ela.

AGORA: ASTRID

— É *extraordinário* — digo, observando, impressionada, as paredes de pedra clara, o espaço, a luz. — Nunca vi uma casa tão incrível. Nem mesmo na Dinamarca.

— É *realmente* especial — concorda Camilla. — O arquiteto é muito famoso. Você se lembra do rebuliço no ano passado por causa daquela cidade sustentável na Cornualha?

— Algo a ver com os moradores se recusarem a aceitar os termos do contrato, não foi? Ele não despejou todo mundo?

— Se você quiser ir adiante, sou obrigada a avisar que o contrato de aluguel aqui também é bem complicado — comenta Camilla.

Observo as paredes altas, a escada flutuante, a incrível calma e serenidade do lugar. Acho que aqui eu poderia voltar a ser quem sou e deixar para trás toda a amargura e a raiva do divórcio.

— Estou interessada, com certeza — acabo dizendo.

— Que bom. Ah, e por falar nisso... — Camilla olha para o vão no teto, como se evitasse me encarar. — Tenho certeza de que você vai pesquisar no Google, então não faz sentido não lhe contar. Esta casa tem história. Um jovem casal morava aqui. Primeiro, ela caiu da escada e morreu, e, três anos depois, ele faleceu exatamente no mesmo lugar. Acham que deve ter se jogado, para ficar com ela.

— Bem, é trágico mesmo — falo. — Mas também é muito romântico. Se você está pensando que vou desistir por causa disso... não é o caso. Tem mais alguma coisa que eu deva saber?

— Só que o proprietário pode ser um pouco tirânico. Apresentei dezenas de interessados nas últimas semanas e nenhum foi aceito.

— acredite, eu sei lidar com tiranos. Convivi com um por seis anos.

Portanto, passo a noite folheando as páginas intermináveis do formulário. Tantas regras para ler! E tantas perguntas para responder!

É tentador pegar uma bebida para me ajudar, mas faz quase três semanas que não bebo e estou tentando continuar assim.

Faça uma lista de todos os bens que você considera essenciais para sua vida.

Inspiro fundo e pego a caneta.

Agradecimentos

Muitas, muitas pessoas me ajudaram ao longo da década que demorei para descobrir como contar esta história. Gostaria de agradecer em especial ao produtor Jill Green, pelo encorajamento desde o início; a Laura Palmer, pelos comentários geralmente perspicazes sobre um rascunho; a Tina Sederholm, por me oferecer a perspectiva de uma poeta; e à Dra. Emma Fergusson, pelos conselhos sobre assuntos médicos e muito mais.

Na Penguin Random House, minha profunda gratidão vai para Kate Miciak, não só por ter comprado o livro e mandado uma amostra de cinquenta páginas para sua colega Denise Cronin e sua notável equipe na Feira do Livro de Frankfurt quase da noite para o dia, mas também pelos meses de debate estimulante, trabalho impecável e paixão editorial.

Minha maior dívida, entretanto, é com Caradoc King e sua equipe na United Agents: Mildred Yuan, Millie Hoskins, Yasmin McDonald e Amy Mitchell, que leram as primeiras páginas quando eram pouco mais do que uma proposta. Sem seu entusiasmo e confiança, duvido que esta história tivesse se tornado algo mais.

Este livro é dedicado ao meu filho Ollie, indomável e de uma alegria infinita, uma das poucas pessoas no mundo que nasceram com síndrome de Joubert Tipo B, e à memória do seu irmão mais velho, Nicholas, nosso menino que morreu. Um dia contaremos a Ollie quem era ele.

Sobre o autor

JP DELANEY é o pseudônimo de um escritor que já publicou obras de ficção sob outros nomes, e *Quem era ela* é seu primeiro *thriller* psicológico. O livro teve os direitos de publicação vendidos para mais de trinta e cinco países. Uma adaptação cinematográfica está sendo filmada pelo diretor vencedor do Oscar Ron Howard.

Leia também



A viúva
Fiona Barton



O livro dos Baltimore
Joël Dicker



No escuro
Elizabeth Haynes



Até você ser minha
Samantha Hayes



Baseado em fatos reais
Delphine de Vigan